

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIENCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA E  
DESENVOLVIMENTO**

**FERNANDO CAVALHEIRO KRAUZER**

**THORSTEIN VEBLÉN: SUAS INFLUÊNCIAS, CRÍTICAS E  
CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CIÊNCIA  
ECONÔMICA EVOLUCIONÁRIA**

**SANTA MARIA, RS**

**2019**



**FERNANDO CAVALHEIRO KRAUZER**

**THORSTEIN VEBLEN: SUAS INFLUÊNCIAS, CRÍTICAS E CONTRIBUIÇÕES  
PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CIÊNCIA ECONÔMICA EVOLUCIONÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia e Desenvolvimento da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE&D/UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Economia e Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Eduardo Rohenkohl

**SANTA MARIA, RS**

**2019**

Krauzer, Fernando Cavalheiro  
Thorstein Veblen: Suas Influências, Críticas e  
Contribuições para a Construção de uma Ciência Econômica  
Evolucionária / Fernando Cavalheiro Krauzer.- 2019.  
212 p.; 30 cm

Orientador: Júlio Eduardo Rohenkohl  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Economia e Desenvolvimento, RS, 2019

1. Thorstein Veblen 2. Economia Evolucionária 3.  
História do Pensamento Econômico 4. Economia Institucional  
Original 5. Teoria Econômica I. Rohenkohl, Júlio Eduardo  
II. Título.

sistema de geração automática da ficha catalográfica da usm. dados fornecidos pelo  
autor(s). sob supervisão da direção da divisão de processos técnicos da biblioteca  
central. bibliotecária responsável paula schoenfeldt watta csa 10/1728.



FERNANDO CAVALHEIRO KRAUZER

THORSTEIN VEBLEN: SUAS INFLUÊNCIAS, CRÍTICAS E  
CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CIÊNCIA ECONÔMICA  
EVOLUCIONÁRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Economia e Desenvolvimento  
da Universidade Federal de Santa Maria  
(PPGE&D/UFSM), como requisito parcial  
para a obtenção do título de **Mestre em  
Economia e Desenvolvimento**.

Aprovado em 18 de Fevereiro de 2019;



Júlio Eduardo Rohenkohl, Dr. (UFSM)

(Presidente/Orientador)



Igor Castellano da Silva, Dr. (UFSM)



José Felipe Araujo de Almeida, Dr. (UFPR) – Videoconferência

Santa Maria, RS  
2019

## **AGRADECIMENTOS**

Esta sessão poderia ser destinada aos mais diversos devaneios, exageros e cordialidades. Porém, gostaria de usá-la de maneira concisa e precisa. Gostaria de frisar que um número considerável de pessoas foram de fundamental importância, direta ou indiretamente, para a execução deste trabalho e realização deste mestrado. Ainda assim, pontualmente, gostaria de agradecer profundamente:

Aos meus pais, Jorge e Renate Krauzer por todo o suporte dado a mim no decorrer de todo o mestrado, em especial na execução deste trabalho, que demandou vários meses de dedicação.

Ao meu irmão, Cassiano Krauzer, pela amizade e carinho imensuráveis, bem como a todo suporte que também veio a viabilizar este momento de realização.

Ao meu professor, Júlio Rohenkohl, por acreditar em meu potencial e dedicar seu tempo e esforços na orientação desta obra.

Por último, mas não menos importante, também agradeço à CAPES pelo suporte financeiro durante o desenvolvimento deste trabalho e realização do mestrado.

À Robin Hood da ciência,  
Alexandra Asanovna Elbakyan,  
fundadora do website sci-hub.tw

## RESUMO

### **THORSTEIN VEBLEN: SUAS INFLUÊNCIAS, CRÍTICAS E CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CIÊNCIA ECONÔMICA EVOLUCIONÁRIA**

AUTOR: Fernando Cavalheiro Krauzer  
ORIENTADOR: Júlio Eduardo Rohenkohl

Este trabalho tem o objetivo de explorar a construção da ciência econômica evolucionária de Thorstein Veblen, atentando especificamente às suas influências, críticas e contribuições teóricas. Veblen, um dos pais fundadores da Economia Institucional Original, é conhecido por ser um dos mais célebres economistas desde o fim do século XIX até os tempos atuais. Tal constatação é justificada e evidenciada pelo seu papel fundamental na elaboração e teorização de uma perspectiva evolucionária no pensamento econômico, atentando ao papel de importantes conceitos oriundos da filosofia e da incipiente psicologia na formalização de suas ideias. Através do método de pesquisa bibliográfica, tem-se a construção deste trabalho através dos seguintes capítulos: (i) considerações introdutórias destacando objetivos, justificativa e método; (ii) capítulo biográfico com análise de contexto e influências; (iii) capítulo direcionado a construção de críticas e comentários acerca da ciência econômica contemporânea a Veblen; (iv) capítulo voltado a identificação e análise de importantes obras no que tange a ciência econômica evolucionária de Veblen; e, ao fim, (v) considerações finais e desenvolvimentos futuros. De antemão, nota-se a carreira acadêmica do autor como turbulenta e intensa, tendo passado por universidades de prestígio, colaborando com a disseminação de sua Economia Institucional. Entre suas principais influências pontua-se o caráter fundamental da perspectiva evolucionária de Charles Darwin e da filosofia pragmática clássica, principalmente através de Charles Peirce, John Dewey e William James. Através de sua formação e influências, Veblen desenvolveu e aprimorou importantes conceitos para a sua teoria, dentre eles: os hábitos, os instintos e as instituições. Sendo autor de várias críticas, fez questão de demonstrar suas insatisfações com a teoria econômica de seu tempo, tendo comentado e avaliado os escritos de importantes ícones do pensamento econômico, como por exemplo, Gustav Schmoller, Karl Marx, Alfred Marshall e John Bates Clark, entre outros. Veblen foi autor de diversas obras, das quais duas parecem se destacar quando se objetiva entender a sua ciência econômica evolucionária: *The Theory of the Leisure Class* (1899) e *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts* (1914). Tendo em vista a densa trajetória de Veblen, pontua-se que este trabalho não esgota as discussões atreladas a esse importante pensador, ainda que retome a importante discussão acerca de sua teoria e objetivos evolucionários na ciência econômica.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Thorstein Veblen, Ciência Evolucionária, Economia Institucional Original.

## **ABSTRACT**

### **THORSTEIN VEBLEN: ITS INFLUENCES, CRITICISMS AND CONTRIBUTIONS FOR THE CONSTRUCTION OF AN EVOLUTIONARY ECONOMIC SCIENCE**

**AUTHOR:** Fernando Cavalheiro Krauzer

**ADVISOR:** Júlio Eduardo Rohenkohl

This work aims at exploring the construction of Thorstein Veblen's evolutionary economic science, paying particular attention to his influences, critiques and theoretical contributions. Veblen, one of the founding fathers of the Original Institutional Economy, is known to be one of the most celebrated economists from the late nineteenth century to the present day. This is justified and evidenced by his fundamental role in the elaboration and theorization of an evolutionary perspective in economic thought, considering the role of important concepts derived from philosophy and incipient psychology in the formalization of his ideas. Through the method of bibliographic research, we have the construction of this work through the following chapters: (i) introductory considerations highlighting objectives, justification and method; (ii) biographical chapter with analysis of context and influences; (iii) chapter directed to the construction of critiques and commentaries on Veblen's contemporary economic science; (iv) chapter devoted to the identification and analysis of important works in Veblen's evolutionary economic science; and, finally, (v) final considerations and future developments. In advance, the author's academic career is seen as turbulent and intense, having gone through prestigious universities, collaborating with the dissemination of his Institutional Economy. Among his main influences are the fundamental character of the evolutionary perspective of Charles Darwin and classical pragmatic philosophy, mainly through Charles Peirce, John Dewey and William James. Through his training and influences, Veblen developed and refined important concepts for his theory, among them: habits, instincts and institutions. He was the author of several criticisms and made a point of demonstrating his dissatisfaction with the economic theory of his time, having commented and evaluated the writings of important icons of economic thought, such as Gustav Schmoller, Karl Marx, Alfred Marshall and John Bates Clark, among others. Veblen was the author of several works, of which two seem to stand out when intends to understand his evolutionary economic science: *The Theory of the Leisure Class* (1899) and *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts* (1914). In view of Veblen's dense trajectory, it is pointed out that this work does not exhaust the discussions tied to this important thinker, although retakes the important discussion about his theory and evolutionary objectives in economic science.

## **KEYWORDS**

Thorstein Veblen, Evolutionary Science, Original Institutional Economics.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Darwin X Spencer, uma comparação sintética.....	29
Quadro 2 – Resumo dos Elementos Pragmáticos-Psicológicos .....	57
Quadro 3 – Instintos, Hábitos e Instituições na Teoria Vebleninana .....	68
Quadro 4 – Quadro Resumo das Críticas de Veblen à Seus Contemporâneos.....	90
Quadro 5 – Quadro Resumo da Leitura Antropológica do Surgimento da Classe Ociosa.....	104
Quadro 6 – Síntese dos elementos conspícuos da Teoria da Classe Ociosa.....	121
Quadro 7 – Religião e proezas modernas: as relações na perspectiva vebleniana .....	147
Quadro 8 – Cruzamento de Capítulos e Elementos Epistêmicos, Metodológicos e Teóricos	199
Figura 1 - Thorstein Bunde Veblen, 1920 .....	16



## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS .....</b>	<b>11</b>
<b>2.</b>	<b>BIOGRAFIA, CONTEXTO E INFLUÊNCIAS .....</b>	<b>16</b>
2.1.	A INFLUÊNCIA EVOLUCIONÁRIA NA CIÊNCIA: O CONTEXTO CIENTÍFICO DE THORSTEIN VEBLÉN.....	26
2.2.	VEBLÉN E A ECONOMIA DE SUA ÉPOCA: POR QUE A ECONOMIA NÃO É UMA CIÊNCIA EVOLUCIONÁRIA?.....	31
2.2.1.	A Ciência Evolucionária em Thorstein Veblen: Epistemologia e Método .....	34
2.2.2.	As Influências da Filosofia Pragmática Clássica e Suas Lições Psicologistas.....	41
2.2.2.1.	<i>Charles Sanders Peirce: as crenças, as dúvidas e a habituação</i> .....	45
2.2.2.2.	<i>John Dewey: hábitos, aprendizado e comportamento</i> .....	49
2.2.2.3.	<i>William James: os princípios da psicologia</i> .....	54
2.2.3.	Sobre os Instintos, os Hábitos e as Instituições na Teoria Vebleniana .....	58
2.2.3.1.	<i>Os Instintos</i> .....	59
2.2.3.2.	<i>Os Hábitos e as Instituições</i> .....	64
2.2.4.	O Processo de Evolução Institucional .....	69
<b>3.</b>	<b>A ECONOMIA PÓS-DARWINIANA E SUAS CRÍTICAS: A LEITURA DE VEBLÉN SOBRE A CIÊNCIA ECONÔMICA DE SEU TEMPO .....</b>	<b>74</b>
3.1.	COMENTÁRIOS DE VEBLÉN SOBRE A ECONOMIA NEOCLÁSSICA: O CASO DE ALFRED MARSHALL E JOHN BATES CLARK.....	76
3.2.	VEBLÉN E A CRÍTICA DO CAMINHO CIENTÍFICO PROPOSTO POR GUSTAV SCHMOLLER.....	81
3.3.	A CRÍTICA DE VEBLÉN À DIALÉTICA HEGELIANA DE KARL MARX .....	84
<b>4.</b>	<b>A CIÊNCIA EVOLUCIONÁRIA NO PENSAMENTO DE THORSTEIN VEBLÉN: DUAS DE SUAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS .....</b>	<b>92</b>
4.1.	UMA ANÁLISE DE <i>THE THEORY OF THE LEISURE CLASS</i> .....	95
4.1.1.	Introduction .....	97
4.1.2.	Pecuniary emulation .....	105
4.1.3.	Conspicuous leisure.....	108
4.1.4.	Conspicuous consumption.....	112
4.1.5.	The pecuniary standard of living.....	117
4.1.6.	Pecuniary canons of taste .....	122
4.1.7.	Dress as an expression of the pecuniary culture.....	127
4.1.8.	Industrial exemption and conservatism.....	130
4.1.9.	The conservation of archaic traits .....	135
4.1.10.	Modern survivals of prowess .....	139
4.1.11.	The belief in luck.....	142
4.1.12.	Devout observances.....	145

4.1.13.	Survivals of the non-invidious interest .....	150
4.1.14.	The higher learning as an expression of the pecuniary culture.....	154
4.2.	UMA ANÁLISE DE <i>THE INSTINCT OF WORKMANSHIP AND THE STATE OF THE INDUSTRIAL ARTS</i> .....	158
4.2.1.	Introduction.....	160
4.2.2.	Contamination of instincts in primitive technology .....	164
4.2.3.	The savage state of the industrial arts .....	170
4.2.4.	The technology of the predatory culture .....	175
4.2.5.	Ownership and the competitive system .....	179
4.2.5.1.	<i>Peaceable Ownership</i> .....	179
4.2.5.2.	<i>The Competitive System</i> .....	181
4.2.6.	The era of handicraft.....	183
4.2.7.	The machine industry.....	187
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS E DESENVOLVIMENTOS FUTUROS .....</b>	<b>190</b>
5.1.	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	190
5.2.	DESENVOLVIMENTOS FUTUROS .....	201
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>203</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>207</b>
	Anexo A – Produção Bibliográfica de Thorstein Veblen .....	207

## 1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

A Economia Institucional Original apresenta-se ao pensamento econômico no fim do século XIX e início do século XX pontuando importantes aspectos analíticos de cunho processual na ciência econômica (Hamilton, 1919; Hodgson, 2004). Para tal, elementos advindos da filosofia, direito, antropologia e psicologia mostram-se recorrentemente presentes nas teorias resultantes dessa importante escola do pensamento econômico. Dentre seus pensadores, aquele que comumente destaca-se pelo papel de fundamental contribuição é Thorstein Veblen (Rutherford 2011).

Durante tal período da história, pode-se observar uma gradativa alteração na percepção dos indivíduos sobre a ciência e sua natureza. Esse fenômeno justifica-se frente às importantes contribuições de Charles Darwin (1809-1882) ao meio científico, principalmente através da publicação de *A Origem das Espécies*<sup>1</sup>, no ano de 1859. Através da nova noção naturalista emergente dos estudos de Darwin, características processuais de mudança, adaptação e sobrevivência começam a se destacar como de fundamental importância para que se adquira o conhecimento do processo evolutivo (Darwin [1859] 2014). Tal noção evolutiva – em seu sentido mais amplo e abstrato – rompe as barreiras formais do conhecimento, saindo das ciências biológicas e adentrando em outras áreas do conhecimento científico, como por exemplo, nas ciências sociais e humanas.

No caso da ciência econômica, as noções evolucionárias tiveram significativa representação a partir deste período, mesmo que nunca de forma majoritária ou centralizada (Blaug [1992] 2006). Veblen, um de seus mais significativos representantes e defensores na economia, desempenhou papel fundamental em sua divulgação (Cavaliere 2009). Principalmente através de apontamentos de inconsistências e obsolescências contidas nas teorias econômicas tidas por ele como não-evolucionárias, pautadas em noções mecanicistas e teleológicas oriundas de uma percepção do newtonianismo – preconcepção científica cronologicamente anterior ao evolucionário – ou então, de noções filosóficas como a iluminista, a hegeliana, e a utilitarista, que segundo o autor não mostravam-se compatíveis com um discurso evolucionário (Veblen, 1899a; 1899b; 1900; 1898; Hamilton, 1970; Camic & Hodgson, 2011). Cabe destaque o fato de que para Veblen, uma ciência econômica

---

<sup>1</sup> Título original: *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life* (Da Origem das Espécies por Meio da Seleção Natural, ou a Preservação de Raças Favorecidas na Luta pela Vida).

evolucionária deveria ser institucional, pautada nos hábitos de pensamento e de vida dos indivíduos, apresentando um corpo teórico que fundamentasse e auxiliasse em seu entendimento. Desse modo, uma ciência econômica adequada ao discurso de Veblen não seria apenas evolucionária, mas sim institucional-evolucionária<sup>2</sup> (Monasterio 1998).

Nota-se que o estilo de Veblen foi responsável por gerar grande parte da aversão acadêmica de suas ideias, e também dificultou a compreensão de suas contribuições. Essa constatação justifica-se pela acidez da crítica do autor que, mesmo tendo publicado o *best-seller* “*The Theory of the Leisure Class*”, fez com que se tornassem inimigos aqueles quem criticava, principalmente através da retórica pautada na ironia. Tal caráter crítico e irônico fez, não só com que Veblen gerasse inimigos acadêmicos, mas também se apresentou como mais uma barreira aos seus complexos escritos (Monasterio 1998). Como um dos resultados, ao longo das primeiras décadas do século XX as teorias de Veblen foram aos poucos sendo deixadas de lado<sup>3</sup>.

Sobre tal, Camic & Hodgson (2011) apontam a existência de um eclipse no pensamento institucional-evolucionário principalmente a partir da década de 1920 com o advento do positivismo lógico e com o caráter “fora de moda” das teorias pautas em discussões ontológicas, como por exemplo, da filosofia pragmática clássica que baseava os escritos de Veblen. Em síncrono, Rutherford (2011) salienta este processo de “periferização” teórica, devido ao grande desgaste oriundo do embate acadêmico entre institucionalistas e neoclássicos pela “disputa” do *mainstream* econômico, ocorrido durante este período. Pode-se também observar um movimento interno em forma de busca por uma readequação paradigmática no que se refere à utilização das ideias evolucionárias pautadas em Darwin. Conforme Camic & Hodgson (2011) bem apontam, através de John Commons existiu um movimento de negação ao evolucionismo darwiniano, defendido por Veblen, como o mais adequado para a leitura e análise dos processos sociais. É possível argumentar que tal divergência no olhar evolucionário por parte de Commons estaria ligado ao seu entendimento do processo evolutivo institucional como deliberado (artificial), e não ambiental (natural), como em Veblen. Afinal, segundo Guedes (2013), é possível observar em Commons um

---

<sup>2</sup> Essa característica se fará melhor entendida à frente, especificamente no item 2.1.1, onde buscaremos delinear a ciência evolucionária em Veblen.

<sup>3</sup> Também cabe destaque ao fato de que durante o final do século XIX e início do século XX a ciência econômica passava por um momento de “convulsão” teórica que visava a disputa pelo *mainstream* dessa ciência. Entre os principais debatedores estavam os institucionalistas (incluindo Veblen) e os Neoclássicos. O resultado dessa disputa pode ser vislumbrado até hoje com a grande predominância ortodoxa oriunda do neoclassicismo (Rutherford, 2011; Hodgson, 2004).

processo de seleção institucional artificial, na qual os indivíduos possuem a capacidade de deliberação dos processos habituais que ali serão institucionalizados.

Em convergência com o agravamento deste eclipse teórico, todas as ideias relacionadas ao darwinismo foram colocadas de lado nas agendas científicas das áreas do conhecimento humano e social, principalmente após a Primeira Guerra Mundial, devido ao caráter eugenista (racista e nacionalista) que muitas vezes acompanhavam, equivocadamente, essas ideias (Degler, 1991; Camic & Hodgson, 2011). Foi somente após a década de 1960 que as ideias evolucionárias pautadas na filosofia e na psicologia, principalmente relacionadas aos hábitos e instintos, retomam ao pensamento científico das ciências humanas e sociais de forma mais intensa e consistente. Desse modo, iniciam as revisitações aos estudos da antiga filosofia pragmática clássica (Camic e Hodgson 2011). No caso da ciência econômica, havia ainda o retrabalho de descobrimento e retificação de interpretações equivocadas que haviam sido feitas sobre as obras de Veblen nas décadas anteriores durante a crítica à ontologia e à ciência evolucionária desse autor (Hodgson, 2004; Camic & Hodgson, 2011; Monasterio, 1998)<sup>4</sup>.

Esse ressurgimento das noções evolucionárias na ciência econômica abriu espaço para diferentes associações e inspirações<sup>5</sup>. Porém, o pioneirismo de Veblen nesta questão, faz com que seu nome seja constantemente mencionado, bem como seus trabalhos corriqueiramente revisados e estudados, como bem apontam Cavalieri (2009) e Monasterio (1998). Exatamente nesse ponto emerge o objetivo geral desta dissertação. Visando colaborar com essa discussão de estabelecimento das origens e das características definidoras de uma ciência econômica evolucionária, apresenta-se aqui uma pesquisa voltada à compreensão dos trabalhos desse importante autor no pensamento econômico, especificamente no que se refere a uma ciência evolucionária. Para tal observaremos a construção teórica de Veblen pautados em suas influências, seguido dos importantes conceitos emergentes de sua teoria. Na sequência, focalizaremos nas críticas que Veblen apresentou em relação aos economistas contemporâneos ao seu tempo. E, por fim, votaremos nossas atenções a melhor compreender duas das principais obras do autor quando se objetiva entender a ciência evolucionária em sua teoria. Sendo assim, as inquietações deste trabalho repousam sobre a primordial questão:

---

<sup>4</sup> Vide Neal (1987).

<sup>5</sup> Aqui cabe destaque ao papel da Economia Comportamental, principalmente pautada nos trabalhos de Herbert Simon. Além do ressurgimento evolucionário nesta escola, também se observa a retomada de conceitos e noções pautadas na psicologia.

*Quais foram e quão importantes foram as influências, críticas e contribuições de Veblen para a construção de uma ciência econômica evolucionária?*

Visando um auxílio ao esclarecimento desta importante questão ao pensamento econômico, surgem três objetivos específicos: (i) *descrever os argumentos centrais de abordagens inspiradoras/formadoras de Veblen*; (ii) *identificar e discutir posicionamentos teóricos, metodológicos e epistêmicos deste autor*; (iii) *discutir propostas teóricas presentes em duas importantes obras de Veblen*. Desse modo, almeja-se aqui uma revisitação a importantes aspectos teóricos relacionados à Thorstein Veblen. Não só em sua economia institucional-evolucionária, mas também em suas fontes e influências no modo de se fazer uma ciência não-determinista e não-racionalista, bebendo de diversas referências relacionadas aos incipientes estudos da psicologia através da filosofia pragmática clássica. Afinal, foi através dessas bases que Veblen estabeleceu sua estrutura teórica quando direcionou suas críticas aos demais pensadores econômicos de sua época. Pautados na análise de sua trajetória e influências, viabiliza-se o entendimento de suas críticas. Por sua vez, em seus escritos de avaliação crítica, muitas de suas ideias mostram-se complexas e demandantes de maiores explicações, o que o mesmo fez em várias oportunidades, porém, ao que parece, em especial nas obras, *The Theory of The Leisure Class* (1899) e *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts* (1914). A primeira destas obras foi selecionada por ter sido um fundamental *best-seller* da economia institucional – e responsável por “lançar” o nome de Veblen na academia norte-americana – e a segunda por ter sido, segundo Monasterio (1998), reconhecida pelo próprio Veblen como sua principal obra.

Cabe destaque, então, que este trabalho não consiste em mera revisão bibliográfica a respeito deste autor, mas sim apresenta-se como uma pesquisa bibliográfica. A similaridade semântica dos termos não deve ser confundida com seus conceitos que são essencialmente diferentes (Garcia 2016). Enquanto que em uma revisão bibliográfica busca-se uma contextualização teórica de um assunto a ser debatido ou esclarecido, na pesquisa bibliográfica objetiva-se o levantamento do maior número possível de informações a respeito do tema em específico, fazendo-se claro em objetivos e intenções, visando apresentar um resultado/resposta à inquietação motivadora da pesquisa (Gil, 2002; Garcia, 2016). No caso desta dissertação, a pesquisa bibliográfica tem o objetivo – conforme já vimos – de auxiliar no processo de situar as contribuições de Thorstein Veblen no pensamento econômico, atentando, principalmente, ao caráter evolucionário de sua teoria. Sendo que para isso, voltaremos em sua trajetória de vida (profissional e pessoal), suas influências acadêmicas, construção teórica, direcionamento de críticas e análise de obras do autor. Para tal serão

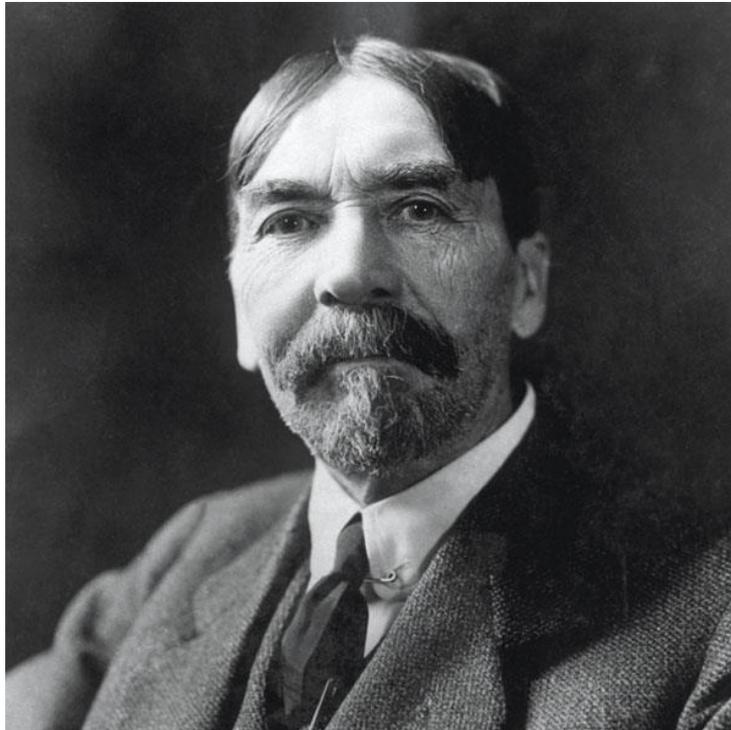
utilizadas obras tanto de Veblen como de comentadores. Frisa-se também, como procedimento de pesquisa, a construção de quadros comparativos e sintetizadores do conteúdo aqui trabalhado com o intuito de facilitar associações. Em mesmo sentido, destaca-se a divisão proposital dos supracitados capítulos visando a melhor distinção entre os elementos de construção teórica, crítica e contribuição que, ao final serão cruzados e identificados em suas finalidades epistêmicas, metodológicas e teóricas na construção da ciência econômica evolucionária de Thorstein Veblen.

Em mesmo sentido, destaca-se a divisão proposital desta obra em cinco capítulos, buscando viabilizar este trabalho e seus objetivos: (i) o primeira deles consiste neste trecho introdutório que visou apresentar um contexto de motivação, objetivos e justificativa para a realização do mesmo; o segundo (ii) consiste em uma apresentação biográfica e de trajetória acadêmica de Veblen, atentando a sua formação, carreira e influências; o terceiro (iii) tem como foco as críticas que Veblen apresentou à economia de sua época, especificamente sobre Gustav Schmoller, Karl Marx, Alfred Marshall e John Bates Clark; o quarto (iv) busca uma leitura de duas das principais obras de Veblen, a saber: *The Theory of the Leisure Class* (1899) e *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts* (1914), visando entender a sua abordagem evolucionária, influências e teoria econômica trabalhadas no segundo capítulo; e, o quinto, (v) trabalha as considerações finais a respeito deste trabalho, salientando, concomitantemente, a aspectos epistêmicos, metodológicos e teóricos em análise cruzada com os objetivos dos supracitados capítulos. Para tal, entende-se como aspectos epistêmicos os postulados e paradigmas estruturais da ciência; aspectos metodológicos como os procedimentos e métodos de execução científica; e, aspectos teóricos como as contribuições conceituais e analíticas.

Nesse sentido, este trabalho apresenta-se como colaborador no esclarecimento e na reflexão dessa temática de importante relevância na ciência econômica. Afinal, como aqui já introduzido, e como se fará evidente no decorrer desta dissertação, Thorstein Veblen apresentou papel fundamental no modo de se pensar e teorizar uma ciência econômica evolucionária.

## 2. BIOGRAFIA, CONTEXTO E INFLUÊNCIAS

**Figura 1 - Thorstein Bunde Veblen, 1920**



Fonte: Underwood & Underwood.

Thorstein Bunde Veblen (1857-1929), o sexto de doze filhos de Thomas e Kari Veblen, nasceu em Wisconsin no dia 30 de julho de 1857. Detentor de dois Ph.Ds, um em filosofia, pela Universidade de Yale (1884), e outro em economia, pela Universidade de Cornell (1891), foi um importante institucionalista norte-americano que trouxe à tona importantes aspectos de ordem evolucionária para a teoria econômica através da Economia Institucional Original (EIO). Lecionou em universidades de prestígio, como por exemplo, Universidade de Chicago (1892-1906), Universidade de Stanford (1906-1909), e Universidade de Missouri (1911-1918). Dentre diversas publicações de considerável relevância, destacou-se pela sua principal obra *The Theory of The Leisure Class*, de 1899. Manteve-se ativo em pesquisas e publicações até o ano de 1923. Faleceu recluso em uma cabana nas montanhas californianas, próximo a Palo Alto, no dia 3 de agosto de 1929 (Veblen [1899] 2009)<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Nas páginas iniciais desta versão de *"The Theory of The Leisure Class"* a editora apresenta um breve resumo cronológico da vida de Veblen. Segundo a editora, tal biografia foi fundamentada nos escritos de Diggings (1999) e Dos Passos (1939). Infelizmente tais referências mostraram-se inacessíveis ao autor desta dissertação.

Contar a história deste célebre economista não se mostra uma tarefa trivial, porém, também não se caracteriza como fato inédito na historiografia. Dorfman ([1934] 1972) e Jorgensen & Jorgensen (1999), dentre outros, já desempenharam papel bastante importante na trilha biográfica de Veblen. Com base nestes autores e com outros que nestes têm suas bases, como por exemplo, Cavalieri (2009) e Reinert & Viano *et al.* (2012), se pautará o levantamento sobre a história pessoal e acadêmica desse importante institucionalista. O caráter biográfico que neste capítulo do trabalho tenta-se estabelecer, justifica-se pela primordial importância de se manter associados os trabalhos de Veblen com sua história e contexto. Afinal, como bem destaca Cavalieri (2009, p.224):

Todo escritor, cientista, observador está preso ao seu tempo, do qual é impossível que escape por completo. Dizer que alguém é um homem fora de seu tempo é pura metáfora. Barreiras, é lógico, são rompidas. As ciências, as artes, evoluem. Mas são contextos que possibilitam isso. Sempre existem certas condições de possibilidade do discurso científico, é a partir dele que o cientista revolucionário quebra regras.

Tal caráter de contextualização de tempo e lugar mostra-se bastante relevante para se trabalhar a este autor, pois atentando a diferentes fontes biográficas, observa-se como comum o mérito de grande destaque a Veblen, sendo muitas vezes intitulado como um dos maiores economistas de seu tempo (Reinert e Viano 2012). Thorstein Veblen foi por muitas universidades acolhido ao longo de sua carreira, desfrutando de prestígio entre seus colegas e demais pensadores de diversas áreas do conhecimento, enquanto que, normalmente, era visto com aversão pelos administradores acadêmicos, principalmente devido às suas excentricidades (Cavalieri 2009). Também se deve atentar ao fato de que Veblen viveu durante um período de grandes mudanças estruturais na política e na sociedade norte-americana, dentre as quais a abolição da escravidão, o direito a voto para negros e a promulgação da reforma do serviço público federal, como bem destacam Camic & Hodgson (2011).

Os pais de Veblen, os agricultores noruegueses Thomas Anderson Veflen<sup>7</sup> (1818-1906) e Kari Bunde Veflen (1825-1906), devido a problemas financeiros, optaram por emigrar, em 1847, para os Estados Unidos, buscando novas oportunidades. A viagem até o novo continente teria durado cerca de quatro meses e meio, devido a inúmeros contratemplos. Dentre as diversas propriedades que o casal pôde adquirir ao longo de sua nova vida em solo

---

<sup>7</sup> A grafia do sobrenome Veflen foi alterada para Veblen após a mudança da família para os Estados Unidos (Jorgensen & Jorgensen, 1999).

americano, inclui-se uma no Condado de Maintowoc, no estado de Wisconsin<sup>8</sup>, onde nasceu Thorstein Veblen (Jorgensen e Jorgensen 1999).

Em um contexto de guerra civil americana, cabe destacar que Veblen, assim como seus irmãos, só possuíam conhecimento da língua norueguesa e, somente com seu ingresso na escola, tiveram contato formal com a língua inglesa. Desse modo, boa parte da socialização infantil de Veblen se deu na língua nativa de seus pais, tanto no contexto familiar como com demais famílias imigrantes advindas do velho continente em busca de novas oportunidades, em geral escoceses e irlandeses (Cavalieri 2009)<sup>9</sup>. Sobre o contato de Veblen com outros idiomas, Reinert & Viana (2012) destacam que também foi durante este período, devido ao convívio com outras famílias imigrantes, que Thorstein aprendeu outras línguas europeias, dentre elas a língua alemã<sup>10</sup>.

Jorgensen & Jorgensen (1999) destacam que, durante os primeiros anos em solo americano, os Veblens passaram por grande dificuldade financeira. Tal cenário só mudaria após o fim da guerra civil quando estes mudam-se para o estado de Minnesota e tornam-se os agricultores mais prósperos daquela região. Tal prosperidade não parece ter tido grande contribuição de Thorstein, conforme comentários de seus irmãos Andrew e Ed Veblen, que o caracterizavam como estranho, excêntrico, inteligente e preguiçoso, sendo essa última característica presente, principalmente, em relação aos seus afazeres na fazenda da família (Cavalieri 2009).

Mostra-se digno de menção que Thomas e Kari viam como primordial a formação educacional de seus filhos. Essa característica fez que Thorstein e boa parte de seus irmãos frequentassem escola preparatória e universidade. Sobre tal, Cavalieri (2009) destaca que os filhos da família Veblen não somente foram incentivados e enviados ao estudo em uma cidade próxima a fazenda (Northfield), como também lá foram sustentados pelos pais para que pudessem focar nos estudos sem a necessidade de trabalhar.

Já nos primeiros anos de estudos em Northfield, no Carleton College, Veblen se mostrou um aluno prodígio, tendo concluído a escola preparatória nos três primeiros anos ao

---

<sup>8</sup> Cabe ressaltar aqui que, devido ao prolongado tempo de viagem até os EUA, e também devido ao falecimento de um dos filhos do casal neste meio tempo, ao chegarem em solo americano os Veblens não possuíam mais dinheiro para comprar uma propriedade, conforme por eles inicialmente planejado. Sendo assim, Thomas e seu irmão, Haldor Veblen, empregaram-se e focalizaram seus esforços financeiros em comprar pequenos lotes de terras e, posteriormente, revendê-los procurando por terras maiores e mais férteis.

<sup>9</sup> Neste trecho, Cavalieri (2009, p.230) destaca: “*É preciso notar que os imigrantes eram geralmente mal vistos pelos norte-americanos nativos descendentes de ingleses, que os tratavam como inferiores*”.

<sup>10</sup> Esta habilidade pode ser vista em Veblen, principalmente presente em seus *reviews* de início de carreira que, não raro, se davam em idiomas europeus diferentes do inglês.

invés dos quatro tradicionais. Ao iniciar seus estudos no curso superior logo foi notado pelos professores, dentre eles **John Bates Clark**<sup>11</sup>, como um aluno de notório saber e brilhantismo (Jorgensen e Jorgensen 1999). Em meio a este cenário de afago ao ego, Veblen começa a mostrar-se como uma figura excêntrica entre seus colegas e professores, fazendo questão de desafiar aos padrões impostos tanto pela sociedade de sua época quanto pelo regimento de Carleton que era uma escola de cunho religioso ortodoxo (Cavaliere 2009). Destaca-se também que foi durante este período que Veblen conheceu as obras do escritor **Herbert Spencer** (1820-1903), um dos principais divulgadores de estudos evolucionários naquela época (Hodgson 2004).

Também foi durante sua graduação que Veblen conheceu ao seu primeiro amor, **Ellen Rolfe** (1858-1926), que no futuro viria a ser sua pior inimiga acadêmica. Nesta ocasião Veblen teria pedido sua mão em casamento, porém Ellen teria recusado, pois buscava uma carreira independente a qual demandava que ela seguisse seus estudos sem estar atrelada às responsabilidades de uma esposa. No futuro Ellen e Veblen voltam a se encontrar, o que para Veblen teria sido frutífero somente durante um curto período de tempo, como veremos mais adiante.

Já no ano seguinte ao fim de sua graduação, 1881, Veblen ingressa em sua pós-graduação de filosofia na então nova Universidade John Hopkins. Para tal, o pai de Veblen foi obrigado a tomar um empréstimo em dinheiro, pois somente assim a família de Thorstein conseguiria pagar as caras taxas universitárias. Lá, Veblen conheceu ao Professor **Charles Sanders Peirce** (1839-1914), mas não conseguiu se adaptar à instituição, pedindo transferência para a Universidade de Yale com a ajuda de uma carta de recomendação do seu amigo e ex-professor John Bates Clark (Cavaliere 2009). No ano de 1884, Thorstein recebeu seu PhD em filosofia<sup>12</sup>, porém, ao fim de sua pós-graduação, já possuía enorme fama de excêntrico e antirreligioso. Como resultado, não obteve espaço para lecionar suas aulas (Reinert e Viano 2012)<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> Camic & Hodgson (2011) destacam que foi durante este período e sob a ministração da disciplina de John Bates Clark, que Veblen foi sistematicamente exposto a assuntos de economia política. Anos depois Clark seria um dos pioneiros na teoria da utilidade marginal, a qual Veblen iria fortemente criticar (Veblen 1909).

<sup>12</sup> A título de curiosidade, a tese do PhD de filosofia de Veblen fora um estudo sobre o filósofo alemão Immanuel Kant.

<sup>13</sup> Sobre a dificuldade de Veblen em encontrar posição profissional em universidades, Reinert & Viano (2012) destacam que o período de 1880s era extremamente incerto para a Academia Norte-americana, o que pode, em alguma medida, também justificar o temporário desemprego de Veblen.

Neste momento de sua vida, o Veblen desempregado reencontra seu primeiro amor, Ellen, agora professora numa escola de ensino médio. Com Veblen reiterando seu pedido de casamento (e desta vez ela aceitando), Veblen retorna à casa dos pais com a promessa de uma futura esposa. Tanto a mudança de Veblen de volta à casa de seus pais quanto o adiamento da formalização matrimonial com Ellen, foram devidos a falta de dinheiro e ao desemprego de Veblen. Durante estas intensas mudanças na vida de Thorstein ele contrai Malária<sup>14</sup>, fazendo com que durante o período de recuperação ficasse horas lendo as mais diversas obras, tanto de literatura de romancistas quanto de importantes escritos de diferentes áreas do conhecimento acadêmico (Jorgensen e Jorgensen 1999).

Somente após três anos o casamento foi oficializado, quando Veblen (ainda desempregado) e Ellen mudam-se para uma propriedade da família da esposa. Lá, segundo Ellen, Veblen leu ao romance de **Edward Bellamy**, intitulado *Looking Backwards*, que veio a inspirar o institucionalista a atentar a questões de cunho social, despertando o interesse do Veblen filósofo para a ciência economia (Cavaliere 2009)<sup>15</sup>. Cabe destacar que tal mudança de interesse em Veblen também constituiu em chances mais significativas de empregabilidade<sup>16</sup>. Através de incentivos de seu irmão Andrew, Veblen inicia seus estudos de pós-graduação em economia na Universidade de Cornell. Como a bolsa de estudos não era suficiente para a manutenção da vida de um homem casado, novamente o pai de Veblen desdobra-se financeiramente para ajudar o filho (Cavaliere 2009).

Cabe destaque também que durante este período, inicia-se a intensificação industrial na economia norte-americana e, como consequência, um grande processo de oligopolização dessas indústrias, o que teria facilitado a integração entre a produção em massa e a distribuição, desse modo tornando-se cada vez mais evidente “*a new kind of firm – the modern business enterprise*” (Camic & Hodgson, 2011, p.5). Somado a essas mudanças econômicas, na década de 1890 os EUA passam por uma de suas maiores crises econômicas, forçando o fechamento de vários bancos e empreendimentos industriais, atingindo tanto

---

<sup>14</sup> Thorsten Veblen teria sido submetido a um tratamento com *calomel*, um composto químico a base de mercúrio (Jorgensen e Jorgensen 1999).

<sup>15</sup> Cavaliere (2009) apresenta este trecho com base em uma citação direta de David Riesman (1953), intitulada “*Veblen: a critical interpretation*”. Tal referência também, infelizmente, mostra-se inacessível ao autor desta dissertação.

<sup>16</sup> Pois há o destaque de que os departamentos de filosofia da época estavam voltados a estudos primordialmente teológicos, reduzindo bastante as chances de contratação de Veblen devido a sua fama de antirreligioso. O que não ocorreria, pelo menos em teoria, no caso dos departamentos de economia (Cavaliere 2009).

trabalhadores rurais quanto urbanos, deixando milhões de pessoas desempregadas (Comic e Hodgson 2011).

Na Universidade de Cornell, Veblen conheceu a **James Lawrence Laughlin** (1850-1933), que então era chefe do departamento e logo mostrou-se encantado com as aptidões de Thorstein, bem como pelo seu imenso poder intelectual. Em 1891 Veblen recebe seu segundo PhD, agora em economia. E, imediatamente no ano seguinte, o Professor Laughlin é convidado a chefiar o Departamento de Economia da então recém criada Universidade de Chicago<sup>17</sup>. Ainda influenciado pelo brilhantismo do ex-aluno, Laughlin faz de Veblen uma de suas primeiras contratações (Reinert e Viano 2012). A partir deste momento, e por muitos anos, Veblen também foi editor do importante *Journal of Political Economy*, conforme bem destacam Cavalieri (2009) e Jorgensen & Jorgensen (1999).

Em Chicago, enquanto ministrava um curso sobre socialismo, Veblen já era um intenso crítico do *status quo*. Sobre tal sentimento e contexto, em 1899, sete anos após sua contratação Veblen lança aquela que viria a ser uma de suas principais obras, *A Teoria da Classe Ociosa*. Infelizmente, devido ao cenário conservador em que tal obra fora lançada, não foram poucas as críticas negativas recebidas. Dentre tais críticas, Cavalieri (2009) e Dorfman ([1934] 1947) concordam que aquela que se apresentou como a mais celebrizada fora de autoria de John Cummings, professor da Universidade de Harvard. Tal crítica baseava-se principalmente no descontentamento da associação entre a aquisição de riqueza e as características predatórias da sociedade, pois segundo Cummings tal hipótese era “inconsistente com os fatos” (Dorfman [1934] 1972)<sup>18</sup>.

Críticas à parte, Dorfman ([1934] 1972) destaca que a publicação de *A Teoria da Classe Ociosa* rendeu a Veblen grande destaque entre os tidos como “radicais”, existindo inclusive o “vazamento” do conhecimento de Veblen da economia para outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a sociologia, principalmente através de uma resenha de seu livro publicada no *American Journal of Sociology* pelo professor **Lester Ward**, importante e respeitado sociólogo da época. Tais repercussões positivas também foram de enorme agrado a administração da Universidade de Chicago que visava ser modelo de instituição de pesquisa (Cavalieri 2009).

---

<sup>17</sup> Segundo Comic & Hodgson (2011) a Universidade de Chicago teria sido um empreendimento viabilizado em momento de crise devido aos vastos recursos filantrópicos da Standard Oil do magnata John D. Rockefeller.

<sup>18</sup> Esse primordial elemento dos estudos de Veblen será melhor trabalhado nesta dissertação na seção 4.1.

Durante este momento de brilhantismo, Veblen conheceu e cativou a uma série de alunos de pós-graduação, muitos dos quais vieram a se tornar seus seguidores. Dentre tais alunos, cabe destaque a Sarah Hardy, que viria a se tornar a fonte dos problemas conjugais de Veblen com Ellen<sup>19</sup>. De maneira semelhante, existem relatos de que Veblen também teria se envolvido com Laura McAdoo Triggs, esposa de um colega professor.

A dificuldade de Veblen manter-se em uma relação monogâmica foi fruto de muita discussão entre o casal e também responsável pelo crescimento de um comportamento hostil por parte de sua esposa que, a partir deste momento, começa a sabotar a carreira de Veblen difamando sua imagem na academia, principalmente através de cartas que a mesma escrevia e enviava ao reitor da Universidade de Chicago delatando o comportamento de seu marido com alunas da pós-graduação e esposas de colegas professores. Veblen, cansado das hostilidades conjugais e visando se desvencilhar de Ellen, pede divórcio. Ellen nega o pedido de Veblen e, a partir de então, Veblen fica preso a um casamento de direito até o ano de 1911 (Cavalieri, 2009; Jorgensen & Jorgensen, 1999).

Cabe ressaltar que, por pressões de Laughlin, o então reitor da Universidade de Chicago, William Harper (1856-1906), não demitira de imediato a Thorstein Veblen. Porém, em 1906 a fatídica exoneração de Veblen foi oficializada, justificada por acusações de infidelidade e promiscuidade por se envolver com várias mulheres (Veblen [1899] 2009)<sup>20</sup>. Saindo de Chicago, o então famoso autor de *A Teoria da Classe Ociosa* não encontrou grande dificuldade para se estabelecer na Universidade de Stanford, cabendo ressaltar que durante esse processo de mudança Veblen publicou outra importante obra de sua bibliografia, intitulada *The Theory of Business Enterprise* (1906).

Outro fato importante de ser mencionado no período de transição entre Chicago e Stanford foi o encontro de Veblen com Ann Bradely Bevans (1877-1920), que apesar de casada, com duas filhas e vinte anos mais nova, viria a se tornar a sua nova paixão e futura esposa.

Em Cedro, arredores de Stanford, Veblen adquiriu uma propriedade rural que dividia com alguns de seus alunos. Lá escreveu uma de suas principais obras de crítica à utilidade marginal, *The Limitations of Marginal Utility* (1909), que segundo Jorgensen & Jorgensen (1999), até hoje é utilizada como uma das principais fontes de argumentos de heterodoxos que desafiam a correte dominante da economia. Também lá, Ann o visitava com certa frequência,

---

<sup>19</sup> Jorgensen & Jorgensen (1999) destacam que em cartas trocadas entre Veblen e Sarah é possível notar o caráter apaixonado de Thorstein, mas também era perceptível a frieza com que a senhorita Hardy o respondia.

<sup>20</sup> É válido lembrarmos que na sociedade do início do século XX esse era um comportamento condenável.

decidindo terminar seu casamento com o esposo e também escrevendo a Ellen pedindo para que ela aceitasse os pedidos de divórcio de Veblen para que ambos pudessem oficializar sua relação. Ellen, movida pela raiva da situação e destinada a denegrir a imagem de Veblen novamente, anexa as cartas de Ann ao reitor de Stanford. O reitor David Jordan (1851-1931), em primeiro momento, recusou as denúncias de Ellen argumentando que não seriam suficientes para justificar o afastamento de Thorstein. Desse modo, Ellen dedicou-se a montar uma rede de testemunhos e provas visando o desligamento de Veblen naquela universidade.

Em 1909, após intensas trocas de cartas com Ellen, Jordan resolve confrontar a Veblen que não pareceu negar as acusações, muito provavelmente por já estar saturado desse tipo de situações (Cavaliere 2009). **Wesley Mitchell** (1874-1948), ex-aluno e amigo de Veblen, tentou interceder na situação visando manter o emprego de seu querido mestre. Após uma breve licença, Veblen solicitou desligamento da Universidade de Stanford (Jorgensen e Jorgensen 1999). Com sua saída, Veblen junta-se a Ann em sua casa. No inverno de 1910 contrai pneumonia dupla, quase o levando a morte.

Com ajuda de amigos e ex-alunos, tais como Herbert Davenport, Allyn Young e o já citado Mitchell, Veblen consegue sua admissão como professor na Universidade de Missouri. Tanto Cavaliere (2009) quanto Jorgensen & Jorgensen (2009) concordam que tal universidade não correspondia com o brilhantismo de Thorstein, fato inclusive reconhecido por Davenport, então diretor daquela universidade. Lá, estando entre admiradores, Veblen encontrou elevado grau de estima, casando-se com Ann e publicando outra importante obra de sua carreira, *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts* (1914).

Cavaliere (2009) ressalta que durante este período o institucionalismo de Veblen e seus seguidores estava em momento de grande expansão e, de certo modo, estabelecendo-se como o paradigma predominante da ciência econômica norte-americana. Tal reconhecimento também é feito por Reinert & Viano (2012) e Rutherford (2011).

Veblen solicita desligamento da Universidade de Missouri no ano de 1918 após a saída de seus principais colegas e amigos em um processo de debandada dos melhores professores daquela instituição (Cavaliere 2009). Ao fim da Primeira Guerra Mundial, Veblen conseguiu, por um período breve de cinco meses, emprego no setor público, especificamente no órgão federal de regulação do comércio de alimentos (*Food Administration*). Depois disso, mudou-se para Nova York onde trabalhou como editor de uma representativa revista progressista e partidária, *The Dial*. Lá, segundo Jorgensen & Jorgensen (1999), Veblen conseguiu o apogeu de sua fama como intelectual pelo seu caráter reformista da política americana pós primeira guerra.

Em síncrono à elevação de importância de Thorstein Veblen no cenário intelectual, Ann ficou severamente doente, apresentando quadros de alucinação e paranoias e faleceu no ano de 1920, deixando Veblen viúvo, responsável pelas duas enteadas, e com sua saúde também fragilizada, como bem destaca Cavalieri (2009, p.245)<sup>21</sup> em riqueza de detalhes:

Infelizmente, no mesmo ano em que Veblen atingiu tal importância no cenário intelectual, sua segunda esposa ficou muito doente. Babe começou a sofrer de alucinações e paranoias, dentre as quais a mais frequente era sobre uma trama para assassinar seu marido. Ela chegou a procurar o presidente Woodrow Wilson para tratar de um suposto complô mortal contra Veblen. Ann Bradley queria relatar que havia visto o filho do Kaiser em Nova York, armado e à procura de Thorstein, pois os alemães teriam ficado extremamente ofendidos com a publicação de *Imperial Germany and the Industrial Revolution* (1915). Com o passar do tempo as crises de disfunção mental de Babe ficaram tão frequentes que a única saída foi interná-la. Decidida a não rever suas duas filhas enquanto não melhorasse, Babe faleceu no ano de 1920, dois anos depois dos primeiros sintomas.

Em meio a tamanho tumulto na vida pessoal de Veblen, também no ano de 1919 fora fechada a revista *The Dial* devido ao seu “caráter socialista” que desagradava aos conservadores norte-americanos da época e que visavam o fim desta e qualquer corrente de pensamento correlata. Mesmo desolado pessoalmente pela perda de sua esposa, desempregado e com idade avançada, Veblen nunca deixou desassistidas suas duas enteadas, inclusive garantindo-lhes estudo de nível superior, mesmo com dificuldades financeiras.

Destaca-se como um dos últimos fatos extraordinários de Veblen a recusa de presidir a *American Economic Association* no ano de 1925. Inclusive, sobre tal, houve esforços por parte de Paul Douglas (1892-1972) em busca de mudanças no sistema eleitoral da associação visando à viabilização da vinda de Veblen. Segundo Camic & Hodgson (2011) cerca de 200 membros teriam assinado uma petição solicitando a ida do Institucionalista para a presidência da associação. Obviamente, a recusa atingiu com chateação aos membros da associação, principalmente o próprio Paul Douglas. No ano de 1926, Thorstein Veblen buscou o exílio e optou por mudar-se para uma cabana em Palo Alto na Califórnia. Faleceu no ano de 1929, sob os cuidados e na presença de sua enteada mais velha, Becky Veblen (Cavalieri 2009).

Biograficamente, fica aparente a importância de Veblen no cenário intelectual norte-americano do período. Com momentos de vida pessoal demasiadamente conturbados, Veblen via em seus estudos e pesquisa uma fuga. Sobre tal, Hodgson (2004) destaca como são correlatos os períodos de elevada produção de Veblen e as conturbações em sua vida pessoal.

---

<sup>21</sup> Antes desta referida citação, Cavalieri (2009) destaca que “Babe” fora um apelido carinhoso que Veblen deu a sua esposa e como normalmente a chamava.

Ao longo de sua vida acadêmica, Veblen mostrou-se relevante economista, principalmente por se mostrar leitor ávido das mais diferentes correntes de pensamento, sempre apresentando sua opinião e destacando seus argumentos a respeito destas. Esse comportamento pode ser facilmente observado através dos mais diversos “*reviews*” feitos por Veblen, principalmente em início de carreira<sup>22</sup>.

Thorstein Veblen, em todos os seus escritos, apresentou enorme coerência tanto de argumentos quanto de ideias. Por importantes autores, como Cavalieri (2009), Jorgensen & Jorgensen (1999) e Rutherford (2011), a obra do autor pode ser vista como uma continuidade, desde os questionamentos e insinuações de “*Why is Economics Not an Evolutionary Science?*”, passando pela *The Theory of the Leisure Class*, até sua última importante contribuição autoral “*Absentee Ownership and Business Enterprise in Recent Times: The Case of America*”.

Neste item biográfico em específico, o leitor atento pôde observar importantes grifos. Não por acaso, estas podem ser vistas como figuras chaves em relação à construção teórica e aos fatos de vida de Thorstein Veblen. Seja de maneira formal ou informal, cada um dos nomes grifados em sua trajetória biográfica, apresentam um traço característico em sua história. Por ordem de aparição, podemos observar John Bates Clark que apresentou papel importante na carreira de Veblen, como seu professor e amigo<sup>23</sup>; Herbert Spencer tendo sido fundamental em apresentar a lógica evolucionária numa perspectiva social<sup>24</sup>; Charles Darwin, como o grande idealizador e teorizador do evolucionismo atrelado à seu nome<sup>25</sup>; Ellen Rolfe, pelo seu papel de destaque (nem sempre positivo) na vida pessoal e profissional de Veblen; Charles Peirce, pelo papel de introdutor de Veblen à filosofia pragmática clássica<sup>26</sup>; Edward Bellamy, por instigar Veblen a assuntos de cunho econômico e social através de seu romance *Looking Backwards*; James Laughlin, pela oportunidade dada a Veblen no corpo docente da

---

<sup>22</sup> No anexo I é possível visualizar a lista de toda a produção bibliográfica de Veblen. Tal compilação é creditada a Dorfman ([1934] 1972).

<sup>23</sup> Posteriormente Veblen teve papel fundamental de crítica a Utilidade Marginal trabalhada por Clark. Vide: (Veblen 1909)

<sup>24</sup> Apesar de apresentar a perspectiva evolucionária no âmbito social, Veblen era crítico do Darwinismo Social desenvolvido por Spencer e Sumner.

<sup>25</sup> O paradigma evolucionário fundamentado em Darwin possuiu um papel fundamental na construção teórica de Veblen.

<sup>26</sup> Essa influência será melhor trabalhada no item 2.1.2.1.

Universidade de Chicago<sup>27</sup>; Lester Ward, pelo transbordamento da teoria de Veblen na sociologia; e, por último, mas não menos importante, Wesley Mitchell pela amizade e perpetuação das ideias de Veblen<sup>28</sup>.

Tendo vislumbrado, por mais que de maneira sucinta, a vida do autor e tendo visto que há em Veblen uma contribuição significativa ao pensamento econômico, resta agora buscar identificar quais foram essas contribuições e em quais influências Veblen baseava sua teoria e suas críticas no pensamento econômico. Sendo que o evolucionismo darwiniano é fundamental, tanto para entender suas críticas à economia, quanto para melhor situar suas influências oriundas de outras áreas do conhecimento também atreladas a esse paradigma científico. Desse modo, uma contextualização acerca da influência evolucionária na ciência contemporânea ao autor, parece importante para a total compreensão do contexto científico vebleniano.

## 2.1. A INFLUÊNCIA EVOLUCIONÁRIA NA CIÊNCIA: O CONTEXTO CIENTÍFICO DE THORSTEIN VEBLEN

Quando se busca entender o desenvolvimento das ideias evolucionárias, pode-se observar um considerável afluente de ideias do século XIX. Não à toa, Luz e Fracalanza (2012) salientam a existência de diferentes perspectivas evolutivas na cientificamente fértil era vitoriana. Segundo os autores, pode-se salientar a existência de duas grandes perspectivas evolucionárias: de um lado, com Herbert Spencer, havia a percepção teleológica do processo evolutivo como intrinsecamente melhorativo e transformativo, e de outro lado, com Charles Darwin, havia a noção seletiva via aptidão e adaptabilidade, sem menções morais e/ou teleológicas. Exatamente com base nesta observação, Luz e Fracalanza (2012, 419) destacam:

A compreensão dos fundamentos teóricos e metodológicos das obras de Charles Darwin [...] e Herbert Spencer [...] é de grande importância para qualquer estudo que se dedique a entender a gênese do pensamento evolucionário do século XIX.

Para Spencer (1862 apud Luz & Fracalanza, 2012) a evolução poderia ser definida como a mudança da homogeneidade incoerente para a heterogeneidade coerente. Sendo

---

<sup>27</sup> O cargo na Universidade de Chicago aparenta ser o grande pontapé na carreira de Veblen.

<sup>28</sup> Mitchell possui papel de destaque na perpetuação dos escritos institucionalistas.

assim, já no âmago de sua conceituação acerca do processo evolutivo, Spencer deixa clara sua visão teleológica (Luz e Fracalanza 2012). Afinal, somente atrelado a uma visão normativa em que a melhora possa ser previamente definida e entendida, o processo evolutivo seria capaz de desenvolver uma lógica de progresso relacionado à heterogeneidade. Tal característica teórica presente em Spencer, pode ser melhor compreendida se observados a dois principais pontos: (i) a perspectiva evolutiva é concebida através de manifestações de leis físicas; e, (ii) há na biologia de Lamarck e na embriologia de Karl Von Baer (1792-1876), grandes forças de influência.

Sobre o primeiro ponto, deve-se destacar que Spencer fazia distinção clara entre as leis concernentes ao mundo físico e as leis voltadas a transformação da matéria (evolução). Segundo Luz & Fracalanza (2012), as leis do mundo físico, “leis fundamentais”, seriam a representação do conjunto de explicações obtidas pela física da época e que seriam, em última instância, reguladoras de todos os fenômenos do universo. Já as leis voltadas à transformação da matéria, “leis fenomênicas”, seriam aquelas que especificariam a via pela qual a transformação da matéria ocorreria, dadas as já comentadas leis fundamentais. Sendo assim, observa-se que na perspectiva de Spencer a noção evolutiva estaria fortemente relacionada com os aspectos de mundo físico e, conseqüentemente, seria refém de princípios universais concernentes a esta área do conhecimento. Desse modo, Luz & Fracalanza (2012) comentam que através desta perspectiva, o papel da biologia como ciência, seria o de desenvolver respostas sobre as vias pelas quais desdobravam-se as leis fenomênicas frente as leis fundamentais da física. Sendo assim, este primeiro ponto justifica-se em relevância por apresentar as forças ainda presentes dos paradigmas físicos nas demais ciências da era vitoriana.

Sobre o segundo ponto, repousam as explicações referentes ao caráter teleológico da perspectiva evolucionária de Spencer. Segundo Luz & Fracalanza (2012, p. 427): “*Spencer absorve completamente a ideia de mudança lamarckiana*”, principalmente munido da perspectiva embriológica de Von Baer, que descrevia o processo de estruturação dos embriões em direção a um aumento da complexidade estrutural, partindo das estruturas homogêneas para as heterogêneas<sup>29</sup>. Sendo assim, Luz & Fracalanza (2012) salientam que o processo evolucionário, na perspectiva de Spencer, é de cunho absolutamente teleológico, dirigido por uma percepção de progresso através da observação do aumento da heterogeneidade.

---

<sup>29</sup> Segundo Luz & Fracalanza (2012), esta identificação nos trabalhos de Spencer pode ser mais facilmente feita na obra “O Progresso, sua lei e sua causa” de 1857.

Exatamente com base nesse ponto fica evidente o caráter melhorativo e transformista em relação ao processo evolutivo spenceriano.

Diferentemente de Spencer, em Darwin ([1859] 2014) o processo evolutivo se dá através de uma perspectiva ontológica não relacionada a nenhum preceito progressista. Ou seja, Darwin abdica da perspectiva teleológica que relaciona o processo evolutivo à uma melhora em qualquer aspecto que seja. Sendo assim, pela ótica darwiniana, o processo evolutivo é cego e se dá não através de um processo transformista e melhorativo, mas sim através de uma seleção natural, antagonizando-se às perspectivas lamarckista e spenceriana.

Observa-se que segundo Darwin, o processo evolucionário se dá pela seleção de características específicas que melhor se adaptam a cenários também específicos (Darwin [1859] 2014). Desse modo, a adaptabilidade antecede a perpetuação de características, viabilizando êxito na seleção natural. Exatamente com base neste ponto, não pode-se afirmar que a evolução darwiniana é de um processo aleatório, pois é antecedida por características ambientais específicas, demandantes de adaptabilidades específicas. Sendo assim, o processo evolutivo se dá de maneira cega do ponto de vista de não desempenhar juízo de valor progressista, nem finalidades teleológicas, mas não é aleatório, pois responde a demandas específicas que desempenharão a seletividade via ambiente.

Com base na perspectiva darwiniana do processo evolutivo, este ocorre através de três princípios básicos: a variação, a herança e a seleção. Segundo Luz & Fracalanza (2012), todos os processos evolucionários poderiam ser entendidos através de uma perspectiva darwiniana se atentado a esses pontos, principalmente se entendidos através da visão filosófica da causa eficiente e da cumulatividade. Desse modo, para Darwin, a evolução é entendida como um processo causal e cumulativo que se desenvolve em escala cronológica (Luz e Fracalanza 2012). Sendo assim, através de uma aplicação moderna do entendimento evolutivo darwiniano, pode-se entender o processo evolutivo através da ideia de “descendência com modificação”. E, é exatamente através deste ponto, que fica nítida uma das principais diferenças entre o processo evolutivo darwiniano e spenceriano, afinal, a modificação advinda da descendência não garante aumento da heterogeneidade dos organismos, mas sim adaptabilidade sem fins teleológicos e preditivos.

Sobre este ponto, Luz & Fracalanza (2012) apontam que, para a teoria de Darwin, as contribuições de Spencer não são relevantes. Tal assertiva, apesar de forte, mostra-se bastante coerente haja vista que, para a existência de modificação, não apresentam-se como requisito as características de progresso. Ou seja, a evolução não está relacionada, necessariamente, a melhora ou elevação de complexidade, mas sim à aptidão frente às demandas específicas do

ambiente em que este organismo encontra-se inserido. Afinal, aqueles que apresentam capacidade adaptativa garantem a perpetuação de suas características<sup>30</sup>.

Sendo assim, observa-se o papel fundamental associado à variação junto ao processo evolucionário darwiniano. Pois, seria exatamente através desta característica que as modificações se fariam viáveis em um processo de descendência via adaptabilidade. Desse modo, a complexidade dos organismos não seria o resultado de um processo teleológico da evolução, mas sim seria resultado da seleção natural através da seleção de características específicas e viabilização da perpetuação de diferentes elementos através do processo evolucionário.

Analisando os contrastes entre ambas as teorias, é possível ainda observar a diferença no que se refere à abrangência em que cada teoria se propõe. Enquanto que Darwin apresenta suas considerações a respeito do processo evolucionário nos organismos vivos, observa-se que em Spencer há uma tentativa de aplicação universal do processo evolutivo (Luz e Fracalanza 2012). E, é exatamente esta uma provável causa da perspectiva teleológica atrelada ao processo evolucionário. Afinal, através da perspectiva de Spencer, a evolução seria uma resposta final dos aspectos transformativos e melhorativos. Já para Darwin, a evolução seria meramente um processo de mudança, ocorrido através da cumulatividade e da seleção natural (Luz e Fracalanza 2012).

Desse modo, e com base nas ideias acima, pode-se observar as seguintes diferenças entre as perspectivas evolucionárias de Darwin e Spencer:

Quadro 1 – Darwin X Spencer, uma comparação sintética

	<b>Abrangência da teoria</b>	<b>Paradigma Científico</b>	<b>Evolução</b>	<b>Variação</b>	<b>Seleção Natural</b>	<b>Ideia de Progresso</b>
<b>Charles Darwin</b>	Organismos vivos	Biológico	Como processo	Em aberto, mutação como combustível da mudança	Poder Criativo	Ausente
<b>Herbert Spencer</b>	Universal, ontologia aplicada a todos os sistemas	Físico	Com fim (teleologia)	Lamarckismo	Vassoura natural, eliminação do imperfeito	Fundamental, adoção dos conceitos de Von Baer

Fonte: Luz & Fracalanza (2012)

<sup>30</sup> Exatamente esta ideia relaciona a evolução darwiniana com a perspectiva de “luta pela existência”. Sobre esta perspectiva na teoria darwiniana, Monasterio (1998 apud Hodgson, 1994) salienta que representa uma das principais influências que Darwin recebeu de Thomas Malthus.

Observa-se, então, que ambas as perspectivas evolucionárias componentes do século XIX mostram-se antagônicas e incompatíveis em sua integralidade. Exatamente em meio a essas densas contribuições sobre a perspectiva evolutiva encontrava-se não só Veblen, mas todos os proponentes da ciência econômica, que ainda apresentava-se incipiente como ciência autônoma<sup>31</sup>. Com base nessa observação, por exemplo, Luz & Fracalanza (2012) apresentam a provável conexão entre as perspectivas teóricas de Alfred Marshall na ciência econômica, com contribuições de Spencer. Segundo os autores, através desta influência, poderiam ser vislumbrados os objetivos evolucionários que, em maior ou em menor grau, eram almejados por Marshall, concomitantemente à uma perspectiva físico mecânica da realidade econômica (Luz e Fracalanza 2012).

Porém, analisando as repercussões a respeito das perspectivas evolucionárias acima apresentadas, e observando a ciência em sua apresentação hodierna, podemos observar o fascinante êxito das ideias atreladas ao processo evolutivo de Charles Darwin. Já em sua publicação, *A Origem das Espécies* apresentou-se como revolucionária não só ao modo de se vislumbrar o processo evolutivo, mas também ao modo de se pensar as ciências modernas (D. Hamilton 1970). Desse modo, seu impacto e suas influências ascenderam consideravelmente desde então. Atualmente, é conhecido o importante papel das perspectivas darwinianas na biologia, ao contrário da spenceriana que, normalmente, é recordada somente para exemplificação de uma visão equivocada do processo de evolução (Monasterio 1998).

Veblen, conforme veremos, por diversas oportunidades, mostrou-se fortemente convergente com o ideário darwiniano, destacando-o como fundamental para o entendimento dos fundamentais princípios históricos relacionados às causas cumulativas, não só a nível biológico, mas também numa perspectiva socioeconômica (Veblen 1898). Exatamente por este reconhecimento, Veblen (1898) comenta a divisão da ciência entre pré-darwiniana e pós-darwiniana, justamente para salientar a importância e a relevância das contribuições de Darwin ao pensamento científico.

Deve-se ainda salientar que a incorporação dos ideários evolucionários de Charles Darwin em outras áreas do conhecimento surge como uma interpretação não literal, mas sim de inspiração à atenção dos processos de mudança. Essa pontuação mostra-se relevante, pois

---

<sup>31</sup> Se considerarmos *A Riqueza das Nações* (1772), de Adam Smith, como a primeira obra que apresenta a economia como uma ciência autônoma – assim como sugere Cerqueira (2001) – então, até a publicação de *A Origem das Espécies* (1859) passar-se-iam apenas 87 anos.

justifica as potenciais divergências entre pensadores de inspirações darwinianas em campos, como por exemplo, a ciência econômica (D. Hamilton 1970)<sup>32</sup>.

Tendo contextualizado o pensamento evolucionário na Era científica de Veblen, cabe agora melhor entendermos como estas ideias foram relacionadas aos anseios do autor na ciência econômica. Afinal, conforme veremos, é evidente a influência darwiniana nas contribuições de Veblen, principalmente na capacidade de se vislumbrar um processo evolucionário atento às causações cumulativas ao longo da história e das formações sociais e econômicas (D. Hamilton 1970). Visando melhor compreender as contribuições de Veblen para a construção de uma ciência econômica evolucionária, dedicaremos a próxima sessão, atentando as suas proposições epistêmicas e às principais influências para seu constructo teórico.

## 2.2. VEBLEN E A ECONOMIA DE SUA ÉPOCA: POR QUE A ECONOMIA NÃO É UMA CIÊNCIA EVOLUCIONÁRIA?

Thorstein Veblen, em meio ao cenário conturbado de sua vida pessoal – conforme pudemos de maneira sucinta na introdução do capítulo observar – permaneceu consistente ao longo de sua construção teórica em direção de uma nova maneira de se observar a ciência econômica. Para que as mudanças no pensamento econômico ocorressem, Veblen atentou aos mais diversos pontos ao construir sua crítica à economia da época. Conforme se observa em seus escritos, o autor visou a mudança da teoria econômica em termos evolucionários buscando uma fuga ao animismo e à teleologia moral que baseava as correntes econômicas (Veblen, 1898; 1899a; 1899b; 1900; [1906] 1919; [1908] 1919)<sup>33</sup>.

A leitura atenta dos trabalhos de Veblen levam o seu leitor aos mais diferentes campos do conhecimento humano. Além da teoria econômica, também é possível identificar nos trabalhos de Veblen traços de análise social e histórica, da psicologia e da antropologia, sendo que cada um desses campos é normalmente apresentado e trabalhado através de comentários políticos tidos como radicais, bem como através de sátiras e ironias. Tal constatação é evidenciada e trabalhada por diversas obras de diversos autores, como por exemplo, em

<sup>32</sup> Essa passagem se fará melhor esclarecida na próxima sessão, com o auxílio de Hamilton (1970).

<sup>33</sup> Nota-se que parte considerável das críticas e considerações de Veblen a ciência e ao método científico estão contidas nestas referidas obras. Cronologicamente elas são: *Why Is Economics Not an Evolutionary Science?*, a trilogia *The Preconceptions of Economic Science I, II e III*, *The Place of Science in Modern Civilization* e, por último, *The Evolution of the Scientific Point of View*. Esta constatação também parece ter sido feita por Monasterio (2009), quando o autor argumenta que as primeiras obras da compilação *The Place of Science in Modern Civilization and Other Essays* compreendem a crítica de Veblen a ciência econômica de seu tempo.

*Essential Writings of Thorstein Veblen* (2011), dos já citados Charles Camic e Geoffrey Hodgson. Neste livro os autores visam à contextualização intelectual de Veblen, através da seleção de escritos tidos como essenciais para o entendimento da teoria econômica e das críticas que Thorstein desenvolveu ao longo de sua carreira.

Com base nesta obra, podemos observar que as contribuições de Veblen, apesar de tidas como ricas e multidimensionais, não receberam a projeção como de outros grandes pensadores da economia de seu século, como por exemplo, Keynes e Hayek. Segundo os autores, esse fato deve-se ao caráter não primordial que Veblen teria dado a questões como filosofia moral e desenvolvimento de políticas. Afinal, tais características foram de grande repercussão na ciência econômica desde sua fundação e ao longo de todo o século XIX e XX. Diferente disso, Veblen atuou no pensamento econômico em tom de crítica ao modo de se fazer a essa ciência (Camic e Hodgson 2011).

As críticas de Veblen constituíram-se da apresentação a uma nova forma epistêmica. Através delas, Veblen apresenta uma via alternativa à teoria econômica através de um paradigma darwiniano regido, analisado e interpretado através de noções da filosofia e da incipiente psicologia. Fica evidente o caráter psicológico-filosófico de Veblen ao longo de todos os seus escritos, pois suas reflexões mostram-se extremamente complexas, sendo necessário o domínio das mais diversas referências destas áreas do conhecimento para que sejam entendidas suas críticas e contribuições ao pensamento econômico. Desse modo, Camic & Hodgson (2011) apontam que dentre as mais diversas inspirações de Veblen as que se destacam são: a *filosofia pragmática clássica* e as *noções psicológicas* ligadas a esta escola filosófica pautada nos escritos de Charles Sanders Peirce, John Dewey e William James, principalmente no que se refere às noções de hábitos, instintos e instituições; e, por fim, como consolidador destas influências, os *princípios evolucionários* baseados em Charles Darwin.

Outros autores convergem com estes destaques, dentre eles Rutherford (2011), Cavalieri (2009), Monasterio (1998) e Hamilton (1970). Sendo que Rutherford (2011) pontua a abordagem evolucionária de Veblen baseada na causa eficiente, o que vem a municiar uma série de críticas aos escritos Neoclássicos por parte de Veblen. Em Cavalieri (2009) vemos outra vez menção às importantes influências do pragmatismo clássico e suas lições psicologistas somada às noções darwinianas, enquanto o autor tenta situar Veblen em seu tempo e lugar. Em Monasterio (1998) também fica evidente o caráter evolucionário da teoria vebleniana quando o autor faz menção e desenvolve a importância dos hábitos nos escritos do institucionalista. E, na tese de PhD de David Hamilton, intitulada *Evolutionary Economics: A Study of Change in Economic Thought*, de 1970, elementos darwinianos e pragmáticos

também são observados em relação aos trabalhos Thorstein Veblen, sendo que Hamilton atua num sentido de contrastar tais influências com os escritos de origem não evolucionária na economia.

Hamilton (1970) observa que o darwinismo atuou de maneira influente em boa parte da academia norte-americana do fim do século XIX e início do século XX. Porém, mesmo oriundo de uma única inspiração, diversas formas de manifestação puderam ser vislumbradas. Segundo o autor, de um lado puderam ser observadas interpretações de Darwin como “prova” de uma ordem natural competitiva que atuaria através de um “livre mercado”<sup>34</sup>. De outro lado houve interpretações mais consistentes e coerentes de Darwin, em que a análise de processo de mudança se torna crucial. Sendo que sobre este segundo grupo Hamilton (1970, p.25) se faz bastante claro, argumentando que *“no one saw the significance of the Darwinian revolution on social thought more clearly than did Veblen”*.

Ainda segundo Hamilton (1970), nota-se que a influência darwiniana atuou de maneira muito bem colocada pelos eventos históricos. Afinal, via-se constantes e rápidas mudanças socioeconômicas acontecendo tanto na Europa quanto nos EUA, principalmente pós revolução industrial. Cada vez mais, observar a esses fenômenos de maneira estática numa ótica de causa e efeito se fazia ineficaz e inadequado, pois era necessário que também fossem atentados e entendidos os processos de mudança, fazendo claro “como” e “por que” ocorriam. Exatamente esse foi o papel das noções darwinianas no pensamento econômico de Veblen e seus seguidores (D. Hamilton 1970).

Desse modo, observa-se que esse novo caráter epistêmico atribuído a Veblen através de um paradigma darwiniano fez com que esse autor fosse apto a desenvolver uma teoria evolucionária no que diz respeito à análise do comportamento econômico e social. Importantes conceitos da teoria Vebleniana foram desenvolvidos e trabalhados devido a este importante caráter paradigmático, como por exemplo, os hábitos de pensamentos, os instintos, as instituições<sup>35</sup>, e como estes evoluem em um contexto de coexistência exercendo influência de forma multidimensional entre si. Desse modo, fica mais do que evidente a primordial importância de entendermos como se deu e a que exatamente se referia a influência evolucionária em Veblen.

---

<sup>34</sup> Nesta leitura, em específico, Hamilton (1970) se refere aos trabalhos de William Graham Sumner. Acredito que neste primeiro grupo possam ser inseridos também os trabalhos de Herbert Spencer. Ambos os autores são entendidos hoje como colaboradores da teorização de um Darwinismo Social.

<sup>35</sup> Os conceitos de instintos, hábitos e instituições serão melhor trabalhados na seção 2.1.3 após análise das influências da filosofia pragmática e suas fundamentações psicologistas.

### 2.2.1. A Ciência Evolucionária em Thorstein Veblen: Epistemologia e Método

*Why Is Economics Not an Evolutionary Science?* (1898), foi, provavelmente, onde Veblen melhor apresentou e formalizou suas críticas em relação à economia de sua época e por que, na opinião dele, esta ciência estava defasada em relação a outras áreas do conhecimento. Nesta obra, Veblen destaca a primordial importância de se manter atrelados os conhecimentos de ordem social, delatando a desconexão dos avanços teóricos em campos como a antropologia, etnologia e psicologia em relação à ciência econômica. Para Veblen, tal desconexão seria resultado de um atraso no modo de se fazer a ciência econômica (Veblen 1898)<sup>36</sup>. E, assim como o título do trabalho antecipa, o atraso ao qual Veblen se refere está associado à questão: “por que a economia não é uma ciência evolucionária?”.

Veblen (1898) aponta que, mesmo que estivessem em busca de uma abordagem moderna para suas teorias, os economistas contemporâneos a ele continuavam a perpetuar equívocos metodológicos de inspirações naturalistas ligados a noções utilitaristas e teleológicas. Ao reconhecer tal característica no pensamento econômico de sua época, Veblen argumenta que esses seriam reflexos de antigos ensinamentos desta ciência que estariam, de maneira anacrônica, sendo perpetuados<sup>37</sup>. Desse modo, para Veblen, uma ciência moderna deveria apresentar características evolucionárias, sendo que “*any evolutionary science [...] is a close-knit body of theory. It is a theory of a process, of an unfolding sequence*” (Veblen 1898, 375).

Entender processo de mudança implica, como Veblen (1898) bem pontua, analisar relações causais. Para tal, é necessário que se abdique de noções mecanicistas de causa e efeito oriundas de estática comparativa. Veblen (1898) mostra que, somente no primeiro caso, torna-se viável a construção de teorias que compreendem os processos através uma noção de causação cumulativa. Para o autor, as noções de leis naturais estão diretamente relacionadas às noções de sequências mecânicas. Segundo Veblen (1898), quando se assumem as leis naturais, todos os demais fatores de causação são tidos como fatores de distúrbio para

---

<sup>36</sup> Cabe destaque que Veblen analisou a ciência econômica como analisou toda e qualquer outra forma coletiva de organização. Isso implica reconhecer à existência de hábitos de pensamento que são compartilhados pelos agentes dessa organização, justificando um efeito inercial de aversão à mudança (vide nota 22).

<sup>37</sup> Veblen admite que na Escola Histórica Alemã houve significativo avanço no modo de se fazer a ciência econômica. Porém, mesmo frente aos avanços que esta escola pode almejar, fora perceptível severa carência teórica. Essa crítica se fará mais clara no próximo capítulo, na seção 3.1.

qualquer corpo de conhecimento não evolucionário. Tal noção metodológico-teórica seria uma herança dos escritos clássicos que deveria ser superada (Veblen 1898).

É válido lembrarmos que essa percepção de objetos de estudo é entendida por Veblen (1898) como resultado dos hábitos de pensamento arcaicos presentes no modo de se pensar a ciência moderna (pós-darwiniana). Veblen (1898) estabelece papel fundamental dos hábitos no processo de desenvolvimento da ciência. Ou seja, Veblen analisou a ciência econômica do mesmo modo que analisou qualquer outro grupo e/ou coletividade, entendendo seus hábitos de vida e de pensar de acordo com aquilo que já fora lá construído e instituído anteriormente.

É importante observar que Veblen via o processo de habituação como algo que atinge os indivíduos como um todo, e não apenas a uma faceta de sua personalidade (Monasterio 1998). Desse modo, em alguma medida, Veblen destaca as mudanças habituais como correlatas com a nossa realidade material, atribuindo fundamental importância para a lógica industrial moderna à necessidade de mudança no discurso econômico. Nesse mesmo sentido, Veblen distancia-se das noções do positivismo lógico quantitativo-empirista que atribui imparcialidade aos fatos. Afinal, na noção vebleniana, os fatos são observados no contexto dos hábitos de pensamento e na teoria científica que estão naquele momento sendo compartilhados e executados. Ou, pelas palavras de Monasterio (1998, p.25):

Os hábitos de pensamento tem um papel cognitivo que se mostra presente na forma com que os fatos pertinentes a construção do conhecimento científico são apreendidos. O princípio do positivismo lógico de que os fatos falam por si é, portanto, negado por Veblen. Os fatos são sempre observados no contexto dos hábitos de pensamento e da teoria científica vigentes.

Sobre o aspecto correlato entre realidade material e habituações, Veblen destaca que as noções pré-evolucionárias estão diretamente relacionadas com o estilo de vida pré-industrial da antiga manufatura, onde se observava uma lógica científica e produtiva que atentava à causalidade, porém somente em termos de causa e efeito que, por sua vez, estavam fortemente ligados à noções animistas e teleológicas. Em mesmo sentido, numa sociedade industrial moderna, as noções produtivas relacionadas a processo de causalidade cumulativa (como num longo encadeamento de uma indústria em série, por exemplo) se fazem cada vez mais habituais na vida nos indivíduos assumindo, muitas vezes, uma nova lógica de raciocínio (Veblen [1914] 2018).

Veblen (1898) ainda identifica duas características intimamente relacionadas ao modo pré-evolucionário de se fazer a ciência econômica, que seriam a (i) ênfase na teleologia, principalmente através da “identificação” e aceitação da presença de leis naturais no

comportamento humano e social; e a (ii) ênfase na taxonomia, com objetivo de devidamente classificar e definir aos objetos de estudo através da criação de terminologias técnicas para os fenômenos econômicos. Sobre essa segunda ênfase apresentada, Veblen (1989) aponta que em alguma medida esse seria um fator a se considerar positivo no modo de se fazer a ciência pré-evolucionária, pois cria um sistema taxonômico útil que pode ser usado como ponto de partida para uma ciência pós-darwiniana, ou em melhores termos, evolucionária, conforme sugerida e almejada por Veblen.

Desse modo, podemos observar que Veblen estabelece uma relação causal entre os hábitos de vida e os hábitos de pensamento. Afinal, a realidade material afeta o modo de pensar e o desenvolvimento científico dos indivíduos. Ainda sobre isso, Veblen ([1914] 2018) aponta que, conforme a nova lógica industrial se insere na vida moderna, os novos hábitos de pensamento também começam a apresentar-se no modo de se fazer a ciência. E, conforme já destacado, relações de causa e efeito (situações iniciais e situações finais) começam a perder sentido no complexo processo de causação cumulativa.

Na trilogia de artigos *The Preconceptions of Economic Science*, Veblen (1899a; 1899b; 1900) critica a uma série de concepções que a ciência econômica de seu tempo ainda perpetuava. Conforme já vimos acima, tais concepções estavam associadas ao animismo e a teleologia moral empregados no discurso econômico, o que lhe garantia um ar mecanicista e lógico-dedutivo. Exatamente neste ponto se faz necessária atenção a incessante crítica de Veblen a essas duas características na ciência econômica (Veblen, 1898). Ao entender-se o animismo como a interpretação metafísica da natureza, através de um propósito “quase espiritual”, e a teleologia como a tendência de se observar as leis da natureza como propositadamente orientadas para um determinado fim (ou consumação), os economistas não estariam sendo aptos a interpretarem a ciência econômica como evolucionária; como mutável e dinâmica (Veblen, 1899a; 1899b).

Sendo assim, essas duas concepções mostram-se entendidas por Veblen (1899b) de maneira bastante crítica, pois expurgam o aspecto humano relacionado à ciência econômica. Afinal, a aceitação tanto do animismo, quanto da teleologia como percepções científicas da natureza humana, faz com que inexista qualquer análise tida como processual. E como, veremos adiante, para Veblen essa seria uma característica fundamental no modo de se fazer uma ciência evolucionária. Desse modo, torna-se evidente o ponto de Veblen (1899a; 1899b) ao criticar a essas características, pois, ambos os conceitos ferem profundamente as concepções evolucionárias almejadas e defendidas pelo autor, tanto em sua construção teórica, quanto no direcionamento de suas críticas.

Ou seja, deve-se atentar que as críticas de Veblen se dão não à existência de preconceções no discurso científico, mas sim à obsolescência e ao anacronismo que se faziam presentes junto a essas preconceções (Veblen 1900). Afinal, Veblen entendia o caráter de postulado metafísico que determinadas ideias e feições atribuíam à ciência, não colocando-se contra isso, mas sim buscando coerência entre aquilo que se vivia e aquilo que se discutia (Veblen, 1899a; 1899b; 1900). Exatamente com base nessa ideia pode-se observar a crítica de Veblen aos escritos Neoclássicos. Pois, ao contrário dos Clássicos, que estavam vivendo seu tempo e lugar, com suas inspirações filosóficas e paradigma científico vigente, no caso Neoclássico observava-se uma perpetuação equivocada de um modo obsoleto de se fazer ciência, pautado numa lógica mecanicista de ordem newtoniana, oriunda da antiga manufatura (D. Hamilton 1970).

Sendo assim, segundo a crítica de Veblen, pode-se observar que os aspectos animista e teleológico presentes no discurso econômico contemporâneo ao seu tempo, geraram a observação do comportamento humano através de uma ótica viesada por preconceções de filosofia moral – como por exemplo, o hedonismo e, mais contemporaneamente, o utilitarismo. Essas bases filosóficas-psicológicas atribuíam ao comportamento humano, pela ótica de Veblen, um caráter demasiadamente determinista e, em certa medida, pré-moldado. Tais características podem ser observadas como a delação de uma perspectiva não fiel da realidade humana e social<sup>38</sup> (Veblen, 1898; 1899a; 1899b; 1900).

Desse modo, assumindo a lógica de construção de pensamentos e desenvolvimento científico que Veblen nos apresentou, é natural que a ciência evolucionária (pós-darwiniana) também carregue preconceções. Tal reconhecimento é feito pelo próprio Veblen que, explicitamente, desenvolve uma série de preconceções em relação a sua época, postulando uma ciência evolucionária (Monasterio 1998). Essa postura por parte de Veblen, além de caracterizar-se como honestidade do ponto de vista intelectual, também significa maior abertura a pluralidade teórica. Afinal, possibilita-se que uma mesma realidade possa ser interpretada de maneiras distintas, dada a existência de diferentes preconceções (Samuels, 1990 apud Monasterio, 1998).

Sendo assim, podemos observar que Veblen observava a lógica evolucionária não só na perspectiva dos processos socioeconômicos, mas também no processo científico e na criação do conhecimento. Para Veblen (1898; 1900) qualquer forma de normalização da

---

<sup>38</sup> Pode-se inferir hipótese de que a adesão de aspectos deterministas e axiomáticos seja reflexo de uma lógica positivista no modo de se fazer a ciência econômica, buscando a mensurabilidade e previsibilidade. Esta hipótese pode apresentar-se novamente como um novo trabalho, no futuro.

realidade (como o animismo e da teleologia) seria um reflexo de concepções de ordem pré-evolucionária e, visando a renovação do discurso econômico, deveriam ser incorporadas concepções de ordem evolucionária objetivando entender aos processos. Tal mudança acarreta numa nova lógica científica em que novas perguntas surgem buscando a compreensão do dinamismo e da complexidade existentes na sociedade industrial moderna. Desse modo, em uma comparação entre a ciência taxonômica-mecanicista e a ciência evolucionária, o “como?” prevalece na segunda em relação ao “o quê?” no inquérito científico da primeira.

Sobre este ponto, e com o sugestivo título de *The Place of Science in Modern Civilisation*, Veblen ([1906] 1919) argumenta que a ascensão da sociedade moderna, pautada na lógica científica e industrial, concedeu papel de destaque ao desenvolvimento da ciência. Sendo assim, mais do que nunca a sociedade está podendo desfrutar dos louros do desenvolvimento oriundo de processos complexos da indústria. Enquanto apresenta seu ponto de argumento, Veblen leva a seu leitor a indagação sobre a origem desse processo de “culto à ciência”. “*How has this cult of science arisen? What are its cultural antecedents? How far is it in consonance with hereditary human nature? And, what is the nature of its hold on the convictions of civilized men?*” (Veblen, [1906] 1919, p.4-5). Através destas inquietações, Veblen inicia sua explanação atentando ao fundamental papel da lógica pragmática na sociedade contemporânea que, mais do que nunca, através do senso comum, estava atrelada à noções científicas ao invés de crenças metafísicas e antropomórficas (Veblen [1906] 1919).

Uma parcela significativa desse avanço no modo de se observar o mundo através de uma ótica científica está, segundo Veblen ([1906] 1919), associado ao estímulo relacionado ao nosso interesse e necessidade de aprender, conhecer e dominar aos diferentes assuntos concernentes à nossa realidade. Este estímulo é destacado por Veblen como um instinto de curiosidade vã (*idle curiosity*), e teve seu afloramento concomitantemente com outro instinto muito importante, desde as sociedades bárbaras até a sociedade industrial moderna; o instinto de trabalho eficiente (*workmanship*)<sup>39</sup>. Afinal, em uma lógica industrial pautada no avanço científico, a curiosidade humana e o seu apreço por funções laborais através de uma ótica dignificadora, os indivíduos desempenhariam papel fundamental no desenvolvimento da ciência. Ou seja, a curiosidade vã passou por um processo de mudança através do advento científico, tornando os indivíduos cientificamente mais criteriosos, quando em comparação com culturas de períodos anteriores (Veblen [1906] 1919). Essa mudança relacionada à

---

<sup>39</sup> Os instintos em Veblen serão melhor trabalhados na seção 2.2.3.1.

curiosidade vã está diretamente ligada, segundo Veblen, a questões análogas de mudança em aspectos como, instituições e hábitos de vida, em específico, a indústria e a organização econômica da sociedade (Veblen, [1906] 1919).

Em *The Evolution of the Scientific Point of View* (1908), Veblen explicita melhor as características relacionadas a essas mudanças de habituações e, conseqüentemente, de instituições. Segundo o autor, enquanto a sociedade altera sua percepção produtiva de uma lógica manufatureira para uma lógica industrial atrelada a processo de produção em massa, a sociedade começa a atentar cada vez mais a características processuais, atrelando a suas vivências às importantes características relacionadas ao modo produtivo (Veblen [1908] 1919). Sendo assim, Veblen atribui papel fundamental aos hábitos de vida. Afinal, segundo esta perspectiva, os hábitos de vida guiam os hábitos de pensamento. Os hábitos de pensamento, por sua vez, guiam o modo de pensar dos indivíduos, dentre eles o modo de se pensar e vislumbrar o processo científico (Veblen [1908] 1919).

Desse modo, conforme já destacado, Veblen ([1908] 1919) apresentou um olhar evolucionário da perspectiva científica e da construção do conhecimento em que o meio material traz implicações severamente significativas para a perpetuação ou não de hábitos de vida e pensamento. Desse modo, o processo evolucionário seria responsável por gerar em diferentes tempos e ambientes históricos, diferentes pontos de vista científicos. Sendo que, quando menciona-se o ponto de vista científico, entende-se diferentes caracteres epistemológicos, metodológicos e teóricos. Sendo assim, o ponto de vista evolucionário da ciência que é apresentado, defendido e teorizado por Veblen, está associado a sua realidade material, oriunda dos processos mundanos de sua sociedade industrial (Veblen [1908] 1919).

É válido observarmos que o termo evolução foi difundido por Herbert Spencer na perspectiva biológica. Antes da sexta edição de *A Origem das Espécies*, Darwin evitou a utilização desse termo temendo associações teleológicas que poderiam ser entendidas como sinônimo de progresso e melhora constante. Sobre esse ponto em específico, mais uma vez fica evidente a inspiração darwiniana associada ao discurso de Veblen, pois a evolução darwiniana não é capaz de elaborar predições em seu mecanismo de seleção natural. Tal mecanismo, apesar de compreender o desenvolvimento de uma espécie, é impossível de prever a evolução futura (Darwin [1859] 2014). Essa noção darwiniana também pode ser observada no discurso econômico de Veblen quando o autor afirma que não existem razões para se acreditar que o processo de desenvolvimento econômico resulte em crescimento

econômico próspero e/ou melhoramento do bem-estar dos indivíduos<sup>40</sup>. Na perspectiva de Veblen, muito provavelmente o resultado seria o contrário, caso não fossem dadas as devidas atenções às instituições socioeconômicas atuantes na economia (Veblen [1914] 2018)<sup>41</sup>.

Visando a sumarização da construção epistêmica e metodológica de Veblen, podemos observar que seu principal ponto estava na insatisfação para com as respostas oriundas da ciência econômica contemporânea a seu tempo. Sobre isso, e com precisão de palavras, Cavalieri (2009, p.303) destaca:

Em suma, Thorstein Veblen não propôs um sistema científico baseado numa metodologia compreensiva, à moda de Max Weber (1864-1920), mas sim uma explícita metodologia explicativa, assim como ele entendeu a metodologia dos clássicos, neoclássicos e marxistas. Seu intento era mostrar a insuficiência destas teorias pelo pecado de teleologia e, questionar se não existiriam questões mais profundas a serem formuladas a partir de princípios científicos pós-darwinistas. “Abrir a caixa-preta da economia neoclássica”, “dar um passo atrás” e colocar a questão sobre como se formam os comportamentos humanos não implicam necessariamente propor uma ciência hermenêutica, sem intenções generalizantes. Alias, muito pelo contrário, o sistema vebleniano pretende-se muito mais geral do que as economias pré-darwinianas.

Tendo em vista toda a construção deste aspecto metodológico na teoria vebleniana, ainda cabe destaque ao caráter que se compõe como evolucionário nesse arcabouço teórico. Sobre isso, Veblen (1900) destaca o papel fundamental das instituições no processo de evolução socioeconômica. Afinal, na perspectiva vebleniana, as instituições seriam composições de hábitos de vida e de pensamento que são socialmente compartilhados. Esses hábitos por sua vez, seriam resultados das sequências cumulativas da vivência e da cultura dos indivíduos. Nesse sentido, então, para Veblen (1900) a economia evolucionária deveria estar sujeita à conduta humana e sua sequência cumulativa de causalidade que se apresenta através dos hábitos e das convenções sociais que são institucionalizados.

Com base na noção acima, Veblen ([1899] 2009) constrói a sua teoria da classe ociosa que – como veremos com maior propriedade mais adiante ainda nessa dissertação – teria sido resultado da evolução institucional de hábitos de pensamento de sociedades bárbaras, imputados na lógica industrial moderna. Tal combinação teria fomentado e instituído um

---

<sup>40</sup> Veblen tece comentários nesse sentido, principalmente na crítica aos modelos econômicos que visam previsão de equilíbrios e resultados de longo prazo na economia. Tais noções estavam ligadas, na época de Veblen, aos escritos Neoclássicos.

<sup>41</sup> Essa passagem se fará mais clara quando atentarmos aos instintos na seção 2.1.3.1. Lá veremos que, segundo Veblen, os indivíduos possuem propensões instintivas que podem ser nocivas à prosperidade econômica e ao bem-estar coletivo.

consumo de origem conspícua, bem como instigado o comportamento emulativo e pecuniário das sociedades capitalistas, visando a exibição do *status quo* e a “superioridade” da classe não produtiva (ociosa). E, em síncrono com a evolução dessas habituações, haveria de maneira presente e ativa na vida dos indivíduos, instintos que seriam responsáveis pela execução de um trabalho eficiente vis-à-vis ganhos pecuniários, bem como pelos impulsos predatórios da ganância e do poder político e econômico (Veblen, [1899] 2009; [1914] 2018).

Ou seja, fica evidente que, para que possamos melhor entender as contribuições e críticas de Thorstein Veblen, devemos atentar a construção dos importantes conceitos de hábitos, instintos e instituições. Porém, esses são constituídos e apresentados na teoria vebleniana com base em uma importante influência desse pensador. A filosofia pragmática clássica através de suas noções psicologistas, majoritariamente de Charles Sanders Peirce, John Dewey e William James, apresentam importantes contribuições para a construção teórica de Veblen. Desse modo, faz-se prudente que antes de abordarmos estes importantes conceitos, possamos melhor entender o que representam e como atuaram essas importantes influências.

### **2.2.2. As Influências da Filosofia Pragmática Clássica e Suas Lições Psicologistas**

Conforme já destacado, ao longo da leitura dos trabalhos de Veblen, fica evidente o caráter complexo de sua teoria, porém, ao mesmo tempo, nota-se grande consistência e coerência em seus apontamentos e argumentos, principalmente através de seu embasamento em outras áreas do conhecimento social e humano, como por exemplo, a psicologia e filosofia (Edgell e Tilman 1989).

É importante notarmos que para Veblen o comportamento humano não é atrelado somente a uma nascente, seja ela coletivista ou individualista, determinista ou não. Essa perspectiva faz-se presente e, provavelmente, melhor entendida em *The Theory of The Leisure Class* (1899) uma das obras em que o autor melhor trabalha suas noções psicologistas e sociológicas a respeito do indivíduo e do comportamento social (Almeida 2015a). Conforme se verá na seção 4.1, nesta obra, Veblen interpreta o indivíduo como um ser condicionado em uma rede de influências socioeconômicas e culturais. Porém, as pessoas também apresentam capacidade de interferência nessa rede. Desse modo, na perspectiva de Veblen, não há uma determinação única no comportamento do indivíduo, mas sim uma multidimensionalidade de causas e efeitos que se dão através de relações causais cumulativas entre o indivíduo e seu

ambiente. Ou seja, nota-se a presença de uma característica holística junto aos trabalhos de Veblen.

Nesse ponto torna-se evidente a influência pragmática contida nos escritos do autor, afinal essa escola filosófica surge com o objetivo de entender os desdobramentos dos fatos através da limitação das especulações visando um pensamento e resultado mais eficientemente possíveis (James [1922] 2009). Desse modo, fugia de aspectos morais que antes eram fortemente atrelados a questões filosóficas e que, por muitas vezes, levavam as reflexões a um nível interminável de complexidade ineficiente. Ou seja, o pragmatismo, assim como o nome já nos delata, surgiu com o objetivo de tornar as discussões filosóficas que antes eram de cunho abstrato, em práticas. Isso se objetivou, principalmente através da noção de que o conhecimento e o pensar são os mecanismos e os instrumentos para se obter as respostas, e não as respostas em si (James [1922] 2009).

É importante que também seja destacado o fato de o pragmatismo clássico ter sido a primeira escola filosófica pós-darwiniana (Webb 2007). Esse fato é fundamental de se atentar tendo em vista o método de análise e pesquisa dessa escola que, como veremos, pautou-se no entendimento dos padrões de comportamento do indivíduo frente ao cenário em que este está inserido. Também é importante observarmos que há grande síncrono entre o pensamento da filosofia pragmática clássica com os estudos incipientes da psicologia, muitas vezes fazendo com que essas perspectivas teóricas atuassem como complementares, como bem destaca Landsman (1957) em *The Philosophy of Veblen's Economics*<sup>42</sup>.

Conforme visto anteriormente em sua passagem biográfica, o primeiro contato de Veblen com o pragmatismo clássico se deu através de seu mestre **Charles Sanders Peirce** na Universidade de John Hopkins<sup>43</sup> (Landsman 1957). Após este primeiro contato, Veblen desenvolveu o trabalho intitulado *Kant's Critique of Judgment* (1884), em que busca associar a construção científica de Kant com a filosofia de Charles Peirce. Com base nesse trabalho é possível notar a identificação da influência de hábitos mentais no comportamento dos indivíduos, baseado na noção de princípio-guia (*guiding principle*) de Peirce (Daugert, 1950

---

<sup>42</sup> Em algumas passagens, Landsman (1957) se refere aos vieses psicológicos como “psicologia pragmática”. Com isso o autor frisa que esta seria uma noção psicologista atrelada fortemente à filosofia pragmática. Contemporaneamente, os escritos pragmatistas a respeito da psicologia apresentam-se em diferentes abordagens psicológicas, como por exemplo, a Psicologia Social e a Psicologia Behaviorista (ou comportamentalista).

<sup>43</sup> Landsman (1957) pontua que Peirce fora o fundador desta escola filosófica e, este nome (pragmatismo) teria sido oriundo do termo “pragmatisch” retirado de *Critique of Pure Reason* de Immanuel Kant. Tal influência teria sido reconhecida pelo próprio Peirce e, provavelmente teria sido uma das influências para o trabalho que Veblen desenvolveria posteriormente na tentativa de convergência entre estes dois autores.

apud Monasterio, 1998). Landsman (1959), apesar de designar à Peirce a introdução de Veblen à filosofia pragmática, pontua que esse não foi o seu principal influenciador. Esse papel Landsman (1959) atribui a outro grande pensador da escola pragmática, **John Dewey** (1859-1952), que fora colega de Veblen durante sua estadia profissional na Universidade de Chicago, e atuou na ampliação e divulgação de importantes noções e ideias relacionadas ao pragmatismo e sua nascente psicologia. Landsman (1959) também pontua a importante contribuição de **William James** (1842-1910) para a construção teórica de Veblen. Segundo o autor, pode ser atribuído a James o papel de maior idealizador e divulgador das noções psicologistas do período, atuando tanto como pragmatista quanto psicologista, buscando desenvolver uma nova teoria psicológica que unia os princípios darwinianos, a filosofia pragmática e as ciências naturais (Landsman 1957).

É importante se comentar que ao atrelar-se à filosofia pragmática com suas noções psicologistas, Veblen pôde cunhar seu propósito evolucionário no âmago de sua teoria. Com base nessa conexão Veblen apropriou-se de noções evolutivas no contexto social e histórico, viabilizando uma nova percepção dos objetos de estudos relacionados à ciência econômica. Afinal, observar aos indivíduos como resultado cumulativo de mudança atentando a fatores psicológicos e antropológicos permitiu não só uma nova construção teórica, mas também um novo caráter epistêmico sobre como se construir uma ciência econômica numa perspectiva industrial (moderna)<sup>44</sup> (Landsman 1957).

Em *The Origins of Thorstein Veblen's Thought* (1979), de William Dugger, também são esboçadas algumas das principais influências que vieram a originar o pensamento de Veblen. Assim como Landsman (1959), Dugger também atribui fundamental importância à Dewey e James. Segundo o autor, uma das principais influências de Dewey em Veblen se dá na percepção de que as ciências sociais deveriam estar livres de verdades absolutas (Dugger 1979). Afinal, através da noção pragmática, as verdades absolutas eram interpretadas como uma criação teleológica manifestada pela vontade de uma entidade superior (divindade antropomórfica). Já a verdade pragmática poderia ser entendida como algo mais mundano, que representaria a vontade dos homens em seu contexto de valores. Tanto Dewey quanto Veblen partilhavam dessa noção, mesmo que em seus interesses primários estivessem

---

<sup>44</sup> Foi também sobre o crivo pragmático-evolucionário que Veblen conseguiu distinguir-se de outras teorias atreladas a noções historicistas, principalmente desviando de tendências positivistas ou então deterministas. Afinal, conforme já observamos anteriormente, o processo evolutivo não permite previsibilidade do futuro, nem mesmo juízo de valor. À frente, quando se analisará a crítica de Veblen à economia de sua época, essa distinção se fará presente novamente, principalmente na crítica ao marxismo e sua dialética baseada em Hegel.

atentando a aspectos teóricos diferentes, sendo que Dewey preocupava-se com políticas sociais enquanto que Veblen focalizava-se em evolução social<sup>45</sup> (Dugger 1979).

Dentre outros aspectos oriundos da influência pragmática-psicologista em Veblen, fica evidente o entendimento de que os indivíduos são agentes ativos em relação às condições que os rodeiam (Camic e Hodgson 2011). Essa perspectiva rompe com uma das grandes tradições do pensamento econômico baseada na noção de “prazer” ou “dor” da filosofia utilitarista. Através do reconhecimento das diferentes influências existentes entre indivíduo e meio, torna-se possível a observação e o entendimento de importantes relações causais. Tal reconhecimento evidencia o caráter pós-darwiniano da filosofia pragmática, bem como sua conexão com aspectos de ordem psicológica. E, é exatamente nesse ponto que surge a complementariedade com os escritos psicologistas, principalmente de John Dewey e William James, na teoria vebleniana. Afinal, Veblen baseia-se nesses autores quando busca entender aos hábitos de pensamentos dos indivíduos, bem como seus instintos e sua capacidade de organização social através das instituições socioeconômicas (Veblen [1914] 2018). Essa influência está diretamente relacionada aos interesses de Veblen em fazer convergir áreas do conhecimento que são complementares para se entender o comportamento humano e as relações sociais. Tal objetivo também se faz presente na filosofia pragmática, o que lhe confere papel de destaque no desenvolvimento da psicologia.

Desse modo, parece de fundamental importância que atentemos de maneira direcional para as contribuições de cada um desses autores que aparecem como fundamentais influenciadores no pensamento de Veblen, para que na sequência possamos melhor entender como atuaram essas influências na teoria vebleniana. Nos próximos subitens buscaremos observar às contribuições de Charles Peirce, John Dewey e William James<sup>46</sup>.

---

<sup>45</sup> A crítica de Veblen aos “absolutos” nas ciências sociais pode ser melhor compreendida em sua crítica aos escritos de Schmoller. Tais críticas são melhor trabalhadas no item 3.1.

<sup>46</sup> Cabe destaque ao fato de que não se limitam a esses pensadores as influências de Veblen, porém são os nomes normalmente atrelados ao autor quando busca-se entender sua veia pragmática-psicologista. Essa afirmação baseia-se em obras como: Almeida (2015a; 2015b), Griffin (1998), Dyer (1986), Camic & Hodgson (2011), Dugger (1979), Hamilton (1970), entre outros. Um exemplo de outras influências em Veblen seria o psicologista William McDougall (Twomey 1998).

### 2.2.2.1. Charles Sanders Peirce: as crenças, as dúvidas e a habituação<sup>47</sup>

Tanto Veblen quanto Dewey assistiram ao seminário intitulado “*Elementary Logic*”, ministrado por Charles Peirce durante o outono de 1881, na Universidade de John Hopkins (Griffin 1998). Na ementa deste, pode ser facilmente observada uma associação aos interesses expressos por Veblen em seus escritos, apresentando tópicos como: a teoria da cognição, o método da ciência, silogismo, lógica dos parentes, concepção de números, indução e raciocínio científico, ilustrações da história da ciência, teoria científica da constituição da matéria, e questões filosóficas relacionadas à concepção da causação (Griffin 1998)<sup>48</sup>. Sendo que o “inquerito científico” era recorrentemente do interesse de Peirce e usado como pano de fundo para este seminário. Desse modo, nota-se que Peirce contribuiu com a construção teórica de Veblen principalmente através da percepção da lógica científica através da construção de inferências. Porém, Almeida (2015b) salienta que nem Dewey e nem Veblen compartilhavam da abordagem metodológica que Peirce apresentava. Sendo a influência desse pensador em seus célebres alunos ocorreu no pensar científico e filosófico de um modo mais genérico.

Essa diferenciação de perspectiva pode ser entendida como uma distinção fundamental nos objetivos teóricos desses autores, pois como Almeida (2015b) bem comenta, em Peirce observa-se majoritariamente o objetivo de entendimento do processo de evolução científica através da ótica da filosofia pragmática, enquanto que por Dewey e Veblen (assim como por James), a ótica pragmática estava voltada a entender o processo de tomada de decisão<sup>49</sup>. Ou,

---

<sup>47</sup> Esse item, apesar de sucinto, tem o objetivo de apresentar algumas das contribuições de Peirce que, provavelmente, foram de grande auxílio na construção teórica de Veblen. Essa passagem consiste em uma possibilidade e não em uma afirmação, pois conforme consensual em boa parte dos estudiosos de Veblen, poucas referências são encontradas nos escritos do institucionalista. Sua característica de escrita dificulta a identificação de suas referências e influências, porém, não raro, essas são identificadas através de estudos biográficos do autor. Exatamente esse é o caso de Charles S. Peirce.

<sup>48</sup> Os tópicos da ementa da disciplina foram apresentados por Griffin (1998) através de uma circular da Universidade de John Hopkins, conforme destacado pelo seguinte trecho:

*A Johns Hopkins University circular composed by Peirce for fall 1882, the year after Veblen took the course, lists the topics to be covered in "Elementary Logic" as follows: theory of cognition, the method of science, syllogism, logic of relatives, conception of number, induction and scientific reasoning, illustrations from the his- tory of science, scientific theories of the constitution of matter, and, finally, philosophical questions such as the conception of causation. (Griffin, 1998, p.733).*

<sup>49</sup> Apesar de focar majoritariamente em questões de metodologia científica e evolução científica, cabe o destaque de que Peirce também fizera importantes contribuições ao pensar filosófico na análise da tomada de decisão e do comportamento dos indivíduos, conforme veremos mais adiante ainda neste item. Ou seja, quando destaca-se essa característica nos trabalhos de Peirce, não objetiva-se dar a entender a exclusão de outras temáticas de trabalho, somente melhor situar o autor em suas contribuições.

pelas palavras de Almeida (2015b, p.3) sobre essa diferenciação: “[...] Peirce relied on a ‘scientific pragmatism’ and Dewey and James – as well as Veblen – relied on ‘pragmatism of human beings’ or ‘social pragmatism’”.

Tal caracterização explica em boa medida o fato de Veblen ter se debruçado muito mais sobre os escritos de Dewey e James, mesmo que sua fonte primária ao pragmatismo tenha sido Peirce. Porém, não se deve mal interpretar essa colocação, imaginando total ausência das influências de Peirce nos escritos de Veblen (Liebhafsky 1993). Afinal, foi pautado nos ensinamentos de Peirce que Veblen aderiu fortemente à noção de processo evolucionário na lógica científica (Almeida 2015b). Sobre a ausência de menções das influências de Peirce nos escritos do institucionalista, Dyer (1986) e Liebhafsky (1993) pontuam que é possível observar importantes convergências entre ambos os autores, como por exemplo, a noção de existência de uma “curiosidade vã” nos indivíduos, representada pelo conceito de *musement* em Peirce e *idle curiosity* em Veblen, e também a adesão de uma abordagem metodológica abdutiva<sup>50</sup> na construção científica de ambos os autores.

Para que se possa entender a característica abdutiva da teoria de Peirce, deve-se, primeiramente, salientar que para o autor o conhecimento apresenta-se como resultado da capacidade cognitiva dos indivíduos, por isso esse importante elemento psicológico deve ser levado em consideração quando tenta se entender o processo de desenvolvimento científico através das inferências. Afinal, o processo de inferência de um indivíduo seria o resultado das percepções recebidas por este ao longo de sua vivência (Dyer 1986). Entender esse fator é fundamental para se vislumbrar a teoria de Peirce sobre o método científico, principalmente no que se refere à construção de hipóteses. Exatamente nesse ponto, outra grande convergência entre Peirce e Veblen emerge, afinal, ambos os autores viam como fundamental a construção precisa de hipóteses e inferências científicas no processo de desenvolvimento da ciência (Dyer 1986).

Atentando especificamente às contribuições teóricas de Peirce que podem ser entendidas como influências em Veblen, podemos observar o apreço do pragmatista pelos assuntos de lógica e, como já comentado, inferência científica (Liebhafsky 1993). Nesses campos, Peirce estabelece importantes noções e conceitos que vêm a permear a toda sua teoria. Dentre os quais, as crenças (*beliefs*), dúvidas (*doubts*) e construção de hábitos

---

<sup>50</sup> A abdução é um método de inferência que apresenta certa probabilidade de conclusão, mas não necessariamente a sua verdade. Desse modo, a abdução é a inferência a favor da melhor explicação em relação a outras; uma possibilidade plausível, aceitável e provável (Branquinho 2006).

mostram-se como fundamentais, principalmente ao se atentar ao processo de tomada de decisão e o comportamento dos indivíduos. Sobre tal, Peirce mostra que os indivíduos que estão imersos em um mesmo ambiente na tomada de decisão, conseguem desempenhar um processo de associação entre suas crenças e dúvidas em relação ao comportamento alheio (Peirce [1877] 2006). Tanto as crenças quanto as dúvidas correspondem a aquilo que esse indivíduo tem internalizado em sua forma de pensar, tendo como foco seus objetivos. Desse modo, segundo Peirce ([1877] 2006), existem diferentes possibilidades de se aprender um comportamento, de acordo com diferentes crenças e dúvidas em relação a aquilo que está sendo observado.

A crença pode ser melhor entendida se observada em forma de convicção do indivíduo em atingir um resultado satisfatório em determinada ação/deliberação. Quando Almeida (2015b), por exemplo, comenta, especificamente, o processo de tomada de decisão de consumo conspícuo<sup>51</sup> baseado no sistema de crenças e dúvidas de Peirce, pode-se observar uma explicação bastante clara a respeito do desencadeamento dessa deliberação. Segundo Almeida (2015b) através da observação do comportamento alheio em adquirir/consumir determinado bem, o indivíduo pode ser levado a compreender aquela atitude como apropriada ou não para ser adotada em ordem de se ver livre do impulso para o consumo (gerando uma relação de satisfação entre o consumo do bem e o impulso de consumir). Desse modo, frente a essa observação, a crença pode ser observada como a convicção de que aquele comportamento traria satisfação para o indivíduo frente ao consumo daquele bem especificamente<sup>52</sup>.

A dúvida pode ser entendida através do mesmo processo, porém, ao invés do indivíduo estar convicto de um resultado positivo, o mesmo estabelece uma relação de dúvida sobre o resultado dessa ação/deliberação. Desse modo, a dúvida age como uma descrença, ou então, como algo que desqualifica determinada ação/deliberação como a mais adequada para aquela situação em específico. Ou seja, as dúvidas ocorrem frente a não identificação do indivíduo com determinado modelo de comportamento (Peirce [1877] 2006).

Diferentes emoções são experimentadas nesses dois critérios de deliberação. No caso da crença, quando o indivíduo estabelece uma causalção positiva entre a ação e o resultado, o

---

<sup>51</sup> O conceito de consumo conspícuo será melhor trabalhado na seção 4.1 quando trabalharmos esta e outras importantes noções relacionadas a teoria da classe ociosa.

<sup>52</sup> Sob esta perspectiva nota-se a característica da busca pelo pertencimento. Afinal, para que o indivíduo consiga encontrar as crenças e as dúvidas em relação à sua tomada de decisão, a observação alheia aparece como atributo fundamental. Sendo assim, conforme Veblen mostrará em *The Theory of the Leisure Class*, as propensões comportamentais dos indivíduos apresentam um caráter emulativo em relação à seu meio.

sentimento será de satisfação. No caso da dúvida, quando o indivíduo não for capaz de gerar a associação positiva em relação a ação e o resultado, o sentimento será de frustração e irritabilidade. Peirce (1877) explica que essa relação está associada ao fato de que as crenças auxiliam no direcionamento dos desejos e na formatação do comportamento do indivíduo, enquanto que a dúvida pauta-se na ignorância (desconhecimento) sobre como canalizar os desejos e o comportamento.

Peirce (1877) argumenta que a irritação proveniente da dúvida é uma das principais motivadoras da busca por crenças. Tais crenças podem não só serem adquiridas através da observação das deliberações alheias, como também podem ser revisadas, realocadas e reforçadas de acordo com as novas experiências desse indivíduo. O aspecto de revisão e realocação está diretamente associado à capacidade de questionamento dessa crença em todo momento que o indivíduo a coloca a prova. Caso uma crença deixe de estabelecer uma relação de satisfação, ela pode ser revisada ou abandonada e substituída por outra crença com maior conveniência. Já a característica de reforço ocorre frente a um longo período de utilização dessa crença frente a também um longo período de satisfação atrelado a ela (Peirce [1877] 2006).

Peirce ([1877] 2006) salienta ainda a existência de diferentes métodos para fixação de crenças. Tais métodos apresentam características ligeiramente diferentes, porém o objetivo almejado é sempre o mesmo: evitar a irritabilidade e o desconforto das dúvidas aderindo (ou reforçando) a crenças. Através de Peirce ([1877] 2006) e com o auxílio de Griffin (1998), podemos entender os diferentes métodos de fixação de crenças da seguinte maneira: o “*método da tenacidade*” diz respeito a aquelas crenças que estão associadas a um elevado nível de obviedade, sendo muitas vezes resultado de um processo de doutrina em relação a determinado assunto, desmotivando o indivíduo a questioná-la, simplesmente aceitando-a como verdadeira. O “*método da autoridade*”, assim como o nome já nos delata, está relacionado às crenças que são aderidas devido ao caráter de autoridade do seu divulgador, sendo normalmente associada a agentes políticos ou teológicos. O “*método a priori*” resulta da dúvida oriunda da impossibilidade de qualquer método em guiar todos os comportamentos em todas as situações o tempo todo. Visando evitar esta dúvida, os indivíduos reorganizam suas crenças de acordo com aquilo que seria harmônico entre os próprios indivíduos e suas razões, e também harmônicas para com aquilo que Peirce chamou de “*causas naturais*”. Por último, mas não menos importante, através da “*indução e o método científico*”, Peirce defende que nossas ideias e crenças deveriam estar atreladas a funcionalidade que, por sua

vez, seria resultado do nosso processo de julgamento observacional através da inferência indutiva.

Também cabe o comentário de que uma crença que é repetidamente reforçada tende a ser compartilhada socialmente um maior número de vezes devido ao caráter observacional dos indivíduos. Desse modo, esse reforço de crença se torna também uma disseminação de comportamento no ponto de vista social. Exatamente nessa característica que reside o caráter habitual da teoria de Peirce. Afinal, segundo Peirce ([1877] 2006; [1878] 2006) a crença atua como a natureza dos hábitos, assim como os hábitos caracterizam a essência da crença. Desse modo, Peirce (1877) argumenta que a habituação de uma crença atua como um princípio guia (*guiding principle*) do comportamento dos indivíduos, através da repetição da crença frente ao mesmo cenário ou cenário similar (Almeida, 2015b; Peirce [1877] 2006).

A noção de comunidade mostra-se fundamental para que se entenda o sistema de crenças e dúvidas. Segundo Peirce ([1877] 2006), a habituação de crenças está diretamente relacionada com o sentimento de pertencimento do indivíduo com determinado grupo, visando sentir-se acolhido em sua vivência. Desse modo, visando pertencimento do grupo, nota-se que critérios de comportamento devem ser atingidos, pois somente assim o indivíduo será acolhido pelo grupo. É através dessa percepção de pertencimento que ocorre o compartilhamento dos hábitos e a difusão de crenças, fazendo com que sejam – numa noção vebleniana – institucionalizados os comportamentos dos indivíduos em sociedade (Liebhafsky 1993).

Com base no sistema de crenças e dúvidas de Peirce é possível observar a importância atribuída ao autor nas inferências abduativas. Afinal, o caráter observacional dos indivíduos em relação ao seu grupo são de fundamental importância em sua tomada de decisão individual, pautado naquilo que este indivíduo acredita (tem convicção). Essa característica também poderá ser vislumbrada numa ótica vebleniana quando formos analisar aos hábitos de pensamento e comportamento que Veblen apresentou em sua teoria.

#### 2.2.2.2. *John Dewey: hábitos, aprendizado e comportamento*

Vários autores convergem para o papel de destaque da influência de Dewey na teoria de Veblen, principalmente no que se refere ao conceito de hábitos e a perspectiva evolucionária (Dugger, 1979; Hamilton, 1970; Landsman, 1957; Almeida, 2015a; 2015b). Conforme já destacado anteriormente, tal influência apresenta-se como resultado de uma

aproximação de interesses (Landsman 1957). Neste ponto o leitor pode ser levado a dedicar parte desta convergência de interesses ao fato dos autores terem coexistido em mesmo ambiente em duas ocasiões distintas, tanto em suas formações, na Universidade John Hopkins, quanto em suas atuações profissionais, na Universidade de Chicago. Porém, Tilman (1998) salienta que os autores nunca foram amigos próximos, e nunca se encontraram pessoalmente, mesmo tendo convivido com certa proximidade nestas duas oportunidades e tendo sido usuários das ideias e teorias um do outro.

Segundo Tilman (1998, p.145), “*John Dewey [...] is easily the most influential philosopher America has produced and Thorstein Veblen [...] is arguably the most influential American heterodox economist*”. Na sequência destes reconhecimentos o autor aponta a presença de influências muito fortes de Dewey nos escritos do institucionalista, porém – conforme já destacado também aqui nesta dissertação – Tilman comenta que a forma de escrita e a ausência de referências nos trabalhos de Veblen fazem com que seja bastante difícil a identificação precisa destas influências. Sobre essa questão, o autor atenta, então, ao fato de Dewey ter também se utilizado fortemente das ideias de Veblen, todavia com o uso mais fiel de menções e citações. Segundo Tilman (1998), através desta curiosa solução, parte das convergências de ideias entre os autores podem ser melhor identificadas e entendidas.

Fica evidente através de Tilman (1998) o radicalismo presente nas ideias de ambos os autores, principalmente em questões relacionadas à oposição ao *status quo*. Segundo Dewey ([1934] 1981) o *status* pode ser visto como o resultado de um histórico de admiração imposta por conceitos institucionalizados. Na perspectiva do filósofo, nestes conceitos nota-se o importante papel atribuído ao consumo de bens e a construção de classificações sociais entre grupos específicos da sociedade, como por exemplo, a distinção entre ricos e pobres (Almeida 2015b). Ainda mais do que isto, é possível identificar a convergência dos autores em assuntos ainda mais específicos relacionados, por exemplo, à igualdade de gênero, quando Dewey utiliza-se de passagens de *The Theory of The Leisure Class* e *The Theory of The Business Enterprise* para fundamentar seu argumento em prol de ideias feministas (Tilman 1998). O autor também salienta que não deve ser subestimado o entendimento de Dewey sobre a ciência econômica. Afinal, assim como Veblen, Dewey também mostrou-se um “devorador” ávido de todos os tipos de leituras das mais diversas áreas do conhecimento, em especial, social e humano.

Foi através de Veblen que Dewey fez a diferenciação entre a “economia pecuniária” e a “economia industrial”, entendendo o papel e as funções de cada um delas. Sobre a segunda, especificamente, Dewey argumenta que o desenvolvimento industrial moderno poderia ser

visto como um fruto do desenvolvimento de importantes aspectos de cunho científico e tecnológico. E, somente através do reconhecimento e fomento desses importantes fatores que poder-se-ia vislumbrar a continuidade do progresso humano e econômico. Desse modo, Dewey, assim como Veblen, dedicava papel importante aos feitos industriais, científicos e tecnológicos para as realizações da sociedade moderna (Tilman 1998). Ainda segundo Tilman (1998), foi exatamente essa noção de progresso associada ao caráter tecnológico e científico que fez com que Dewey atentasse à importância da educação no desenvolvimento socioeconômico, tornando-o um dos maiores críticos do sistema educacional norte-americano da época. E em mesmo sentido, despertou o interesse do autor para assuntos relacionados ao processo de aprendizagem.

Tendo como temática principal a análise do comportamento e do processo de tomada de decisão, Dewey estabeleceu papel fundamental aos hábitos. Afinal, segundo o autor, todo comportamento seria o resultado de um processo de aprendizado entre os indivíduos e o seu ambiente. Desse modo, haveriam disposições comportamentais que são aprendidas pelos indivíduos, e que por eles podem ser exercidas frente a cenários específicos. Quando constata-se a ausência dessa disposição prévia para algum cenário, o indivíduo então fará uso da observação do comportamento alheio visando encontrar o modelo de comportamento adequado para aquele cenário em específico (Dewey [1939] 1981).

Com base na noção de habituação de Dewey, fica evidente a característica de aquisição dos comportamentos. Afinal, essa aquisição ocorre frente ao processo de aprendizagem oriundo do convívio entre os indivíduos. Sobre tal, Dewey ([1939] 1981) destaca que o ser humano não é uma criatura de instintos ou razão, mas sim de hábitos. Sendo que, segundo Dewey, no limite de sua definição, os hábitos podem ser vislumbrados através da tendência de repetição de comportamentos aprendidos frente a cenários e estímulos específicos<sup>53</sup>.

Dewey, então, estabelece como fundamental ao caráter observacional dos indivíduos, explicitando, principalmente, o papel da experiência neste processo de aprendizagem relacionado à habituação (Dewey [1934] 1981). Ao apresentar as experiências, Dewey esclarece o processo de aprendizado como uma relação entre memória e emoções, sendo que através desses fatores, os indivíduos são levados a associações e memorizações. Tendo sido exposto a uma experiência, o indivíduo fará dela uma referência de aprendizado recorrendo

---

<sup>53</sup> Conforme veremos adiante ainda neste capítulo, na seção 2.1.3.2, os hábitos para Veblen apresentam uma característica bastante semelhante à definição de Dewey, mais uma vez evidenciando a importância desse autor na construção teórica do institucionalista.

aos estímulos e sentimentos gerados por esta, sempre que necessário. Sendo assim, segundo Dewey ([1934] 1981) inicia-se um processo de criação de padrões: “[t]he outline of the common patten is set by the fact that every experience is the result of interaction between a live creature and some aspect of the world in which he lives” (Dewey [1934] 1981, 562).

Dewey ainda comenta o caráter de fixação e maturação relacionado a essas experiências, salientando que ao ser exposto a uma experiência e tornando-se adepto da mesma em sentimento, memória e consciência, esta apresentará uma característica de permanência em forma de aprendizado. Isso ocorre, pois como Dewey bem comenta, todas as experiências integrais apresentam uma conclusão ao final; uma ideia, uma lição. Desse modo, para que possa ser substituída ou readequada o indivíduo passará por um processo de reconstrução que, segundo Dewey ([1934] 1981, p. 560) “[...] may be painful”. Sendo assim, a experiência, munida de seu caráter habitual, se fará enraizada nos indivíduos que a viveram, tornando não trivial o seu processo de alteração e/ou exclusão.

Neste ponto começa a ficar evidente o caráter psicologista relacionado à filosofia pragmática, principalmente no que se refere ao método. Assim como fica evidente na análise de habituações de Dewey, o caráter psicológico que guia os indivíduos apresenta-se como fundamental no modo de se pensar o comportamento social. Foi neste ponto e com essa inquietação em mente que Dewey defendia a psicologia como um método filosófico (Dewey [1886] 1981)<sup>54</sup>. Com base nesta inquietação, Dewey expressou uma das frases mais célebres sobre o seu posicionamento a respeito das nuances entre os estudos da filosofia e da psicologia: “[...] what else can philosophy in its fullness be but psychology, and psychology but philosophy?” (Dewey [1886] 1981, 127)<sup>55</sup>.

Sobre este ponto, Koschmann (2000) destaca o papel crítico de Dewey ao argumentar que o processo de aprendizagem dos indivíduos mostrava-se muito mais complexo do que como defendido por teorias psicologistas que reduziam esse processo à um “estímulo resposta”. Segundo Dewey (1896) o processo cognitivo seria muito mais complexo do que aqueles representados por modelos mecanicistas e reducionistas<sup>56</sup>. Concomitantemente, ao

---

<sup>54</sup> Aqui salienta-se o importante papel de influência de Dewey em Veblen, pois contrariamente aos trabalhos neoclássicos que designavam uma perspectiva psicológica subjetiva, no caso de Veblen – através de sua inspiração pragmática – nota-se a busca por uma base conceitual e uma ciência mais robusta do ponto de vista teórico.

<sup>55</sup> Acredito que essa passagem evidencie da melhor maneira o caráter verdadeiramente pragmático empregado por Dewey na sua visão acerca da filosofia. Afinal, observa-se através deste comentário que Dewey fazia uma leitura bastante instrumental e aplicada a respeito do pensamento filosófico.

<sup>56</sup> Esta crítica de Dewey estava diretamente relacionada ao papel que vinha se dando aos chamados “Reflex Arc” nos escritos psicologistas contemporâneos ao seu tempo.

debruçar-se sobre estudos da ciência econômica, Dewey também deixava clara sua insatisfação com os modelos simplistas de bases utilitaristas que visavam desenhar o comportamento humano em uma lógica binária de “utilidade” ou “desutilidade” (Tilman 1998). Em síncrono a sua crítica, Dewey apresentava seu conceito de “psicologia social” que mostraria como fundamental a relação dos indivíduos e sua socialização através dos hábitos. Desse modo, Dewey estabelece importante relação entre comportamento humano e hábitos, sendo que para o autor, os hábitos atuariam como funções comportamentais<sup>57</sup> (Koschmann 2000). Em sentido semelhante, destaca-se também o papel crítico desempenhado por Dewey em relação à escola sociológica francesa, especificamente dos escritos de Durkheim (1858-1917)<sup>58</sup>. Pois, segundo Dewey (apud Koschmann, 2000), trata-se de um equívoco conceder a totalidade dos créditos do comportamento humano à realidade material em que o mesmo está inserido. Afinal, há no indivíduo a capacidade de interferência neste processo, em forma de uma relação de força inversa que, por óbvio possui menos intensidade, porém apresenta-se existente (Koschmann 2000). Esta última passagem também evidencia um caráter holístico nas ideias e teorias de Dewey.

Neste ponto, então, é válido lembrarmos que Dewey não estabelece uma relação determinística no aspecto habitual dos indivíduos, cabendo a estes, o discernimento através de suas capacidades cognitivas e atributos de inteligência, principalmente através das margens das consequências e das responsabilidades por eles julgadas como morais (Koschmann 2000). Desse modo, a conduta humana é primariamente habitual, mas não é refém desta característica. Sobre os diferentes aprofundamentos habituais, Dewey destaca a relação direta entre a eficiência de determinado hábito lidar com cenários hodiernos e a sua profundidade no comportamento humano, ou pelas palavras de Dewey (apud Koschmann, 2000, p.317): “*The more suavely efficient a habit the more unconsciously it operates*”.

Ainda sobre o caráter de habituação na perspectiva de Dewey, pode-se observar outras características bastante relevantes, dentre elas, Almeida (2015b) destaca o papel dos hábitos na tomada de decisão, gerenciando e direcionando elementos inerentes ao consumidor, entre o indivíduo e o seu ambiente. Essa passagem evidencia-se em Dewey ([1939] 1981; [1934] 1981) quando o autor afirma que os hábitos são destrinchados através das interações entre os

---

<sup>57</sup> Koschmann (2000) argumenta que como função comportamental, Dewey fazia referência à uma noção biológica e matemática do conceito, em que haveriam diferentes combinações de diferentes fatores que gerariam um resultado diferente a cada recombinação.

<sup>58</sup> Importante sociólogo francês, conhecido por ser fundador da disciplina acadêmica da sociologia juntamente com Karl Marx e Max Weber. Apresentou papel fundamental como arquiteto da ciência social moderna.

elementos dados pelo tomador de decisão, através de uma ótica viesada pelas tradições do mundo externo (ambiente). Sendo assim, pela perspectiva de Dewey, Segundo Almeida (2015b, p.12): “[h]abits are the influence of past knowledge on current knowledge in such a manner that the past conditions but does not determine present decision making”.

Finalmente, Dewey ([1939] 1981), assim como Peirce (1877), também salienta que o caráter habitual dos indivíduos está fortemente associado a sua necessidade de pertencimento e acolhimento com o grupo social de identificação. Visando o pertencimento e o preenchimento social o indivíduo é levado, via experiência, à aceitação e prática dos hábitos institucionalizados por aquele grupo. No caso da sociedade capitalista desenhada por Veblen n’A *Teoria da Classe Ociosa*, por exemplo, observa-se essa noção através do indivíduo que é levado a uma emulação pecuniária movida pela manutenção do *status quo* e a soberania das classes mais abastadas, dado que, vis-à-vis experiências anteriores, essas características representavam o sucesso social.

#### 2.2.2.3. *William James: os princípios da psicologia*

Dentre uma série de palestras ministradas entre novembro de 1906 e janeiro de 1907, em Boston e Nova Iorque, William James dedicou uma delas a melhor expressar suas considerações sobre o que seria o pragmatismo<sup>59</sup>. Com o sugestivo título “*What Pragmatism Means*”<sup>60</sup>, de maneira bastante didática James estabeleceu ponderações em relação à função da filosofia pragmática e seu caráter psicologista (James [1922] 2009). Segundo James ([1922] 2009), a filosofia pragmática, através de seu método, objetiva liquidar as intermináveis disputas metafísicas através da interpretação dos fatos e seus desdobramentos práticos. Para tal, James argumenta a necessidade de um olhar processual sobre esta perspectiva filosófica, afinal, foge-se de preconceções teleológicas geradoras de verdades absolutas, atentando-se a ambiente e contexto, ontologicamente falando, como selecionadores relativistas da verdade (James [1922] 2009).

James, então, cede ao pragmatismo o papel fundamental de solução às limitações metodológicas relacionadas às preconceções racionalistas que, segundo o autor, seriam geradoras de resultados demasiadamente abstratos, sendo, nos melhores dos cenários,

---

<sup>59</sup> No prefácio na obra *Pragmatism* ([1922] 2009), William James destaca sua insatisfação com o nome “pragmatismo”, porém o considera irreversível, considerando a gigantesca dimensão que já havia atingido a terminologia quando buscava-se referenciar às contribuições dessa “escola” filosófica.

<sup>60</sup> Esta é segunda palestra (*lecture*) da compilação de James ([1922] 2009).

aproximações da realidade (James [1922] 2009). Sobre isso, o autor aponta o atrelamento da filosofia pragmática com a realidade empírica e observável, apresentando riqueza de possibilidades de interpretações com base nas verdades relativas (pragmáticas), livres de axiomas e pressuposições reducionistas (James [1922] 2009). Desse modo, pela perspectiva de James, existe grande crítica atrelada ao pragmatismo no que se refere às noções racionalistas. Assim, James ([1922] 2009, p. 29) argumenta que: “*such then be the scope of pragmatism – first, a method; and second, a generic theory of what is meant by truth*”.

Além de desempenhar grande papel na apresentação metodológica do pragmatismo, observa-se também que diferentes autores parecem convergir com a fundamental importância que William James desempenhou como formalizador e divulgador de estudos psicológicos em sua época (Landsman, 1957; Dugger, 1979; Edgell & Tilman, 1989). Como pragmatista, seu papel fundamental foi de desenvolver uma teoria psicológica-filosófica convergente com concepções naturalistas – especificamente evolucionárias – em relação ao indivíduo e o seu meio, atentando ao processo de formação do raciocínio humano através de aspectos habituais pautados pela biologia darwiniana (Landsman 1957).

William James, the pioneer, sought to build a new psychology on the basis of Darwinism: a psychology as a natural science. In consequence, he emphasized the biological nature of consciousness, the biological basis of habit, the biological bases of conception, and so on (Landsman, 1957, p.337).

Esta abordagem psicologista em James pode ser melhor entendida através de uma de suas principais obras: *The Principles of Psychology*, originalmente publicada em 1890. Lá James apresenta um estudo da mente humana pautado em uma psicologia que trabalha os pensamento e sentimentos como fatos científicos a serem melhor abordados e entendidos, apresentando importantes elementos, como por exemplo, método de análise do comportamento, consciência, associação, memória, hábitos, dentre outros (James [1890] 2007)<sup>61</sup>.

Com base na referida obra, é possível notar que, assim como Peirce e Dewey, James também atribui o comportamento humano à aspectos da socialização dos indivíduos, observando-os e analisando-os como fruto de seu meio, e extrenalizadores de aprendizados socialmente compartilhados (James [1890] 2007). Também assim como os demais pragmatistas anteriormente observados, James destaca a importância dos hábitos na tomada

---

<sup>61</sup> Cabe destacar que devido ao período de publicação da obra, esta seria uma das mais incipientes contribuições ao pensamento e a teorização da psicologia.

de decisão e no comportamento. Segundo James, grande parte das deliberações e ações desempenhadas pelos indivíduos seriam resultado de um comportamento previamente aprendido e incorporado. Tal aprendizado habitual não só corrobora com a socialização e aceitação do indivíduo em seu grupo social, como também o auxilia nas mais diversas ações e deliberações hodiernas, afinal, “*habits diminishes the conscious attention with which our acts are performed*” (James [1890] 2007, 114).

Observa-se que James apresenta papel significativo na noção de impulsos e instintos na teoria de Veblen. Porém, nota-se que o autor não partilhava integralmente da definição de instintos veblenianos<sup>62</sup>, conforme bem destaca Almeida (2015b). Segundo James ([1890] 2007) os instintos seriam uma ação que se desencadearia de determinada maneira e visaria determinado fim, sem que houvesse nenhum tipo de “comportamento aprendido” (educação) durante esse processo. Essa distinção é importante, pois, segundo James ([1890] 2007) os hábitos e os instintos apresentam conceitos que são essencialmente diferentes, e também desempenham funções consideravelmente diferentes. James ainda destaca ao caráter instintivo dos seres humanos como um processo de motivação, e aponta que, assim como em qualquer outra criatura animal, nossos instintos seriam cegos em seus objetivos (James [1890] 2007).

Conforme já comentado, James apresenta aos hábitos como comportamentos aprendidos através de uma educação social. Esses hábitos são responsáveis, segundo o autor, por conduzir grande parte da vida dos indivíduos. O caráter não determinístico das habituações na vida dos seres humanos também é destacado por James, de maneira muito semelhante à comentada por Dewey. Segundo James, os hábitos aprendidos por um indivíduo podem ser alterados e reajustados devido ao caráter de “plasticidade” da mente humana em se adaptar a um diferente cenário. Obviamente, o estado habitual tido como tradicional pelo indivíduo, tende a se manter inalterado em um primeiro momento, devido a forte incorporação daquela forma de pensar e agir, afinal, todo comportamento frequentemente repetido tende a ser preservado (James [1890] 2007). Porém, a plasticidade garante que, mesmo com dificuldade, o indivíduo seja apto a alterar tais habituações.

Nesse ponto, podemos observar o objetivo biológico por trás das considerações de James. Afinal, quando o autor estabelece um papel de importância à plasticidade dos indivíduos, é justamente sobre uma perspectiva orgânica que essa afirmativa se baseia. Pelas palavras do próprio James ([1890] 2007, p.105): “[o]rganic matter, especially nervous tissue, seems endowed with a very extraordinary degree of plasticity of this sort”. E, baseado nesta

---

<sup>62</sup> Este importante elemento da teoria vebleniana será melhor trabalhado ainda neste capítulo, na seção 2.1.3.1.

noção da biologia neurológica, James nos apresenta uma de suas proposições sobre o comportamento habitual: “[...] *the phenomena of habit in living beings are due to the plasticity of the organic materials of which their bodies are composed*” ([1890] 2007, p.105). Ou seja, os indivíduos respondem ao meio que estão inseridos através de ajustamentos habituais que lhes garante aptidão à existência social.

Uma noção importante de se observar quando estuda-se as habituações em James, é atentar ao fato que, assim como em Dewey, as experiências são importantes para se aderir a comportamentos. Porém, James ([1890] 2007) estabelece uma diferença entre o aprendizado via uma experiência pura, e o aprendizado via uma experiência de terceiros. E, justamente para estabelecer essa diferença, James trabalha com o conceito de apropriação. Almeida (2015b) nos auxilia explicando que a apropriação ocorre através da observação do comportamento alheio frente a determinado cenário, como se fosse um processo de aderência comportamental. Não necessariamente o indivíduo estabelece uma relação de experiência com a motivação daquele comportamento, mas sim pauta-se na experiência de terceiros sobre aquele cenário, repetindo um comportamento originário de uma experiência pura de outrem.

Desse modo, pode-se observar uma certa convergência e complementariedade em relação as contribuições de Peirce, Dewey e James. Afinal, como vimos acima, a generalização de uma crença em uma sociedade culmina em uma disseminação social de hábitos, quando não através experiência, através apropriação.

Fica evidente como a característica psicologista relacionada a filosofia pragmática clássica está diretamente atrelada a uma noção habitual do comportamento humano. Grandes convergências podem ser observadas entre os pragmatistas aqui abordados, principalmente quando visa se identificar e entender as suas respectivas influências na teoria de Thorstein Veblen. Conforme veremos na próxima seção, Veblen levou para sua construção teórica os importantes conceitos de instintos, hábitos e instituições. Com base nesses fundamentais conceitos o autor pode, de maneira consistente com sua proposta evolucionária, construir uma teoria convergente com os rápidos processos de mudanças oriundos da sociedade capitalista moderna.

#### Quadro 2 – Resumo dos Elementos Pragmáticos-Psicológicos

PENSADOR	ELEMENTOS
Charles Sanders Peirce	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O comportamento é originário de crenças e dúvidas.               <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Crenças desencadeiam satisfação pelo conhecimento acerca do direcionamento das ações.</li> </ul> </li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Dúvidas desencadeiam irritação pelo desconhecimento acerca do direcionamento das ações.</li> <li>• Visando evitar as frustrações relacionadas à irritação os indivíduos buscam as crenças.</li> <li>• As crenças são socialmente compartilhadas quando associadas a êxito.</li> </ul>
<b>John Dewey</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O indivíduo é fruto de um processo de aprendizado.</li> <li>• Os comportamentos são reflexos de habituações aprendidas socialmente. <ul style="list-style-type: none"> <li>○ O ambiente é um importante selecionador de hábitos.</li> </ul> </li> <li>• Via a psicologia como fundamental no entendimento filosófico do indivíduo. <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Há uma ligação entre emoções, experiência e comportamento.</li> </ul> </li> <li>• Os hábitos são condicionadores fundamentais do comportamento humano, mas não o explicam em totalidade.</li> </ul>
<b>William James</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Maior divulgador da incipiente psicologia.</li> <li>• Os hábitos têm o papel de diminuir as deliberações do dia-a-dia.</li> <li>• A matéria orgânica neurológica possibilita alterações cognitivas via habituações. <ul style="list-style-type: none"> <li>○ O indivíduo possui a capacidade orgânica de adaptação cognitiva aos diferentes ambientes.</li> </ul> </li> <li>• Os hábitos são provenientes de experiências puras e apropriação. <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Experiência pura é uma experiência vivida pelo próprio indivíduo.</li> <li>○ Apropriação é uma experiência obtida através da identificação da experiência pura de terceiros.</li> </ul> </li> <li>• Os instintos não são comportamentos aprendidos. Representam tropismos<sup>63</sup>.</li> </ul>

Elaboração própria.

### 2.2.3. Sobre os Instintos, os Hábitos e as Instituições na Teoria Vebleniana

Nos itens anteriores pudemos, de maneira sucinta, melhor entender as influências de alguns nomes da filosofia pragmática na teoria de Veblen. Conforme já destacado no início

<sup>63</sup> Desencadeamento reflexivo; involuntário.

daquela seção, as influências do institucionalista não se esgotam nestes nomes, sendo possível notar associações do discurso vebleniano com variadas fontes do conhecimento.

Nos resta agora observar de que maneira Veblen utilizou destas para a construção de sua teoria. Conforme já destacado, existe um papel extremamente fundamental nos conceitos e instintos, hábitos e instituições, quando se estuda a teoria vebleniana. Essa característica faz-se presente, principalmente, pelo caráter ontológico da teoria do autor que, além de buscar uma perspectiva evolucionária no seu modo de análise, visou também uma maior convergência entre as diferentes áreas do conhecimento humano e social, buscando explicar os comportamentos individuais e suas facetas oriundas da socialização (Veblen, 1898; [1899] 2009).

Vale a menção de que, da mesma maneira que os conceitos de instintos, hábitos e instituições se diferenciam, eles também se complementam. Essa afirmação se fará mais clara quando observarmos o papel atribuído a cada um deles. Afinal, pelo caráter de influência do pragmatismo clássico em relação aos escritos de Veblen, pode-se notar a observação do comportamento humano como multifacetado, complexo, e inato à socialização. Desse modo, conforme veremos, concede-se a esses conceitos importante papel na construção do indivíduo como ser social. Visando esse e outros esclarecimentos, abaixo trabalharemos a definição e o papel atribuído a cada um desses fundamentais elementos da teoria vebleniana. Iniciaremos pela noção de instintos, visando dentre outros objetivos, a diferenciação entre aquilo que Veblen apresenta como comportamentos oriundos de reflexos tropismáticos e comportamentos oriundos de impulsos inatos e, na sequência, trabalharemos as noções de hábitos e instituições presentes na teoria vebleniana.

### 2.2.3.1. *Os Instintos*

É notável a dificuldade em se precisar o conceito de instintos na teoria de Veblen. Esse reconhecimento pode ser observado de diferentes maneiras, mas em especial em *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts*, quando o autor comenta<sup>64</sup>: “[i]t is, of course, not hereby intended to set up or to prescribe a definition of “instinct” at large, but

---

<sup>64</sup> Monasterio (1998), em uma nota de rodapé da página 41, destaca que o próprio Veblen reconheceu nunca ter feito uma definição exata para o seu conceito de instinto. Esta passagem baseia-se no questionamento que Veblen teria feito a respeito deste conceito a Clarence Ayres. Ayres teria pedido desculpa por não se lembrar de uma definição exata. Sorrindo Veblen teria retrucado dizendo que ele não poderia se lembrar, pois ele (Veblen) nunca havia feito tal definição. A referência utilizada por Monasterio é Boyles & Tilman (1993).

*only to indicate as closely as may be what sense is attached to the term as here used*” (Veblen [1914] 2018, 4). Porém, mesmo frente a sua dificuldade de conceituação, nota-se que o seu entendimento não apresenta grandes variações nos trabalhos que abordam o tema (Almeida, 2015b; Cavalieri, 2009; Monasterio, 1998).

Já na introdução da supracitada obra, com auxílio de William James e William McDougall – outro importante contribuinte da incipiente psicologia – Veblen estabelece um papel fundamental aos instintos no que se refere a evolução da raça humana, porém salienta que o processo de socialização fez com que estes instintos fossem sendo adaptados à realidade do ser humano, dentro de suas necessidades e objetivos (Veblen [1914] 2018). Ou seja, até mesmo as características instintivas dos seres humanos apresentam uma seletividade evolucionária (darwiniana). Através desta constatação, Veblen também salienta que ao analisar o comportamento humano contemporâneo, os instintos mostram-se como secundários, ao sentido de que os hábitos seriam muito mais determinantes no comportamento dos indivíduos, principalmente através do caráter convencional e institucional da socialização humana (Veblen [1914] 2018)<sup>65</sup>. Desse modo, já delatando a inclinação de Veblen a uma noção pragmática-psicológica dos indivíduos e da socialização.

Através do trato de Veblen dado à noção de instintos, podemos amplamente entendê-los como propensões inatas direcionadas a objetivos finais do comportamento humano (Veblen [1914] 2018). Logo, podemos desde já, observar que os instintos veblenianos divergem da noção biológica, assim como do senso comum. Essa diferenciação deve-se ao caráter único que os seres humanos apresentam sobre essa característica de comportamento. Cavalieri (2009) e Almeida (2015b) destacam que os instintos veblenianos diferem destas noções, pois não corresponderiam a aquelas ações relacionadas a atitudes não deliberadas. Para estes fenômenos do comportamento, Veblen atribui o nome e o conceito de tropismo. Sendo assim, a noção vebleniana de instintos (aplicáveis aos seres humanos) estaria relacionada a uma noção “quase-tropismática” (Veblen [1914] 2018).

Os instintos humanos não seriam tropismáticos na ótica de Veblen, pois, segundo o autor, é observável no ser humano a sua capacidade de deliberar e raciocinar sobre o direcionamento destes, conforme seus anseios e vontades (Veblen [1914] 2018). Desse modo, os instintos veblenianos seriam direcionamentos comportamentais voltados à satisfação de impulsos internos aos indivíduos que, durante determinado período do processo de evolução humana, podem ter possuído um caráter exógeno em sua composição. Sendo assim, grosso

---

<sup>65</sup> Os hábitos e as instituições se farão mais claros no próximo item.

modo, pode-se apresentar os instintos veblenianos como hábitos fortemente enraizados no comportamento humano (Veblen [1914] 2018). Esta noção mostra-se ainda mais evidente quando Veblen ([1914] 2018), expressa seus pensamentos na seguinte passagem<sup>66</sup>:

The distinctive feature by the mark of which any given instinct is identified is to be found in the particular character of the purpose to which it drives. "Instinct", as contra-distinguished from tropismatic action, involves consciousness and adaptation to an end aimed at (Veblen [1914] 2018, 4).

Dada a noção estabelecida aos instintos na teoria de Veblen, podemos observar um caráter de pluralidade em sua existência. Mais do que isto, também pode-se ressaltar que na perspectiva de atuação desses instintos, Veblen salienta a característica de sobreposição ou então interferência de um instinto sobre o outro. Desse modo, mesmo com a existência de instintos específicos para finalidades específicas, os seus resultados podem ser diferentes dadas as diferentes combinações possíveis entre eles<sup>67</sup> (Veblen [1914] 2018). Cavalieri (2009) salienta que este pode ser visto como um ponto de consistência da crítica de Veblen em relação aos escritos neoclássicos que desenhavam uma natureza humana pasteurizada e uniforme. Afinal, mesmo frente a existência de uma essência instintiva nos seres humanos, observa-se que ela pode se constituir e apresentar com variações.

Tendo esta perspectiva em mente e visando sintetizar algumas das contribuições de Veblen acerca deste tema, Monasterio (1998) nos auxilia apresentando aqueles que, segundo o autor, poderiam ser denominados como os principais instintos na teoria de Thorstein Veblen. A saber, estes são o *instinct of workmanship*, *paternal bent*, *idle curiosity* e o *predatory instinct*<sup>68</sup>.

O *instinct of workmanship*, ou em tradução livre, o instinto de trabalho eficiente, pode ser entendido como o olhar honorífico e a preferência do indivíduo pelas atividades laborais tidas como eficientes e úteis e, ao mesmo tempo, como o sentimento de aversão a atividades

---

<sup>66</sup> Em uma nota de rodapé, ao apresentar sua indicação à noção de instintos, Veblen faz menção ao *The Principles of Psychology* de William James. Nesta menção, James parece deixar em aberto uma possível diferenciação entre tropismo e instintos, na qual Veblen aprofunda suas reflexões e apresenta uma potencial resposta. Na sequência, Veblen também menciona William Mc Dougall como uma provável fonte/referência para sua reflexão.

<sup>67</sup> Neste ponto é válido lembrarmos que na perspectiva de Veblen, os instintos não apresentam um correspondente genético único, mas sim são o resultado de diferentes genes (Veblen, [1914] 2018; Monasterio, 1998). Segundo Monasterio (1998 apud Dawkins, 1979), a historiografia atual sobre genética e biologia converge com essa perspectiva de Veblen.

<sup>68</sup> Salienta-se aqui que estas perspectivas instintivas se farão novamente presentes e melhor trabalhadas adiante, quando trabalharmos duas das principais obras do autor, no capítulo 4 desta mesma dissertação.

fúteis, ao desperdício e à incapacidade (Veblen, [1899] 2009). Cabe ressaltar que, segundo Veblen este instinto caracteriza-se por ser o mais fundamental e antigo de todos, tendo surgido com o objetivo de garantir a sobrevivência biológica do ser humano no estágio em que Veblen chama de “selvageria pacífica”, que pode ser associado ao início do Neolítico. Essas características se devem ao instinto de trabalho eficiente por ter sido de grande auxílio ao lidar com este período histórico, tido como de intensa interdependência entre os indivíduos, em um cenário de subsistência que demandava destes o destaque laboral perante sua comunidade (Veblen [1914] 2018).

Também cabe o destaque sobre a importância do instinto de trabalho eficiente devido ao seu caráter de permeador de escolhas vis-à-vis a realização das demais propensões inatas. Ou seja, segundo Veblen ([1914] 2018), o instinto de trabalho eficiente também serve como um guia para a realização e execução dos demais instintos visando o direcionamento mais eficiente deles para seus respectivos fins. Neste ponto, outro aspecto emerge em relação a este importante instinto. Segundo Veblen ([1914] 2018), o instinto de trabalho eficiente pode ser visto como moldável de acordo com as características predominantes da sociedade, ou seja, raramente sugere fins de forma independente, mas sim se adapta a eles (Veblen, [1914] 2018; Monasterio, 1998).

O instinto *parental bent*, em tradução livre, inclinação paternal, pode ser, de maneira ampla, entendido como a preocupação inata do indivíduo com seus descendentes e/ou descendentes do seu grupo. Deste modo, observa-se que este instinto tem o papel de garantir a existência da geração futura<sup>69</sup>. Sendo assim, em aplicação da lógica evolucionária e, como bem destaca Monasterio (1998, p. 45): “[...] geração após geração, os grupos de genes nos quais a inclinação paternal se baseia são transmitidos”, fazendo com que haja a perpetuação deste grupo/comunidade. Monasterio (1998) ainda aponta que segundo Veblen, o instinto paternal pode se assemelhar ao instinto de trabalho eficiente na medida em que ambos visam a manutenção do grupo/comunidade (Veblen [1914] 2018). Desse modo, Veblen agrupa ambos os instintos no que ele chamou de *instincts of serviceability* (instinto de utilidade) (Monasterio, 1998; Veblen, [1914] 2018).

O instinto *idle curiosity* (curiosidade vã), conforme o próprio nome já nos antecipa, representa o caráter inato da curiosidade humana, salientando que os indivíduos buscam o conhecimento pelo próprio conhecimento (Veblen [1914] 2018). Veblen salienta que a característica vã deste instinto não representa inutilidade, mas sim visa apresentá-lo como

---

<sup>69</sup> Esta constatação mostra-se importante, pois, como vimos, o instinto de trabalho eficiente garante a existência do grupo em questão. Já o instinto de inclinação paternal visa garantir a existência da geração seguinte.

livre de qualquer outro tipo de motivação. Neste ponto Veblen também salienta o caráter não pecuniário por trás deste instinto especificamente. Porém, se combinado com o instinto de trabalho eficiente, esta curiosidade pode ser voltada a ganhos de finalidade material/pecuniária (Veblen [1914] 2018).

Monasterio (1998) contribui com a explanação acerca da curiosidade vã salientando que esta noção instintiva da curiosidade não seria exclusiva de Veblen. Pelo contrário, mostra-se presente na historiografia, demonstrando como esta noção parece comum entre diferentes pensadores. Com base em Wisman (1989), Monasterio (1998) destaca que Karl Popper parece supor a existência de um instinto semelhante ao *idle curiosity*. Na sequência, Monasterio (1998) também apresenta o reconhecimento do próprio Veblen sobre esta percepção nos escritos de Smith, em específico em *Teoria dos Sentimentos Morais*.

De maneira similar, conforme vimos anteriormente no item referente à influência do pragmatismo de Charles Peirce, podemos observar que também existe certa convergência entre o instinto de curiosidade vã de Veblen e o conceito de *musement* de Peirce.

Por último, mas não menos importante, *predactory instinct*, ou instinto predatório, é derivado, segundo Veblen ([1899] 2009), do instinto de trabalho eficiente, e surge como resultado do hábito de auto comparação entre os indivíduos de determinado grupo/comunidade. Ou seja, em seu afloramento, o instinto predatório é tido como uma antítese do instinto de trabalho eficiente; “*é a tendência de valorização da proeza em detrimento do trabalho rotineiro*” (Monasterio, 1998, p. 47). Cabe destaque ainda que, o afloramento do instinto predatório em síncrono com ascensão do excedente econômico viria a propiciar o surgimento da propriedade privada e da classe ociosa<sup>70</sup> (Veblen, [1899] 2009; Monasterio, 1998).

Veblen ([1899] 2009) argumenta que o instinto predatório estaria associado a uma nova lógica social, em que a sociedade passa da selvageria pacífica e entra para a fase predatória. Esta passagem assegura as condições que possibilitam o afloramento deste instinto, como por exemplo, a garantia das condições de subsistência. Afinal, para que possa haver a valorização da proeza, é necessário que os indivíduos sejam aptos a abdicarem das atividades laborais hodiernas (Veblen, [1899] 2009; Monasterio, 1998).

Encaminhando-se para a finalização da análise e entendimento dessa importante característica da teoria vebleniana, pontua-se que Veblen ([1899] 2009; [1914] 2018) salientou o processo de criação e afloramento instintivo como de longuíssimo prazo, sendo

---

<sup>70</sup> Este processo se fará melhor entendido quando trabalharmos melhor *The Theory of the Leisure Class* no item 4.1.

resultado de antigas necessidades de fases remotas da civilização. Segundo Cavalieri (2009), essa característica de criação e “adaptação” dos instintos se faz essencial para diferenciação dos trabalhos de Veblen em relação aos de Spencer e Sumner que visavam a construção de um Darwinismo Social. Sendo assim, a perspectiva vebleniana atua no sentido de desacreditar a possibilidade de criação e a adesão de instintos humanos em cenário corrente, pois estes seriam o resultado de uma interação de longo prazo entre indivíduos e ambiente. Seria papel dos hábitos e das instituições a variação comportamental de curto prazo (corrente e contemporânea ao tempo desses indivíduos). Ao entendimento destes conceitos dedica-se o próximo item.

#### 2.2.3.2. *Os Hábitos e as Instituições*

Enquanto os instintos visam o direcionamento do comportamento humano à um resultado final, cabe aos hábitos o papel de guia e condução deste comportamento. Ou seja, os hábitos condicionam e viabilizam a execução dos instintos, podendo ser observados como códigos de conduta e pensamento. Desde já, observa-se o caráter não trivial das habituações no comportamento humano, pois deve-se a essa característica o papel fundamental do estabelecimento de padrões no pensamento e no comportamento dos indivíduos. Destaca-se que Veblen se utiliza, majoritariamente, das contribuições de John Dewey ao estabelecer sua teorização sobre as habituações e o processo de tomada de decisão. Esta constatação, conforme já observamos, também parece amplamente aceita e entendida por outros autores, como por exemplo, Almeida (2015b) e Monasterio (1998). Mas afinal, o que se propõe como hábito na teoria vebleniana e como essa noção se situa no complexo arcabouço teórico do autor?

De modo geral, os hábitos podem ser vislumbrados como modos de se pensar e comportar. Obviamente, devido ao caráter pragmático-psicológico absorvido por Veblen, estes hábitos seriam reflexos de um processo de aprendizado oriundo da socialização humana. Desse modo, as habituações apresentam um caráter de convenção no modo de se comportar. Segundo Veblen ([1914] 2018), essa convencionalização comportamental apresenta-se, substancialmente, como resultado de um processo cumulativo de tradições advindas do passado. Ou seja, o conhecimento e as experiências do passado mostram-se ativas no modo de pensar do presente através da cumulatividade de características comportamentais dos

indivíduos. Em última instância, essa cumulatividade de características é responsável pela habituação (Veblen [1914] 2018).

Desse modo, até então, pode-se observar que o comportamento humano, na perspectiva de Veblen, está associado a dois fatores diferentes, conforme bem destaca Cavalieri (2009, p. 315): “[o] primeiro vem das inclinações instintivas, selecionadas em função dos ambientes, natural e social, em que os indivíduos estariam inseridos”. E, igualmente importante, porém em outra esfera analítica, Cavalieri (2009, p. 316), continua: “[e]m segundo lugar, num nível mais flexível porque mais afastado dos atributos propriamente biológicos – ou seja, incrustados na fisiologia humana – estariam os hábitos”.

Sobre este segundo nível comportamental, ao qual é atribuído a maior flexibilidade e dinâmica, encontram-se pelo menos duas perspectivas habituais. A primeira delas está associada ao nível dos pensamentos (hábitos de pensamento), e a segunda esta associada à vivência e comportamento dos indivíduos (hábitos de vida). A distinção pode ser vislumbrada pela literalidade de ambas as nomenclaturas. Os hábitos de pensamento atuam a nível cognitivo, auxiliando os indivíduos em suas infinitas deliberações, atuando como mapas mentais ou então como atalhos cognitivos. Já os hábitos de vida atuam no sentido de direcionar os comportamentos do dia-a-dia, normalmente enraizados através da repetição hodierna<sup>71</sup>. Nota-se, então, que os hábitos tanto de pensamento quanto comportamental apresentam-se como propensões; configuradores de condutas e deliberações. Conforme já comentado, ambas as perspectivas habituais são oriundas da socialização e demandam processo de aprendizado, mais uma vez delatando a influência pragmática-psicológica em Thorstein Veblen.

Como inicialmente comentado, os hábitos na perspectiva vebleniana têm o papel fundamental de direcionamento aos objetivos finais dos instintos. Porém, é importante salientar que durante o processo de habituação pode ocorrer ascensão de objetivos secundários, resultantes dos próprios hábitos. Estes objetivos secundários apresentam-se normalmente, associados a cerimonialismos e demais necessidades de socialização. Afinal, conforme já comentado, e conforme veremos na análise de *A Teoria da Classe Ociosa* (capítulo 4), as habituações apresentam um papel extremamente importante no processo de adesão e pertencimento a determinados grupos sociais, os quais apresentam regras e

---

<sup>71</sup> É válido comentar que os hábitos não necessariamente implicam comportamentos repetitivos, pois podem ser desencadeados uma única vez. O elemento que virá a caracterizar essa repetição seria a resposta ao mesmo ambiente ou a um ambiente semelhante ao seu desencadeador.

características específicas, provenientes de processos cumulativos de pensamento e comportamento.

Desse modo, deve-se salientar duas facetas institucionais atreladas aos hábitos: o instrumentalismo e o cerimonialismo. As instituições que permeiam a primeira faceta, são aquelas que desempenham uma função habitual prática voltada a execução de determinado comportamento. Já as instituições que permeiam a segunda faceta, são aquelas que representam caminhos pelos quais a função habitual prática de um comportamento pode ser desencadeada. Desse modo, como Neal (1987) comenta em seu clássico artigo, todas as instituições apresentarão uma faceta cerimonial. Munindo-se de um exemplo, Neal (1987) comenta a instituição de utilizar facas para cortar carne (habituação instrumental), sendo que americanos utilizam a faca na mão direita e ingleses utilizam a faca na mão esquerda (habituação cerimonial). Sendo assim, toda habituação voltada a uma finalidade instrumental carece de elementos cerimoniais em sua execução. Exatamente neste ponto da explanação, ficam delatadas as diferentes características socioculturais que culminam nos supracitados objetivos secundários de socialização.

Conforme surge em maior nível e intensidade a coletivização dos hábitos, inicia-se um processo de socialização de comportamentos e pensamentos. Exatamente essa característica é a viabilizadora das instituições. Ou seja, pode-se entender as instituições como hábitos de pensamento e de vida que são socialmente compartilhados. Por sua vez, o processo de institucionalização, através de aspectos culturais e convencionais, tem o papel de reforçador de seus hábitos inerentes, tornando-os, cada vez mais, enraizados nos pensamentos e comportamentos dos indivíduos. Ou seja, a institucionalização gera o reforço de hábitos através da estabilização das propensões comportamentais e deliberativas.

Tal enraizamento habitual não deve ser confundido com estática e determinismo. Afinal, conforme já comentado, os hábitos seriam a matriz dinâmica do comportamento humano, sendo atribuídos a eles a capacidade de adaptação do indivíduo em sua realidade material (Veblen [1908] 1919). Desse modo, os hábitos atuam de modo a condicionar os comportamentos e pensamentos dos indivíduos, porém não os determinam. Cabe destaque também sobre a característica de desencadeamento dos hábitos, afinal, observa-se a necessidade de síncrono entre aqueles hábitos praticados a nível de pensamentos e a nível de vivência. Sobre tal, Veblen argumenta que os hábitos de vida condicionam os hábitos de pensamento (Veblen [1906] 1919).

Constata-se ainda que, a existência de diferentes instituições agindo concomitantemente, faz com que as alterações habituais sejam impactantes no comportamento

como um todo. Afinal, vislumbrando-se as instituições como uma malha de relações cognitivas e comportamentais, nota-se que a alteração em um elemento institucional, demandaria a readaptação das demais instituições que estariam, direta ou indiretamente, relacionadas com este elemento<sup>72</sup>. Ou seja, nota-se que as instituições possuem capacidade de interferência e sobreposição entre si, tornando sua complexidade e dinâmica, elementos ainda mais importantes no seu entendimento. Através desta noção, destaca-se uma importante característica relacionada aos hábitos na perspectiva vebleniana: a preservação.

Veblen destaca a “auto preservação” dos hábitos, justificando-a como resultado do caráter conservador do comportamento humano (Veblen [1899] 2009). Segundo Veblen, o indivíduo apresentaria a característica de preservação dos seus hábitos de forma indefinida. Somente frente a um cenário em que as circunstâncias o obrigam a uma reformulação habitual ele o fará, porém com enorme relutância. Veblen ([1914] 2018) destaca essa alteração como incômoda, principalmente devido ao caráter de enraizamento cognitivo deste hábito. Afinal, frente a uma mudança necessária em determinada habituação, o indivíduo apresentará a necessidade do estabelecimento de um novo padrão de pensamento e comportamento. Exatamente com base neste juízo conservador dos hábitos, Veblen estabelece sua explicação sobre a existência e inércia da classe ociosa e não ociosa na sua célebre obra de 1899.

É observável, então, que as mais diversas habituações são responsáveis pela institucionalização do comportamento humano em socialização. Afinal, as características da sociedade moderna demandam a existência de uma complexa rede institucional, em mais diversos níveis e objetivos. Por essa afirmação ser verdade, não raro, os comportamentos institucionalizados são também formalizados em forma de leis, normas e regimentos. Desse modo, pode-se observar que as instituições apresentam não só um caráter convencional ao nível coletivo, como também podem ser, comumente, impostas de modo formal aos indivíduos, acarretando o seu descumprimento em penalizações explícitas e antecipáveis.

Sendo assim, as instituições condicionam o comportamento humano através da socialização dos hábitos. Hábitos que, por sua vez, condicionam, viabilizam e direcionam os instintos. Visando a consolidação destes elementos da teoria vebleniana, Cavalieri (2009, p. 318) destaca-os da seguinte maneira:

Assim, estabelecer-se-iam três níveis formadores do comportamento humano: os instintos, dimensão mais rígida, os hábitos, que consideram a deliberação e

---

<sup>72</sup> Sobre o elemento multifacetado do comportamento humano apresentado pela teoria institucional, cabe destacar a importância do trabalho de Walton Hamilton (1919) na explicação daquilo que se proporia uma teoria institucional e as suas diferenciações em relação as outras teorias econômicas.

são um nível mais individualizado do comportamento; e finalmente, as instituições, hábitos convencionados, arraigados em hábitos de pensar, que conferem à adoção dos comportamentos de acordo com as instituições uma aceitação social. Então, se o critério de valoração social é a adequação dos comportamentos às instituições, estas seriam elementos coercitivos do comportamento humano. As instituições e hábitos, por sua vez, assim como os instintos num nível mais básico, sujeitar-se-iam à seleção num processo evolucionário.

Sendo assim, de maneira concisa e geral, os hábitos podem ser entendidos como padrões potenciais de pensamento e comportamento. Quando socializados e convencionalizados, estes padrões assumem o papel de instituição. E, a partir da institucionalização, inicia-se o processo de coerção dos pensamentos e comportamentos gerando o reforço dos hábitos componentes da instituição. Desse modo, o caráter de coletividade e socialização humana, faz com que os indivíduos apresentem uma postura conservadora sobre seus modos de pensar e agir.

Quadro 3 – Instintos, Hábitos e Instituições na Teoria Vebleninana

<b>Instintos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Não</b> são tropismos.               <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Podem ser entendidos como hábitos de períodos remotos que foram fortemente enraizados.</li> </ul> </li> <li>• São diversos e direcionados a finalidades específicas.               <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Podem ser sobrepostos e exercer influências um sobre o outro.</li> </ul> </li> <li>• Apresentam características de uma seletividade evolucionária.</li> </ul>
<b>Hábitos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Têm o papel de condicionar e direcionar os comportamentos.               <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Viabilizam a execução dos instintos.</li> </ul> </li> <li>• São aprendidos socialmente e coletivizados.</li> <li>• Podem ser divididos em hábitos de vida e hábitos de pensamento.               <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Os hábitos de vida condicionam os hábitos de pensamento<sup>73</sup>.</li> </ul> </li> </ul>
<b>Instituições</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• São hábitos socialmente compartilhados.</li> <li>• Podem apresentar caráter formal ou informal.</li> <li>• Apresentam caráter conservador (difícil mudança) devido ao enraizamento habitual.</li> </ul>

Elaboração própria

É válido salientar que o aspecto habitual – e conseqüentemente institucional – da teoria vebleniana foi o principal elemento de viabilidade de uma perspectiva não-teleológica

<sup>73</sup> Deve-se salientar a circularidade do processo em questão. Afinal, os hábitos de vida condicionam os hábitos de pensamento, porém, hábitos de pensamento dirigem a atenção para incrementos tecnológicos que provocam mudanças ambientais nas quais ocorrem os hábitos de vida. Sendo assim, trata-se de identificar um ponto inicial neste processo circular.

do comportamento humano e social. Afinal, justamente pautado na perspectiva cumulativa de características comportamentais oriunda dos hábitos, é que a teoria vebleniana pôde ser construída aos moldes de uma ciência evolucionária. Exatamente neste ponto torna-se evidente os motivos da inquietação de Veblen em argumentar a necessidade de existência de uma ciência econômica não só evolucionária, mas sim institucional-evolucionária, conforme já expresso na introdução deste trabalho.

Haja vista a conclusão acima e entendido a tabela resumo acerca dos instintos, hábitos e instituições, nos resta buscar entender uma importante questão: como ocorre o processo de evolução institucional? Essa pergunta fundamenta sua importância devido ao caráter elementar dos processos de mudança na perspectiva vebleniana. Afinal, tendo em vista que tanto os instintos quanto os hábitos apresentam uma perspectiva evolucionária pautada na cumulatividade de características, demanda-se que fique melhor expresso quais seriam esses elementos responsáveis pela perpetuação dos instintos, dos hábitos e, em última instância, das instituições.

#### **2.2.4. O Processo de Evolução Institucional**

Ao entender a composição e a atuação dos diferentes elementos da teoria vebleniana, pôde-se melhor compreender o elemento institucional por trás da característica evolucionária, assim como almejado por Veblen. De maneira sucinta, podemos observar que os elementos teóricos veblenianos apresentam diferentes arranjos de possibilidade em relação a suas criações, mutações, adaptações e perpetuações. Esses fatores, na perspectiva darwiniana, representariam o processo evolucionário e, conforme se fez objetivo neste capítulo, tal perspectiva mostra-se intimamente ligada aos elementos teóricos de Thorstein Veblen. Porém, ao buscar clarificar a via pela qual o processo evolucionário ocorre na teoria vebleniana, observa-se ainda necessidade de algumas considerações adicionais.

Primeiramente, cabe salientar que, conforme já mencionado no item anterior, os elementos instintivos, habituais e institucionais apresentam características que lhes conferem diferença quanto à composição e à atuação. Essas diferenças, por sua vez, acarretam em díspares frequências do processo evolucionário. Possivelmente, pode-se comentar a essas diferenças como resultantes dos diferentes níveis de dinamismo e maleabilidade dos elementos teóricos-analíticos de Veblen.

Em um nível mais estático estariam os instintos, tendo sido criados e emergido em períodos remotos da civilização humana (Veblen [1914] 2018). Atuavam, inicialmente, como formas habituais. No entanto, indivíduos portadores dessas características habituais foram capazes de se adaptarem e superarem a períodos de específicas dificuldades para a espécie humana. Desse modo, essas características habituais foram perpetuadas e arraigadas profundamente no comportamento humano, caracterizando-as de forma instintiva. Sobre a mutação destes elementos instintivos, conforme também pudemos observar anteriormente, nota-se a capacidade e até mesmo o caráter complementar da mutação. Afinal, a combinação e sobreposição dos instintos pode se fazer viável e, até mesmo, desejável em determinados cenários (Veblen [1914] 2018).

Em um nível mais dinâmico e “maleável” do processo evolucionário estariam os hábitos e as instituições. Sabido que os hábitos de vida guiam os hábitos de pensamento, nota-se o relevante papel da realidade material no condicionamento do pensamento humano (Veblen [1906] 1919). Logo, pode-se observar que esse caráter de dinamismo no processo evolucionário dos hábitos e das instituições está relacionado às diferentes realidades apresentáveis em períodos relativamente curtos de tempo (Veblen, [1906] 1919; [1899] 2009). Ou seja, na perspectiva evolucionária, essa característica dinâmica está associada à velocidade em que as mudanças ocorrem. E, a nível habitual e institucional, elas são corriqueira e visivelmente muito mais expostas a mudanças do que os já tratados instintos, dadas as rápidas mudanças nos cenários materiais – e por consequência na vida – dos indivíduos, relativamente ao tempo de retenção biológico para fixação de uma característica<sup>74</sup>.

Desse modo, não se trata de um processo evolucionário díspare dos instintos em relação aos hábitos e às instituições, mas sim uma diferença na frequência e velocidade de ciclo promovedor de mutação, adaptação e perpetuação. Afinal, conforme a frequência em que os hábitos e as instituições são expostos a “provas” e necessidades adaptativas, dados os elementos de seleção no meio material (vida), mais propensos a mutações e adaptações eles estarão sujeitos. Após apresentarem-se (ou não) aptos ao novo cenário, estes seriam (ou não) perpetuados.

Exatamente através desta perspectiva, pode-se observar o argumento vebleniano de que os instintos não seriam resultados de elementos da vida presente dos indivíduos, mas apresentar-se-iam como advindos de tempos remotos, encrustados ao longo de períodos extensos de utilização como viabilizadores da perpetuação dos indivíduos que os possuíam

---

<sup>74</sup> Sendo assim, cuidado deve ser tomado no desenvolvimento de analogias entre o tempo do processo evolutivo biológico e o tempo do processo evolutivo institucional em Veblen, como bem destaca Hodgson (2004).

(Veblen [1914] 2018). E, pela mesma característica, para que estes pudessem ser alterados, ou então, para que novos instintos emergissem, seria necessário outro longo processo temporal de fixação e, portanto, determinação de sua perpetuação. Sendo assim, nota-se a necessidade de ciclos evolucionários de longo prazo. Contrariamente aos instintos, os hábitos e as instituições apresentariam possibilidades adaptativas em períodos menores de tempo devido a suas características e demandas do dia-a-dia. Sendo assim, a revisão habitual e institucional apresenta-se em ciclos evolucionários temporalmente menores e, por consequência, relativamente mais frequentes do que em relação aos instintos.

Tal perspectiva evolucionária dos elementos veblenianos garante que possamos de maneira mais adequada vislumbrar as diferentes capacidades adaptativas do ser humano. Em uma ótica de necessidades e impulsos de comportamentos finais, observa-se nos indivíduos uma lenta mudança ao longo da história, como Veblen bem comenta em sua leitura antropológica do surgimento da classe ociosa (Veblen [1899] 2009). Já em termos convencionais, culturais e, por tanto, habituais e institucionais, observa-se ciclos de mudança muito mais corriqueiros. Desse modo, é possível observarmos consideráveis diferenças entre os cerimonialismos dos indivíduos da sociedade bárbara e da sociedade vitoriana, mesmo que em ambos os períodos almejassem a finalidade do comportamento pecuniário. Por mais que o fim seja o mesmo, o modo de execução e demonstração desta habilidade apresenta características diferentes, devido as diferentes realidades materiais de cada um dos períodos, e por consequência, os diferentes hábitos originários de cada época. Desse modo, temporalmente, podemos observar que um indivíduo apresenta a capacidade de absorver diferentes formas habituais e institucionais dentro do período de sua vida. Porém, este mesmo indivíduo, não estará apto a executar mudanças instintivas de seu comportamento, sendo necessário, muito provavelmente, um intervalo temporal de várias gerações para a viabilização de alteração instintiva<sup>75</sup>.

Destaca-se que o processo evolucionário a nível institucional não apresenta uma característica de exclusão das características anteriores. Pelo contrário, conforme a lógica evolutiva mostra-se presente nos hábitos e instituições, é possível notar traços correspondentes a períodos anteriores, mesmo que como uma unidade esses elementos sejam diferentes. Ou seja, assim como Veblen (1898) já nos antecipara, o processo institucional-evolucionário se dá através de causações cumulativas. Através destas causações cumulativas,

---

<sup>75</sup> Essa mudança instintiva não só demanda várias gerações temporalmente, mas também demanda importância e relevância ao longo de todo este processo.

mutações ocorrem gerando variabilidade nos elementos institucionais e, justamente através da variabilidade, torna-se possível o processo evolucionário através da seleção.

Conforme Cavalieri (2009) e Hodgson (2004) salientam, numa perspectiva institucional-evolucionária, é exatamente a característica de mutação que possibilita a seleção via variedade de hábitos e, por tanto, possibilita o processo evolucionário a nível institucional. Afinal, assim como na perspectiva biológica darwiniana, a variedade é atributo fundamental de seleção e evolução (Darwin [1859] 2014). Neste ponto, somos levados a retomar uma das inquietações introdutórias. Afinal, a via pela qual o processo evolucionário ocorre seria deliberada ou não, e como esse aspecto caracteriza a evolução na perspectiva vebleniana? Sobre isso, Cavalieri (2009) destaca que à nível instintivo as mutações podem ser vislumbradas como aleatórias, assim como na perspectiva Darwiniana da biologia, porém, conforme essas características vão assumindo um nível de mutação sociocultural, observa-se uma elevação no grau de deliberação sobre os elementos mutáveis do processo evolucionário. Destaca-se que esse aumento no grau de deliberação é fruto de uma pequena diferenciação no condicionamento variante da seleção. Enquanto no nível instintivo o indivíduo responde somente a um fator natural, a nível sociocultural este indivíduo estaria respondendo a dois fatores, natural e social, sendo este segundo fator deliberável.

Dada esta característica do processo institucional-evolucionário algumas interpretações mostram-se possíveis. Cavalieri (2009) apresenta um contraponto a Rutherford (1998) e Hodgson (2004) quando estes dois últimos tecem comentários a respeito do processo evolucionário não se dar de maneira clara na teoria vebleniana. Segundo Cavalieri (2009) ambos os autores estavam presos em uma expectativa de aplicação genérica e universal da característica evolucionária da teoria de Veblen, quando na verdade a proposta do autor se constituiria pela diversidade de possibilidades deste processo. Nas palavras de Cavalieri (2009, p. 325):

[...] Instintos, hábitos, instituições estão sempre presentes, assim como a necessidade de se colocar formas de variação e mecanismos de seleção em cada explicação. protocolo de pesquisa de Veblen, assim sendo, permite que se desvendem os mais diversos mecanismos de seleção, o que se coaduna sobremaneira com a riqueza institucional que o iniciador do institucionalismo norte-americano dizia ser a característica da vida histórico-sócio-cultural.

Sendo assim, observa-se que o processo de evolução institucional está intimamente ligado a um complexo arcabouço teórico, bem como à uma vasta noção da perspectiva darwiniana. Este arcabouço teórico, por sua vez, parece ter sido deliberadamente deixado em

aberto por Veblen, principalmente visando à viabilidade dos estudos humanos e sociais em seus mais diversos níveis e possibilidades (Cavaliere 2009).

Tal perspectiva evolucionária se fará presente novamente nas duas obras de Veblen que no capítulo 4 serão tratadas. Lá, munidos de argumentos e anseios específicos do autor poderemos melhor trabalhar e entender sua perspectiva evolutiva em torno das instituições, principalmente clarificando ideias a respeito de como este processo ocorre. Porém, antes de se aprofundar os entendimentos sobre as contribuições selecionadas de Veblen, é prudente que primeiramente dedique-se atenção às críticas que o autor estabeleceu sobre a economia de sua época, tendo em vista sua proposta e abordagem teórica pautada em uma ciência evolucionária.

### **3. A ECONOMIA PÓS-DARWINIANA E SUAS CRÍTICAS: A LEITURA DE VEBLEN SOBRE A CIÊNCIA ECONÔMICA DE SEU TEMPO**

No capítulo anterior pudemos observar que Veblen apresenta suas contribuições ao pensamento econômico através da proposta de uma nova forma epistêmica. Para Thorstein Veblen, vislumbrar a ciência econômica como não processual (não evolucionária), seria um equívoco. Tal equívoco seria em grande medida, segundo o institucionalista, resultado da perpetuação de um lógica obsoleta no modo de se fazer a esta ciência (Veblen 1899a). Afinal, segundo Veblen ([1908] 1919), a ciência seria o resultado de habituações dos cientistas do passado que instituíram uma ótica e lógica sobre como se pensar e se fazer o conhecimento. Ao atentar especificamente às contribuições em relação ao indivíduo e o seu caráter social, por exemplo, Veblen (1898) destacava a não sustentação de características animistas e teleológicas. Ambos os elementos seriam distanciadores dos aspectos humanos, como os comportamentos resultantes da socialização e da psique humana, que em sua época ainda apresentava poucos e incipientes estudos.

Camic & Hodgson (2011) comentam que em uma construção crítica baseada em suas influências, Veblen apontou as mais diversas inconsistências teóricas dos escritos neoclássicos que já naquela época ganhavam corpo e espaço no pensamento econômico de forma predominante. Tendo como fundamento a filosofia pragmática, Veblen se colocava frontalmente contrário à noção positivista na qual o neoclassicismo se pautava. Pois, a aderência ao positivismo significava a rejeição da “metafísica” através da percepção de que a ciência opera através da coleção de evidências visando a predição ao invés da explicação causal (Comte, 1853 & Lenzer 1998 apud Camic & Hodgson, 2011). Sendo assim, contrário à noção comtiana, Veblen via na metafísica (ontologicamente falando) premissas que seriam inevitáveis ao se estudar os indivíduos e suas relações em sociedade. Para tal, Veblen pautava-se na necessidade científica de se levar em consideração as mais diversas relações causais (Camic e Hodgson 2011). Em outras palavras, Veblen via a necessidade de se melhor observar aos fatores “escondidos” entre os eventos observáveis. Para tal, os já apresentados elementos psicológicos-pragmáticos de seus fundamentos se mostrariam de mister importância, evidenciando o papel das instituições e dos hábitos de pensamento socialmente compartilhados em sociedade.

Também é observável outra crítica bastante recorrente nos escritos de Veblen referente aos valores morais envolvidos nos trabalhos de teoria econômica e em outras áreas do conhecimento, ao menos daquela época. Para Veblen seria de fundamental importância

que fossem distinguidas questões factuais de questões morais sempre que possível e de maneira clara, pois segundo o autor, não raro via-se a mescla daquilo que seriam valores culturais e de conteúdo moral. Essa observação, conforme já vimos, mostra-se bastante convergente com a perspectiva de Dewey sobre a verdade pragmática (Dugger 1979). Veblen constantemente argumentava que, nas ciências sociais, tanto análises quanto explicações deveriam ter prioridade sob qualquer pronunciamento moral. Essa crítica de Veblen se fez visível em menções a Schmoller e Clark, sendo que em relação ao historicista alemão, Veblen criticou a excessiva concentração naquilo que seria “o mais desejável” segundo aquele autor; e em relação ao neoclássico, Veblen aponta a elevada presença de argumentos normativos de “ordem natural” em objetos de análise puramente psicológicos e sociais, como por exemplo, a tomada de decisão do indivíduo sob a ótica de maximização (Camic e Hodgson 2011).

A Karl Marx também foram direcionadas críticas por parte de Veblen, principalmente pela demasiada concentração no indivíduo como um ser sociável o que, muitas vezes, o deixava como um viés de destino e ação demasiadamente determinísticos. Sobre isso Veblen (1906) deixou clara a rejeição de que o indivíduo é exclusivamente um ser social e que seu processo cognitivo e comportamental é somente determinado pelo meio em que o mesmo está inserido (materialismo histórico). Nesse ponto, segundo Camic & Hodgson (2011), podemos observar duas concentrações críticas: a primeira delas está relacionada ao aspecto de como essa dependência atua no processo de comportamento individual (tendo em vista que não há nenhuma explicação sobre hábitos ou instintos na teoria marxista); e a segunda estava relacionada a incompletude desta noção de dependência do comportamento individual frente ao comportamento coletivo, pois segundo Veblen, apesar de fundamental de se reconhecer o papel do coletivo na percepção individual, também é presente um critério interno na noção do indivíduo (Camic e Hodgson 2011). Desse modo, hábitos e instintos são fatores importantes para se estabelecer uma diferenciação nos escritos de Veblen e Marx.

Estas e outras críticas de Veblen aparecem de forma sistemática e devidamente fundamentadas em suas publicações. Desse modo, visando a completude e precisão, neste capítulo serão analisados os comentários e ponderações de Veblen sobre alguns dos principais nomes da ciência econômica contemporâneos ou imediatamente anteriores ao seu tempo. Em um primeiro momento atenção será dada às críticas e ponderações de Veblen sobre a economia neoclássica, especificamente de Alfred Marshall e John Bates Clark; na sequência serão analisados os comentários de Veblen sobre os trabalhos de Gustav Schmoller, visando a opinião de Veblen sobre o historicismo alemão; e, por último, mas não menos importante,

serão analisados os comentários de Veblen sobre as contribuições de Karl Marx e seus desdobramentos como teoria marxista.

### 3.1. COMENTÁRIOS DE VEBLÉN SOBRE A ECONOMIA NEOCLÁSSICA: O CASO DE ALFRED MARSHALL E JOHN BATES CLARK

Tanto Hodgson (2004) quanto Rutherford (2011) convergem com a leitura de que o final do século XIX e início do século XX foi de intensa disputa no pensamento econômico, principalmente pelo anseio de domínio do *mainstream* desta ciência. De um lado estavam aqueles que apresentavam identificação com a antiga economia clássica, sendo atualmente conhecido como neoclássicos<sup>76</sup>, como por exemplo, Alfred Marshall e John Bates Clark. De outro lado, encontravam-se aqueles de identificação institucional-evolucionária, como por exemplo, Thorstein Veblen e John Commons.

Conforme já mencionado anteriormente neste mesmo trabalho, essa disputa apresentava-se primordialmente em diferenças epistêmicas, relacionadas ao olhar no qual essas bases científicas amparavam-se. Enquanto era observável o viés da causalidade cumulativa em atributos psicológicos e sociais por parte daqueles que defendiam uma ciência econômica institucional-evolucionária, podia-se também observar a manutenção de características mecanicistas no discurso econômico daqueles que propunham a observação generalista das características sociais. Por óbvio, tamanha divergência não poderia, nem mesmo a nível teórico, apresentar capacidade explicativa somatória entre as diferentes perspectivas. Desse modo, uma ruptura e disputa mostraram-se necessárias (Rutherford 2011).

Também conforme já comentado, Veblen (1899a), fazendo questão de salientar a perspectiva de construção da ciência ao longo do tempo, tece considerações a respeito do caráter inercial das perspectivas científicas através do compartilhamento dos hábitos de pensamentos entre diferentes “gerações” de cientistas. Exatamente com esse fato em mente, o institucionalista salienta a existência de abordagens teóricas contemporâneas ao seu tempo, mas que apresentam características pré-evolucionárias, mesmo que em discurso intitulassem-se proponentes de um método evolucionário (Veblen 1899a). Em última instância, conforme veremos adiante, tais características seriam resultantes de uma concepção não darwiniana do processo evolutivo.

---

<sup>76</sup> Em Veblen (1900, p. 261) é observada a primeira menção ao termo “neo-classical” na literatura econômica.

Ao tratar especificamente as contribuições de Alfred Marshall, Veblen é enfático ao salientar a perpetuação na ciência pré-evolucionária de características taxonômicas. Veblen (1900) reconhece o anseio de Marshall em estabelecer um estudo voltado ao entendimento do comportamento humano em uma lógica moderna, pautado em atributos econômicos. Porém, mesmo com tal objetivo em mente, Marshall não desenvolveu trabalhos, nem mesmo maiores explicações, sobre aspectos relacionados à conduta humana, tais como os elementos culturais e institucionais (Veblen 1900). Em fato, segundo a perspectiva de Veblen (1900), Marshall atribuiu o comportamento humano a determinantes das condições em que ocorreriam equilíbrios nos mercados. Ou seja, assumiu como verdadeiro a existência de elementos de origem teleológica no comportamento humano.

Desse modo, a crítica de Veblen (1900) acerca das contribuições de Marshall ao entendimento do indivíduo como agente econômico, mostra-se clara quando o institucionalista delata a visão marshalliana como não atenta aos processos de causação cumulativa. Ao invés disto, na interpretação de Veblen, Marshall teria atuado como refém dos velhos pressupostos taxonômicos e teleológicos que implicavam desdobramentos auto equilibrados nos fenômenos econômicos.

Veblen (1900) ainda admite nos trabalhos de Marshall o trato da economia como um processo de desenvolvimento nos trabalhos de Marshall, sendo este um dos elementos de recorrência nos trabalhos do autor neoclássico. Porém, Veblen reafirma a inadequação teórica de Marshall ao atrelar aspectos do comportamento humano a elementos taxonômicos e teleológicos. Conforma já visto no capítulo anterior, essa convergência de abordagens foi possível nos trabalhos de Marshall devido à interpretação spenceriana do evolucionismo (Luz e Fracalanza 2012). Tal processo seria cunhado em perspectivas teleológicas de finalidades pré-estabelecidas. No caso da biologia de Herbert Spencer isso se daria através da geração de heterogeneidade de espécies. Já no caso da teoria econômica de Marshall tal elemento corresponderia às características de auto equilíbrio oriundos das heranças clássicas do hedonismo e do utilitarismo (Veblen 1900).

Exatamente com base nestas argumentações, Veblen (1900) estabelece o perfil anacrônico da teoria econômica desenvolvida por Alfred Marshall. Afinal, conforme salientado no capítulo anterior, na perspectiva vebleniana, toda teoria econômica pós-darwiniana que não apresentasse características de causação cumulativa através de aspectos evolucionários, seria uma teoria de cunho obsoleto. No caso de Veblen, esses elementos foram sanados através de sua perspectiva institucional, com base nos instintos e nos hábitos de pensamento e comportamento. Já no caso neoclássico de Marshall, havia a carência de

maiores interpretações acerca do comportamento humano e dos desencadeamentos cumulativos na perspectiva social e econômica.

Costumeiramente, em forma de atrelar pensadores e ideias, Veblen apresentava os neoclássicos como teóricos da utilidade marginal, haja vista a importância deste elemento teórico no desenvolvimento das ideias oriundas deste grupo de economistas. Sendo assim, ao tecer críticas a postulados e elementos epistêmicos, Veblen elevava sua crítica do plano teórico para o plano da organização de ideias. Sendo que, o segundo próprio Veblen (1909, 620), John Bates Clark seria o “[t]he most ingenious and the most promising of such attempts [...]”, devido a seus trabalhos marcarem o extremo esforço de estabelecimento dos postulados necessários, dentre eles o da própria utilidade marginal<sup>77</sup>.

A partir da identificação dos elementos de limitação das teorias neoclássicas, principalmente de Marshall e Clark, Veblen (1908; 1909) fundamenta suas críticas no aspecto estático da análise de elementos essencialmente dinâmicos e mutáveis, como o comportamento socioeconômico. Veblen (1909) salienta que por mais que os economistas de raiz neoclássica fizessem uso de termos relacionados a dinâmica, estes nunca, de maneira nenhuma, foram aptos a contribuir com alguma teoria voltada a mudança ou processo. Ou, nas palavras de Veblen (1909, p. 620):

For all their use of the term “dynamics”, neither Mr. Clark nor any of his associates in this line of research have yet contributed anything at all appreciable to a theory of genesis, growth, sequence, change, process, or the like, in economic life.

Sendo assim, através do alcance limitado da perspectiva da teoria da utilidade marginal, proposta por Clark e seguida pelos demais neoclássicos, aqueles que se propunham a esta abordagem seriam reféns de uma ciência de características estáticas, e também, conforme já comentado, reféns das prerrogativas teleológicas concernentes a o indivíduo e a sociedade (Veblen 1909).

Veblen (1908) apresenta argumentos ainda mais fragilizadores do constructo teórico de Clark quando elabora, concomitantemente, as características demandantes de uma sociedade industrial, e os pressupostos e objetivos desta teoria. Afinal, segundo o autor, tal teoria não se diz concernente ao entendimento do funcionamento das características de mercado e de consumo a qual a ciência econômica se propõe. De forma ainda mais incisiva, Veblen (1908; 1909) comenta que a prerrogativa hedonística – um dos grandes pilares

---

<sup>77</sup> A relevância de Clark no constructo neoclássico também pode ser observada através de Veblen (1908) “*Professor Clark’s Economics*”.

teleológicos da teoria neoclássica – além de não ser autossuficiente no esclarecimento de seu objeto de estudo, mostra-se como debilitadora do inquérito científico demandado pela ciência econômica evolucionária.

Desse modo, Veblen salienta que as generalizações necessárias para a factual plausibilidade dos argumentos neoclássicos, demandam postulados confinados à teleologia e ao dedutivismo. Exatamente esta característica, de acordo com o autor, seria a principal diferença entre os economistas da utilidade marginal (neoclássicos) e os economistas clássicos. Afinal, no primeiro caso existe a evidência e aderência muito mais significativa de postulados, bem como suas limitações ficam ainda mais expostas através das recorrentes generalizações e deduções (Veblen 1909). Sendo que em tais generalizações e deduções, observa-se um caráter bastante otimista em relação ao comportamento humano e seu hedonismo travestidos de “racionalidade”. Essa última crítica sendo frisada por Veblen (1908) principalmente em seus estudos sobre as propostas teóricas de Clark.

Sendo assim, Veblen (1908) observa que todos os elementos de origem cultural, com suas relações humanas e instituições, são tidos como garantidos e pré-existentes, sendo expurgados dos objetivos de inquérito desta perspectiva. Desse modo, o comportamento humano generalizado e hedonista é deduzido através de uma normalização entre os indivíduos da sociedade. Sendo que, para Veblen, tal característica parece ser fonte de crítica não só a Marshall e Clark, mas também a todos os economistas simpáticos a esta corrente do pensamento econômico, como por exemplo, Jevons e Menger.

Com base nestes argumentos, Veblen comenta a existência da desconexão entre o inquérito científico contemporâneo a seu tempo, e aquele proposto pela abordagem neoclássica (Veblen 1898). Afinal, na contramão daquilo que se observa nos anseios científicos das demais áreas do conhecimento, no caso neoclássico, os elementos de ordem cumulativa são deixados de lado já na gênese de suas teorias. Sendo assim, segundo Veblen (1909), as instituições são, sem dúvida, fundamentais para a explicação do esquema de vida, porém, não são representadas na personificação do agente econômico (indivíduo) neoclássico.

Conforme já visto, tais elementos institucionais seriam de fundamental relevância não só por explicarem de maneira consideravelmente ampla a psique humana, levando em consideração o processo de tomada de decisão, entre outros atributos, mas também por representarem aquilo que há de mais precioso na criação humana no ponto de vista antropológico (Veblen, 1908; 1909). Afinal, somente através de institucionalizações o ser humano fora apto a desenvolver características sistêmicas em relação a sua história e organização. Línguas, dinheiro, estabelecimentos de leis e condutas, são elementos que, sem

sombra de dúvida, são fundamentais na explicação do sistema socioeconômico. Logo, como uma teoria poderia se propor a explicar a ciência econômica desconsiderando a tais atributos? Outro questionamento ainda mais relevante: como uma teoria que desconsidera tais atributos poderia propor a mensuração e predição de fenômenos econômicos? (Veblen, 1908; 1909)

Desse modo, Veblen (1909) aprimora sua crítica à distorção do inquérito científico por parte dos neoclássicos afirmando que estes autores estariam preocupados com atributos de alocação, ou então, distribuição de bens (Camic e Hodgson 2011). Porém, os mesmos teriam negligenciado aspectos relacionados a consumo e produção, que em seus cerne apresentam características cumulativas muito marcantes e determinantes nos processos de alocação e distribuição. Através de tal comentário de Veblen (1909), mesmo que não de maneira explícita, fica delatada a visão normativa da economia neoclássica sobre o seu objeto de estudo.

Veblen (1909) aponta ainda que, mesmo que os elementos simplistas atrelados ao neoclassicismo se mostrassem como não comprometedores do desenvolvimento científico da economia, haveriam ainda outros problemas relacionados a observação e desencadeamento da conduta humana. Afinal, segundo Veblen, não seria possível explicar a socialização humana somente através de uma perspectiva individualista, mesmo que através da aceitação das concepções hedonistas. Tal ponderação justifica-se em Veblen através do caráter inibidor ou expansor de determinadas ações frente a cenários coletivos – obviamente, via perspectiva institucional. Sendo assim, mesmo que se aceite como verdadeiras as premissas neoclássicas relacionadas ao hedonismo e ao seu desencadeamento na utilidade marginal, ainda assim haveria uma enorme lacuna teórica esperando por uma solução, no campo da socialização humana e coletivização dos elementos socioeconômicos.

Como um exemplo simples da passagem acima, Veblen (1908; 1909) cita o processo de tomada de decisão. Através deste, o indivíduo é muitas vezes levado a diversos desejos e finalidades, porém, devido ao complexo e amplo arcabouço institucional em que o mesmo está inserido, elemento ignorado pela teoria neoclássica, muitas vezes esses elementos primários de desejo e finalidade são distorcidos visando uma ampla aceitação de seu cenário coletivo. Segundo Veblen, tal argumento daria ao comportamento do indivíduo uma característica naturalmente instável, de mensuração e predição insustentáveis. Sendo assim, segundo Veblen (1909, 630):

The postulates of marginal utility, and the hedonistic preconceptions generally, fail at this point in that they confine the attention to such bearings

of economic conduct as are conceived not to be conditioned by habitual standards and ideals and to have no effect in the way of habituation

É válido lembrarmos que as críticas tecidas por Veblen especificamente às contribuições de Marshall e Clark correspondem a um arcabouço ainda mais amplo do ponto de vista teórico. Porém, como pôde-se observar, parte-se do princípio da existência de uma grande diferença epistêmica que fundamenta e dissemina as mais diferentes divergências. Sendo que este elemento viria a ser a fonte de uma das principais discussões da ciência econômica naquele período (Hodgson, 2004; Rutherford, 2011).

Visando a finalização das perspectivas veblenianas acerca da economia neoclássica, que aqui tiveram como foco principalmente Marshall e Clark, nota-se uma relevante consideração a ser feita. Conforme Camic & Hodgson (2011) destacam, houve por parte de Veblen uma tentativa de aproximação entre os economistas de corrente neoclássica e aqueles que viriam a ser conhecidos como austríacos. Segundo Veblen, tanto neoclássicos como austríacos seriam os economistas responsáveis por adotar uma natureza humana passiva e substancialmente inerte. Porém, os autores comentam que tal tentativa teria sido resultado de uma leitura apressada e pouco rigorosa por parte de Veblen, principalmente tendo em vista os trabalhos que vieram a ser desenvolvidos posteriormente por parte da escola austríaca<sup>78</sup> (Camic e Hodgson 2011).

### 3.2. VEBLEN E A CRÍTICA DO CAMINHO CIENTÍFICO PROPOSTO POR GUSTAV SCHMOLLER

Quando Veblen (1898) apresenta sua questão acerca da economia não ser uma ciência evolucionária, também deixa clara sua posição de que o “realismo” – apesar de necessário – não é atributo suficiente para a formação de uma ciência de cunho teórico-evolucionário. Tal comentário emerge como crítica às contribuições do historicismo alemão que apresentava trabalhos com cargas extensas de dados (empirismo) e descrição histórica de eventos relacionados à industrialização, porém, sem apresentar corpo teórico necessário para o desenvolvimento de ciência econômica voltada à causas cumulativas. Desse modo, Veblen (1898, 375) comenta que “[...] *no economic is farther from being an evolutionary science than the received economics of the Historical School*”.

---

<sup>78</sup> Nesta passagem, Camic & Hodgson (2011) comentam os trabalhos de Hayek (1948).

Com base na noção descrita acima, Veblen (1898) tece comentários a respeito do fato do historicismo alemão ter se desfeito das perspectivas taxonômicas, mas não ter conseguido se desprender as preconcepções de ordem pré-evolucionária. Desse modo, nunca tendo sido apto ao desenvolvimento de uma teoria científica moderna, nos termos do autor. Esta teria sido a primeira fase do historicismo alemão, segundo Veblen. Sendo seguida pela segunda fase, tendo como principal expoente Gustav Schmoller, na sua busca pelo estabelecimento teórico-científico do método histórico.

Veblen (1901) argumenta a existência de duas correntes historicistas que, segundo o autor, podem ser divididas também temporalmente. No primeiro caso, os historicistas “antigos” seriam aqueles responsáveis pelo desenvolvimento de uma perspectiva descritiva dos avanços históricos em relação à industrialização alemã, tendo como foco, principalmente o levantamento e apresentação de dados a respeito do tema. Já a segunda geração, os historicistas “novos”, seriam aqueles proponentes de uma teorização ao método histórico. Neste segundo caso, conforme já comentado, papel de destaque é cedido a Gustav Schmoller, autor ao qual Veblen (1901) dedicou atenção especial ao tratar as contribuições historicistas.

Veblen (1901) comenta que Schmoller adentra o mundo acadêmico sendo bastante crítico à forma em que a ciência econômica estaria sendo trabalhada, sendo majoritariamente confinada a elementos de narrativa, estática e descrição. Concomitantemente também expressa seus novos ideais teóricos para o avanço científico da economia. Porém, Veblen (1901) salienta que nenhuma contribuição substancial foi feita neste sentido, inclusive, Veblen comenta, durante boa parte de sua crítica, o papel de desserviço prestado por Schmoller ao avanço científico na teoria econômica<sup>79</sup>.

Justificando esta leitura, Veblen volta a salientar o aspecto de compartilhamento de visão científica, assim como a característica de reflexão do meio em que está inserido. Partindo desta apresentação justificativa do constructo científico, Veblen (1901) salienta que a percepção de Schmoller estaria diretamente influenciada por seus antecessores historicistas, bem como pela visão filosófica e literária alemã, que naquele período apresentava características fundamentalmente romancistas e de cunho hegeliano. Sendo que, majoritariamente, as críticas de Veblen fundamentar-se-iam com base nestes mesmos elementos.

---

<sup>79</sup> Veblen (1901) não tece comentários específicos a respeito da palavra “desserviço” quando apresenta sua crítica a Schmoller, mas faz questão de deixar claro através de sua retórica e argumentos, que a perspectiva teórica de Schmoller compromete severamente um olhar evolucionário e moderno a respeito da ciência econômica.

Veblen salienta que há a possibilidade de observar a este método “romântico-histórico” através de uma perspectiva de desenvolvimento, ou então, de evolução. Porém, o institucionalista é enfático ao dizer que esta noção não pode ser confundida com noções darwiniana ou spenceriana. Afinal, o caráter hegeliano permeador desta base científica tornam corriqueiras as generalizações de filiação, segundo Veblen, mais ou menos arbitrárias (Veblen 1901).

Este elemento crítico de Veblen faz com que seus comentários se voltem ao caráter normativo e generalista da teoria de Schmoller. Sem sombra de dúvidas, o maior incômodo apresentado por Veblen na sua leitura do historicista seria a noção do autor sobre a perspectiva de tendência melhorativa no curso cultural dos eventos. Desse modo, Veblen mostra-se severamente crítico e contrário ao caráter normativo que esta percepção científica resulta. Afinal, recorrentemente, Schmoller apresenta julgamento moral sobre questões observacionais que deveria estar livres de qualquer tipo de juízo de valor, como por exemplo, apresentando formas específicas de organização social e familiar como intrinsecamente melhores e desejáveis em relação às demais (Veblen 1901). Tal aspecto normativo relacionado aos juízos de valor apresentado por Schmoller, foi fonte de crítica de Veblen (1901) por boa parte de seus comentários<sup>80</sup>. Sendo, provavelmente, em sua maioria, tecidos sobre as modificações no padrão patriarcal de constituição familiar e igualdade entre sexos, que segundo Veblen, carece de maiores explicações quanto a suas causas e suas consequências<sup>81</sup>.

Exatamente sobre isso, Veblen comenta a capacidade de Schmoller ter apresentado um inquérito científico mais crítico, haja vista sua formação e conhecimento acumulado. Pelas palavras de Veblen (1901, p. 90):

Professor Schmoller could have done with better effect than any of his colleagues in the science; for he is, as already noticed above, possessed of necessary qualification in the way of psychological training, broad knowledge of the play of cause and effect in cultural growth, and an ability to take a scientific point of view.

Desse modo, Veblen salienta sua insatisfação com a proposta de teorização dos aspectos históricos dentro de sua perspectiva. Afinal, no anseio de teorização dos processos históricos,

---

<sup>80</sup> Segundo contagem de Camic & Hodgson (2011) as críticas de Veblen referentes a estes aspectos, ocupam não menos do que oito páginas do seu trabalho de 1901.

<sup>81</sup> Veblen salienta a possibilidade de uma explicação institucional-evolucionária a respeito do tema, principalmente no que se refere aos desdobramentos econômicos deste fato. Porém, como Veblen bem comenta, tais explicações ficam ausentes das contribuições de Schmoller.

Schmoller teria perdido sua principal fonte de argumentação, a causação cumulativa. Além disso, teria apresentado julgamentos derivados de juízo de valor, criando uma teorização normativa em relação aos seus critérios de “melhor” e “pior”.

Conforme visto a procura melhorativa dos desencadeamentos históricos de Schmoller, se dão, em grande medida, através de suas influências, tanto romancistas e históricas, quando de ordem hegeliana que, segundo Veblen (1901), seriam fruto do seu tempo e lugar, porém condenatórias na construção científica do ponto de vista pós-darwiniano. Afinal, tal aspecto hegeliano dá à natureza espiritual o espaço central em sua teoria. Sendo que, através desta, a vida apresenta-se como um processo essencialmente ativo e vendado por necessidades internas, apresentando os atributos culturais como externos e secundários ao espírito humano. Desse modo, segundo Veblen (1901, p.78): *the environment, in this view, if it is not to be conceived simply as a function of the spiritual force at work, is, at the most, of subsidiary and transient consequence only.*

Tal aspecto crítico em relação à filosofia hegeliana é atributo de recorrente crítica em Veblen, principalmente no que se refere às contribuições de origem alemã. Conforme veremos a seguir e de maneira ainda mais enfática, Veblen também tece severas críticas a ciência econômica proposta por Karl Marx.

### 3.3. A CRÍTICA DE VEBLÉN À DIALÉTICA HEGELIANA DE KARL MARX

Quando Thorstein Veblen direciona sua atenção às contribuições de Marx, deixa clara a separação entre duas desinências: uma que de fato são as contribuições de Marx, e outra que atua como desdobramento das contribuições deste autor, os marxistas. Tal separação fica evidenciada na produção de Veblen, que não teve a mínima pretensão de ser didático, em dois textos sequenciais e de mesmo nome, *“The Socialist Economics of Karl Marx and His Followers”*, de 1906 e 1907. No primeiro texto, Veblen (1906) apresenta sua leitura e comentários a respeito das contribuições teóricas de Karl Marx ao pensamento econômico. Já no segundo texto, Veblen (1907) apresenta sua percepção e interpretação a respeito dos desdobramentos da teoria de Marx através de seus seguidores, os autointitulados marxistas.

Veblen (1906) inicia suas considerações a respeito das teorias de Marx salientando a existência de grande ousadia em sua concepção, assim como uma perceptível consistência lógica. Comenta também a respeito do caráter original, de iniciativa rara nas ciências ao lidar com qualquer fase da cultura humana e, deixa clara sua percepção de que as contribuições de

Marx diferem caracteristicamente de qualquer sistema teórico que o tenha precedido, tanto em premissas quanto em objetivos (Veblen 1906).

Por não pertencer a nenhuma escola filosófica e por não apresentar uma perpetuação de estudos já iniciados outrora, segundo Veblen (1906), Marx destaca-se por ser o originador de sua própria escola do pensamento, bem como líder de um movimento direcionado para uma finalidade prática. Tal finalidade, conforme fica evidente ao decorrer da leitura dos trabalhos de Marx, surge como uma resposta ao sistema capitalista através de um movimento revolucionário, advindo da luta de classes. E, exatamente sobre esse ponto, Veblen (1906) comenta que, apesar de iniciar seus trabalhos através de uma análise dos fenômenos econômicos e suas organizações através de um sistema científico de conhecimento, Marx recorrentemente discorria sob uma percepção tendenciosa de progresso associado a sua principal propaganda, o socialismo.

Segundo Veblen (1906), tal percepção tendenciosa evidencia-se quando Marx, apesar de originador de sua própria teoria, desenvolve-a em duas linhas distintas: o materialismo hegeliano, e o sistema Inglês de direitos naturais. Sendo que o primeiro tornaria Marx adepto de um método de especulação (inquérito científico) relacionado à metafísica hegeliana do desenvolvimento, e o segundo delata uma influência inglesa no desenvolvimento teórico de Marx que, segundo Veblen (1906), também apresenta traços utilitaristas e hedonistas. Ou seja, Marx viabiliza que os ideais de sua propaganda sejam ideais de direitos naturais, mesmo que sua teoria atue no curso da história através da perspectiva hegeliana de progresso. Desse modo, segundo Veblen (1906) e conforme entendido contemporaneamente, seu método de inquérito e construção teórica é dado através da dialética hegeliana e do materialismo histórico.

Veblen (1906) ainda aponta para o fato de uma das principais contribuições teóricas de Marx ser, também, um dos principais combustíveis para sua propaganda: a teoria do valor. Afinal, segundo Veblen (1906), os corolários desta seriam: (i) a doutrina da exploração do trabalho pelo capital; e (ii) o clamor dos trabalhadores pelo total do produto de seu trabalho. Desse modo, Veblen (1906) argumenta que a teoria do valor pode ser muito mais observada como contida no centro dos principais postulados do sistema marxista, do que derivada destes. Sendo que esta, pela perspectiva do institucionalista, representaria papel de similaridade, ao menos parcial, entre Marx as contribuições de Ricardo, sendo que:

Marx identifies this doctrine, in its elements, with the labor-value theory of Ricardo, but the relationship between the two is that of a superficial

coincidence in their main propositions rather than a substantial identity of theoretic contents (Veblen 1906, 587).

Tais constatações tecidas a respeito da construção teórica de Marx, servem para que Veblen explore em melhor medida suas fundamentações e inclinações filosóficas e teórico-científicas. Sobre tal, Veblen (1906) comenta que o sistema marxista de análise seria um esquema de concepção materialista da história, como já vimos, especificamente de caráter hegeliano. Porém, Veblen salienta que este esquema seria oriundo de um hegelianismo de esquerda, de afiliação a Feuerbach (1804-1872)<sup>82</sup>. Desse modo, Veblen (1906) delata a distinção entre a perspectiva hegeliana materialista, com aquela que seria a perspectiva hegeliana ortodoxa. Tal distinção é de fundamental importância haja vista o contraste gerado em relação ao Darwinismo ou as perspectivas pós-darwinianas, que são de interesse e objetivo de Veblen.

Segundo Veblen (1906) na concepção do hegelianismo materialista, o espírito do indivíduo – o modo como ele pensa – apresenta-se como um reflexo de origem material. Já na perspectiva hegeliana ortodoxa, esse desencadeamento seria contrário, vindo do espírito e desencadeando na materialidade (Veblen 1906). Em ambos, a norma dominante da especulação e formulação teórica se dá na concepção do movimento, desenvolvimento e “evolução”, como bem destaca Veblen (1906). Apesar da diferenciação materialista, nota-se que o desencadeamento do processo desemboca ainda, todavia, na finalidade do progresso; visando um objetivo ou especificidade. Ou seja, mais uma vez, Veblen delata a percepção teleológica relacionada aos atributos do inquérito científico relacionado ao hegelianismo. Conforme já fora brevemente abordado na análise da crítica de Veblen a Schmoller, no caso hegeliano, o movimento atribuído à evolução e mudança apresenta um papel teleológico em que há um fim almejado e/ou esperado.

Tal aspecto teleológico pode ser melhor compreendido na dialética hegeliana através de percepção do conflito de ideias que consistiria em um processo de três fases: a tese, a antítese e a síntese. Sendo que a tese seria a ideia já existente e consolidada, que é contraposta por uma antítese contrária ao pensamento estabelecido. E, a síntese, seria o resultado (nova tese) da luta entre tese e antítese. Através desta perspectiva, a síntese sempre resultaria em uma resposta mais adequada e melhor “polida” em relação ao problema em questão.

Desse modo, Veblen (1906) argumenta que, através do materialismo histórico e da dialética hegeliana, Marx dedicaria papel fundamental para luta de classes como um

---

<sup>82</sup> Filósofo alemão, responsável pela disseminação da ideia de observação da teologia e das religiões através do papel antropológico.

desencadeamento da realidade material. Neste sentido, Veblen explica que o atributo material resultante desta luta de classes não seria necessariamente físico, nem mesmo psicológico, mas sim econômico. Sendo assim, fica evidente que a dialética hegeliana, munida de um movimento progressista, seria vislumbrada através de um plano humano, nas palavras de Veblen (1906), de “desejo e paixão” – através do já comentado espírito humano –, não desempenhando desencadeamentos literalmente materiais (Veblen 1906). Com base nesta argumentação, Veblen (1906) salienta o aspecto inconcebível de causa e efeito atribuído a este processo de evolução na teoria de Marx. Afinal, com base neste, a luta de classes seria meramente o resultante de uma percepção do indivíduo, como resposta do espírito humano, à sua materialidade imposta, o que para Veblen seria como uma resposta reflexo, para além dos instintos e tropismos, e carente de maiores explicações.

Exatamente com base no ponto descrito acima, Veblen (1906) apresenta a inconsistência teleológica da dialética utilizada pela teoria de Marx. Segundo Veblen, devido às características de seu inquérito científico, Marx fora inapto a perceber que as respostas do espírito humano (consciência), se dariam através de atributos históricos e psicológicos causados cumulativamente. Afinal, diferentemente, Marx teria atribuindo-os a respostas metafísicas associadas à dialética hegeliana. Munido desta crítica, Veblen (1906) não hesita em destacar que tal perspectiva não só mostra-se prejudicial ao inquérito científico evolucionário, como também mostra-se desarmoniosa com o que em sua época despontava nos estudos psicologistas.

Conforme já comentado no capítulo anterior, a perspectiva institucional-evolucionária não almeja (e de certo modo não incentiva) nenhum tipo de predição em relação à acontecimentos socioeconômicos futuros, assim como a perspectiva evolucionária na biologia. Afinal, tal processo se daria de forma cega em uma sequência cumulativa de eventos. Porém, mesmo que tentasse se estabelecer este inquérito científico à teoria de Marx, os indivíduos seriam, muito provavelmente, impossibilitados de idealizar a uma luta de classes. Veblen (1906) explica esse raciocínio argumentando que os hábitos e as instituições são de fato resultantes da materialidade humana, como a história, a cultura e o sistema econômico vigente. Porém a vigência e o reforço destes se dá em mesma intensidade com que se vive-os. Desse modo, mesmo não almejando predições, a perspectiva institucional-evolucionária é capaz de analisar vias e possibilidades. No caso da luta de classes da teoria de Marx, seria, muito provavelmente, inviável e improvável devido ao caráter institucional em que o sistema capitalista envolveria os atributos históricos, culturais e psicológicos da

humanidade. Sendo assim, segundo Veblen (1906), a luta de classes seria algo contrassensual tanto à realidade material, quanto à psique humana<sup>83</sup>.

Em vias de finalização, Veblen destaca ainda que um dos desdobramentos atribuídos à dialética hegeliana na teoria de Marx, seria a continuidade do aumento populacional mesmo frente a períodos extensos de crise, como por exemplo, no caso da formação e expansão do Exército Industrial de Reserva. Segundo Veblen (1906) este seria um dos principais elementos de composição da antítese, levando o sistema capitalista a um colapso de desemprego e miséria abaixo da subsistência. Sendo assim, esse ponto acaba sendo mais um elemento de crítica do institucionalista. Sendo que sobre este, Veblen (1906) comenta o aspecto antievolucionário da ideia de aumento de uma população sem a devida capacidade de subsistência. Além do mais, também pontua a carência de evidências sobre a referida afirmação.

Sendo assim, através da leitura de Veblen (1906) observa-se que Marx estabeleceu uma teoria voltada a análise econômica, apontando para o desenvolvimento progressista do curso da história. Esse progresso estaria relacionado à perspectiva dialética de Hegel e culminaria no processo revolucionário da classe trabalhadora, em busca da manutenção de seus direitos naturais e do domínio dos meios de produção. A revolução, portanto, seria a resposta ao eminentemente falho sistema capitalista (antítese), e teria como seu resultado (síntese) o socialismo. Nas palavras de Veblen (1906, p.595):

This goal or end, which controls the process of human development, is the complete realization of life in all its fullness, and the realization is to be reached by a process of analogous to the three-phase dialectic, of thesis, antithesis, and synthesis, into which scheme the capitalist system, with its overflowing measure of misery and degradation, fits as the last and most dreadful phase of antithesis. Marx, as a Hegelian – that is to say, a romantic philosopher – is necessarily an optimist, and the evil (antithetical element) in life is to him a logically necessary evil, as the antithesis is a necessary phase of the dialectic; and it is a means to the consummation, as the antithesis is a means to the synthesis.

Veblen (1906) ainda comenta uma série de outros elementos referentes à teoria de Marx, antes de iniciar suas considerações sobre os desdobramentos destas através dos seguidores marxistas. Porém, a crítica constantemente se renova em torno dos pontos já apresentados referentes à dialética hegeliana e, portanto, ao seu inquérito científico.

---

<sup>83</sup> Sendo assim, Veblen (1906) tece importante contraponto. As características emulativas e conservadoras presentes em *The Theory of The Leisure Class* ([1899]2009) sinalizam para uma baixa possibilidade de insurgência revolucionária de grupos subordinados econômica e politicamente.

Quando visa estabelecer uma análise sobre os desdobramentos da teoria de Marx, Veblen (1907) salienta o seu papel de soberania na perspectiva científica do socialismo. Segundo Veblen, nenhum outro movimento socialista era levado a sério como o movimento marxista, principalmente em intensificação de críticas e em número de adeptos, o que, segundo o autor, mais uma vez salienta a importância e relevância dos escritos de Marx ao pensamento econômico.

Tais movimentos, tanto de críticas quanto de adesão, fizeram com que a teoria marxista passasse por processos de mudança e adaptações. Veblen comenta que os “mantenedores” das doutrinas socialistas atuaram em grande tom de convergência com as principais posições e princípios propostos por Marx, porém, também em grande medida, houve adaptação e modernização de posicionamentos visando suprir as exigências recentes do constructo científico. Exatamente por tal motivo, Veblen (1907) argumenta a não precisão na ideia de se considerar o mesmo corpo teórico as contribuições de Marx e as contribuições de seus seguidores (marxistas)<sup>84</sup>. Ainda sobre esta questão, Veblen (1907) pontua que, mesmo com a evidência de modificações com a finalidade como as descritas acima, alguns contribuintes tidos como mais ortodoxos mantinham posicionamento conservador em relação às sucessões das ideias de Marx, salientando que nenhuma mudança substancial ocorrera desde que a teoria saiu das mãos de seu criador.

Ademais, Veblen (1907) nos apresenta a uma série de problemáticas originárias da rápida ascensão do pensamento Darwiniano que, conforme já destacado aqui, estaria em desacordo com o núcleo central da perspectiva teórica de Marx. Este, inclusive, teria sido um dos principais elementos motivadores de marxistas “revisionistas” acerca do socialismo científico. Afinal, suas teorias mostravam-se carentes de elaborações melhor trabalhadas quando se objetivava a descrição e o desencadeamento de eventos na teoria de Marx. Veblen (1907) comenta que o materialismo histórico, se aplicado sob a ótica evolucionária, poderia ter se desdobrado de maneira muito mais frutífera nos anais da ciência, pois neste caso, a materialidade seria representada pelo processo de evolução dos hábitos de pensamento. Porém, vislumbrar a teoria de Marx nestes parâmetros, significaria abdicar das conclusões e previsões provenientes do tradicional materialismo histórico somado à dialética hegeliana.

Sendo assim, Veblen (1907) explicita a clara necessidade de adaptação que o socialismo científico vem sofrendo com o avançar do curso da história, frente às novas

---

<sup>84</sup> Veblen (1906; 1907) usa palavras distintas para expressar o desenvolvimento da teoria de Marx e a teoria de seus sucessores. Para o primeiro caso, Veblen utiliza a palavra “maxiana”. Já para o segundo caso, Veblen utiliza a já tradicional expressão “marxista”.

demandas da ciência e da indústria moderna contemporânea ao tempo do autor. Veblen (1907) comenta que nem todas as adaptações ainda se fizeram executadas e, talvez nunca se farão.

The material and tactical exigencies that have grown out of changes in the industrial system and in the political situation, then, have brought on far-reaching changes of adaptation in the position of the socialists. The change may not be extremely large at any one point, so far as regards the specific articles of the program, but, taken as a whole, the resulting modification of the socialistic position is a very substantial one. The process of change is, of course, not yet completed – whether or not ever will be – but it is already evident that what is taking place is not so much a change in amount or degree of conviction on certain given points as a change in kind – a change in the current socialistic habit of mind (Veblen 1907, 321).

Desse modo, Veblen (1907) frisa a incapacidade de adaptação plena na teorização marxista à perspectiva evolucionária. Afinal, não lhe é ausente o anseio evolucionário – como pode-se inferir através da interpretação do materialismo histórico – porém as alterações que mostram-se necessárias apresentam-se no campo epistêmico e não no campo teórico. Exatamente devido a esta impossibilidade de retificação, Veblen (1907) pauta sua falta de fé nas adaptações marxistas.

Sendo assim, conforme Veblen tece suas críticas aos economistas contemporâneos ao seu tempo, fica evidente a repetição dos elementos de aversão em suas tonalidades epistêmicas, principalmente no que se refere a aderências teleológicas. Sendo assim, evidencia-se que Veblen pauta suas críticas em pilares fundamentais de características arcaicas de formação científica, o que acarreta na impossibilidade da construção de um discurso evolucionário pautado no processo de causação cumulativa. Conforme pôde ser observado, esta assertiva mostra-se verdade em Marshall, Clark, Schmoller e Marx. De modo a sumarizar a discussão das subseções acima, na sequência apresenta-se o quadro 4.

Quadro 4 – Quadro Resumo das Críticas de Veblen à Seus Contemporâneos

PENSADORES		PONTOS CENTRAIS DE CRÍTICA
3.1	<b>Alfred Marshall e John B. Clark</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diferenças epistêmicas</li> <li>• Elementos teóricos pré-evolucionárias               <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Características mecanicistas</li> </ul> </li> <li>• Teleologia no comportamento humano (evolucionismo spenceriano)</li> <li>• Desconexão com o processo de causação cumulativa</li> <li>• Foco excessivo em elementos taxonômicos</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ideia de utilidade marginal <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Características de auto equilíbrio</li> </ul> </li> <li>• Perfil anacrônico do hedonismo e do utilitarismo <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Debilitador do inquérito científico da economia evolucionária</li> </ul> </li> <li>• Presença de generalizações e deduções <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Pressuposto da “racionalidade”</li> </ul> </li> <li>• Apresentação de uma visão normativa sobre seu objeto de estudo</li> <li>• Lacuna teórica de elementos relacionados à socialização</li> </ul>
3.2	<b>Gustav Schmoller</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Empirismo excessivo e desconexo de teoria</li> <li>• Preconcepções de ordem pré-evolucionária <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Fundamentalmente romancista e de cunho hegeliano</li> </ul> </li> <li>• Generalizações de filiação arbitrárias <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Presença de julgamentos morais</li> </ul> </li> <li>• Presença de normatividade e teleologia</li> <li>• Análise histórica com ausência da apresentação de um processo de causação cumulativa</li> <li>• Perspectiva de tendência à melhora <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Juízo de valor</li> </ul> </li> </ul>
3.3	<b>Karl Marx</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresenta perspectiva de progresso</li> <li>• Adesão à teleologia <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Identificação de um resultado final (luta de classes)</li> </ul> </li> <li>• Adesão hegeliana <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Dialética baseada na tese, antítese e síntese</li> </ul> </li> <li>• Carência teórica do processo de causação <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Luta de classes como improvável</li> </ul> </li> <li>• Desconexão na continuidade teórica <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Marx x Marxistas</li> <li>○ Busca pela adaptação epistêmica visando uma abordagem evolucionária</li> <li>○ Convulsão teórica frente a ajustamentos epistêmicos</li> </ul> </li> </ul>

#### 4. A CIÊNCIA EVOLUCIONÁRIA NO PENSAMENTO DE THORSTEIN VEBLEN: DUAS DE SUAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Até este ponto, fica bastante evidente a atuação de Veblen no pensamento econômico, tanto na apresentação de suas insatisfações com o estado da arte da ciência econômica, quanto em seu estabelecimento teórico através de uma perspectiva evolucionária. Conforme já comentado anteriormente, Veblen é detentor de uma vasta produção bibliográfica que desempenha papel fundamental em seus mais distintos objetivos, desde revisões acadêmicas, até mesmo importantes livros autorais. Escolher entre estas várias contribuições para destacar o pensamento deste autor trata-se de uma não trivialidade. Porém, ao se atentar especificamente às intencionalidades evolucionárias de Veblen, duas de suas obras parecem se destacar. Tanto *The Theory of The Leisure Class* quanto *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts* denotam, em diferentes níveis, as perspectivas paradigmáticas de Veblen a respeito da ciência econômica.

Em ambas as contribuições teóricas pode-se observar o objetivo de Veblen em destacar sua teoria como suficientemente maleável e aplicável aos mais diferentes níveis dos estudos sociais. Exatamente nestes diferentes níveis de possibilidade emerge a diferença entre as supracitadas obras. No caso de *The Theory of the Leisure Class*, Veblen dedica-se ao estudo da formação e características de uma sociedade estratificada em classes numa lógica pecuniária e regida pelos interesses de uma Classe Ociosa. Ou seja, trata-se de um estudo consideravelmente aplicado de sua teoria evolucionária de causação cumulativa de hábitos e instintos na formação de instituições. Já no caso de *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts*, Veblen mostra sua teoria como aplicável em termos muito mais amplos e genéricos, atentando às formações dos diferentes estados da arte industrial em diferentes períodos históricos. Mais uma vez, sua teoria econômica evolucionária, pautada na causação cumulativa de hábitos e instintos como formadores de instituições é fundamental e extremamente eficaz nas descrições e explanações do autor.

Estas considerações a respeito da maleabilidade e amplitude de alcance da teoria vebleniana parece também ser entendida por Cavalieri (2009) nestas mesmas duas obras. Segundo o autor, Veblen deliberadamente objetivou a possibilidade de abertura teórica visando uma não redução nas temáticas passíveis de interpretação em seus termos, afinal, “[q]uanto mais bem especificado fosse o protocolo geral de pesquisa, menos aberto seria o leque de temáticas a serem exploradas a partir dele” (Cavalieri 2009, 325). Enquanto justifica esta passagem, Cavalieri (2009) destaca que exatamente esta poderia ser uma

contraposição relevante entre *The Theory of Leisure Class* e *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts*, por apresentarem esta dissonância analítica, tanto em objeto de estudo quanto em recorte de estudo. Sendo assim, o primeiro ponto de justificativa da escolha de ambas as obras para se analisar as contribuições de Veblen à ciência econômica evolucionária, pauta-se na relevância e pertinência de se entender a possibilidade de aplicação teórica em diferentes níveis analíticos.

Outro ponto recorrente e de fundamental importância no que tange a estas duas contribuições teóricas de Veblen, diz respeito à frequência de revisitação destes escritos em suas relevâncias. Tanto em estudos de História do Pensamento Econômico, quanto em desenvolvedores contemporâneos da teoria institucional, nota-se a considerável concentração de citações sobre estas duas obras quando objetiva-se entender as contribuições teóricas de Veblen. Afinal, são nestas duas obras que concentram-se grande parte das contribuições conceituais e teóricas a respeito do funcionamento tanto metodológico quanto epistêmico da teoria vebleniana. No caso de *The Theory of Leisure Class*, por exemplo, apresenta-se aos importantes conceitos da emulação pecuniária, consumo conspicuo e ócio conspicuo, que são primordiais no entendimento da sociedade de organização capitalista-patriarcal. Em mesmo sentido, em *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts*, Veblen aborda a importante temática das predisposições instintivas em relação às diferentes realidades produtivas e o estado da arte industrial. Estas afirmativas mostram-se verdade e recorrentes em autores como, por exemplo, Cavalieri (2009), Almeida (2015a; 2015b), Monasterio (1998) e Rutherford (2011). Por este motivo, este apresenta-se como o segundo ponto de argumentação.

Considerações também devem ser tecidas em relação ao momento de publicação destas duas fundamentais obras. Conforme também já comentado anteriormente, *The Theory of the Leisure Class*, foi a obra responsável pelo lançamento do nome de Thorstein Veblen na academia norte americana no tocante à ciência econômica e até mesmo sociologia (Cavalieri 2009; Dorfman [1934] 1972). Portanto, nota-se que se trata de uma obra de relevante importância no traço biográfico e profissional do autor. Salienta-se ainda que esta importante obra de Veblen apresentou-se como um *best-seller* não só na academia, mas também na sociedade norte-americana da Era Vitoriana. Desse modo, é inegável a importância que a supracitada obra desempenhou na vida e na teoria de Veblen, pois teria sido o ponto inicial de uma longa jornada de fidelidade teórica. Em sentido muito semelhante, ao observar as contribuições de *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts*, Veblen também parece ter almejado a esta relevância, pois seguindo Monasterio (1998), o próprio

autor a considerava sua principal obra. Sendo assim, o terceiro ponto de argumentação emerge, no sentido de que ambas as obras apresentaram elevada importância na vida pessoal e acadêmica de Veblen<sup>85</sup>.

Em consonância com estas afirmações, também pode-se notar um aparecimento com considerável frequência de ambas as obras no desenvolvimento desta dissertação. Mais uma vez, tal recorrência aparece como delatora de uma importante significância nas obras que aqui se apresentam. Afinal, recorrentemente as supracitadas obras são referenciadas em prol da explicação ou pontuação de determinado aspecto da teoria vebleniana. Conforme visto, a relevância destas obras não deve-se ao acaso, mas sim refletem a pertinência de suas contribuições à construção de uma ciência econômica evolucionária; mais especificamente, institucional-evolucionária.

Por óbvio, não trata-se de desautorizar ou diminuir as demais contribuições do autor no que tange aos seus objetivos evolucionários na ciência econômica. Afinal, conforme já comentado anteriormente, todas as obras de Veblen apresentam coerência e linearidade no que se refere a seus pensamentos e inquietações acerca da construção de uma teoria econômica evolucionária, assim como fica claro na obra de Monasterio (1998).

Sendo assim, tecidos estes comentários, dedicam-se as páginas seguintes ao entendimento das supracitadas obras em suas integralidades, respeitando as divisões de capítulos estipulados por Veblen e visando a fidelidade do conteúdo. Afinal, através deste esforço, a visitação a estas duas importantes obras parece convergir com os objetivos aqui almejados, de apresentação e análise dos esforços de Veblen na construção de uma teoria econômica evolucionária. Portanto, em um primeiro momento, no item 4.1, as atenções voltam-se a *The Theory of the Leisure Class*, apresentando primeiramente uma visão geral e bastante resumida dos pontos principais da obra, seguido da exploração capítulo a capítulo. E, em mesmo método, no item 4.2, as atenções voltam-se a *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts*. Visando evitar citações recorrentes das mesmas referências, para a análise de ambas as obras, utilizou-se as já referenciadas versões de publicação; conforme marcado em nota de rodapé no início de cada seção.

---

<sup>85</sup> Sobre este ponto, ainda cabe menção de que Cavalieri (2009) destaca *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts* como “a” obra de Veblen, destacando o conselho do institucionalista apresentado por Monasterio (1998), na justificativa da centralização desta obra em seu trabalho.

#### 4.1. UMA ANÁLISE DE *THE THEORY OF THE LEISURE CLASS*<sup>86</sup>

Provavelmente a obra mais famosa de Veblen, *A Teoria da Classe Ociosa* apresenta em seus objetivos, justificativas e metodologia, o cerne da teoria vebleniana. Já nas considerações introdutórias o autor destaca seus anseios em entender seu objeto de estudo – indivíduos e organização socioeconômica – como resultado de um processo histórico desencadeado e sucedido por causações cumulativas no âmbito cultural e material. Tendo como ponto de partida a diferenciação de classes, principalmente frente à identificação de uma classe superior denominada pelo autor como a Classe Ociosa, Veblen apresenta suas reflexões através de uma desconstrução regressiva da história da sociedade. Neste processo de desconstrução regressiva, e conforme já visto anteriormente neste mesmo trabalho, Veblen apresenta os indivíduos como seres condicionados por redes de influências habituais, socialmente compartilhadas e, portanto, institucionalizadas. Aqueles hábitos que, por persistência ou por conveniência histórica apresentam-se de forma mais recorrente e duradoura, gozam de uma característica instintiva devido ao seu enraizamento oriundo da repetição. Logo, apresentar de que forma e em que períodos esses destaques cognitivos emergem, tanto em explicação quanto em justificativa para o surgimento de uma classe ociosa, torna-se o ponto central de sua introdução (capítulo 1).

Ao traçar as características comuns dos hábitos de pensamento compartilhados pelos indivíduos, Veblen identifica aquele que seria o desencadeador primário dos principais anseios modernos e, principalmente, o legitimador das diferenciações de classes: a emulação pecuniária (capítulo 2). Através de sua característica emulativa, a sociedade se construiria em termos comparativos no que se refere a seus indivíduos buscarem projeções pecuniárias de comparação. Logo, a institucionalização da propriedade privada e os conceitos pecuniários de honra e nobreza fazem-se necessários para viabilização e normatização acerca da emulação pecuniária.

Importantes hábitos atuam tanto como combustíveis quanto caracterizadores da emulação pecuniária, como por exemplo, o ócio conspícuo (capítulo 3) e o consumo conspícuo (capítulo 4). O primeiro como destaque da não necessidade de desempenho produtivo/laboral na manutenção da vida, tanto própria quanto de terceiros (ócio vicário). O segundo como foco de dispêndio em consumo ostensivo, apresentando capacidade de consumir de forma onerosa e refinada, não só para si, mas também para terceiros (consumo

---

<sup>86</sup> (Veblen, *The Theory of The Leisure Class* [1899] 2009).

vicário). Tais elementos habituais, em consonância com demais requisitos e características psicológicas e comportamentais, desenvolvem no indivíduo um padrão de vida voltado à finalidade pecuniária (capítulo 5), de estabelecimento de gostos e condutas sociais definidas também para este fim (capítulo 6).

Características da vivência hodierna tornam-se corriqueiramente exemplificações das tratativas de Veblen, como por exemplo, a vestimenta e suas expressões culturais (capítulo 7). Neste caso em específico, segundo o autor, nota-se a fundamental característica ostensiva, tanto na exibição das vestimentas quanto em seu papel cerimonial de potencial vitrine da desconexão com a realidade produtiva/industrial. Afinal, assim como o nome do livro delata, a classe superior em seu anseio emulativo de feitos pecuniários seria ausente da realidade produtiva da sociedade, sendo desconexa dos processos industriais do dia-a-dia e, portanto, refratária às necessidades de mudanças institucionais. Sendo assim, tornando as classes abastadas em conservadoras da estrutura social já aceita e estabelecida (capítulo 8).

Visando entender melhor os traços enraizados nos indivíduos em questões que parecem anteriores a sua socialização, tanto do mundo moderno quanto do passado recente, Veblen identifica a conservação de antigos impulsos cognitivos e comportamentais (capítulo 9) que parecem ainda influenciar aos seres humanos. E, ainda almejando a identificação e comparação de comportamentos antepassados em relação aos indivíduos de sua contemporaneidade, Veblen também visa à apresentação de perspectivas modernas de proeza (capítulo 10), comportamentos extremamente fundamentais na consolidação de uma sociedade pecuniária.

Veblen também observa nos indivíduos a crença na sorte, representada por traços animistas e teleológicos em sua interpretação de mundo (capítulo 11), o que lhes confere papel de destaque no desenvolvimento e manutenção das mais diversas matrizes religiosas (capítulo 12). Trabalhando concomitantemente ambos os pontos, Veblen estabelece importância fundamental à característica de subserviência e crença antropomórfica no processo de emulação pecuniária. Porém, conforme o próprio autor destaca, tais características não só alimentam os anseios emulativos da sociedade, como também, em maior ou em menor grau, colaboram com a emergência de antigos fatores “não-injustos” do comportamento humano (capítulo 13).

Finalmente, Veblen também busca por identificar e apresentar relações entre os elevados níveis de aprendizado e erudição com as características de uma sociedade pecuniária pautada na emulação (capítulo 14). Segundo o autor, em sua emergência, o alto aprendizado seria resultado da busca pelo conhecimento devocional de origem antropomórfica, sendo,

então, resultante do ócio vicário. Porém, conforme suas aplicações voltam-se às finalidades industriais e hodiernas, novas características de conhecimento surgem, mesmo que ainda fortemente influenciadas pelos objetivos emulativos de uma sociedade pecuniária.

Desse modo, de um modo geral, observa-se que Veblen vislumbra a narrativa econômica através da perspectiva processual. Pautado em uma construção antropológica do ser humano, o autor apresenta diversos traços, características e justificativas históricas contribuintes para o processo de formação psicológica dos indivíduos e sua organização social no mundo industrial capitalista. Logo, fica evidente a tratativa do autor em se interpretar a economia como uma ciência evolucionária pautada no processo de causação cumulativa, conforme anteriormente aqui já descrito. No caso desta obra em específico, o anseio de Veblen repousa sobre o objetivo de entender a emergência de uma sociedade estratificada por classes e pautada na pecuniaridade e ociosidade emulativas.

Ademais, Veblen apresenta em seus êxitos a capacidade de linearidade explicativa, sendo capaz de proporcionar descrição satisfatória da cumulatividade dos eventos, desde suas características de passado remoto até suas implicações no presente, assim como uma leitura bastante perspicaz e sóbria da tratativa psicológica originária do pragmatismo clássico, mas que seria desenvolvida academicamente somente ao longo do século seguinte por outros autores e áreas do conhecimento. Dentre as críticas cabíveis a este trabalho de Veblen, nota-se a dificuldade de uma escrita simples e direta, muito provavelmente resultante da complexidade do tema em questão, e que, em algumas passagens, torna a leitura densa, cansativa e ausente de didática.

#### **4.1.1. Introduction**

De maneira bastante direta e incisiva, já no capítulo introdutório, Veblen pontua a institucionalização da classe ociosa nos altos estágios da cultura bárbara, utilizando-se dos exemplos do Japão Feudal e da Europa Feudal. Em tal momento, segundo Veblen, ocorrem as estratificações em seu sentido mais rigoroso, deixando claras as diferenças existentes entre diferentes costumes, classes sociais, e diferentes funções socioeconômicas. Com base nestas observações, Veblen apresenta uma das primeiras caracterizações de uma “classe superior”: a desconexão com ocupações tidas como industriais, e o forte apreço por atividades atreladas a elevado grau de honra. Sendo estas últimas, normalmente, atribuídas a serviços de guerra, serviços religiosos, serviços governamentais e esportes. Desse modo, já no primeiro parágrafo

de sua obra, Veblen salienta o surgimento da classe ociosa como compartilhadora de uma característica comum; o não envolvimento em atividades laborais atreladas ao provimento das condições materiais dos agrupamentos sociais.

Para explicar como a organização social atingiu os estágios de estratificação como apresentados acima, Veblen é levado a fazer uma leitura regressiva dos acontecimentos históricos. Para isso, retrocede a cultura bárbara à seus estágios iniciais, visando identificar elementos antropológicos e psicológicos que justificassem a essa transformação. Nos estágios mais medianos<sup>87</sup> da cultura bárbara, Veblen pontua que as estratificações de classes, apesar de existentes, se davam em um grau muito menor de diferenciação. O senso comum, que atrela as atividades associadas aos trabalhos manuais, indústria e tudo aquilo que se apresentasse como uma rotina laboral hodierna, ainda era válido, na medida em que se associava as classes inferiores. Sendo que, na perspectiva antropológica trazida por Veblen, nestas classes inferiores estariam os escravos e outros dependentes, como por exemplo, todas as mulheres<sup>88</sup>. Em mesmo sentido, as classes mais elevadas também viam-se atreladas a atividades designatórias de honra, como por exemplo, as já citadas atividades de guerra e governança. Veblen ainda frisa que qualquer descumprimento desta diferenciação (tanto das atividades relacionadas às classes baixas quanto as atividades relacionadas às classes elevadas) seria uma quebra abrupta com o senso comum da época<sup>89</sup>.

Retrocedendo ainda mais em direção aos estágios iniciais da cultura bárbara, é onde Veblen encontra os principais elementos de viabilização para o início das estratificações sociais e, em específico, os potenciais motivos e circunstâncias fomentadores do surgimento de uma classe ociosa. Afinal, segundo o autor, neste estágio da história humana, é onde há a maior dificuldade em se identificar a essas diferenciações nas formas e critérios anteriormente apresentados. Sendo assim, podendo-se caracterizar como o estágio de transição entre duas lógicas socioeconômicas. Sendo que, o principal caracterizante de segregação neste período, seriam as diferenciações laborais entre homens e mulheres. Cabendo às mulheres os trabalhos tidos como vulgares e relacionados a ocupações que nos estágios seguintes seriam associadas à indústria. Já aos homens caberiam os trabalhos associados aos já citados trabalhos honoríficos.

---

<sup>87</sup> Ou nas palavras de Veblen ([1899] 2009, 7): “...an earlier [stage], but not the earliest”.

<sup>88</sup> Esta passagem se faz importante, pois a frente, no processo histórico e na identificação dos desdobramentos dessa diferenciação, importante papel poderá ser atribuído a essa segmentação de gênero.

<sup>89</sup> Nota-se que Veblen apresenta esse ponto visando evitar que julgamentos e leituras anacrônicas ocorressem. Mais adiante, ainda no capítulo introdutório, Veblen destacará os elementos atribuídos à fixação e modificação desses sentidos comuns que, como já sabemos, são os hábitos.

Sendo assim, na constituição histórica apresentada por Veblen, as circunstâncias associadas ao surgimento de classes estratificadas está diretamente relacionada às diferenciações laborais que, em seu âmago, apresentavam-se como discriminações de gênero. Sendo assim, para Veblen, a estratificação e diferenciação de empregos caracterizou-se como um dos primeiros passos para a passagem de uma Era não industrial para uma Era industrial. E, portanto, devido aos critérios de estratificações acima mencionados, aqueles que seriam os empregos classificados como industriais, seriam o produto de trabalho de mulheres no estágio primitivo da comunidade bárbara.

Neste ponto, Veblen salienta uma leitura que é equivocada. Comumente associa-se a atividade de caça dos homens ao provimento em um sentido industrial. Porém, Veblen é direto em contra argumentar que essa noção não era partilhada pela cultura e senso comum da sociedade bárbara, e sim trata-se de uma leitura anacrônica associada a valores presentes (de sua época). Esta passagem revela um elemento de método de pesquisa em Veblen, uma vez que a técnica empregada pelo autor é a de posicionar-se na percepção do indivíduo em sua época e lugar para, pela imersão no processo de cognição e socialização do sujeito estudado, perceber ligações causais. Desse modo, Veblen enfatiza seu argumento de que neste estágio da cultura humana, a diferenciação laboral era essencialmente e necessariamente estratificada em relação ao gênero executor da atividade em questão:

There is in all barbarian communities a profound sense of the disparity between man's and woman's work. His work may conduce to the maintenance of group, but it is felt that it does so through an excellence and efficacy of a kind that cannot without derogation be compared with the uneventful diligence of the women (Veblen [1899] 2009, 9).

Sendo assim, observa-se que a diferenciação laboral através do gênero se dava não só pela diferenciação da atividade em si, mas também pelo que estas atividades representariam a um nível coletivo de compartilhamento de pensamentos e emoções. Nesse caso, o trabalho dos homens estaria diretamente relacionado, conforme visto, a um vasto senso de eficácia, excelência e honra perante sua comunidade.

Ao esclarecer o surgimento deste período transitório de estratificação social, Veblen continua sua leitura retrospectiva da história, dando um passo para trás da cultura bárbara, chegando ao estágio da selvageria pacífica<sup>90</sup>, período anterior às já comentadas diferenciações sociais e de classes. Neste estágio, segundo o autor, as estratificações sociais e laborais

---

<sup>90</sup> Conforme já destacado anteriormente, fora neste estágio histórico que importantes instintos (veblenianos) foram internalizados no comportamento humano.

mostram-se ainda menos consistentes e rigorosas, compondo uma estrutura bastante arcaica e simples. Sendo que as características predominantes deste período repousavam sobre as comunidades através da pobreza, sedentarismo e propriedade comunal<sup>91</sup>. Logo, Veblen estabelece como critério fundamental a existência da propriedade privada no surgimento das estratificações sociais e, por sua vez, na institucionalização de uma classe ociosa. Afinal, teria sido essa uma das principais viabilizadoras dos passos históricos nos termos acima apresentados, através da conquista e barbárie.

Desse modo, Veblen pontua a transição da sociedade selvagem pacífica para os altos níveis da sociedade bárbara (passando por seus estágios iniciais), como historicamente responsável pela formação das características socioeconômicas pautadas na diferenciação e estratificação. Ainda mais especificamente, Veblen destaca duas condições que mostraram-se, aparentemente, necessárias à emergência de uma classe ociosa: (i) a comunidade em questão deve apresentar hábitos de vida predatórios – como guerras e caça – desse modo, viabilizando o aprimoramento por parte dos homens dessa comunidade na execução destas atividades; (ii) a possibilidade de facilmente satisfazer as necessidade de subsistência, para que, desse modo, porção considerável da população desta comunidade esteja apta a isentar-se das atividades laborais. Salienta-se ainda que, neste último caso, intensificam-se as distinções originárias dos esforços de trabalho, sendo que dois tipos majoritários se fazem presentes: os trabalhos tidos como dignos e indignos; aqueles que representam a eficácia e honra, e aqueles que meramente viabilizam a subsistência.

Elaborada e apresentada sua argumentação histórica através de seu constructo antropológico, Veblen explica que estas transições entre diferentes períodos ocorrem não de maneira abrupta e repentina, mas sim através de períodos relativamente extensos de compartilhamentos de hábitos. Desse modo, há grande relevância no estabelecimento do senso comum e com a estabilização dos hábitos de vida e pensamento dos indivíduos em cada um dos períodos acima comentados. Exatamente com base neste argumento, Veblen comenta a impossibilidade de se estabelecer julgamentos de origem moral a respeito de atividades e estratificações feitas em outros contextos de realidade e de pensamento. E, em mesmo sentido, evidencia a impossibilidade de se vislumbrar um momento único de transição entre uma lógica socioeconômica para outra. Afinal, esta mudança seria resultado de um processo cumulativo e gradual.

---

<sup>91</sup> Neste período, as propriedades eram encaradas como privadas no âmbito do grupo/comunidade, mas comunal entre estes.

Quando Veblen volta-se a entender as diferenciações nas atividades laborais, identifica a segmentação de duas diferentes classes de atividades que, segundo o autor, poderiam ser entendidas como fações e atividades industriais. Sendo que as atividades tidas como industriais são aquelas cujo os esforços voltam-se a criação de algo novo, com um novo propósito através das mãos de seu executor em um material bruto (passivo). Já as atividades tidas como fações representariam a formação de um produto útil através da proeza de seu agente e propositada à determinado fim (próprio ou para terceiros).

Tal distinção, fica melhor especificada quando Veblen retoma a ideia atrelada a psique humana na condução dos hábitos das diferentes comunidades, sendo que, para esse caso em questão, Veblen argumenta a diferença de temperamento entre gêneros nos estágios bárbaros. Segundo o autor, para além das diferenciações físicas atreladas a força muscular e estatura, as diferenças fundamentais seriam de caráter psicológico. Sendo que o próprio processo adaptativo referente à distribuição das atividades laborais faz com que estas diferenças segregassem-se ainda mais em seus polos. Cabendo aos homens, através de suas características de luta, força bruta, e caça a manutenção e execução de proezas; já às mulheres os trabalhos manuais demandantes de sagacidade e capacidades assíduas de manufatura. Desse modo, como Veblen bem pontua, conforme as tradições ganham consistência, o senso comum da comunidade direciona-se a determinada conduta.

Sendo assim, mais uma vez Veblen explicita as diferenciações não somente a nível material e de execução, mas também a nível psicológico de percepção destas diferentes atividades e seus desdobramentos em nível de comunidade. Desse modo, mesmo que um homem executasse uma atividade não industrial, mas carente de proeza, ainda assim seria considerado ignóbil e não honorífico, pois não cumpriria com as características de uma atividade de fação<sup>92</sup>. Desse modo, surge a demanda pelo melhor entendimento dos atributos que tornariam a uma atividade laboral como nobre ou digna. Afinal, para a completude do entendimento acerca das diferenciações, é necessário que identifique-se de que maneira a proeza atingiria a esses atributos nas atividades de fação. Para tal, Veblen apresenta traços de um terreno psicológico a ser abordado.

Segundo o autor, o ser humano como agente, é em sua própria apreensão um centro de atividades impulsivas (teleológicas). E devido a esta característica, em todos os seus atos, busca por realização concreta, objetiva e de finalidade impessoal. Através deste elemento

---

<sup>92</sup> Essa diferenciação, em seus termos originais, é feita através dos termos “exploit” e “drudgery”. Segundo Veblen, o caráter exploratório associado à proeza seria resultante das atividades “exploit”. Já as atividades não industriais, carente das características de proeza, seriam apenas enfadonhas (“drudgery”), não necessariamente fações honoríficas.

psicológico, o indivíduo se vê possuído de um gosto pelo trabalho eficiente e avesso a esforços fúteis. Conforme já vimos anteriormente, em última instância estes impulsos resultariam no instinto de trabalho eficiente (*workmanship*). A nível coletivo, o indivíduo seria levado a uma comparação habitual com seus semelhantes em termos de eficiência. Afinal, trata-se de uma característica carente de comparativos no que se refere a sua mensuração e avaliação. Desse modo, o indivíduo apresentaria comportamentos emulativos, visando o melhor desempenho no processo comparativo. Exatamente neste ponto, Veblen ([1899] 2009, 16) salienta que “[i]n any community where such an invidious comparison of persons is habitually made, visible success becomes an end sought for its own utility as a basis of esteem”. Sendo assim, através da habituação de comparação entre indivíduos o sucesso se tornaria o resultado teleológico almejado pelo instinto de trabalho eficiente, através de uma demonstração emulativa de força e capacidade.

Através desta consideração, Veblen comenta que, em situações iniciais de convívio pacífico e ausência da perspectiva privada da propriedade, esta capacidade emulativa poderia ser melhor apresentada em atividades laborais relacionadas a uma prosperidade de vida da comunidade. Porém, conforme a comunidade passa do período pacífico para a fase predatória, as condições de emulação são consideravelmente alteradas. Sendo que toronam-se crescentes os incentivos à emulação, tanto em escopo quanto em urgência. Neste ponto as atividades laborais passam a se intensificarem em diferenciações que, conforme já vimos, pautavam-se majoritariamente em discriminações de gênero. Cada vez mais o trabalho dos homens assumia o caráter de façanha atrelado à proeza e à obtenção de “troféus” visando a emulação do sucesso, inclusive, muitas vezes desvinculando-se do caráter produtivo *per se* e associando-se a uma exposição de feitos. Neste processo, o labor, cada vez mais, foi associado à indignidade.

Neste ponto, mais uma vez Veblen comenta os atributos psicológicos/cognitivos associados às percepções dos indivíduos a respeito das atividades laborais. Afinal, as características honoríficas das atividades laborais associadas às façanhas e à proeza seriam o resultado do compartilhamento de hábitos, principalmente através do senso comum da comunidade. Sendo assim, analisando especificamente a esses aspectos, Veblen os identifica como oriundos de conotações superiores de força em que, a honra seria encarada como formidável e a dignidade como prepotência. Estes elementos, munidos da lógica bárbara de organização social, faria com que a conquista (territorial e de pessoas), e até mesmo a morte de terceiros, tivesse conotação digna e honorífica, pois denotariam proeza e sucesso.

Sendo assim, Veblen comenta que as mudanças ocorridas entre as fases pacífica e predatória seriam, primeiramente, oriundas de uma diferença espiritual (psicológica), não mecânica. Sendo que a mudança na atitude espiritual seria o resultado de uma mudança nos fatos materiais do grupo que, como vimos, convergiam para uma característica predatória. Com base nesse comentário, Veblen ainda salienta que no processo de mudança de uma fase para outra, as características materiais se alterariam em mesmo sentido que as já vistas condições necessárias para o surgimento da estratificação social. Afinal, seriam as mudanças materiais oriundas do conhecimento técnico – como o uso de ferramentas e habilidades industriais – que possibilitariam o aprimoramento das façanhas de uma comunidade, assim como a característica hodierna do trabalho industrial.

Ao fim, visando concluir suas considerações a respeito da formação histórica e antropológica, Veblen mais uma vez comenta o gradualismo com que as mudanças ocorrem:

The predatory phase of culture is therefore conceived to come on gradually, through a cumulative growth of predatory aptitudes, habits, and traditions, this growth being due to a change in the circumstances of the group's life, of such a kind as to develop and conserve those traits of human nature and those tradition and norms of conduct that make for a predatory rather than a peaceable life (Veblen [1899] 2009, 19).

Sendo que, segundo o autor, tais mudanças a nível de pensamento e comportamento na história humana, podem ser muito melhor vislumbradas através dos estudos psicológicos do que através dos estudos etnológicos. Afinal, poderiam ainda ser identificados os traços arcaicos da natureza humana na psique da cultura moderna.

De um modo geral, observa-se que o anseio de Veblen em seu capítulo introdutório é de direcionar o entendimento do autor aos seus leitores. Neste quesito, entender o ser humano como resultado de um processo histórico cumulativo é fundamental, principalmente através de seus desdobramentos habituais socialmente compartilhados. Tamanha é esta importância que, para que pudesse se vislumbrar a sociedade de seu tempo em suas características de estratificação, foi necessário que o autor retrocedesse na história da humanidade em períodos de relativa escassez civilizatória, salientando a trajetória do ser humano quanto criatura animal de respostas psicológicas complexas.

Visando resumir as narrações acima, o Quadro 4 apresenta um resumo dos principais pontos e argumentos desenhados por Veblen neste capítulo, respeitando sua narrativa regressiva da história:

Quadro 5 – Quadro Resumo da Leitura Antropológica do Surgimento da Classe Ociosa

PERÍODO	DIFERENCIAÇÕES	CARACTERÍSTICAS
Era Industrial-Patriarcal <sup>93</sup>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A existência de diferentes classes sociais, com diferentes ocupações laborais.</li> <li>• Atenção especial é dada à classe mais superior: a classe ociosa. Por quê e de que jeito essa classe social surgiu?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Período contemporâneo à Veblen.</li> <li>• Estratificações sociais bastante rígidas e específicas.</li> <li>• Convenções sociais e habituações que são partilhadas para o reforço das características de diferenciação entre classes.</li> </ul>
Estágios Elevados da Cultura Bárbara	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As classes sociais já são bem definidas e apresentam características particulares. <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Europa Feudal e Japão Feudal</li> </ul> </li> <li>• A classe ociosa é desconexa das atividades industriais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Funções de guerra, governança e esportes são atreladas à honra e à dignidade.</li> <li>• Trabalhos de origem industrial são indignos e ignóbeis.</li> </ul>
Estágios Médios da Cultura Bárbara	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Classes sociais já são mais difíceis de serem identificadas.</li> <li>• Classe ociosa ainda é pouco diferenciada das demais. <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Exclusivamente masculina.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O provimento é função exclusiva das classes inferiores.</li> <li>• Classes inferiores são formadas por escravos e mulheres. <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Discriminação laboral através da discriminação de gênero.</li> </ul> </li> </ul>
Estágios Iniciais da Cultura Bárbara	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As classes sociais ficam ainda mais difíceis de serem identificadas.</li> <li>• Não há classe ociosa caracteristicamente definida <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Mas há indicação de uma num futuro próximo.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os trabalhos são definidos pelo gênero. <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Trabalhos femininos antecedem aquelas atividades que se tornariam industrias nos estágios posteriores.</li> </ul> </li> </ul>
Selvageria Pacífica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pequenos grupos de estrutura simples e arcaica.</li> <li>• Não há propriedade privada.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pacíficos.</li> <li>• Sedentários.</li> </ul>

Elaborado própria.

Salienta-se que ao longo de toda a obra, Veblen constantemente retorna ao apanhado histórico/antropológico acima desenhado. Afinal, conforme já comentando, o anseio do autor em seu capítulo introdutório seria o de apresentar a sequência de desdobramentos que viriam a viabilizar e justificar a existência de uma classe ociosa. Já no seguimento da obra, Veblen volta-se a apresentar as características da classe ociosa em seu comportamento e

<sup>93</sup> Período contemporâneo a Veblen.

cerimonialismos que, conforme veremos adiante, pautam-se na estrutura de compartilhamento de hábitos.

#### **4.1.2. Pecuniary emulation**

Conforme Veblen deixa sugestionado através da introdução da obra, e conforme desenhou-se o cenário de emergência de uma classe ociosa, nota-se que o papel da emulação é fundamental na trajetória civilizatória até a Era moderna. Através da emulação, as atividades laborais de façanha, associadas à proeza, poderiam ser cada vez mais executadas e exibidas em favor da obtenção de honra e dignidade por parte dos homens. Conforme houve um avanço aos estágios mais elevados da cultura bárbara, novas lógicas emulativas emergiram através das então recentes mudanças materiais da sociedade. Neste processo de mudança, observa-se o constante e relevante papel que começa a ser atribuído aos elementos pecuniários, principalmente associados à propriedade. Ou seja, o surgimento de uma classe ociosa não só ocorreu de forma gradual via diferenciação laboral, como também apresentou elevações de complexidade de forma gradual frente às novas características materiais emergentes dos avanços históricos da sociedade. Antes, a classe ociosa pautava-se pela dissociação às atividades industriais de provimento hodierno. Agora, além desta característica fundamental e primitiva, também mostra-se como condição necessária a capacidade de demonstração de riqueza. Sendo assim, a emulação de proeza ganha uma característica extra e específica; a emulação pecuniária.

Quando Veblen analisa esse fenômeno especificamente, retoma o importante papel concedido pela institucionalização da propriedade privada. Afinal, a emulação pecuniária demanda a propriedade de bens (e/ou terceiros) para que possa ser executada. Somente através da conquista e aquisição essa emulação tornar-se-ia possível. Sendo assim, voltar-se a entender o surgimento desta instituição é fundamental para compreender em totalidade a estruturação da classe ociosa em suas características. Veblen comenta que o surgimento da classe ociosa coincide com o início da propriedade privada e, mesmo que sejam fenômenos diferentes, são respostas institucionais dos mesmos processos sociais e estruturais. Desse modo, apesar de diferenciáveis em estrutura e características, essas duas instituições foram fundamentais para a existência uma da outra.

Conforme visto no capítulo introdutório da obra, as primeiras diferenciações sociais e laborais pautavam-se nas discriminações de gênero, cabendo às mulheres o papel industrial e

provedor, enquanto que aos homens cabiam as atividades de façanha e proeza. Com base nesta identificação, Veblen argumenta que as mulheres teriam sido as primeiras formas de propriedades a surgirem, sendo atreladas aos homens fisicamente aptos (nobres, honráveis, dignos e executores de proezas) a possui-las. Ciente da estranheza que tal afirmação poderia causar, Veblen dedica-se à explicação deste processo de apropriação retomando os acontecimentos dos estágios iniciais e médios da cultura bárbara.

Segundo Veblen, a propriedade de mulheres iniciou-se, aparentemente, através da conquista e aprisionamento. Sendo que o objetivo motivador deste fenômeno seria a obtenção e exibição de troféus de lutas e guerras. Frente ao êxito de batalha entre diferentes comunidades, cabiam aos homens o domínio das mulheres como sinal de vitória e poder, emulando proeza e honra. Através da posse destas, institucionalizou-se a propriedade privada individual. Afinal, a proeza e a honra não poderiam ser divididas entre o grupo, mas sim deveriam ser exibidas pelo homem executor do feito em questão. Sendo assim, Veblen argumenta o início da instituição do casamento que, neste período, não era distinguível da instituição de propriedade. Em melhores termos, pelas palavras do autor (Veblen [1899] 2009, 21): *“The two institutions [marriage & ownership] are not distinguishable in the initial phase of their development; both arise from the desire of the successful men to put their prowess in evidence by exhibiting some durable result of their exploits”*.

Conforme houve a institucionalização e compartilhamento dos hábitos de vida e pensamento que viabilizaram o comportamento acima exposto, cada vez mais as propriedades, tanto de bens quanto de pessoas, foram se mostrando atributo fundamental para a emulação. Segundo Veblen, mesmo que as características de emulação tenham se alterado devido às novas condições de vida material, os objetivos teleológicos deste comportamento permaneciam os mesmos: a capacidade de adquirir e manter a honra e o *status* perante a comunidade, distanciando-se das atividades de provimento hodierno e aproximando-se do ócio nobre.

Conforme comentado anteriormente na exposição das condições necessárias para existência de uma classe ociosa, a superação da subsistência é fundamental. Não à toa, Veblen comenta que essa superação não só é necessária como também é, em grande medida, resultante. Afinal, em um primeiro momento, através da institucionalização da propriedade privada os anseios de aquisição e domínio se dão pela necessidade física de conforto, estabilidade e segurança. Porém, estes anseios são superados pelos objetivos emulativos, conforme os novos hábitos predatórios originários dos estágios bárbaros da civilização são instituídos ao senso comum. Sendo assim, mesmo aqueles que apresentam baixa capacidade

de emulação, o farão. O objetivo de todas as classes passa a ser a emulação pecuniária de, pelo menos, sua classe imediatamente superior, sendo o objetivo de todas a emulação mais elevada – pertencente à classe ociosa – que, neste cenário, dita as regras de conduta e emulação.

Sendo assim, surge a necessidade de maiores explicações acerca de como uma sociedade pacífica e de propriedade comunal passa para uma sociedade bárbara de hábitos predatórios com propriedade privada. Segundo Veblen, em um primeiro momento as propriedades comunais eram interpretadas pelos membros da comunidade como as propriedades privadas pertencentes ao grupo como um todo. Sendo assim, o êxito em guerras e disputas, culminavam em ganhos para a comunidade em geral. Porém, com o avanço das diferenciações e estratificações a nível laboral e social, as proezas provenientes das atividades de façanha começam a tomar o papel de prestígio. A partir deste momento, a distinção de propriedade individual e coletiva passa a se acentuar, na medida em que as conquistas passam a ser de seus nobres. *“The invidious comparison now becomes primarily a comparison of the owner with the other members of the group”* (Veblen [1899] 2009, 23).

Conforme a sociedade bárbara avança a seus estágios mais elevados, as atividades laborais manufatureiras assemelham-se cada vez mais à indústria moderna, fazendo com que as possibilidades de emulação pecuniária se multipliquem. Afinal, cada vez mais, uma maior porção de bens e demais propriedades mostram-se à disposição de uso e aquisição. Sendo assim, gradualmente, os hábitos pecuniários permeiam a comunidade em direção a uma sociedade ainda mais diferenciada e estratificada. Conforme a pecuniaridade toma conta dos hábitos, as características de honra e dignidade ficam ainda mais atreladas à aquisição e posse de bens. Em um primeiro momento, por conferirem capacidade de existência além da subsistência, sendo capaz de prover a si próprio e sua prole, e em um segundo momento pela capacidade facilitada de se exibir proeza.

Neste ponto, Veblen comenta os atributos psicológicos fundadores do comportamento emulativo-pecuniário. Sendo o principal deles a autoestima e auto respeito oriundos da capacidade de autossuficiência observável exibível aos demais membros da sociedade. Através desta habituação, há o preciso direcionamento e realização do já comentado instinto de trabalho eficiente em sua finalidade teleológica de êxito e eficiência emulativa. E, em tom complementar, Veblen comenta que tais realizações não apresentam nível de saciedade. Afinal, as comparações são constantes, e a necessidade de diferenciação existe e perdura sempre com o objetivo da superação não só de terceiros, como da situação própria do período atual.

Sendo assim, conforme fica destacado neste capítulo, o caráter emulativo dos indivíduos ganha conotação substancial a partir do advento sociedade bárbara. Sendo que, em um primeiro momento, a emulação restringia-se ao ócio e à execução de proezas. Já em um estágio mais avançado desta cultura, maneiras adicionais de demonstração de proeza e honra surgem através da institucionalização da propriedade privada individual. Sendo assim, inicia-se um processo de emulação pecuniária através da socialização de hábitos de pensamento e comportamento em sociedade. Cabendo, em estágios iniciais, a conquista e o domínio de mulheres e propriedades e, posteriormente, passando para uma lógica industrial de consumo.

Veblen ainda destaca que todo este processo emulativo compartilhado, foi responsável pela geração de um grande “jogo” a nível social, no qual busca-se as melhores colocações no *ranking* pecuniário, retroalimentando os anseios emulativos. Em sua maturação, esta lógica pecuniária e o advento da indústria, levariam a sociedade, em suas diferenciações e estratificações, à um comportamento cada vez mais conspícuo, tanto em relação ao ócio quanto em relação ao consumo. Tais comportamentos são melhor explorados nas seções subsequentes em que se aborda, respectivamente, os capítulos referentes ao ócio conspícuo e o consumo conspícuo.

#### **4.1.3. Conspicuous leisure**

Com o advento e maturação da lógica de estratificação laboral, identifica-se também uma maior associação aos elementos de honra e dignidade atrelados às atividades de façanha e proeza. Conforme já indicado na sessão acima, a característica pecuniária da emulação por *status* fez com que o comportamento de origem conspícua tomasse proporções consideráveis. Devido às diferentes condições resultantes dos processos discriminatórios dos estágios bárbaros da sociedade, diferentes realidades desenharam-se aos indivíduos e suas especificidades. Porém, mesmo que suas realidades de classe fossem fornecedoras de meios e possibilidades distintos, os objetivos seriam o mesmo: a obtenção de honra e dignidade através da exibição de proeza. Sendo que, a proeza em seu estágio avançado na cultura humana, teria ganho conotações pecuniárias e conspícuas.

Veblen argumenta que as classes mais baixas – portanto, não ociosas – não apresentariam a capacidade de abstenção do trabalho produtivo. Porém, usariam deste em seu processo emulativo, através do orgulho de uma reputação de eficiência laboral. Veblen pontua que, recorrentemente, esta seria a única linha de emulação disponível para estas classes menos

abastadas. Já para as classes pecuniariamente superiores, executoras de proezas e façanhas, as atividades laborais ligadas a trabalhos produtivos, são vistas como indignas e desonrosas. Afinal, indicam a necessidade de trabalho manual e esforços para a manutenção da vida que, na perspectiva desta classe, seria demérito e incapacidade. Neste ponto, Veblen apresenta mais uma consideração a nível psicológico que, segundo o autor, teve sua maturação durante os estágios bárbaros da sociedade, afirmando que essa desconexão das atividades produtivas resultaria de uma habituação a nível de pensamento que relacionaria essas atividades à fraqueza, à submissão e à subserviência.

Sendo assim, em ordem de ganhar e/ou manter estima pessoal e social, os indivíduos das classes superiores não poderiam somente possuir riqueza e poder. Mas também deveriam ter a capacidade de exibi-los, através da evidência ociosa. Haja vista a complexidade produtiva e as disparidades sociais criadas e mantidas durante o avanço histórico da sociedade, o indivíduo que apresentasse a possibilidade de ócio em detrimento do trabalho pela sua subsistência, teria êxito pleno na exibição de sua riqueza, além da perfeita execução da emulação pecuniária. Desse modo, este atributo ganha substancial relevância junto à classe ociosa, sendo tratado por Veblen como o “ócio conspícuo”.

Conforme a complexidade da estrutura social avança em direção às configurações modernas, novas modalidades ociosas apresentam-se passíveis de execução. Aquela que Veblen melhor pontua estaria relacionada aos modos e a etiqueta. Segundo o autor, estas características comportamentais auxiliariam o processo emulativo das classes superiores, em específico a ociosa, já que tais comportamentos demandam tempo vago e habilidades específicas que, pela natureza meramente cerimonial, não seria exequível nas camadas pecuniárias inferiores da sociedade. Sendo assim, tais características comportamentais atreladas a modos e etiquetas, agiriam através de dois vetores no processo emulativo: a apresentação de um ser civilizado de comportamento nobre, e a exibição de tempo e recursos vagos para o aprendizado destas condutas<sup>94</sup>.

Veblen ainda comenta o caráter de reforço nestes comportamentos. Afinal, conforme estes se institucionalizam através dos hábitos socialmente compartilhados, recebem ainda mais legitimidade. Sendo assim, o comportamento ocioso pautado em normas cerimoniais de etiqueta, apresenta-se como colaborador no processo pecuniário de emulação, assim como ápice do caráter conspícuo atrelado ao ócio.

---

<sup>94</sup> Conforme veremos adiante, no próximo capítulo do livro, tal comportamento de refinado cerimonialismo também apresentará consequências a nível de consumo.

Desse modo, munidos das habituações cognitivas e comportamentais, os indivíduos atrelariam valores morais às suas atividades laborais. Cada vez mais, o senso comum converge para a nobreza do ócio e o demérito do trabalho. E, como Veblen ([1899] 2009, 30) destaca, conforme este pensamento é institucionalizado, a abstenção produtiva ganha conotação ainda mais conspícua:

Conspicuous abstention from labor therefore becomes the conventional mark of superior pecuniary achievement and the conventional index of reputability; and conversely, since application to productive labor is a mark of poverty and subjection, it becomes inconsistent with a reputable standing in the community”.

Veblen ainda pontua que há diferenciação entre o ócio nos estágios predatórios da sociedade e o ócio como é executado em seu tempo. Essa diferenciação se explica através das distinções produtivas e culturais da sociedade. Segundo Veblen, em um primeiro momento, a diferenciação entre trabalho produtivo e o ócio era meramente cerimonial. Conforme visto, este cerimonialismo baseava-se na necessidade de proeza como obtentora de honra, em atividades específicas. Já com o advento da manufatura, indústria e atividades comerciais, o ócio apresenta-se em conotação diferente, pautada na isenção conspícua de qualquer tipo de atividade produtiva. Veblen ainda pontua a esta nova característica ociosa como não só honorífica e de evidência de mérito, mas também de decência. Na medida em que além de expressar riqueza, também convencionava-se como um padrão social de classe. Este padrão social almejado pela classe ociosa é, segundo Veblen, destacado pela característica de consumo não produtivo do tempo. Porém, Veblen salienta que esse ócio não conota indolência ou quiescência.

Através de um comportamento de emulação conspícua constante, a acumulação torna-se intensa e recorrente por parte das classes abastadas, muitas vezes ocasionando o acúmulo através de gerações e, por consequência, também concedendo proeza e honra ao longo desse tempo à sua unidade familiar. Com base nessa observação, Veblen comenta a institucionalização da criação de insígnias e brasões familiares, visando a marcação dos feitos e proezas de diferentes pessoas e gerações ao longo da história. Desse modo conferindo o caráter honorífico como um feito histórico extra na ascendência e descendência da família.

Sendo assim, o compartilhamento consanguíneo e matrimonial da honra também apresenta papel de destaque na obra de Veblen. Conforme visto anteriormente, para que pudesse se efetivar o caráter emulativo da pecuniaridade, fora necessária a instituição da propriedade privada. Sendo que, em sua origem, a propriedade privada fora constituída

majoritariamente pela posse de mulheres por parte de homens. Desse modo, também conforme visto anteriormente, o casamento fora instituído como contrato de propriedade por parte do homem, como troféu de determinada façanha. O atributo novo a retomar esta questão, repousa sobre o caráter vicário relacionado ao ócio dessa mulher que agora está vinculada ao nobre. Dada à tamanha relevância deste fenômeno, Veblen dedica atenção e nova observação de algumas características atreladas ao mesmo.

De acordo com Veblen, o ato de dominar e possuir pessoas está aparentemente ligado a: (i) uma propensão por dominância e coerção; (ii) a utilidade desses “ativos” como evidência de proeza; e, (iii) a utilidade dos serviços desempenhados por essas “propriedades”. Sendo assim, como bem destaca Veblen ([1899] 2009, 39): “*Women and other slaves are highly valued, both as an evidence of wealth and as means of accumulating wealth*”. Porém, conforme a lógica emulativa ganha novas conotações através do ócio conspícuo, estas propriedades também começam a apresentar variações em suas utilizações. Exatamente neste contexto surge a possibilidade da formação familiar conforme vislumbrada pela sociedade industrial patriarcal. Conforme o casamento institucionaliza-se em uma sociedade de propriedade privada individual, as características de honra e nobreza passam a se valer do conjunto familiar como um todo. Afinal, os feitos honoríficos e de proeza passam a serem transmitidos através dos princípios familiares. Sendo assim, a ociosidade e a superioridade da honra, passam a ser também características das mulheres que, ainda como submissas, ficam impostas a responsabilidade dos deveres e tarefas da manutenção do lar. Sobre este elemento, Veblen ainda comenta mais uma característica associada ao ócio conspícuo que, cada vez mais, conta com serviços especializados e personalizados.

Esta característica servil, pessoal e especializada, potencializa a utilização do ócio vicário como elemento de emulação. Afinal, como Veblen ([1899] 2009, 41) destaca, “[*t*]hese specialized servants are useful more for show than for service actually performed”, haja vista que suas funções na, maioria das vezes, estão relacionadas a disponibilidade de tempo e abstenção do trabalho verdadeiramente produtivo. Desse modo, o ócio vicário toma proporções significativas, na medida em que propõe-se como a capacidade de dispêndio pecuniário em prol da ociosidade alheia. Esse ócio vicário, conforme desenha-se nos anais da história pela perspectiva vebleniana, é desempenhado majoritariamente pelas mulheres responsáveis pelos seus respectivos lares; as donas de casa.

Segundo o autor, o papel das donas de casa também passou por mutações originárias das mudanças da realidade material e produtiva da sociedade. Conforme se ascende à sociedade moderna, as donas de casa que antes eram sobrecarregadas pelas tarefas hodiernas

de seus lares, agora têm a função de gerenciamento dos demais empregados, imputando características ociosas ainda mais presentes e significativas. Na perspectiva de Veblen, essa alteração teria dado origem à formação familiar de estilo patriarcal, como aquela vislumbrada pelo autor em seu tempo. Sendo que, em consequência última, teria a característica de concessão de honra e reputabilidade ao grande mantenedor dos envolvidos e das atividades conspicuamente utilizadas à seu deleite como chefe da família.

Em tom de finalização, Veblen ainda tece comentários a respeito da distinção entre o ócio próprio da classe ociosa, e o ócio executado de forma vicária. Segundo o autor, a classe ociosa pratica sua desconexão com atividades laborais visando à ostentação e evitando a indulgência do trabalho em prol de sua reputação pessoal. Já aqueles que praticam o ócio vicário, não o fazem pelo seu próprio conforto, mas sim o tomam como elemento de performance para seu empregador e/ou chefe de família.

Sendo assim, uma classe ociosa que, como seu nome indica, apresenta-se desconexa de atividades laborais produtivas, tem em seu cerne os objetivos de emulação pecuniária. Afinal, os desdobramentos históricos através da ascensão da sociedade de propriedade privada individual, fez com que cada vez mais convergissem as associações de riqueza material, honra e proeza. A característica ociosa adquire conotação ainda mais substancial por parte desta classe, conforme institucionalizam-se os pensamentos de honra e dignidade relacionados à abstenção laboral. Concomitantemente, aqueles relacionados diretamente aos detentores de honraria, passam a também emular um comportamento ocioso, o ócio vicário.

#### **4.1.4. Conspicuous consumption**

Conforme a sociedade atinge suas configurações modernas em uma economia capitalista de estrutura patriarcal, as lógicas de ócio e consumo se somam no objetivo da emulação pecuniária. Em períodos iniciais de institucionalização das diferenciações laborais e da propriedade privada, o ócio e a propriedade de bens e pessoas destacavam-se no objetivo emulativo. Porém, com o advento da cultura industrial, uma nova gama de possibilidades emulativas ascende na sociedade, principalmente em relação à demonstração de nobreza através da riqueza. Segundo Veblen, o consumo toma posição de destaque na demonstração de honra, principalmente através de seus atributos de origem conspícua.

Veblen destaca que as formas mais óbvias de consumo estão relacionadas aos artigos do cotidiano, dentre os quais as vestimentas e a alimentação tomam importância substancial.

Segundo o autor, essas diferenciações antecedem as formas tradicionais de pecuniaridade, tendo sido, por muito tempo, produtos associados à subsistência. Porém, com o advento da sociedade moderna, atribuiu-se ao consumo destes bens não só a garantia de subsistência, como também os transformou em evidência de riqueza. E, conforme visto anteriormente, a busca pela demonstração de riqueza se dá pela emulação pecuniária, institucionalizada através do compartilhamento de hábitos de pensamento em uma sociedade estratificada, tanto em poder quanto em atividades laborais. Portanto, conforme destaca-se a predominância de características capitalistas, atreladas a consumo conspícuo e ócio conspícuo, esses elementos tomam proporções substancialmente relevantes.

Conforme já destacado em relação ao ócio conspícuo, a alteração das estruturas socioeconômicas em direção à complexidade resignificam e ampliam as possibilidades de utilização do consumo conspícuo. Segundo Veblen, o consumo improdutivo de bens resultaria em obtenção de nobreza em mesmos parâmetros que o ócio conspícuo, porém, conforme a nova organização social se reestrutura em prol de uma sociedade de consumo, este elemento por si só não apresenta mais a mesma sensibilidade emulativa. Sendo assim, um consumo cada vez mais conspícuo é levado a cabo pelo exagero e especificidade dos bens demandados. Desse modo, nota-se a exacerbação na busca pelo consumo de bens conforme estes se mostram mais desejáveis em seu objetivo emulativo. Neste ponto, é importante ressaltar o início de uma desassociação do consumo pela sua satisfação e/ou utilidade consumível, haja vista sua nova função pecuniária de emulação e manutenção de *status*.

Com base nesta ideia, Veblen comenta a existência de uma separação de bens originário da diferenciação de classes. Afinal, inicia-se a ascensão de bens de características exclusivas das classes abastadas, em específico a ociosa, em que sua função seria para além – ou completamente desconexa – da subsistência, objetivando, meramente, a demonstração de proeza em possuir e exibir poder de compra. Sendo assim, mais uma vez, evidencia-se a desconexão dos propósitos de consumo como em sua forma originária e, cada vez mais, estes bens pautam-se em saciar desejos pecuniários de emulação. Logo, não mais basta o consumo de bens para saciedade de necessidades próprias e básicas, mas também para a evidência de poder de compra tanto em quantidade quanto em qualidade<sup>95</sup>. Desse modo, intensificam-se as diferenciações de atividades produtivas, assim como as diferenciações de bens disponíveis para consumo.

---

<sup>95</sup> Neste ponto fica evidente outra contraposição bastante relevante à perspectiva neoclássica. Afinal, Veblen conseguiu apresentar uma explicação ao fenômeno da não saciedade do consumo ostensivo, enquanto que a perspectiva neoclássica a entende somente como dada.

Conforme destaca-se através do óbvio neste ponto da narrativa, manter um estilo de vida, além de ocioso, mas também custoso, é elemento fundamental na elaboração de um processo emulativo consistente. Não se deve esquecer que este processo apresenta características de necessidade na sociedade estratificada e de propriedade privada individual. Afinal, representa aspectos diretamente relacionados à psique humana, no que se refere à estima, honra e dignidade. Fazer parte do “jogo” da emulação pecuniária, cobra que se sigam as regras pautadas nestes objetivos honoríficos, principalmente devido a sua antiga associação à proeza e a destaque social.

Do mesmo modo que o ócio vicário ascende em seus objetivos de demonstração de honra através de um provedor ocioso, o consumo também pauta-se em exibição de provimento alheio. Tal provimento ocorre não só em subsistência, mas também em demonstração de poder de compra. Sendo assim, revisitando a lógica antropológica apresentada por Veblen, aqueles que estariam sob tutela de um executor de façanhas, teriam também o acesso ao consumo de ordem conspícua através da característica vicária, de modo muito semelhante ao ócio. Sendo assim, o consumo vicário também passa a ser desempenhado através do reforço de emulação pecuniária do provedor da riqueza.

Neste ponto, mais uma vez, Veblen estabelece relação fundamental no papel da mulher em sociedade, e seu atributo vicário como propriedade do homem. Segundo o autor, através da lógica patriarcal de organização social, tais relações reforçam-se para além da diferenciação de atividades e de prática do ócio, mas também através das características de consumo. Desse modo, cabendo à mulher o consumo de sua subsistência acrescido do consumo vicário designado à contribuição do conforto e da boa reputação de seu mestre.

Seguindo através de sua descrição antropológica de causas cumulativas, Veblen demonstra os desencadeamentos de fatos que teriam resultados na supracitada lógica de consumo conspícuo, tanto próprio quanto vicário. Segundo o autor, em sua origem, o consumo conspícuo estaria à disposição única e exclusivamente da classe ociosa, tendo tido sua disseminação durante a ascensão da lógica assalariada de geração de renda, atingindo as demais classes sociais. Neste último estágio, Veblen argumenta o direcionamento do consumo vicário a artigos de contemplação feminina, assim como adornos e *paraphernalia*<sup>96</sup> doméstica.

Conforme as distinções de conspícuo de consumo se tornam difíceis de serem identificadas devido a sua disseminação em todas as classes sociais, o já mencionado processo

---

<sup>96</sup> Termo literal utilizado por Veblen ao descrever artigos de uso doméstico.

de especificação de bens através de qualidade e quantidade assume papel fundamental. Afinal, deve-se não só consumir de maneira conspícua, mas também direcionar gostos e qualidades de acordo com a maior capacidade de emulação. Sendo assim, as maneiras e as etiquetas, comentadas anteriormente, assumem papel de relevante significado, pois seriam os guias do processo de escolha no consumo de bens. Logo, o consumo de bens de qualidade superior torna-se prioridade da classe ociosa como principal emulador pecuniário. Não só optando por estes bens, mas também sendo capaz de distingui-los e criar divagações sobre os mesmos.

Veblen ainda aponta as reuniões sociais como as principais divulgadoras da emulação pecuniária. Nestes eventos os mestres, representantes da classe ociosa, têm a oportunidade de demonstrar poder de compra através da exibição de bens de consumo; a apresentação de modos e etiquetas através da identificação de diferentes produtos e suas histórias; e a ostentação de sua esposa como vitrine conspícua de bens supérfluos, assim como representantes de um ócio vicário. Por óbvio, as reuniões sociais antecedem ao surgimento da emulação pecuniária, sendo que, segundo Veblen, estas teriam sido, provavelmente, originárias de convenções religiosas e/ou culturais bastante primitivas, adequadas ao cenário socioeconômico moderno. Tais reuniões sociais têm o objetivo claro de ostentação. Apresentar um ambiente comum em que os indivíduos estariam aptos a emularem pecuniariamente. Segundo Veblen, este objetivo ainda poderia ser vislumbrado como essencial no processo de emulação do já comentado *ranking* pecuniário.

Exatamente neste ponto, Veblen deixa claros as intenções e os esforços que atenuam a necessidade de demarcação de propriedade, tanto de bens quanto de pessoas. Segundo o autor, através do ócio vicário e do consumo vicário, torna-se importante que fiquem claras as propriedades e seus respectivos mestres. Essa preocupação não só ocorre entre servos, mulheres e bens, mas também a aspectos de ascendência e descendência familiar. Sobre estes casos, conforme vimos anteriormente, instituem-se as insígnias e brasões familiares. Neste contexto Veblen ainda acrescenta o papel recorrente da lógica proletária como utilizadora de uniforme. Sendo que, segundo o autor, “[t]he wearing of uniforms or liveries implies a considerable degree of dependence, and may even be said to be a mark of servitude, real or ostensible” (Veblen [1899] 2009, 55).

Através da ascensão do trabalho assalariado, a lógica de servidão abre espaço a uma nova perspectiva empregatícia, conseqüentemente, as características emulativas de finalidade vicária ficam comprometidas. Neste aspecto, Veblen argumenta o papel da esposa como a remanescente de uma lógica arcaica de propriedade, apresentando características bem definidas de demonstração de ócio e consumo como administradora da unidade familiar. Este

fenômeno teria se acentuado, segundo o autor, principalmente na porção da classe média, haja vista que o processo emulativo respeita as regras hierárquicas da classe ociosa. Sendo assim, os indivíduos que compõem as classes médias seriam colocados na obrigação da emulação de comportamentos superiores aos verdadeiramente vividos. Esta lógica seria respeitada em todos os diferentes estratos sociais, sendo que o objetivo da emulação seria sempre a busca pela aparência de poder pecuniário superior ao realmente vivido.

Veblen destaca que a semelhança entre as características emulativas de ócio e consumo, pautam-se no desperdício. Afinal, para que o ócio seja apresentado conspicuamente, deve estar relacionado ao desperdício de tempo e, em mesmo sentido, para que o consumo seja apresentado conspicuamente, deve estar relacionado o desperdício de recursos. Em ambos os casos nota-se o método de demonstração e posse de riqueza. Sendo que, neste ponto do processo antropológico, haja vista as causações cumulativas que até aqui culminaram, ambos os métodos podem ser vislumbrados e aceitos como equivalentes na emulação pecuniária. Porém, Veblen é enfático ao salientar que conforme as diferenciações de consumo passam a se tornar ainda mais evidentes, o consumo passa a superar o ócio em termos de evidência de riqueza e *status*.

Uma das explicações de Veblen para a afirmação acima, se dá através de um fenômeno bastante simples e contemporaneamente rotineiro: a observação da vida alheia. O ponto de Veblen pauta-se na característica muito mais elevada da exibição do consumo de bens em relação à prática do ócio. Afinal, conforme a nova lógica socioeconômica ascende em uma sociedade cada vez mais impessoal e de rotina incessante, o ócio passa a ser um elemento pouco demonstrativo e pouco eficaz na prática da emulação. Ou seja, somente através de um convívio direto e rotineiro é possível se fazer a identificação do ócio de maneira conspícua. Contrariamente, o consumo pode ser, de maneira muito mais fácil, exibido e demonstrado no decorrer das atividades hodiernas. Exatamente com base neste ponto, cada vez mais o consumo supera o ócio como ferramenta de emulação<sup>97</sup>.

Outra explicação repousa sobre as características socioeconômicas relacionadas ao trabalho assalariado e a expansão das capacidades de compra. Afinal, conforme as novas lógicas laborais tomam a cabeceira do desenvolvimento econômico, o ócio tende a ser apresentado como obsoleto.

---

<sup>97</sup> Destaca-se ainda que Veblen estabelece uma diferença entre a socialização urbana e a socialização rural. Segundo o autor, em uma lógica urbana, as atividades emulativas seriam muito mais eficientes do que em relação no contexto rural. Afinal, como Veblen destaca, grande parte do esforço emulativo é compensado através do diálogo entre os membros da sociedade, principalmente através de fofocas e conversas entre vizinhos, além da evidência visual.

So long as all labor continues to be performed exclusively or usually by slaves, the baseness of all productive effort is too constantly and differently present in the mind of men to allow the instinct of workmanship seriously to take effect in the direction of industrial usefulness; but when the quasi-peaceable stage (with slavery and *status*) passes into the peaceable stage of industry (with wage labor and cash payment) the instinct comes more effectively into play. It then begins aggressively to shape men's views of what is meritorious, and asserts itself at least as an auxiliary canon of self-complacency (Veblen [1899] 2009, 65).

Sendo assim, através do incremento substancial no tamanho da comunidade envolvida nas atividades industriais, o consumo conspícuo passa a, gradualmente, ganhar importância frente ao ócio. Neste ponto, Veblen apresenta uma alteração bastante significativa a nível cognitivo e comportamental: a alienação do instinto de trabalho eficiente às características de consumo conspícuo. Conforme Veblen destaca, observa-se que as novas organizações produtivas estabelecem um redirecionamento de um dos principais instintos humanos na emulação pecuniária. Sendo assim, cada vez mais, as possibilidades de consumo mostram-se como ampliadoras das possibilidades de emulação pecuniária, elevando a atratividade desta característica conspícua. Ressalta-se que esta característica conspícua de consumo está diretamente relacionada ao desperdício, conforme já comentado. Porém, Veblen frisa que o termo desperdício em sua conotação usual, é atribuído a um sentimento pejorativo e depreciativo. Mas como Veblen destaca, o termo por ele utilizado de forma técnica, diz respeito a utilização de recursos em sentido desconexo do provimento da vida humana e seu bem estar, por isso é apresentado e entendido como “desperdício”; desconexo de necessidade.

Sendo assim, com base nas observações feitas até aqui, observa-se o fundamental papel atribuído aos elementos de ordem pecuniária como demonstradores de habilidades de proeza e honra. Exatamente sobre a fixação e operação destas características através dos hábitos de pensamento, Veblen estabelece no capítulo seguinte algumas considerações – quase que a título de conclusão – do que até agora foi apresentado.

#### **4.1.5. The pecuniary standard of living**

Apesar de desenhado o cenário histórico e antropológico que permeia e exemplifica as mudanças sociais até aqui apresentadas, os mecanismos psicológicos e sociológicos que as justificam ainda permanecem obscurecidos no decorrer desta obra de Veblen. Através das explicações prévias tecidas nos capítulos 2 e 3 desta dissertação, o leitor atento pode

apresentar compreensão satisfatória dos desencadeamentos viabilizadores de tais mudanças. Porém, esta preocupação, para além deste autor, também atinge a Veblen na construção da obra que aqui está sendo trabalhada. Com base nesta inquietação, surge a necessidade e a viabilidade deste capítulo na obra de Veblen. Neste ponto, o objetivo principal do autor é estabelecer, além de explicações sobre os desencadeamentos habituais, também desenhar qual seria o padrão pecuniário de vida, haja vista as características até aqui apresentadas.

Veblen destaca que para grande parte das pessoas da sociedade moderna, os esforços de exacerbação de consumo para além das necessidades de conforto físico, são elementos não conscientes. Complementarmente, estes esforços e desejos também não atuam através da forma convencional de decência compreendida através dos bens consumidos. Segundo Veblen, estes esforços seriam a resposta de um padrão de vida instituído que não apresenta seus limites bem definidos, pois flutua através de seus hábitos de pensamento e comportamento que são socialmente compartilhados. Em outras palavras, Veblen pontua que o modo de pensar e o comportamento referente à conspicuidade da classe ociosa, são o reflexo de uma instituição de ordem pecuniária. Sendo que esta é regida e transmutada ao longo do tempo, através de seus respectivos hábitos. Desse modo, na leitura de Veblen, a conspicuidade do comportamento humano, principalmente através das já citadas características de desperdício, se tornaria cada vez mais indispensáveis. Afinal, na medida que os desperdícios conspícuos e honoríficos são desempenhados, trabalham não só na apresentação de nobreza e façanha, mas também agem como reforçadores de lógica pecuniária.

Exatamente com base nesta explicação, a instituição da classe ociosa atua através da emulação. Pois, segundo Veblen, a emulação seria especificamente o ponto mister da lógica pecuniária, tendo o significado de *“the [psychological] stimulus of an individual’s comparison which prompts us to outdo those with whom we are in the habit of classing ourselves”* (Veblen [1899] 2009, 71). Em outras palavras, os indivíduos emulariam seu comportamento de modo pecuniário, visando transparecer pertencerem a uma classe imediatamente superior a aquela em que ele próprio é identificado. Esta comparação seria, então, o objetivo mínimo de seu poder emulativo. Ou seja, os padrões de decência e reputabilidade que são almejados, são habitualmente instituídos como aqueles pertencentes ao estrato superior da sociedade. Através da apresentação desta ideia, por óbvio, a classe ociosa (a mais elevada de todas) teria o conforto de ditar as regras de desencadeamento da conduta e dos padrões pecuniários. Sendo que suas mudanças e/ou incrementos se dariam muito mais em termos cerimoniais do que em termos materiais. Segundo Veblen, este estímulo à

emulação trabalharia através do processo guia do hábito de desperdício conspícuo (de tempo e de recursos), sendo temperado em grau variável pelo instinto de trabalho eficiente.

Desse modo, pelo argumento de Veblen, a criação de padrões de vida como instituição, está diretamente relacionado à natureza habitual do comportamento humano. Mais do que isso, todas as criações de padrões de comportamento podem ser justificadas através da natureza habitual do ser humano. Sendo assim, o compartilhamento de hábitos e convencionalização de ideias é um fator extremamente primordial para a existência do convívio em sociedade. Tendo em mente que, conforme já visto, as habituações atuam a nível cognitivo nas percepções e no comportamento humano, espera-se que sua criação, alteração e inutilização, ocorra em passos lentos. A lentidão deste processo justifica a existência e a força de permanência de ideias e de comportamentos; tem-se, então, o conservadorismo. Ou seja, o desencadeamento de eventos culmina em pensamentos e comportamentos já pré-estabelecidos através das habituações. O conjunto dessas habituações, agindo como direcionadoras e gerenciadoras, formam as instituições.

Voltando à análise do padrão de vida e suas alterações na condição de instituição, Veblen argumenta que esta característica conservadora culmina na manutenção de circunstâncias e convenções pecuniárias em prol das diferenciações entre classes. Conforme mais antiga uma habituação, mais inquebrável apresenta-se o hábito em questão, conseqüentemente, mais persistentemente será sua afirmação a nível cognitivo. Sendo assim, o consumo conspícuo apresenta-se como um trato da natureza humana pautado na despesa e desperdício em prol da manutenção da honra e da nobreza, sinalizando proeza do indivíduo. Ou então, posto nas palavras de Veblen:

[I]n concrete terms, in any community where conspicuous consumption is an element of the scheme of life, an increase in an individual's ability to pay is likely to take the form of an expenditure for some accredited line of conspicuous consumption.

Veblen ainda pontua que, com exceção do instinto de autopreservação, a propensão pela emulação é provavelmente o mais forte e o mais alerta e persistente dos comportamentos econômicos. Portanto, ao viver em uma lógica industrial de incentivo a consumo como exibidor de honra e proeza, a emulação se dará de forma pecuniária, conforme aqui já apresentado.

Conforme o padrão de vida pautado na despesa e no desperdício de tempo e recursos é aceito e praticado pela sociedade, sua confirmação através da normalização e

compartilhamento de hábitos é inevitável; conseqüentemente há o reforço constante da lógica de vida que ali se institucionalizou. Desse modo, o reforço da instituição se dá não só de maneira formal, através das convenções pautadas para essa finalidade no cotidiano social, mas também se dá a nível inconsciente de prática daquilo que se considera normal, aceitável, esperado. A quebra com quaisquer elementos convergente a essa instituição seria de estranhamento considerável, podendo ser entendido até mesmo como antinatural<sup>98</sup>.

Ainda fazendo ponderações a respeito dos padrões de vida, ao abordar especificamente o tema das taxas de nascimento, Veblen é enfático ao afirmar que as classes mais abastadas apresentam maiores impedimentos conscientes para tal. Afinal, o acréscimo de um novo membro da família, especialmente criança, torna os custos de vida ainda mais dispendiosos. Apesar de tratar-se de um elemento emulativo, o mesmo só se fará positivo se implicar aumento substancial no dispêndio total, sem causar externalidades negativas nos demais elementos pecuniários. Porém, muitas vezes, elevadas taxas de nascimento em uma mesma família, fazem com que os custos sejam elevados a um nível que comprometa a emulação de maneira eficiente, fazendo com que na média, surjam dificuldades em se explicitar a lógica de consumo e ócio que era praticada pela mesma família anteriormente. Ou seja, aquilo que seria uma prática positiva de emulação, torna-se um evento de dificuldades.

Finalmente, Veblen ainda estabelece relação entre classes abastadas e o comportamento erudito. Segundo o autor, as pessoas na busca pela escolarização e conhecimento de nível superior, são constantemente colocadas em contato com membros de estratos pecuniários superiores. Sendo assim, parte considerável dos elementos de decência são transfundidas com pouca mitigação a estes e, *“as consequence there is no class of the community that spends a larger proportion of its substance in conspicuous waste than these”* (Veblen [1899] 2009, 77).

Desse modo, pode-se observar que os desencadeamentos apresentados por Veblen tecem a narrativa histórica e antropológica sendo fundamentados pelos princípios da psicologia humana<sup>99</sup>. Nota-se o essencial elemento habitual humano como desencadeador do processo de causações cumulativas que culminam na criação e manutenção de uma sociedade estratificada em classes e que pratica seus elementos seletivos de emulação pecuniária. Logo,

---

<sup>98</sup> Esta afirmativa não implica dizer que a institucionalização pecuniária ocorre de maneira natural (vinda da natureza humana), mas é tão enraizada e aceita em seus termos que, por muitos, pode ser através desta ótica visualizada.

<sup>99</sup> Conforme visto no capítulo 2 desta dissertação, os elementos da psicologia humana compreendidos pela teoria vebleniana, são majoritariamente de origem pragmática.

o comportamento conspícuo, pautado na exibição e exacerbação da honra, proeza e nobreza torna-se institucionalizado.

A fins didáticos, e visando a sumarização dos esclarecimentos aqui tecidos, o quadro 6 apresenta os desencadeamentos socioeconômicos até aqui descritos.

Quadro 6 – Síntese dos elementos conspícuos da Teoria da Classe Ociosa

ELEMENTOS	DESCRIÇÃO
Emulação Pecuniária	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A emulação é um mecanismo de adaptação em comunidade. Atua no sentido de se fazer pertencente à algo.</li> <li>• Na sociedade estratificada de propriedade individual, a emulação se torna pecuniária. <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Atua como demonstradora de façanhas, garantido honra e dignidade.</li> </ul> </li> <li>• A emulação pecuniária tem o objetivo de demonstrar o comportamento dos indivíduos através do poder pecuniário. <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Este poder pecuniário é normalmente emulado com o objetivo de transparecer pertencimento a uma classe superior.</li> </ul> </li> <li>• É o principal justificador dos pensamentos e comportamentos conspícuos; tanto de ócio quanto de consumo.</li> </ul>
Ócio Conspícuo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atua como mecanismo potencializador da emulação pecuniária.</li> <li>• Pauta-se na desconexão com atividades laborais produtivas (industriais). <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Tem o objetivo simples de demonstrar capacidade de abstenção laboral, sem comprometer subsistência.</li> </ul> </li> <li>• Atua não só em seu “mestre” e/ou viabilizador, mas também em seus agregados familiares ou não. <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Ócio conspícuo como método de emulação pecuniária através da improdutividade alheia.</li> </ul> </li> <li>• É o principal viabilizador do aprendizado de comportamentos associados a modos e etiquetas <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Modos e etiquetas são fundamentais para a execução do consumo conspícuo.</li> </ul> </li> </ul>
Consumo Conspícuo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Auxilia na emulação pecuniária demonstrando capacidade elevada de dispêndio.</li> <li>• Comportamento direcionado à demonstração de poder de compra. <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Não só em quantidade consumida, como também em qualidade do bem consumido.</li> </ul> </li> <li>• Os bens passam a apresentar finalidades cerimoniais.</li> <li>• A sociedade industrial intensifica o papel do consumo na emulação pecuniária <ul style="list-style-type: none"> <li>○ O consumo conspícuo passa a tomar, proporcionalmente, papel de destaque em relação ao</li> </ul> </li> </ul>

	<p style="text-align: center;">ócio conspícuo.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O consumo conspícuo vicário apresenta as mesmas características e objetivos do ócio vicário: demonstração de poder.</li> </ul>
--	--

Elaboração própria.

Observa-se através do quadro acima, que os elementos de origem conspícua culminam com o advento da emulação pecuniária. Tais elementos forjam as principais características da sociedade bárbara e pós-bárbara pautada na estratificação social e na propriedade privada individual. Conforme o interesse de Veblen, estes elementos são analisados em prol do entendimento da formação de uma classe social ociosa. Segundo o autor, os membros do topo desta cadeia seriam os máximos desencadeadores das características pecuniárias como acima apresentadas. Porém, deve-se salientar que a existência desta se dá não pela deliberação racional e consciente desses alguns, mas sim pelo processo de causação cumulativa e seus efeitos nos hábitos, tanto de pensamento quanto de comportamento. Sendo assim, através de longos períodos históricos e de interação social, os indivíduos da sociedade contemporânea ao tempo de Veblen<sup>100</sup>, apresentam características bastante convergentes à estratificação social via pecuniaridade. Devido a natureza evolucionária que permeia ao processo de causação cumulativa, observa-se a possibilidade de alterações não substanciais em cada um dos supracitados elementos conspícuos, normalmente gerando mudanças à margem do seu objetivo de emulação, como por exemplo, através de novos cerimonialismos.

Sendo assim, apresentados estes relevantes elementos socioeconômicos através da perspectiva vebleniana, nos próximos capítulos da obra, o autor estabelece maiores comentários, explicações e especificações sobre as características concernentes à manutenção e adaptação do sistema econômico como desenhado até aqui. Logo, Veblen estabelece importantes leituras a respeito dos elementos pecuniários referentes às práticas industriais modernas, assim como da organização e estratificação social de seu tempo.

#### **4.1.6. Pecuniary canons of taste**

Conforme apresentado até aqui, Veblen desenha o comportamento dos indivíduos como resultante da emulação pecuniária, regida e regulada pelo desperdício conspícuo, tanto de recursos (consumo conspícuo) quanto de tempo (ócio conspícuo). Ordinariamente, os

<sup>100</sup> E muito provavelmente, conforme a observação possibilita, ainda até hoje.

motivos que moldam essas características de comportamento e pensamento, baseiam-se no compartilhamento de hábitos e, portanto, na busca pela conformidade com comportamento socialmente estabelecido, “[...] *to avoid unfavourable notice and comment, to live up to the accepted canons of decency...*” (Veblen [1899] 2009, 78). Sendo assim, ressalta-se o já comentado poder coercitivo do compartilhamento de hábitos em sociedade, fazendo com que os indivíduos busquem por projeções emulativas de si mesmos em comparação com aqueles que o cercam. Porém, neste capítulo Veblen visa trabalhar a construção do entendimento daquilo que se propõe honorífico e nobre. Afinal, a identificação e o esclarecimento acerca dos elementos pecuniários são de fundamental importância no estabelecimento dos gostos.

Entender a composição habitual dos indivíduos como uma malha orgânica de influência multidimensional é importante para que possa se vislumbrar as capacidades e possibilidades no processo de escolha e na consciência destes. Desse modo, conforme já visto, os hábitos de pensamento – como expressão individual – condicionam, em direção e efeito, a visão consensual acerca daquilo que é “bom” e “certo” em uma determinada comunidade. Em grande medida, dada à característica pecuniária estabelecida antropológicamente como resposta aos desdobramentos da sociedade bárbara, o papel da reputação apresenta-se como fundamental nas habituações humanas, principalmente no que se refere à manutenção da honra. Sendo assim, Veblen pontua que as perspectivas habituais de decência permeiam as decisões econômicas, não só em seu caráter conspícuo, mas também em senso de dever, beleza e utilidade. Haja vista a caracterização institucional da propriedade privada em consonância com os elementos de emulação pecuniária, é possível observar a emergência de perspectivas psicológicas ligadas a manutenção do *status* em seu sentido consensual. Este sentido, por sua vez, apresenta-se carregado de percepção meritosa em relação à riqueza e a capacidade emulativa. Sendo assim, mais uma vez, a reputação dos indivíduos através de sua conduta pecuniária é reforçada.

Voltando-se ao entendimento da construção de decência, Veblen retoma o papel do aprendizado de comportamentos tidos como de etiqueta, assim como na capacidade de distinção entre diferentes bens de diferentes qualidades. Porém, dessa vez visando o esclarecimento do processo pelo qual o nobre caracteriza-se como é, Veblen traça os caminhos que o justificam historicamente. Nesta construção de trajetória, Veblen estabelece como fundamental o direcionamento do consumo “cânone”<sup>101</sup> através das influências do consumo devoto praticado e/ou incentivado através de atividades e instituições do clérigo.

---

<sup>101</sup> Essa expressão advém da nomenclatura original utilizada por Veblen para representar as regras de consumo conspícuo: “*canon*”.

Ainda segundo o autor, é possível observar que durante muito tempo o papel atribuído às instituições religiosas era o de justamente aparentar a prosperidade através do consumo conspícuo de tempo e bens. Desse modo, cabendo ao consumo devoto um importante papel na caracterização vicária, não necessariamente voltada ao conforto, mas sim ao desperdício conspícuo.

Com base na passagem acima, Veblen argumenta a característica de manutenção soberana dos poderes conspícuos das entidades religiosas, mesmo frente ao baixo poder emulativo de seus fiéis. Isto justifica-se devido a antropomorfização das tradições conspícuas, garantindo-lhes papel de divindade e superioridade que, conforme já visto anteriormente, se dá não só em consumo de bens, como também em consumo de tempo. Afinal, não só se tem as características pecuniárias de propriedade, como também a de aprendizado e manutenção de cerimonialismos e demais rituais. “[T]his holds true, in different degrees of course, for the different cults and denominations; but in the priestly life of all anthropomorphic cults the marks of a vicarious consumption of time is visible” (Veblen [1899] 2009, 82).

Tais menções a respeito do papel clérigo no desperdício conspícuo é justificada por Veblen, principalmente, através da noção consensual que relaciona a pecuniaridade e a conspícuo com aquilo que é divino: portanto, nobre e digno. Sendo assim, segundo Veblen, é criada uma institucionalização de duas vias em que, num primeiro momento há a projeção humana de dignidade na divindade, e num segundo momento, há a projeção divina de dignidade no ser humano. Ou seja, a divindade é digna por apresentar características pecuniárias e conspícuas, assim como o ser humano é digno por apresentar características divinas de pecuniaridade e conspícuo.

[I]t appears that the canons of pecuniary reputability do, directly or indirectly, materially affect our notions of the attributes of divinity, as well as our notions of what are the fit and adequate manner and circumstances of divine. (Veblen [1899] 2009, 84)

Contextualizada a importância antropomórfica no papel do desperdício conspícuo, Veblen volta-se especificamente ao papel da utilidade e valoração de bens em seus critérios de beleza e dispêndio. Um dos primeiros elementos tratados pelo autor baseia-se na diferenciação entre artigos industriais e artigos artesanais. Segundo Veblen, um artigo de fabricação artesanal terá consigo uma maior valoração em relação a um semelhante de fabricação industrial devido a sua característica de quase exclusividade em tempo e em material de confecção. Porém, ao analisar os aspectos de utilização do artigo, nota-se que seus

desdobramentos e possibilidades não apresentam distinções. Sendo assim, um artigo artesanal de utilidade e função semelhante a um mesmo artigo de fabricação industrial apresentaria, além de um maior dispêndio do ponto de vista conspícuo, também uma característica honorífica de consumo<sup>102</sup>. Neste ponto, Veblen ainda salienta que não necessariamente esta distinção baseia-se na beleza do artigo em questão, mas sim em sua apreciação honorífica. Exatamente por este ponto o autor comenta que, não basta que o artigo industrial se pareça/emule um artigo artesanal, ele deve de fato o ser<sup>103</sup>.

Em mesmo sentido, atentando especificamente ao papel do ouro e seu *status* de beleza, Veblen salienta que em sua utilidade trata-se de um artigo atrelado a honra de propriedade, muito mais do que em beleza estética. Utilizando-se do exemplo do ouro como adorno de vestimenta, Veblen pontua que sua exibição como raridade de honra intrínseca é superior relativamente a sua beleza e/ou utilidade, no que se refere a potencial de emulação. Desse modo, Veblen estabelece uma diferença fundamental entre expressividade e beleza. A expressividade terá o papel fundamental de conotar honra e nobreza a determinado artigo, sendo anterior ao conceito de beleza. Devido a expressividade de determinado artigo, este se torna bonito aos gostos numa perspectiva pecuniária. Sendo assim, salienta-se a reputabilidade em detrimento do atributo estético *per se*, caracterizando uma beleza pecuniária que em um segundo momento condiciona e rege a beleza estética.

Exatamente com base neste ponto, Veblen argumenta que as diferenciações entre artigos se dão pela sua reputabilidade e não necessariamente pela sua beleza estética. Desse modo, diferentes artigos serão consumidos por diferentes classes, não só pela sua caracterização conspícua, mas também pela sua reputabilidade intrínseca. A designação do senso de beleza seria resultado posterior, associado à fineza de determinado artigo por ser almejado e possuído pelas classes superiores da sociedade. Por esta característica, artigos de procedência rara e/ou excêntrica ganham papel de destaque no senso de beleza da sociedade de características pecuniárias. Afinal, estes artigos são aqueles que corriqueiramente apresentam maior desejo pelas classes superiores da sociedade, por possuírem elevado grau de reputação e trazerem consigo estima e honra. Entendendo, portanto, que a beleza apresenta uma relação emulativa no que se refere à pecuniaridade dos artigos consumidos, então Veblen

---

<sup>102</sup> Veblen ainda salienta que essa característica se baseia principalmente em consonância com o afloramento do instinto de trabalho eficiente.

<sup>103</sup> Neste ponto, mais uma vez destaca-se o papel fundamental das normas e etiquetas. Afinal, é fundamental que o indivíduo seja capaz de reconhecer as diferenças (por mais que sutis) entre diferentes artigos de consumo.

comenta que em diferentes classes haverá diferentes possibilidades de emulação e, conseqüentemente, diferentes classificações de beleza regentes do gosto.

Outro ponto atentado por Veblen diz respeito às mudanças intertemporais nas características de gostos. Segundo o autor, e assim como sua perspectiva teórica nos faz inferir, estas diferenças seriam resultado de mudanças nas situações econômicas. Logo, diferentes possibilidades de emulação pecuniária e comportamento conspícuo, levam os indivíduos a diferentes possibilidades de apresentação de reputabilidade e instituição de beleza. Desse modo, novas tendências surgem apresentando novas características e novos bens potencialmente consumíveis.

Dentre as características de consumo que mais diferenciavam-se temporalmente na época de Veblen, cabe menção especial aos animais de estimação que, segundo autor, seriam também respostas conspícuas de consumo e, portanto, teriam suas belezas devidamente legitimadas. Quando tece comparação especificamente entre cachorro e gato, Veblen é incisivo em destacar a característica emulativa do cachorro como superior à do felino. Afinal, segundo Veblen, o cachorro apresenta em seu temperamento e comportamento características de um servo exemplar que coloca-se à disposição de seu dono até mesmo nas ocasiões e situações menos favoráveis. Outra característica comportamental dos cachorros pontuada por Veblen, seria justamente a sua similaridade em desempenhar com êxito as atividades predatórias que lhe são imputadas, tanto de forma inata quanto de forma adquirida. Tais características de favorecimento dos cachorros como animais domésticos fazem com que este tenha sido, segundo Veblen, um dos animais de maior manipulação comercial, principalmente no que se refere à criação de diferentes estilos de animais para diferentes características de seus donos, tanto em atividade quanto em gênero. Ainda segundo Veblen, uma observação bastante semelhante pode ser feita no caso dos cavalos de corrida que, em sua amplitude de “ativo”, é muitas vezes obtido como item de colecionador dada a sua reputabilidade e representação.

Ao atentar aos aspectos de beleza pessoal, no sentido físico dos seres humanos, as relações com os elementos pecuniários de formação da sociedade mais uma vez se destacam. No caso das mulheres especificamente, o papel da aparência frágil, delicada e romântica seria o resultado primário do objetivo de emulação, principalmente no que se refere ao desvincilhamento de atividades laborais. Sendo assim, a beleza feminina pauta-se na delicadeza estética. Ou como Veblen ([1899] 2009, 98) pontua: “[t]he resulting chivalric or romantic ideal of beauty takes cognizance chiefly of the face, and dwells on its delicacy, and on the delicacy of the hands and feet, the slender figure and especially the slender waist. Já

seus artigos de vestimenta e adornamentos, são pautados no consumo conspícuo e na já comentada beleza de reputabilidade, através da utilização de artigos de elevada estima.

Sendo assim, observa-se que a beleza e os gostos na perspectiva pecuniária da sociedade estão pautados no julgamento. Tal julgamento baseia-se através de atributos econômicos, morais, estéticos e de reputação, sendo que os critérios de aprovação são configurados em regras conspícuas de vivência. Veblen ainda destaca que estas normas de gostos apresentam ascensão bastante antiga na construção histórica da humanidade, assim como os hábitos pecuniários de emulação, também passando por processos cumulativos de mudança através do compartilhamento desses hábitos em sociedade de diferentes configurações econômicas e possibilidades materiais. Sendo assim, os gostos de uma sociedade pecuniária apresentam-se construídos e instituídos através de longos períodos de tempo, mesmo que apresentem variações representativas em seus aspectos estéticos.

De maneira bastante convergente aos direcionamentos de gostos como holofotes à reputabilidade, as características de vestimenta também apresentam-se fundamentais no processo de emulação pecuniária, sendo utilizadas por Veblen corriqueiramente como exemplo. Porém, este ponto em específico é apresentado pelo autor como um elemento estético de expressão de uma cultura pecuniária de consumo que, apesar de instituída em períodos remotos da civilização humana, apresenta distinções e volatilidades corriqueiras. Dada a necessidade de entendimento desta nova característica de complexidade, Veblen dedica o próximo capítulo exclusivamente ao tratamento desta questão.

#### **4.1.7. Dress as an expression of the pecuniary culture**

Imediatamente após o capítulo proposto como análise dos gostos pecuniários, e munido de apontamentos e argumentos muito semelhantes, Veblen direciona sua atenção ao fundamental papel da vestimenta como uma expressão da cultura pecuniária. Neste ponto, o autor tem o objetivo simples e declarado de munir-se do mais ilustrativo exemplo acerca dos princípios econômicos até aqui apresentados. Afinal, segundo Veblen, a emulação de um elevado padrão pecuniário apresenta-se em voga em todos os objetivos econômicos, porém é melhor expressa e explorada através das vestimentas instituídas em sociedade. A explicação para esta assertiva, ainda segundo autor, está pautada na capacidade de exibição das vestes em meio comum e social, sendo utilizada como vitrine às percepções alheias a respeito do poder pecuniário do indivíduo que obedece a determinado código de vestimenta. Ou, pelas palavras

de Veblen ([1899] 2009, 111): “... *expenditure on dress has this advantage over most other methods, that our apparel is Always in evidence and affords an indication of our pecuniary standing to all observers at the first glance*”.

Um dos primeiros pontos levantados por Veblen são os já comentados hábitos de pensamento como guias de comportamentos potenciais. Conforme já visto, tais hábitos de pensamento e comportamento estariam moldados para uma finalidade pecuniária de emulação e condescuidade. Veblen utiliza-se do exemplo da vestimenta para salientar a força e a relevância destes hábitos no processo de tomada de decisão dos indivíduos, pontuando que no caso da vestimenta, corriqueiramente, abre-se mão do conforto físico em favor da exibição da capacidade emulativa. Ou seja, a projeção de valor social através da emulação pecuniária transcende os limites impostos fisicamente pelo conforto conforme os indivíduos optam pela associação a uma instituição pecuniária de vestimenta. Obviamente, este esforço mostra-se existente não só pelo objetivo pecuniário em si, mas também pela característica psicológica de necessidade de pertencimento e aceitação que os indivíduos apresentam no convívio em sociedade.

A importância da vestimenta não justifica-se em totalidade através da pecuniaridade do consumo. Conforme Veblen comenta, as vestimentas também estão diretamente relacionadas com a exibição de ócio, sendo muitas vezes ostentadas através de artigos que denotam a abstenção produtiva. Sendo assim, as vestimentas não apresentam o propósito único da elegância pecuniária, mas também tornam-se insígnias do ócio, cabendo demonstração de poder de compra concomitantemente a abstenção produtiva. Em outras palavras, a vestimenta atua através dos dois vetores emulativos desempenhados condescuidamente; o consumo e o ócio.

Conforme já se apresenta recorrente da leitura antropológica dos acontecimentos através da perspectiva de Veblen, no caso da vestimenta também há uma considerável diferença nas características de consumo e exibição entre os gêneros. Segundo o autor, a vestimenta feminina vai além no aspecto de demonstração ociosa, mostrando-se incompatível com as atividades laborais, e também, conforme já comentado, motivo de privação do conforto físico. Dentre os variados exemplos e comentários tecidos por Veblen, o salto alto e o espartilho desbancam como os principais denotadores de ócio improdutivo por parte da mulher, pois além do apelo pecuniário de demonstração frágil e delicada (conforme visto no capítulo anterior), também resultam em total impossibilidade de execução laboral. Segundo Veblen, estas características da vestimenta feminina não apresentam-se de maneira aleatória no curso cumulativo da história, pois são resultado direto da construção patriarcal da cultura

pecuniária. Afinal, na perspectiva do autor, os ornamentos de vestuário da moda feminina, além de conotarem finalidade emulativa em sua totalidade conspícua, tanto de consumo quando de ócio, também atuam como denotadores de honra para a habilidade honorífica de seu mestre. Sendo assim, a mulher passa a ser não somente vitrine de si mesma em papel de emulação, como também apresenta-se como atribuída em ser a “vitrine” da moda para demonstração da capacidade de pagar de cônjuge.

Veblen comenta que apesar da vestimenta obedecer sempre ao critério pecuniário de emulação, tanto através do ócio conspícuo quanto do consumo conspícuo, suas características apresentam mudanças ao longo de diferentes períodos históricos. Assim como no caso dos gostos pecuniários apresentados no capítulo anterior, no caso das vestimentas as mudanças apresentam-se como resultado de alterações materiais de vivência na sociedade. Tais alterações não só ficam restritas no âmbito das possibilidades produtivas, mas também oscilam em relação as perspectivas artísticas de beleza e perfeição. Exatamente devido a esta última característica, os indivíduos tendem a relacionar os aspectos de moda e beleza de seu tempo, superiores aos da geração imediatamente anterior, como se representassem o passo adiante em relação a um conceito de beleza. Porém, Veblen salienta que tal perspectiva é enganosa, ao ponto que a maleabilidade desse processo apresenta elevado grau de volatilidade e possibilidades<sup>104</sup>.

Tal perspectiva de mudança “fashion”, segundo Veblen, baseia-se na perspectiva psicológica dos indivíduos que, através de seus hábitos de pensamento, são levados a buscarem posições emulativas de padrão pecuniário elevado. Este comportamento implica constantes e regulares desperdícios no modo de consumir, tanto os bens quanto o tempo. Porém, o já comentado instinto de trabalho eficiente, apresenta-se como uma aversão à futilidade atrelada à este comportamento emulativo. Desse modo, a solução corriqueiramente utilizada pelos indivíduos é a justificativa de todo novo adereço de vestimenta, mesmo que por finalidade cerimonial. Sendo assim, novas modalidades de exposição e ostentação apresentam-se com finalidades para além da pretensão emulativa. Porém, conforme as novas tendências rompem com a aversão à futilidade e entram em tendência, uma nova característica emulativa se faz necessária para o êxito da diferenciação e da reputabilidade crescente. Dessa maneira, o ciclo se renova e novas tendências são criadas através do processo de mudança da moda. Com base nesta perspectiva, Veblen salienta que nenhum atributo da moda deixará de passar pela prova do tempo. Porém, fica evidente que a velocidade na qual as mudanças

---

<sup>104</sup> Isto implica dizer que, assim como qualquer outro processo de causação cumulativa descrito por Veblen, não trata-se de um mecanismo teleológico de melhoramento.

ocorrerão está diretamente relacionada com a capacidade emulativa da comunidade. Afinal, quanto mais fácil se mostrar a mobilidade social, mais frequentes se farão as atualizações de tendências, forçando novos ciclos de mudança no padrão da moda.

Conforme fica evidente, cabe à classe ociosa o papel de determinação das novas tendências em sua confortável posição de honraria e nobreza. Suas decisões emulativas permeiam a sociedade em sua totalidade, fazendo com que gradualmente essas novas tendências de moda se estabelecem como critérios pecuniários de emulação, regendo e direcionando as regras de consumo conspícuo em prol da exibição da capacidade de pagar e da capacidade de se abster de atividades produtivas.

#### **4.1.8. Industrial exemption and conservatism**

The life of man in society, just like the life of other species, is a struggle for existence, and therefore it is a process of selective adaptation. The evolution of social structure has been a process of natural selection of institutions. The progress which has been and is being made in human institutions and in human character may be set down, broadly, to a natural selection of the fittest habits of thought and to a process of enforced adaptation of individuals to an environment which has progressively changed with the growth of the community and with the changing institutions under which men have lived. Institutions are not only themselves the result of a selective and adaptive process which shapes the prevailing or dominant types of spiritual attitude and aptitudes; they are at the same time special methods of life and of human relations, and are therefore in their turn make for a further selection of individuals endowed with the fittest temperament, and a further adaptation of individual temperament and habits to the changing environment through the formation of new institutions (Veblen [1899] 2009, 125).

Entender a perspectiva de Veblen a respeito do processo evolucionário das instituições é fundamental para que possamos entender em completude as inquietações e provocações feitas pelo autor ao longo deste capítulo. Para tal, iniciar com a longa passagem acima auxilia-nos em vislumbrar em totalidade este processo nas palavras do próprio autor. Quando analisado cuidadosamente, o processo evolucionário descrito por Veblen – ocorrente em hábitos de pensamento e, portanto, instituições – apresenta-se bastante robusto em seus desdobramentos. Fica nítida a característica não aleatória do processo evolucionário, mesmo que este se desdobre de forma cega, conforme visto na seção 2.2.4. Afinal, as características humanas que hoje prevalecem em sociedade, foram aquelas que em períodos distantes apresentaram-se como as mais aptas a prosperarem, independente de suas classificações

morais de existência. Além desta identificação, também pode-se observar que qualquer outra mudança proposta no sistema de vida dos indivíduos, somente será efetivamente executável à custas de novo processo de adaptação. Conforme se abordará neste capítulo, este último caso justifica a inconsciência dos comportamentos conservadores.

Veblen argumenta que as forças que vêm a moldar o ser humano podem ser reduzidas àquilo que de fato caracteriza o tecido vivo e também o seu meio material. Sendo que em seu meio material existem influências parcialmente humanas e também influências não humanas. Visando ser mais preciso nesta conceituação, Veblen argumenta que o ser humano apresenta-se como o resultado de duas forças: da física e da constituição intelectual. Com esta apresentação o autor tem o objetivo de frisar a necessidade de adaptação dos indivíduos não só em termos físicos as novas mudanças, como também em suas convenções humanas; de hábitos de pensamento e comportamento. Desse modo, as instituições apresentam papel de elevada importância na vivência dos indivíduos em uma sociedade, pois são imprescindíveis na tomada de decisão e na formação de seus costumes e sendo comum. Neste ponto, Veblen argumenta sua explicação sobre as diferentes características presentes em diferentes sociedades. Afinal, segundo o autor, estas seriam o resultado de diferentes expressões institucionais selecionadas ao longo do tempo.

Sendo assim, fica evidente que é fundamental entender como as instituições mudam. Com este esforço em mente, Veblen descreve o processo de mudança institucional relacionado ao processo de mudança de circunstâncias, já que estas estão diretamente relacionadas com os atributos psicológicos de mudança de hábitos que, por sua vez, estão diretamente relacionados com o desenvolvimento de mudanças na sociedade. Sendo assim, as instituições, como hábitos de pensamento socialmente compartilhados apresentam características de lentidão no que se refere a sua mutação. Afinal, um efeito de desencadeamento, partindo de uma mudança nos padrões de vida indo em direção à psique humana e ao compartilhamento de hábitos de pensamento, demanda não só tempo no sentido físico, como também carece de adaptações a nível psicológico no cotidiano e na vida dos indivíduos.

Neste ponto, torna-se válido frisar que as características institucionais da sociedade contemporânea a Veblen apresentam-se como resultados dos métodos técnicos de vivência, principalmente atrelados à rotina industrial. Sendo assim, com diferentes métodos técnicos, novos hábitos de vida viriam a reger o cotidiano dos indivíduos. Em última instância, através dos novos hábitos de vida adquiridos, surgiriam os novos hábitos de pensamento que, quando compartilhados, resultariam em novas instituições, ou então, em mutações nas instituições já

existentes. Sendo assim, nota-se que as mudanças institucionais estão diretamente relacionadas às mudanças no cenário econômico, haja vista que este condiciona extensiva e intensivamente a realidade material e os cotidianos de uma sociedade.

Munido deste argumento, Veblen estabelece a existência de atrasos nas mudanças e adaptações institucionais, principalmente pela necessidade de tempo de aceitação e adaptação. Por isso, Veblen comenta que “[t]he institutions of to-day shapes the institutions of tomorrow through a selective, coercive process, by acting upon men’s habitual view of things, and so altering or fortifying a point of view or a mental attitude handed down from the past” (Veblen [1899] 2009, 126). Sendo assim, nota-se a existência de um *delay* institucional, no que se refere às demandas da sociedade quanto a hábitos de pensamento, e a verdadeira execução dessas novas características. Porém, conforme já comentado, esse atraso se dá não só no sentido temporal da mudança, mas também é deliberadamente constrangido pelo caráter conservador do comportamento humano. Apesar de tido como deliberado, este mecanismo justifica-se majoritariamente através da inconsciência dos atributos habituais já praticados pelo indivíduo. Desse modo, Veblen pontua que o conservadorismo dos indivíduos é, em considerável medida, uma inércia psicológica.

Veblen salienta que mudanças na estrutura social só ocorrerão frente a alterações nos hábitos de pensamentos da maioria das classes sociais, portando, em parte considerável da sociedade, ou então, nos hábitos daqueles indivíduos ou classe que determinam o andamento da sociedade em sua essência. Segundo Veblen, é necessário que a evolução da sociedade seja vislumbrada como um processo de adaptação mental por parte de seus indivíduos que não estariam mais sendo capazes de tolerar hábitos de pensamento que correspondem a circunstâncias do passado. Conforme já destacado, as alterações nos hábitos de pensamento dos indivíduos serão resultados tardios e sob relutância, sendo necessária coerção exercida por novas situações. Sendo assim, segundo Veblen, a liberdade e a facilidade de readaptação seriam elementos de referência à capacidade de crescimento na estrutura social.

É válido que seja mencionado que, dentre os atributos psicológicos que influenciam a adaptação à um novo cenário institucional, encontram-se uma série de atributos inconscientes a respeito daquilo que comporia as diretrizes morais dos indivíduos. Ou seja, as instituições como hábitos de pensamento também estariam incumbidas do estabelecimento de consenso sobre as visões de uma sociedade, como por exemplo, o “certo”, o “errado”, o “bom”, o “ruim”, o “conveniente”, o “bonito” e o “feio”. Sendo assim, o rompimento ou a mutação institucional pode, muitas vezes, ferir psicologicamente os indivíduos em elementos que lhe são importantes do ponto de vista moral. Essa explanação de Veblen não só explicita a

complexidade dos elementos institucionais na condição de transbordamentos psicológicos, como também soma em argumentos na explicação a respeito do conservadorismo atrelado ao comportamento humano. Esta explicação de Veblen faz-se pertinente, principalmente, quando o autor apresenta um comentário bastante específico no que se refere à mudança institucional e conservadorismo. Segundo o autor, em mudanças tidas como em direção de um “progresso”, ou seja, na direção de divergência à posicionamentos arcaicos, são especialmente retardadas e executadas tardiamente.

Conforme visto até aqui, as características primitivas da sociedade, principalmente moldadas durante os períodos bárbaros da sociedade e consolidadas na era da selvageria pacífica, apresentam hábitos de pensamento e comportamento diretamente relacionados com os anseios pecuniários de poder e destreza. Estes hábitos em seus enraizamentos na sociedade, configuram um forte conservadorismo em diferentes potenciais movimentos de “progresso” na sociedade. Exatamente com base nesta consideração, Veblen apresenta a classe ociosa – principal beneficiária deste esquema de vida – como a principal aplicadora de força restritiva às mudanças institucionais. Desse modo, Veblen incisivamente intitula: “[t]he leisure class is the conservative class” (Veblen [1899] 2009, 131).

Segundo Veblen, o papel conservador da classe ociosa baseia-se principalmente pelo sua característica de não necessidade de se atrelar às demandas do mundo industrial. Ou seja, a classe ociosa não pertence organicamente ao meio social compartilhado pelas demais classes. Sendo assim, devido ao papel despercebido das mudanças sociais e psicológicas da sociedade, a classe ociosa não apresenta a necessidade e, portanto, a vontade de ceder às novas estruturas habituais. Na perspectiva de Veblen, essa desassociação da classe ociosa com os demais membros e classes da sociedade, faz com que esta apresente-se como conservadora em relação à aquilo que para os demais já se mostrara obsoleto e demandante de mudança.

The difference in this respect between the wealthy and common run of mankind lies not so much in the motive which prompts to conservatism as in the degree of exposure to the economic forces that urge a change. The members of the wealthy class do not yield to the demand for innovation as readily as other men because they are not constrained to do so (Veblen [1899] 2009, 132).

Adiante na sua exploração sobre a característica conservadora da classe ociosa, Veblen retoma a ideia de que as mudanças emergem primeiramente em uma alteração no sistema econômico e, portanto, em uma nova realidade material. Este novo cenário leva as pessoas a desenvolverem novos hábitos de vida que com o passar do tempo incorporam novos hábitos

de pensamento demandando novas instituições. Nota-se que essa nova caracterização institucional pode ser potencialmente nociva aos interesses da classe ociosa, fazendo com que essa necessite alterações em sua constituição. Sendo assim, mais uma vez reforça-se o papel conservador da classe ociosa, não só por apresentar desconexão com essas novas demandas, mas também pela aversão a novos cenários que podem questionar a legitimidade de sua posição.

Sendo entendido que o código de propriedades e demais convenções econômicas em voga fazem parte da característica orgânica da sociedade, qualquer mudança nestas instituições visará ser evitada pelo conservadorismo da classe ociosa. Esse conservadorismo, em sua execução plena resulta em estranhamentos bastante conhecidos no meio social, como Veblen bem exemplifica, principalmente através de jargões como: “reduziria a sociedade ao caos”, “subverteria as fundações da moralidade”, “alteraria as estruturas sociais a partir de suas bases”, “tornaria a vida intolerável”, “inverteria a ordem natural das coisas”, e etc., tendo como objetivo contrariar as mudanças que viriam a comprometer a estrutura pecuniária da sociedade e da classe ociosa.

Através desse comportamento conservador e influente, a classe ociosa atua de forma coercitiva sobre as demais classes da sociedade, tornando-as também conservadoras e auxiliadoras em seus objetivos inerciais. Essa coerção, segundo Veblen, ocorreria principalmente devido a já estabelecida estrutura social de reputação e honra. Afinal, como a classe ociosa tem a postura privilegiada de ditar as regras de conspicuidade e respeitabilidade, suas opiniões e posicionamentos são encarados pelos demais membros da sociedade como um exemplo a ser seguido. Porém, como Veblen bem comenta, em seu resultado final, as instituições sempre tendem à mudança e ao desenvolvimento, mesmo que apresentem maior ou menor grau de resistência.

Sobre as instituições de caráter explicitamente e especificamente econômico, Veblen comenta que há uma diferenciação básica atuante em dois propósitos diferentes na vida econômica. Segundo Veblen, no campo econômico as instituições podem ser divididas em duas categorias: as pecuniárias e as industriais. Sendo assim, o conservadorismo oriundo de diferentes classes sociais pode ser explicado pela representação dessas classes nestas duas distintas categorias institucionais da vida econômica. A classe ociosa, por exemplo, por ser relacionada mais diretamente com as instituições pecuniárias, terá por objetivo a manutenção dos hábitos concernentes a essa característica. O mesmo pode ser dito em relação às classes industriais e seus interesses em face daquilo que vivem em seu cotidiano. Porém, entendendo que os papéis atribuídos às instituições pecuniárias são de maior importância na vida

econômica da sociedade como um todo, principalmente na determinação de instituições como a propriedade, contratos, transações e demais interesses escusos, nota-se que, mais uma vez, a classe ociosa possui papel de destaque e comodidade no ditar das regras da mudança institucional. Afinal, seriam os elementos sob controle da institucionalidade pecuniária que ditariam as regras e habituações originadoras das instituições de cunho industrial.

Sendo assim, através destas considerações, Veblen tem como objetivo apresentar a abstenção industrial e o comportamento conservador como elementos diretamente relacionados através das instituições previamente estabelecidas em sociedade. Tais instituições tem como objetivo primordial a manutenção do *status quo* através da emulação pecuniária. Comportamentos conspícuos, tanto de consumo quanto de dispêndio de tempo emergem desta estrutura social, reforçando-a e institucionalizando-a na medida em que legitima-se através de hábitos de pensamento.

#### **4.1.9. The conservation of archaic traits**

Até este ponto de sua narrativa, Veblen fora bastante enfático ao apresentar o indivíduo e sua organização social como resultante de processos de causação cumulativa, compartilhamento de hábitos e condicionamento de instintos. Também fora bastante claro e incisivo em destacar as características conservadoras do ser humano, principalmente por parte daqueles que, em maior ou menor grau, apresentam desconexão com as mudanças materiais da sociedade. Porém, entender essas características como prevalecentes de uma leitura mais abrangente do ponto de vista antropológico ainda mostra-se necessário, como Veblen perfeitamente destaca na apresentação deste capítulo. Nesta parte de seu livro, Veblen tem como objetivo primordial entender, através de sua perspectiva psicológica e social, como se deram as conservações de traços arcaicos no comportamento humano. Ou seja, visa entender em que medida os seres humanos apresentam conservação comportamental que são antecedentes a sua socialização. Para tal, conforme se fará claro, entender o ser humano como um animal advindo de diferentes procedências étnicas é fundamental para que seus traços comportamentais e predisposições sejam melhor entendidas em seus desdobramentos recentes.

Segundo Veblen, os dois grandes princípios atrelados à sociedade industrial pecuniária, o desperdício conspícuo e a abstenção industrial, são fundamentais no papel de controle e direcionamento dos hábitos de pensamentos e instituições dos indivíduos imersos

nesta lógica social. Mais do que isso, também representam grande importância e efetividade no processo de guiar o temperamento da comunidade como compartilhadora de elementos étnicos comuns. Este comentário de Veblen direciona seu leitor ao entendimento de que a evolução social apresenta-se como um processo de adaptação seletiva, não só de hábitos, como também destes temperamentos. Sendo que estes, por sua vez, demonstram-se aptidões de períodos arcaicos de formação dos seres humanos, mais especificamente através da seleção de elementos étnicos de diferentes procedências. Veblen destaca que o indivíduo de sua época tenderia a ser representado por pelo menos três dos principais tipos étnicos: *dolichocephalic-blond*, *branchycephalic-brunette* e *mediterranean*<sup>105</sup>.

Veblen destaca que devido as leis da hereditariedade, as características concernentes aos períodos remotos da civilização podem e, provavelmente, sobrevivem na composição do indivíduo moderno. Ou seja, para além dos condicionantes recentes do período bárbaro e pacífico, em que ocorreram em grande medida a formatação dos hábitos de pensamento e comportamento, predisposições comportamentais de origem remota também foram moldadas pelas exigências do tempo. Por esse motivo, segundo Veblen, nota-se que os seres humanos não podem ser rastreados cronologicamente a somente uma das já citadas correntes étnicas. Afinal, para que pudessem se fazer presentes em características hodiernamente, tiveram de passar pelas mais diferentes mesclas e mutações, tornando-os extremamente híbridos em relação a seus antepassados. Com base nesta justificativa, Veblen argumenta que não há respaldo no argumento de que diferentes organizações sociais atualmente justificam-se pelas suas características étnicas – tribais e raciais – haja vista que estas diferenciações já não mais se aplicam em relevância. Segundo o autor, conforme já visto anteriormente, essas diferenças seriam resultados das instituições e hábitos afluídos contemporaneamente.

Nesta passagem Veblen salienta que as características instintivas (traços arcaicos) dos indivíduos não compõem o comportamento dos mesmos de forma majoritária. Afinal, estes traços arcaicos estariam sujeitos às restrições habituais dos indivíduos em suas institucionalidades presentes. Logo, o ser humano, apesar de apresentar características instintivas em sua estrutura comportamental, é muito mais um ser de hábitos do que um ser de instintos. Conforme visto até aqui, esta conclusão não apresenta-se de forma inédita, mas pelo contrário, corrobora as percepções de Veblen em sua descrição psicológica a respeito do ser humano e sua estruturação sociológica.

---

<sup>105</sup> Infelizmente Veblen não menciona sua fonte para os referidos tipos étnicos. Apenas destaca, de forma genérica, ser a percepção recente de etnologistas a respeito do tema.

Sendo assim, as atribuições raciais que vieram viabilizar o ser humano moderno, apesar de ser resultante de ao menos três conjuntos étnicos de períodos remotos, hoje apresentam-se como o resultado híbrido de períodos de mescla e adaptação seletiva. Veblen enfatiza, mais uma vez, a importância do período bárbaro no estabelecimento desse processo seletivo. Afinal, segundo autor, seria neste período que fundamentais diferenciações começam a ser embutidas na vida em sociedade, principalmente a desconexão coletiva em detrimento do empoderamento individual, a institucionalização da propriedade privada e demais elementos habituais que demandariam o afloramento de antigas características primitivas que justificariam essa sociedade pelo seu nome bárbaro<sup>106</sup>. Em outras palavras, esta leitura antropológica apresenta o ser humano como espécie única, resultante de diferentes mesclas étnicas que tiveram como papel fundamental a diversificação comportamental que viabilizou a perpetuação humana nos mais distintos cenários e possibilidades.

Enquanto descreve este processo de adaptação via seleção de traços arcaicos do comportamento humano, Veblen comenta o surgimento de importantes instintos que viriam a ser fundamentais nos estágios pós-fase pacífica, como por exemplo, o instinto de solidariedade de raça (*instinct of race solidarity*) e o já comentado instinto de trabalho eficiente, porém aqui retratado como em sua forma nativa, anterior a perspectiva individualista. Sobre este último, Veblen comenta que, apesar de apresentar-se em consonância com as demandas pós-barbaras da sociedade, este instinto teria sido resultante de fases ainda mais remotas da formação dos seres humanos, tendo sido reafiorado de forma decisivamente importante na fase bárbara na composição psicológica da sociedade pecuniária. Partindo desse exemplo, Veblen salienta que o processo seletivo destes traços arcaicos ainda ocorrem em prol do refinamento comportamental dos indivíduos frente às novas demandas da sociedade. Ou seja, aqueles traços comportamentais tidos como arcaicos e que ainda apresentam-se presentes no comportamento dos indivíduos foram, em maior ou em menor grau, decisivos na perpetuação humana.

Desse modo, Veblen leva seu leitor a entender como se condicionam as possibilidades de perpetuação destes traços arcaicos do comportamento humano. Conforme já destacado no capítulo 2, cabe aos hábitos o condicionamento e o direcionamento dos diferentes instintos presentes no comportamento humano. Exatamente através desta perspectiva justifica-se a capacidade dos indivíduos em direcionarem antigos traços arcaicos – enraizados através de formas instintivas – a se adequarem às demandas hodiernas, facilitando e viabilizando a

---

<sup>106</sup> Veblen salienta ainda que o período de selvageria pacífica que antecedeu à cultura bárbara, teria sido o período que gerou as condições para o início da fase de desenvolvimento social.

perpetuação destes agentes. Essa noção adaptativa-seletiva implica reconhecer a capacidade de moldagem destes traços comportamentais, mesmo que imersos profundamente na ideia de “natureza humana”. Ciente desta implicação, Veblen adianta-se em lembrar as capacidades adaptativas do ser humano como compartilhador de hábitos e institucionalizador de pensamentos e comportamentos.

Com esta explicação em mente, Veblen retoma a ideia da divisão institucional da representação dos interesses das classes: as instituições pecuniárias e as instituições industriais. Conforme visto no capítulo anterior, as instituições de cunho pecuniário mostram-se conservadoras devido a sua mais rotineira desconexão com os fenômenos de realidade material. Por esta característica, Veblen comenta que as classes executoras das instituições pecuniárias, apresentariam com maior frequência os supracitados traços de comportamento arcaicos, justamente por desempenharem funções de cunho predatório, associados à proeza e mérito, assim como comportamentalmente aprendido e adquirido durante o período bárbaro da civilização. Como exemplo, Veblen apresenta o papel do “capitão da indústria” como função pecuniária que desempenha através de astúcia a representação da proeza do gerenciamento dos negócios.

Através desta noção, Veblen salienta que há aparente diferenciação não só em hábitos, mas também em temperamento e desempenho de traços arcaicos nas diferentes classes sociais. Tal perspectiva apresenta os membros de classes superiores como potencialmente mais arcaicos em comportamentos e pensamento, do que aqueles que compõem a base da sociedade. Afinal, seus comportamentos de origem predatória, assim como seu afastamento da realidade material de adaptação e seletividade, faz com que suas provações evolutivas sejam retardadas. Isto não implica dizer que há uma diferenciação no intervalo evolucionário entre as classes, mas sim implica delatar uma diferenciação de temperamento no que se refere à seus posicionamentos. Essa explicação repousa sobre a percepção de Veblen de que os indivíduos das classes industriais teriam seus afloramentos comportamentais durante a fase pacífica de desenvolvimento social, tendo sido marginalizados durante a fase bárbara de institucionalização do comportamento predatório e pecuniário. Essa desconexão de realidades e intensidades de comportamento, fez com que se criasse a já citada diferenciação de temperamento entre as classes. Ou, pelas palavras de Veblen:

From what has been said, it appears that the leisure-class life and the leisure-class scheme of life should further the conservation of the barbarian temperament; chiefly of quasi-peaceable, or bourgeois, variant, but also in some measure of the predatory variant. In the absence of disturbing factor, therefore, it should be possible to trace a difference of temperament between

the classes of society. The aristocratic and the bourgeois virtues – that is to say the destructive and pecuniary traits – should be found chiefly among the upper classes, and the industrial virtues – that is to say the peaceable traits – chiefly among the classes given to mechanical industry.

Porém, ainda Segundo Veblen, essa diferenciação de temperamento pode não ser factível nesses termos e abrangência. Afinal, o caráter habitual do comportamento humano, pode caracterizar estas condutas como popularmente aceitáveis nos diferentes cenários em que são postas a prova. Ainda assim, segundo o autor, é inegável a característica conservadora da classe ociosa na manutenção e fortificação dos regimes arcaicos de tradições bárbaras da sociedade em prol de sua auto preservação e perpetuação.

#### **4.1.10. Modern survivals of prowess**

Conforme Veblen salienta nos capítulos iniciais da obra, o período bárbaro da construção social foi definitivamente importante na composição dos hábitos de pensamento e na fixação de importantes instintos para os seres humanos. A nova lógica de organização pautada no comportamento predatório de emulação pecuniária e exibição de feitos, fez com que a apresentação de proezas se destacasse como elemento fundamental na construção dos *status* dos indivíduos em seus posicionamentos na sociedade. Com esta perspectiva em mente, e tendo visto e entendido o avanço histórico da humanidade como um processo de causação cumulativa, Veblen nos leva à reflexão de quais seriam os elementos modernos que teriam sobrevivido como feitos de proeza. Afinal, conforme visto até aqui, se o direcionamento do comportamento bárbaro na sociedade moderna industrial permanece através de características comportamentais, principalmente através da conspicuidade do consumo do tempo e de bens, então, como se vislumbrariam as proezas nesta nova perspectiva socioeconômica?

Visando responder a esta inquietação, Veblen salienta a sempre presente inclinação à guerra no comportamento das sociedades em seus diferentes tempos e realidades. No caso moderno, não nota-se divergências neste aspecto, apenas retificações em seu sentido e finalidade. Sendo assim, Veblen pontua que a propensão à guerra, presente como forte sentimento honorífico no comportamento humano, pode ser identificado como uma característica moderna de sobrevivência do apreço à proeza humana; conquista, morte e demonstração de força, assim como em seus estágios bárbaros. Apesar de ser uma característica presente na generalidade do ser humano, Veblen destaca que este sentimento apresenta-se muito mais fortificado e presente nos indivíduos componentes das classes

superiores, principalmente a aqueles que apresentam a ociosidade como atributo hereditário. Conforme se fará evidente no decorrer da descrição deste capítulo, ficará clara a percepção de Veblen de que as diferentes classes sociais apresentam diferentes temperamentos no que se refere à execução de proeza.

Conforme a civilização adentra na lógica industrial de consumo e produção, as antigas perspectivas de guerra demonstram-se obsoletas em seu caráter de conquista e demonstração de poder. Afinal, esses feitos são possíveis agora em diferentes formas e possibilidades devido às diversas diferenciações materiais ocorridas na sociedade. Sendo assim, suas atribuições predatórias oriundas do período bárbaro, são direcionadas cada vez mais a atividades menos pitorescas, buscando a normalização e institucionalização de novos comportamentos que correspondem com os anseios e perspectivas da sociedade industrial moderna. Como o processo de mudança se dá de forma transitória, é possível verificar atributos culturais que se deram de forma parcialmente modificadas. Um dos exemplos utilizados por Veblen é a substituição ou ressignificação das inclinações de guerra através dos duelos entre senhores para resolução de desavenças e apresentação de honraria através de um feito de proeza.

Outro comentário de Veblen a respeito deste período transitório é a observação de que conforme os indivíduos vão adquirindo novas habituações regentes de seu comportamento, os impulsos mais arcaicos de traços instintivos, como por exemplo, essa tendência à barbárie e à agressividade, mostram-se melhor controlados. Porém, mesmo melhor controlados, ainda mostram-se existentes e aptos a aflorarem em situações e cenários específicos. Um destes cenários, segundo Veblen, pode ser ilustrado naqueles indivíduos que, sob influência alcoólica ou de outro narcótico, apresentam uma elevação em seus comportamentos e pensamentos agressivos em relação a aquilo que os cercam, sempre com o propósito à demonstração da proeza e do feito. Veblen pontua que por estarem menos aptos a distinguirem habitualmente suas ações – devido aos efeitos da droga em questão – estes indivíduos estariam mais suscetíveis a representarem aqueles comportamentos que estariam mais enraizados em seu temperamento, como por exemplo, a tendência à agressividade e a demonstração de habilidade à proeza<sup>107</sup>.

Conforme a caracterização antropológica descrita por Veblen, nota-se que houveram significativas distinções na formação da sociedade. Diferentes indivíduos, devido às suas

---

<sup>107</sup> Importante notar que, mesmo sem fazer menção direta a atributos neurológicos e/ou psicológicos nesta passagem, Veblen pauta-se fortemente em atributos desta natureza para justificar seu argumento.

diferentes características, compunham diferentes estratos e funções. Em um primeiro momento, a distinção principal dava-se pelo gênero do indivíduo que, conforme visto destinava-se na diferença de atribuições produtivas e de *status* na sociedade. Em um segundo momento, as distinções passam a se dar não só pelo gênero, mas também pelas caracterizações de classe social, principalmente devido à ascensão da instituição da propriedade privada e da apresentação de feitos individuais em prol de emulação ao grupo. Sendo assim, haja vista as diferentes imputações de comportamentos predatórios, Veblen argumenta que estes reflexos também teriam seus resultantes de modo diferenciado na sociedade contemporânea. Devido a estas diferenciações, segundo o autor, tanto os homens quanto as classes sociais superiores pautadas na hereditariedade, apresentariam comportamentos mais atrelados aos feitos predatórios e à necessidade de demonstração de poder e proeza, em relação aos demais membros da sociedade.

Com base neste argumento, Veblen pontua o comportamento dos homens a uma inclinação à agressividade que, segundo o autor, pode ser percebida já em seus anos de juventude. Devido a esta característica, os meninos apresentariam comportamentos mais agressivos passíveis de resolução de conflitos através de enfrentamentos físicos. Em mesmo sentido, tem através de sua força e capacidade de luta, elementos de proeza e feitoria. Contrariamente, as meninas, devido às características e condições de desenvolvimento histórico e antropológico, apresentariam comportamento menos inclinados à violência física. Afinal, através da formação bárbara da sociedade e da institucionalização da lógica patriarcal da sociedade, as meninas apresentariam ausência considerável dos traços predatórios de comportamento. Já no caso das diferenciações entre classes sociais, Veblen atribui às classes sociais mais elevadas uma maior inclinação e possibilidade ao desempenho de esportes que, em sua essência, seriam o desdobramento do sentimento de proeza. Em mesma medida, conforme visto no capítulo anterior desta obra, cabe também a classes superiores o desempenho de atividades gerenciais e competitivas na indústria que, recorrentemente, apresentam atributos predatórios de resolução.

Veblen cede espaço considerável de suas considerações sobre os sobreviventes modernos da proeza abordando os esportes e suas importâncias na sociedade moderna. Segundo autor, a prática de esportes seria uma resposta moderna ao impulso de demonstração de proeza e capacidade de feitorias. Sendo assim, segundo o autor, os esportistas estariam atuando no direcionamento e emulação de seu comportamento visando a demonstração de proeza em sociedade; mostrando-se o melhor e o mais apto para com uma atividade não vinculada a finalidade industrial e sem vinculação útil aparente. Sobre este último ponto,

Veblen comenta a capacidade humana em atrelar-se ao “faz de conta” quando tem como objetivo a justificação dos esportes. Sendo assim, finalidades institucionalizadas pelos indivíduos justificam o desenvolvimento dos esportes em suas justificativas e necessidades. Segundo Veblen, este atributo faz-se presente no comportamento humano devido ao desconforto costumeiramente gerado pelo instinto de trabalho eficiente frente a atividades fúteis. Sobre isso, Veblen ([1899] 2009, 176) comenta que “[t]he emulative predatory impulse – or the instinct of sportsmanship, as it might well be called – is essentially unstable in comparison with the primordial instinct of workmanship”. Segundo o autor, essa necessidade de uma justificativa no direcionamento de esforços fúteis – como no esporte, por exemplo – é não só necessária de ser feita, como também delata o desconforto de seu reconhecimento. Segundo Veblen, esta perspectiva faz com que a sociedade gere em sua consciência um juízo de valor a respeito do direcionamento desta característica primitiva dos indivíduos que, mesmo delatando o utilização de um ócio conspícuo, não justifica-se em ganho pecuniário de emulação.

Finalizando suas considerações sobre os sobreviventes modernos da proeza, Veblen destaca que este tipo de alteração sucede-se, conforme já visto, de acordo com as diferentes condições e necessidades da organização social. Conforme as guerras e demais demonstrações primitivas de proeza mostram-se obsoletas e infundadas para a “civilidade” contemporânea, novas formas de demonstração são necessárias. Segundo o autor, estas novas formas de proeza pautam-se cada vez mais nos atributos pecuniários de emulação e projeção socioeconômica. Por este motivo, Veblen atribui a manifestação das proezas numa perspectiva moderna a duas principais direções: a força e a fraude. Sendo a primeira ainda um resquício primitivo da demonstração de poder e honraria, e a segunda uma modificação adaptativa às novas demandas do mundo industrial moderno. Afinal, a proeza tem a finalidade de demonstrar capacidade de superação e destaque frente a determinado obstáculo ou desafio. Vivendo em um mundo de comparativos, *status* e projeção emulativa de riqueza e poder, a fraude se faz grande ferramenta de proeza.

#### **4.1.11. The belief in luck**

Fazendo gancho ao capítulo anterior em que abordava sobreviventes modernos da proeza, Veblen delata como uma subsidiária do comportamento bárbaro a propensão à jogatina e apostas. Segundo o autor, assim como a propensão à guerra e aos comportamentos

esportivos, essa propensão estaria fortemente enraizada nos indivíduos através de traços antigos do comportamento e da psique humana. Porém, diferentemente dos esportes e da guerra, a propensão aos jogos estaria fortemente associada à crença na sorte. Sendo assim, Veblen observa a essa propensão que, na perspectiva do autor trata-se de uma habituação, como um elemento importante em se melhor entender. Afinal, as percepções dos indivíduos sobre si mesmos e sobre o espaço em que vivem, são atributo fundamental para entender os fenômenos sociais e econômicos. No caso da abordagem Vebleniana, por óbvio, a crença na sorte não fica atrelada somente à característica de jogo e apostas conforme apontando anteriormente, mas sim tem nesses o seu principal afloramento e desencadeamento.

Segundo Veblen, a crença na sorte representa um hábito arcaico pertencente aos estágios iniciais da composição da natureza humana. Trata-se de um elemento habitual que antecede à cultura bárbara e a ascensão do comportamento predatório. Porém, mesmo tendo antecedido ao principal período de formatação habitual dos indivíduos, Veblen comenta que a crença na sorte teve sua fortificação e, por tanto, adaptação seletiva, garantida pelos elementos de emulação pecuniária. Segundo o autor, essa constatação justifica-se pela característica na qual os indivíduos vislumbrariam os fatores atrelados ao sucesso, tendo em mente dois elementos psicológicos em suas percepções: o animismo e a teleologia.

Em seus desdobramentos iniciais, os hábitos de pensamentos atrelados à crença na sorte levaram os indivíduos a desenvolverem uma forma mais primitiva (arcaica) sobre esta percepção, principalmente no desenvolvimento de uma lógica animista de crença. Sendo assim, os objetos, ambientes e destino passam a apresentar, em maior ou em menor grau, uma “quase-espiritual” individualidade em seu contexto. Em mesmo sentido, a característica teleológica atrelada a essa crença na sorte, faz com que a percepção animista seja vislumbrada como direcionada a determinado fim. Como a crença dos indivíduos pauta-se na sorte, este fim teleológico na qual as coisas se voltariam, seria de sucesso e ganho.

Conforme a crença na sorte adentra na complexidade habitual dos seres humanos, seus comportamentos passam a, cada vez mais, apresentar viés de cunho metafísico na exposição dos motivos pelos quais acreditam na existência desta sorte. Conforme as religiões, por exemplo, passam a apresentar papel de destaque na exposição dos significados da vida, cada vez mais a crença na sorte passa a apresentar facetas antropomórficas. Em mesmo sentido, percepções de destino passam a ser tratadas, principalmente, como resultante da mescla entre a crença na sorte e a crença metafísica. Sendo assim, Veblen delata que uma das principais fomentadoras das perspectivas de sorte e destino na psique humana até a então, seria justamente as perspectivas e intenções religiosas em explicar e justificar aos fenômenos da

vida. Mais do que nunca, então, a crença na fé passa a ser entendida através de características sobrenaturais, sem necessidade de justificativa branda ou causal.

Desse modo, pode-se observar que a crença na sorte não apresenta-se mais como uma unidade na complexa rede de pensamentos dos indivíduos, mas sim destaca-se pela sua inter-relação com diversos hábitos de pensamento que vem a ser emergidos e emancipados com o passar do tempo, com o desenvolvimento das culturas e suas peculiaridades. Exatamente neste sentido, a fé religiosa passa a apresentar-se como convergente às perspectivas de sorte, principalmente através das já comentadas noções animistas e teleológicas.

Conforme as noções animistas atreladas à fé religiosa e à crença na sorte emergem, diferenciações no como se vislumbrar o processo industrial também surgem. Conforme já comentado por Veblen anteriormente, para que os indivíduos estejam aptos a entenderem e desempenharem suas funções em êxito e completude no novo sistema econômico industrial, é necessário que estes compreendam os processos de cumulatividade que culminam em um produto final. Essa percepção da lógica processual é necessária não só pra entender o processo industrial no qual o indivíduo está inserido, mas também para que se possa entender em completo o processo pelo qual as mudanças ocorrem; tanto na atividade industrial, quanto na vida. Sobre este ponto, Veblen argumenta que a característica animista da crença na sorte atua como uma cegueira processual, principalmente na medida que mescla-se com a fé religiosa. Afinal, segundo Veblen, a capacidade de perceber o processo acima descrito, culminaria como a “inteligência” necessária para o indivíduo que neste sistema está inserido. Porém, conforme este cede à cegueira processual do animismo, há uma redução nesta “inteligência” extremamente necessária ao mesmo. Ou, nas palavras de Veblen ([1899] 2009, 187): “*the immediate, direct of the animistic habit of thought upon the general frame of mind of the believer goes in the direction of lowering his effective intelligence in the respect in which intelligence is of especial consequence for modern industry*”.

Ademais, Veblen comenta ainda duas consequências industriais diretas da existência destes hábitos animistas na economia. A primeira delas é a de que a identificação desta característica serve como prova bastante consistente na suspeita de que existem ainda outros traços arcaicos implicando as consequências econômicas hodiernas. A segunda refere-se às implicações materiais das consequências animistas no desenvolvimento de ideias antropomórficas, pois estas implicariam: (a) afetar o consumo da comunidade, bem como viria a direcionar as regras de gostos e, (b) induziria e conservaria o reconhecimento habitual em relação à aquilo que é superior, alterando os sentidos de *status* e elegância. Ainda sobre a segunda consequência, Veblen salienta que a cumulatividade de características predatórias

durante o período bárbaro fez com que se elevassem as correlações entre o antropomorfismo e a noção de proeza. Afinal, através desta perspectiva, o desempenho de atividades associadas à proeza seria o resultado de reconhecimento e benção divina; assumindo o papel de sorte. Sendo assim, segundo Veblen, os cultos antropomórficos atuariam como conservadores, ou então como iniciadores dos hábitos de pensamento voltados ao regime de *status* como descrito até aqui.

Sendo assim, o objetivo de Veblen neste capítulo de sua obra é o de delatar a crença na sorte como um desdobramento habitual arcaico. Este desdobramento, no cerne do comportamento dos indivíduos, estaria diretamente relacionado com uma perspectiva animista de direcionamento e reconhecimento espiritual (ou de consciência) para todos os objetos em seus contextos. Tal perspectiva posta em amadurecimento e em contexto cultural e econômico voltado ao regime de emulação pecuniária, torna os indivíduos ainda mais propensos às habituações ali instituídas, tanto pelas suas materialidade quanto pela sua legitimação através daqueles que como exemplo são vislumbrados<sup>108</sup>. Concomitantemente, as perspectivas religiosas atrelam-se a essa característica animista através da visão antropomórfica dos desdobramentos históricos e morais concernentes aos indivíduos.

Com esta conclusão, Veblen deixa aberto o entendimento para o papel e as implicações das atividades devotas no sentido antropomórfico e religioso. Afinal, conforme visto até aqui, nota-se que essa característica acompanhou aos indivíduos durante sua formação como sociedade. Sobre este tema, Veblen dedica o desenvolvimento do próximo capítulo.

#### **4.1.12. Devout observances**

Conforme visto, segundo a perspectiva de Veblen, os traços arcaicos de desenvolvimento animista tiveram e, de certo modo ainda têm contemporaneamente ao autor, grande relevância nas perspectivas e vivências dos seres humanos. Apesar de tratar-se de um traço antigo na formação psicológica e comportamental dos indivíduos, Veblen apresenta-o como fundamental viabilizador das emergências antropomórficas oriundas da sociedade bárbara. Sendo assim, Veblen assume a intensificação dos comportamentos atrelados a cultos e devoções a partir deste período, não só como reflexo de um temperamento animista anterior a esta Era, mas também como um direcionador de novos hábitos que ali apresentavam-se em

---

<sup>108</sup> Aqui salienta-se, mais uma vez, o importante papel que o clérigo desempenhou na construção da sociedade nos diferentes períodos da história humana.

formação. Tal reconhecimento faz com que Veblen volte-se a entender melhor as características e conseqüências do comportamento devoto, assim como seus impactos no sistema econômico industrial, conforme perspectiva desenhada pelo autor. Possivelmente sabendo tratar-se de um assunto delicado em seu tempo e lugar, Veblen inicia este capítulo destacando que não trata-se de um julgamento moral a respeito dos comportamentos devotos e antropomórficos, mas sim uma curiosidade concernente aos propósitos de seu estudo; entendimento de uma sociedade estratificada em classes sociais e pautada na emulação pecuniária.

A justificativa acima tecida por Veblen apresenta-se em forte convergência com aquilo que até aqui vem sendo apresentado. Afinal, como o próprio autor bem comenta na sequência de sua explanação, nota-se que a valoração econômica pauta-se no interesse pecuniário. Este interesse pecuniário, por sua vez, está diretamente relacionado com variáveis de cunho extra-econômico. Com este argumento, Veblen soma a sua prévia defesa de que entender os comportamentos devotos e antropomórficos antecede qualquer juízo moral, pois tratam-se de características psicológicas e comportamentais de elevada importância no entendimento da tomada de decisão dos indivíduos em uma economia capitalista.

Conforme visto anteriormente, a tendência a uma percepção animista de mundo, em seu caráter arcaico e enraizado, teceu os ideários da comunidade bárbara na direção de criação, ou então manutenção, de perspectivas antropomórficas da vida e sua realidade. Através do compartilhamento e generalização destes hábitos de pensamento, a sociedade de características precatórias vislumbrou o advento de novas perspectivas não só em relação a seu passado, mas também em relação ao seu futuro. No caso melhor tratado por Veblen em sua obra, nota-se o já comentado viés na crença da sorte quando o animismo combustível do antropomorfismo, funde-se às perspectivas teleológicas de finalidade religiosa. Logo, segundo Veblen, é possível notar que nas comunidades compartilhadoras desses ideais, emergem fortes perspectivas voltadas a superstições e variadas formas de fé. Essas diferentes e variadas formas, apesar de apresentarem diferenciações em suas regras e anseios, partilham da característica comum de devoção e submissão. Por sua vez, a devoção e a submissão mostram-se recorrentemente atreladas às características de manutenção de *status* quando, segundo Veblen, fazem parte da propaganda religiosa.

Sobre este ponto, Veblen é enfático ao argumentar que as instituições de objetivo devoto atuam em seu reforço ao culto antropomórfico através da fé, e também através das práticas emulativas de comportamento. Um dos exemplos cedidos por Veblen neste reforço de institucionalização seria o de justamente atrelarem jovens como pontes disseminadoras de

seus ideais, tornando orgânica a perspectiva emulativa acima descrita através da propaganda de devoção. Logo, Veblen argumenta que não só há o traço animista (arcaico) na manutenção daqueles elementos de matriz antropomórfica, como também a deliberada emulação do comportamento em suas características religiosas. Exatamente através desta mescla entre o animismo e a emulação, Veblen traça seu comparativo entre o temperamento daqueles que praticam esportes como um traço arcaico de proeza, com aqueles que praticam cultos antropomórficos como emulação proveniente de um anseio de *status*. Esta comparação surge, pois segundo Veblen, nota-se que aqueles que desempenham comportamentos sobreviventes modernos de proeza também são constantemente inclinados a comportamentos de devoção. Ou seja, segundo o autor, é possível identificar uma convergência entre ambas as características, ou então, entre ambos os grupos de indivíduos; religiosos e executores de proezas modernas. Abaixo, o quadro 7 auxilia no melhor entendimento desta convergência.

Quadro 7 – Religião e proezas modernas: as relações na perspectiva vebleniana

	<b>RELIGIOSOS</b>	<b>EXECUTORES DE PROEZAS MODERNAS</b>
<b>TELEOLOGIA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação de uma finalidade nos acontecimentos da vida através de uma perspectiva de Deus.</li> <li>• Os fins justificam os meios</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fé de que os (resultados) fins já estão determinados.</li> <li>• Os feitos sempre corroboram o <i>status</i>.</li> </ul>
<b>ANIMISMO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Todas as formas materiais respondem a um ser superior e criador*.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tudo converge para a execução ou não de certa proeza*.</li> </ul>
<b>ANTROPOFORMISMO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Crença em uma religião</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Crença na benevolência do destino (benção) e na sorte.</li> </ul>

Elaboração própria.

\*O animismo é parte intrínseca do antropomorfismo. No segundo capítulo de *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts*, Veblen apresenta o animismo como uma forma arcaica de antropomorfismo.

Desse modo, nota-se os hábitos de pensamento atrelados à devoção apresentam elevada importância na formação do esquema de vida dos indivíduos, não só em sua trajetória histórica, mas até o estilo de vida na contemporâneo a Veblen. Sendo assim, Veblen destaca a

existência de forte relação entre o regime de *status* presente na sociedade a sua relação com a subserviência pessoal, fomentada e gerenciada pelas suas características antropomórficas. Em outras palavras, mais uma vez Veblen destaca o papel de grande importância dada à religião na formação moderna das sociedades. Essa importância – vale lembrar – se dá em frequência, recorrência e abrangência na vida dos indivíduos. Afinal, conforme o próprio Veblen destaca, a relação devota que os indivíduos apresentam, rege em grande parte o comportamento destes em sua realidade econômica, tanto consumindo bens quanto desempenhando (ou deixando de desempenhar) atividades.

Frente a delação de Veblen sobre a importância comportamental cedida às atividades devotas no esquema de *status* e emulação, o autor comenta ainda outras características de correlação. Segundo Veblen, a importância dos comportamentos devotos atuam como um importante índice no cenário econômicos, pois representam uma relevância de temperamento relacionados a hábitos predatórios de pensamento e que, conseqüentemente, estão diretamente atrelados ao regime de manutenção de *status* como visto até aqui. Além do mais, conforme também anteriormente comentado, grande parte dos elementos distributivos e de consumo são definidos através das atividades devotas, principalmente através dos artigos voltados ao que Veblen chama de “parafernália cerimonial”<sup>109</sup>. Sendo assim, a convergência entre os anseios de comportamentos devotos com o regime de *status* faz com que os primeiros sejam também considerados como elementos conservadores às mudanças e atualizações necessárias à organização industrial. Paralelo pode ser traçado em relação a já comentada classe ociosa que, devido a desconexão com a realidade industrial hodierna, atua como conservadora (retardante) de atualizações institucionais daqueles atuantes na base da sociedade material. Exatamente com este argumento em mente, Veblen ([1899] 2009, 200) é incisivo em comentar que: “[i]n economic theory, then, and considered in its proximate consequences, the consumption of goods and effort in the service of an anthropomorphic divinity means a lowering of the vitality of the community”.

Desse modo, uma das principais conseqüências de uma comunidade que apresentasse elevada relevância a este índice de comportamento devocional, seria a desconexão e a obstrução de uma organização mais efetiva da indústria sobre as circunstâncias modernas. Afinal, segundo Veblen, os resultados psicológicos e comportamentais da característica devota seriam antagônicos ao desenvolvimento de instituições econômicas requeridas pelas situações industriais de mudança e adaptação. Ao fim deste trecho, Veblen reconhece que

---

<sup>109</sup> Veblen cita alguns exemplos como: construção de templos e igrejas, vestimentas, sacramentos, instituição de feriados e etc.

novas denominações religiosas e devocionais têm surgido visando o rompimento com as características arcaicas atreladas ao antropomorfismo animista e teleológico. Segundo o autor, essas novas denominações teriam em seu cerne características filantrópicas e humanitárias que, em certa medida, confrontam o regime de *status* em sua composição tradicional.

Quando volta suas atenções ao entendimento do comportamento e característica dos indivíduos identificados como devotos, Veblen volta a destacar a característica de fortalecimento do conservadorismo em relação às mudanças institucionais requeridas pelas alterações de realidade material à nível industrial. Parte considerável desta característica arcaica, para além da desconexão da lógica processual, estaria também a desconexão com os pensamentos e ideários de origem científica. Afinal, estes também colocar-se-iam contrários ao comportamento devocional em seu cerne, principalmente através da potencial contraposição ao regime de *status* proveniente de mudanças tecnológicas e organizacionais.

Outro ponto tangenciado por Veblen diz respeito às diferenciações entre os indivíduos e suas características devocionais. Conforme visto, há aparente conexão entre aqueles indivíduos pertencentes às atividades devocionais e a abstenção do trabalho industrial. Essa conexão seria a principal gerenciadora das diferenciações de convicções antropomórficas ente os indivíduos. Sobre este ponto, Veblen comenta a característica das classes mais elevadas serem normalmente as mais atreladas à atividades religiosas, assim como as mulheres e crianças da classe média que gozam do ócio vicário. Afinal, estes indivíduos, devido suas características de desconexão para com a realidade material de mudança hodierna, seriam aqueles que melhor desempenhariam as atividades de cunho animista e teleológico dos cultos antropomórficos. Neste ponto, então, Veblen cria mais um ponto de consideração holística entre seus objetos de estudo, delatando traços de um comportamento bárbaro de emulação pecuniária como reforçador de comportamentos devocionais que, por sua vez, auxiliam no viés conservador da manutenção do *status* almejado pela já comentada emulação pecuniária.

Essa diferença também pode ser percebida a nível geográfico. Para tal exemplificação, Veblen utiliza-se do cenário norte americano de sua época, marcado pela divisão ente norte e sul. Segundo Veblen, as comunidades ao sul apresentariam comportamentos devocionais muito mais intensos e corriqueiros em relação ao resto do território norte americano, assim como também apresentariam uma indústria de característica muito mais arcaica em comparação às demais plantas industriais do país. Tais características somadas em suas consequências, explicariam, ao menos em termos parciais, as desconexões a nível social entre norte e sul dos EUA contemporâneo a Veblen. Nesta consideração Veblen não cita somente o caso devocional, como também delata outros comportamentos de origem predatória atrelados

ao conservadorismo institucional, como por exemplo, a agressividade e tendência a lutas corporais, o apreço por atividades esportivas e tendências ao jogo.

Sendo assim, Veblen utiliza-se deste espaço de sua obra para delatar a mais esta característica conservadora no comportamento das comunidades, no que se refere a sua facilidade em alterações institucionais frente a novas necessidades produtivas e materiais. Conforme destacou-se aqui, os comportamentos devotos apresentam traços arcaicos em sua composição, principalmente pautados no animismo e no antropomorfismo religioso. Desse modo, Veblen soma este elemento cultural como mais um elemento de cunho retardador no processo de evolução institucional das comunidades.

#### **4.1.13. Survivals of the non-invidious interest**

Através do advento de uma nova realidade material, assim como novas demandas socioeconômicas, Veblen destaca que gradualmente há uma desintegração das interpretações antropomórficas. Em mesmo sentido e consequência, as perspectivas predatórias justificadas e identificadas através do regime de *status* e emulação também apresentam seu declínio conforme a nova realidade industrial apresenta-se. Segundo o autor, os motivadores destas mudanças em uma nova perspectiva produtiva e de organização social se dão, majoritariamente, através de novos anseios. Tais novos anseios, como resultantes do processo de causação cumulativa até aqui desenhado por Veblen, resultam principalmente em novos hábitos de pensamento atrelados à solidariedade humana e à simpatia entre os indivíduos e suas diferenças de realidade. Logo, nota-se que estas mudanças não só apresentam-se como significativas em relação aos objetivos emulativos abordados anteriormente, mas também apresentam-se como rompimentos de antigas tradições.

Segundo Veblen, essas alterações seriam o resultado do processo evolucionário de seleção de hábitos de pensamento nos estágios mais avançados do desenvolvimento industrial. Teriam em sua origem a fé religiosa e o senso de comunhão da comunidade. Veblen destaca ainda a presença de importantes impulsos relacionados à caridade e sociabilidade no comportamento e pensamento humano. Sendo assim, nota-se a convergência de elementos ambientais e cognitivos que permeariam e justificariam as alterações nos hábitos de pensamento visando uma adequação ao propósito econômico moderno. Ou seja, há perceptível rompimento com os até então apresentados esquemas de vida pautados na manutenção do *status* e na busca pela emulação através de consumo conspícuo de tempo e

bens. Sob esta nova perspectiva, segundo Veblen, o indivíduo deveria estar engajado num senso social de vida em comunidade e apreço e zelo pelo que lhe cerca, tanto em sociedade quanto em ambiente econômico.

Veblen apresenta sua leitura acerca deste processo apresentando como seus viabilizadores aqueles indivíduos que no momento anterior de evolução social encontravam-se nas posições privilegiadas de ócio. Exatamente por este ponto, as atividades atreladas ao clérigo apresentam forte conexão com os atributos humanitários aqui descritos, assim como os indivíduos não participantes das atividades industriais, como por exemplo, as mulheres em suas posições na sociedade patriarcal. Segundo Veblen, esta alteração se dá através de uma não sustentação proveniente do próprio sistema pecuniário-emulativo. Na perspectiva do autor, o variante emulativo do instinto de trabalho eficiente (*workmanship*), em seu estágio mais avançado de desenvolvimento, atua como neutralizador de suas próprias bases, eliminando hábitos de comparações injustas de eficiência e pecuniaridade. Ou, nas palavras de Veblen ([1899] 2009, 218):

The pecuniary or the leisure-class culture, which set out as an emulative variant of the impulse of workmanship, is in its latest development beginning to neutralize its own ground, by eliminating the habit of invidious comparison in respect of efficiency, or even of pecuniary standing.

Segundo Veblen, este comportamento é notável entre aqueles indivíduos que não apresentam o dom de serem capazes de atingirem mais destaque no processo de luta competitiva/emulativa. Dentre estes, a capacidade emulativa não mais depende somente da posse de bens e exibição dos mesmos, mas também da capacidade de aflorar novos hábitos como os destacados acima. Desse modo, nota-se que estes indivíduos fazem-se melhor sucedidos no topo da estrutura social, se comparados com aqueles dos estratos inferiores da sociedade.

Sendo assim, Veblen destaca que, do mesmo modo que os já comentados traços arcaicos do comportamento humano foram beneficiados pela característica conservadora da sociedade sobre o regime da classe ociosa, outras características de vertente pré-predatória também destacam-se. Ou seja, Veblen apresenta a este comportamento benevolente e humanitário como uma característica também beneficiada pelo caráter cumulativo da história em seus desencadeamentos como anteriormente apresentados. Porém, Veblen destaca que, dada a matriz habitual engajada durante o período predatório e praticada durante a ascensão industrial através do regime de classes, essas aptidões comportamentais e cognitivas

permaneceram encobertas. Afinal, como já visto, os hábitos de pensamento condicionam os comportamentos dos indivíduos; inclusive aqueles impulsos tidos como oriundos de antigos traços psicológicos. Segundo Veblen, um dos principais retardadores deste processo de nova ascensão habitual seria a noção de mérito envolta na perspectiva pecuniária de emulação e sucesso. Segundo o autor, a noção meritosa desencadearia uma justificativa injusta para a apresentação de uma sociedade estratificada em termos emulativos.

Sendo assim, nota-se que este comportamento de empatia e de viés não-injusto<sup>110</sup> que os indivíduos apresentam neste estágio do comportamento emulativo teria sido uma característica oriunda de períodos pré-pretadório e que, por definição habitual, mantiveram-se adormecidos. Porém, neste estágio do desenvolvimento social, através de uma neutralização do trabalho eficiente em suas próprias bases, viabiliza-se novamente a emergência e compartilhamento desses antigos traços. Sobre este fenômeno, Veblen salienta que trata-se de uma reversão esporádica e, comenta também que sempre que o temperamento humano apresentar-se desassistido da composição social e habitual que tradicionalmente lhe é imputado, este o fará através de outras vias, como por exemplo, através de outras institucionalizações. Quando busca por exemplificações sobre esta afirmação, Veblen destaca a possibilidade de se vislumbrar múltiplas organizações e demandas sociais voltadas à este propósito. Segundo o autor e conforme aqui já comentado, essas organizações atuam de forma muito atrelada à atividades do clérigo, sendo muitas vezes de característica quase-religiosa ou pseudo-religiosa. Dentre seus exemplos Veblen pontua a busca por reformas sociais, dentre as quais destacam-se a ampliação da educação, combate a vícios, desarmamento, repúdio a guerras e reformas prisionais.

Nesta “realocação institucional” de interesses e temperamento, Veblen destaca que há também o propósito travestido daqueles que, através de justificativas não-injustas utilizam-se de meios para o processo de emulação pecuniária. Afinal, através deste tipo de militância social, os indivíduos têm a capacidade de distinguirem-se entre aqueles que apresentam a capacidade de ajudar e aqueles que precisam de ajuda. Sendo assim, mais uma vez evidencia-se as diferenciações de classes e situações econômicas. Sobre essas novas institucionalizações, Veblen utiliza-se do exemplo das doações de fortunas em prol de bibliotecas, universidades e museus que, direta ou indiretamente, serão sempre remetidos aos seus financiadores. Estes exemplos não implicam desacreditar as boas intenções nesta ações,

---

<sup>110</sup> Sendo permitida uma tradução quase literal para o que Veblen chama de “non-invidious”.

mas sim em delatar um potencial comportamento emulativo durante este período de transição de objetivos.

Neste ponto, mais uma vez, Veblen destaca o papel de destaque desempenhado pelas mulheres. Segundo o autor, como resultado da exclusão cerimonial das atividades produtivas através do ócio vicário, estas teriam seus impulsos atrelados ao trabalho eficiente, direcionados a outras direções que não a atividade dos negócios. Além do já citado exemplo das mulheres, outros indivíduos apresentariam essas inclinações, principalmente quando são munidos de comportamento descritos por Veblen como humanizadores. Essas pessoas, ainda segundo o autor, apresentam-se como insistentes em questões de decoro, com escrúpulos, donos de vidas exemplares e etc. Conforme estes comportamentos e pensamentos tornam-se institucionalizados, uma nova agenda assume as atividades da classe ociosa que, em maior número e intensidade, impulsiona esta nova conduta. Por óbvio, Veblen salienta que esta nova incorporação de hábitos acaba por alterar de modo extremamente importante os métodos de desperdício conspícuo. Assim como Veblen fez claro em toda sua obra até aqui, estas mudanças também atuam de forma gradual.

Segundo Veblen, assim como repetidas vezes dito por autores populares de seu tempo, observar o papel e a ocupação das mulheres em uma comunidade é o melhor índice para se determinar o nível da cultura daquele local. Esta constatação é tecida por Veblen ao iniciar sua consideração sobre os movimentos iniciais pela luta das mulheres em busca da quebra de padrões ultrapassados em suas posições na sociedade (*new-woman*)<sup>111</sup>. Veblen destaca que, independente do mérito ou demérito, nota-se que as mulheres ainda apresentam papel vicário muito significativo na vida dos homens e na estrutura social como um todo. Aquelas que visam a quebra desta estrutura social teriam suas intenções e opiniões questionadas pela sociedade e lhe seriam imputadas julgamentos pelo rompimento com aquilo que se propõe como socialmente aceito. Segundo Veblen, este problema reside na identificação da própria mulher como propriedade do homem, sem maiores considerações do ponto de vista social e econômico que não aqueles que lhe são imputadas através da conspícuo vicária. Neste ponto o autor explica que, independente do juízo moral que pode se fazer a respeito desta questão, assim como as leituras de naturalidade desta problemática, a grande demanda das mulheres seria o resultado de alterações na vida dos indivíduos. Sendo que, essas alterações seriam, principalmente, oriundas da comunidade industrial moderna.

---

<sup>111</sup> *New-woman* foi um ideal do fim do século XIX que influenciou enormemente as correntes de denominação feminista durante o século XX. Iniciou após a publicação de “*The New Aspect of the Woman Question*” na revista *The North American Review* por Sarah Grand.

Desse modo, Veblen destaca a busca das mulheres por emancipação como uma causa não-injusta, dada a quebra de um paradigma emulativo pautado no *status* dos indivíduos. Segundo o autor, esta demanda também atua como uma quebra nas relações de tutela e vida vicária. Não por acaso, assim como nos demais casos de iniciativas não-injustas, esta também seria resultante do próprio processo emulativo resultante de alocação de impulsos de trabalho eficiente, pois, segundo Veblen ([1899] 2009, 232): “[t]he demand comes from that portion of womankind which is excluded by the canons of good repute from all effectual work, and which is closely reserved for a little of leisure and conspicuous consumption”. Grande parte desta demanda, ainda segundo Veblen, emerge pela busca do direito das mulheres em não mais só fazerem parte de um sistema econômico imposto a elas através de condutas socialmente aceitas, mas também de fazer parte de forma mais ativa do processo industrial em busca daquilo que seria sua emancipação.

Sendo assim, de forma a concluir seu raciocínio, o autor ainda destaca que estes estímulos pré-predatórios significariam características de raça, antes mesmo daquelas características habituais que denotariam culturas ou organizações sociais. Este comentário de Veblen deixa a entender que a empatia social e a igualdade entre os gêneros, que neste capítulo foram destacadas, seriam uma característica arcaica que outrora fora inibida pela estrutura habitual dos indivíduos e, não exclusivamente, novas habituações emergentes de alterações em estrutura material.

#### **4.1.14. The higher learning as an expression of the pecuniary culture**

De forma similar ao capítulo 7, voltado a apresentação da vestimenta como forma de uma expressão da cultura pecuniária, neste capítulo Veblen objetiva a apresentação do “alto aprendizado” também como uma expressão desta cultura. Porém, diferentemente do caso da análise do vestuário, neste capítulo o autor tem como um dos pontos de sua apresentação, a característica de mudança dos atributos motivadores e desenvolvedores do alto aprendizado. Para que essa assertiva possa se fazer melhor entendida, primeiramente é necessário que se entenda a emergência e a caracterização do aprendizado em seu desdobramento histórico, assim como qualquer outro elemento de análise pela perspectiva vebleniana. Conforme já apresentado e extensivamente comentando até aqui, observa-se os hábitos de pensamento como os grandes regentes tanto dos pensamentos quanto dos comportamentos dos indivíduos de determinada comunidade. Porém, Veblen salienta que estes hábitos apresentam

diferenciações em sua importância do ponto de vista econômico. Afinal, segundo o autor, os hábitos atrelados aos professores e tradições escolásticas apresentam impacto direto em aspectos de conhecimento e manutenção do indivíduo, portanto, valor econômico. Exatamente com base neste ponto, Veblen justifica a identificação desta característica da expressão da cultura pecuniária como extremamente fundamental de ser entendida, não só em suas características iniciais, como também em suas alterações na sociedade industrial.

Conforme demonstra-se passível de inferência neste ponto do trabalho, aqueles indivíduos ou classe que apresentam-se atrelados a atividades de aprendizado estariam relacionados ao grupo ocioso da sociedade. Afinal, estariam desconexos da materialidade industrial em busca de erudição e elevação de conhecimento, majoritariamente, inútil a realidade hodierna. Tal afirmação pode gerar estranheza em um primeiro momento devido à perspectiva contemporânea de alto aprendizado, porém, vale lembrar, neste trecho inicial de seu raciocínio, Veblen está situando seu leitor ao momento de emergência do alto aprendizado que, por definição, apresentava-se desconexo das demandas produtivas. Devido a esta característica, segundo Veblen, em seu desenvolvimento inicial, o aprendizado apresentava-se relacionado à função devocional da comunidade. Sendo assim, no momento de sua criação e institucionalização, o conhecimento apresentava-se como uma extensão das atividades devotas, principalmente voltado ao sobrenatural e ao conhecimento exotérico devocional.

Segundo Veblen, a aproximação de ambas as atividades não deu-se ao acaso, uma vez que, em grande medida, houve convergência entre os interesses devocionais e a busca pelo conhecimento, haja vista que neste estágio, aquilo que se propunha como o conhecimento, apresentava-se como o desbravador do desconhecido quase que num sentido metafísico. Desse modo, segundo o autor, ao menos neste período inicial, o conhecimento apresentou característica sacerdotal, ritualística e mística. Veblen salienta ainda que, conforme os demais objetivos da organização social, no caso do conhecimento há também a perspectiva emulativa, não só em sua característica ociosa, mas também em seu propósito de impressão e imposição sobre aqueles não letrados e desconexos da erudição do conhecimento. Sendo assim, nota-se que em seus estágios iniciais, o conhecimento não apresentava dever nem função aparente com aquilo que se demandava de uma realidade produtiva. Exatamente por este ponto, Veblen delata os estágios iniciais da instituição de aprendizado atrelados aos interesses da classe ociosa em seu anseio de erudição devocional e cerimonial. Desse modo, Veblen ([1899] 2009, 238) pontua que “[l]earning, then, set out by being in some sense a by-product of the priestly vicarious leisure class”.

Neste ponto Veblen tece importantes considerações a respeito dos cerimonialismos que ainda envolvem, de maneira direta ou indireta, as instituições voltadas ao aprendizado. Segundo o autor, grande parte dos rituais escolásticos que ainda são preservados e cultivados estão diretamente relacionados com a raiz apostólica destas instituições. Dentre seus exemplos, Veblen destaca os cerimoniais de iniciação, matrícula, graduação e, neste último em específico, o uso de vestimenta voltada a finalidade de exibição deste feito. Segundo o autor, em sua contemporaneidade e passado recente, estes traços ritualísticos no sistema educacional compõe em maior medida a parte elevada, liberal e clássica das instituições de ensino, se comparadas às instituições baixas, técnicas e práticas do mesmo sistema. Sendo que, na medida em que há o “vazamento” destes rituais para as partes mais baixas, trata-se de um aspecto de mimetismo em relação às reputabilidades comumente creditadas aos níveis elevados de educação. Ainda sobre as diferenciações entre os elevados níveis de educação e os baixos, Veblen destaca que cabem aos primeiros o papel de adesão à formas cerimoniais de comportamento e pensamento. Conforme destacado em trechos anteriores da obra, os modos, etiquetas e costumes são essenciais na emulação pecuniária e são aprendidos majoritariamente nestes níveis educacionais.

Mais uma vez buscando agregar evidências da relação entre o sistema educacional e os padrões culturais, Veblen salienta que com a ascensão cada vez maior dos atributos industriais na realidade econômica, gradualmente nota-se uma mudança no direcionamento do alto aprendizado. Antes encabeçado pelas atividades devocionais, agora pauta-se na realidade e peculiaridades da indústria e suas demandas hodiernas. Em mesmo sentido, assim como se reduz a diferenciação de gênero nas atividades produtivas, no caso do aprendizado também nota-se uma maior aderência por parte das mulheres nos campos do conhecimento voltados ao alto aprendizado. Segundo Veblen ([1914] 2018, 244), esta última passagem em específico apresenta-se de forma bastante peculiar, já que “[t]he higher schools and the learned professions were until recently tabu to the women”. Este tabu, ainda segundo o autor, representava uma diferenciação em senso de valor, honra e *status* entre os sexos e a distinção entre uma dignidade intelectual tida como superior e inferior que, até então, vigorava no que Veblen chama de aristocracia do aprendizado. Além deste ponto, Veblen também destaca o caráter “não-feminino”<sup>112</sup> do conhecimento, uma vez que este expressa o desdobrar do conhecimento sobre a própria vida e a aquisição de interesse próprios em detrimento daquele que deveria ser direcionados a seu mestre.

---

<sup>112</sup> Nesta passagem Veblen parece apresentar o caráter feminino como socialmente construído pelos já apresentados desdobramentos emulativos de uma sociedade pecuniária.

Veblen salienta que o processo de mudança no foco nas ciências e nas atividades de aprendizado – saindo de uma inutilidade erudita em direção ao entendimento humano e de suas necessidades materiais – se deram de forma muito custosa e pouco receptiva. Segundo o autor, esta característica justifica-se pelo caráter conservador do conhecimento devido aos meios e os fins já consolidados no modo de se desenvolver a ciência. Ou, nas palavras de Veblen ([1914] 2018, 247):

New views, new departures in scientific theory, especially new departures which touch the theory of human relation at any point, have found a place in the scheme of the university tardily and by a reluctant tolerance, rather than by a cordial welcome; and the men who have occupied themselves with such efforts to widen the scope of human knowledge have not commonly been well received by their learned contemporaries

Sendo assim, através de considerável relutância, os atributos do conhecimento, principalmente aqueles associados à ciência, tornam-se cada vez mais atrelados à realidade material e suas demandas. Afinal, o conhecimento científico volta-se ao aprimoramento e readaptação de realidade produtiva. Exatamente com base neste ponto, Veblen ([1914] 2018, 251) continua: *“[s]o that while the higher learning in its best development, as the perfect flower of scholasticism and classicism, was a by-product of the priestly office and the life of leisure, so modern Science may be said to be a by-product of the industrial process”*

Comentando sobre os desdobramentos recentes do alto conhecimento, Veblen destaca a atenção cada vez maior dedicada aos assuntos concernentes às humanidades e suas relações com a eficiência industrial. Segundo o autor, estes assuntos teriam sua emergência frente a gratificação pelo entendimento próprio, de sua cultura e das atitudes espirituais habituais concernentes à contemplação aos feitos antropomórficos e existenciais. Desse modo, nota-se que o direcionamento das atenções do conhecimento aos desdobramentos da realidade material não se deram de forma exclusiva e integral, permanecendo a curiosidade em seu sentido vão, sendo ou não atrelado ao eruditismo emulativo. Sobre esse ponto, Veblen volta a salientar a característica dos altos níveis de educação atrelarem-se com maior facilidade a essas erudições, pontuando, especificamente, atributos de conhecimento que são questionáveis do ponto de vista útil à realidade material e/ou ao processo industrial. Dentre estes, segundo Veblen, estão o aprendizado de línguas consideradas mortas, mas tidas como de elevada reputabilidade devido à erudição cultural.

De forma a concluir, Veblen ainda tece comentários sobre os aspectos cerimoniais do aprendizado, principalmente voltados a sua exibição. Dentre estes aspectos, Veblen frisa a

dicção elegante e a forma culta de apresentação de ideias, não só de modo falado, mas também de forma escrita. Ao justificar a prática deste ato cerimonial de emulação, Veblen destaca o caráter de ócio relacionado ao aprendizado de tais maneiras, o que garante que o executor de tais cerimonialismos apresente-se como culto, erudito e ocioso aos ouvidos e olhos daqueles que o cercam. Ou seja, até mesmo a fala ganha em suas apresentações os fenômenos pecuniários de emulação.

#### 4.2. UMA ANÁLISE DE *THE INSTINCT OF WORKMANSHIP AND THE STATE OF THE INDUSTRIAL ARTS*<sup>113</sup>

Diferentemente de *The Theory of The Leisure Class*, em *The Instict of Workmanship and the State of the Industrial Arts* há uma significativa clareza na forma de escrita e na apresentação dos anseios motivadores e justificativas explanatórias. Apesar de apresentar-se em escrita mais inclusiva, trata-se de um tema de considerável complexidade, principalmente se atentado aos aspectos etnológicos e antropológicos apresentados ao longo da obra. Conforme já citado em outras passagens, nota-se também uma profunda continuidade entre a obra anterior, e a obra aqui tratada. Essa continuidade apresenta-se principalmente através da convergência e aprofundamento de temas anteriormente tratados, e não necessariamente em intervalo temporal. Não só em aspectos de continuidade se observa a convergência entre as obras de Veblen, mas também em princípios teóricos que permanecem fiéis às preconcepções evolucionárias, principalmente pautadas no processo de causação cumulativa.

O principal anseio de Veblen neste livro é o de apresentar o papel das propensões instintivas dos indivíduos na manutenção e perpetuação do estado da arte industrial das diferentes organizações sociais ao longo da história. Para tal, conforme visto em *The Theory of the Leisure Class*, Veblen regressa ao início civilizatório-institucional, no período da selvageria pacífica, demonstrando as emergências e condicionamentos instintivos e habituais dos indivíduos em relação a sua maestria produtiva. Seguindo sua cronologia, analisa os aspectos predatórios da organização social, principalmente voltados à propriedade privada e o sistema competitivo. Por fim, adentrando em eras mais modernas de organização social, Veblen comenta, ainda nos mesmos termos, o papel da manufatura e da indústria na manutenção e perpetuação do estado da arte industrial.

---

<sup>113</sup> (Veblen, *The Instinct of Workmanship and The State of the Industrial Arts* [1914] 2018)

Para tal, Veblen dedica-se a, primeiramente, melhor apresentar sua definição instintiva, relacionando-a e diferenciando-a dos conceitos de hábitos e instituições (capítulo 1). Para tal, sua explicação baseia-se em escritos filosóficos que significavam e apresentavam a ascensão da psicologia em seu tempo, assim como já comentado em outras oportunidades nesta mesma dissertação. Tendo apresentado os instintos como passíveis de condução e contaminação de finalidades habituais e institucionais, Veblen volta-se a entender como se deram estas interferências no período primitivo da tecnologia humana (capítulo 2). Seguido deste anseio, o autor ainda visa a melhor pontuação das perpetuações institucionais e organizacionais sobre o estado da arte da indústria durante o período selvagem (capítulo 3).

Visando o entendimento da emergência tecnológica durante a era predatória da sociedade, Veblen a apresenta como reflexo cultural e institucional de refinamento do instinto de trabalho eficiente (capítulo 4). Seguindo, apresenta o importante papel da propriedade privada e do sistema competitivo como fomentador de inovações no estado da arte industrial (capítulo 5). Buscando melhor explorar esta última característica, Veblen ainda dedica-se a explorar melhor as relações da manufatura e da relação dos indivíduos com a produtividade (capítulo 6), assim como o papel da indústria em estágios mais contemporâneos de produção (capítulo 7).

Desse modo, enquanto que na obra anterior Veblen visava entender através dos hábitos e instituições a emergência de uma sociedade estratificada por classes e de distinções laborais, nesta obra o objetivo pauta-se no entendimento das características industriais dos diferentes períodos históricos e as suas relações com as proclividades instintivas dos seres humanos. Sendo assim, enquanto que antes os anseios de Veblen pautavam-se em entender e teorizar a classe ociosa, agora são de entender e teorizar a formação e mutação do estado da arte industrial, com base em sua perspectiva evolucionária da teoria econômica. Nota-se que essa continuidade na obra é não só possível de se perceber como também é necessária de se perceber, haja vista que o respeito da cronologia de escrita/publicação é fundamental para o entendimento das inquietações de Veblen.

Finalmente, nota-se, mais uma vez, a capacidade explicativa de Veblen. Apresentando maestria em suas explicações, munido de argumentos e referências necessárias para o êxito de sua obra, Veblen acerta tanto em relevância de temática quanto em sobriedade de apresentação e argumentação. Assim como na obra anterior, mais uma vez a complexidade do tema surge como um complicador retórico. Porém, a importância e relevância da obra permanecem intactas, mesmo mais de 100 anos após a sua publicação.

#### 4.2.1. Introduction

O destaque de *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts* se dá já em sua introdução. Veblen dedica boa parte desta seção de sua obra para apresentar e delimitar as diferenças comportamentais desempenhadas pelos indivíduos entre aquelas que seriam de cunho habitual e aquelas que seriam de cunho instintivo. Segundo o autor, os seres humanos, assim com todos os outros animais, têm em seu condicionante matrizes de instintos e torpismos que foram e ainda são fundamentais em aptidão para seu desenvolvimento como espécie. Conforme já visto neste mesmo trabalho, a apresentação de instintos em Veblen é fundamentalmente diferente daquela dada na biologia e no senso comum, exatamente daí emerge a diferenciação entre comportamentos instintivos e tropismáticos. Em mesmo sentido, delatando a forte conexão das ações instintivas com sua faceta habitual, Veblen também destaca o papel fundamental dos instintos como demandadores de comportamentos habituais específicos para sucesso de sua execução.

Mais uma vez, torna-se necessária a atenção ao período acadêmico em que Veblen vivia. Afinal, parte considerável da introdução de sua obra destaca os desenvolvimentos científicos acerca das áreas de conhecimento voltadas ao entendimento do comportamento humano, como a incipiente psicologia e seu principal propagador, o pragmatismo clássico. No início da construção de seu raciocínio, Veblen destaca o caráter de cautela associado a denominações de instintos nas ciências biológicas e psicológicas, sendo que, segundo o autor, esta cautela se deve, principalmente, à dificuldade conceitual, assim como suas implicações e aplicações nestas referidas áreas do conhecimento. Diferentemente desses casos, quando as atenções voltam-se ao estudo institucional dos indivíduos e sua formação social, a identificação de comportamentos instintivos, segundo Veblen, apresenta-se muito menos complexa, mesmo que ainda mais necessária.

Exatamente com base nesta característica de diferenciação, Veblen remonta uma noção instintiva bastante adaptável a sua teoria. Sendo assim, os comportamentos propostos como instintivos pelo autor, apesar de representarem influência direta das contribuições antropológicas e psicológicas de seu tempo, denotam uma singularidade de aplicação e conceito. Logo, nota-se como razoável que a denotação de instintos sejam de um cunho autoral; de instintos veblenianos – ou então de instintos na perspectiva de Veblen. E, conforme já visto anteriormente, estes instintos caracterizar-se-iam pela sua finalidade teleológica, consciente e direcionada. Nas palavras de Veblen ([1914] 2018, 3), “[i]n instinctive action is teleological, consciously so, and the teleological scope and aim of each instinctive

*propensity differs characteristically from all the rest*”. Sendo que esta característica consciente associada à teleologia do comportamento instintivo seria a fundamental diferença entre os tropismos e os instintos veblenianos.

Também conforme visto anteriormente na seção dedicada ao entendimento dos instintos pela perspectiva vebleniana, nota-se que há uma diversidade muito grande de comportamentos instintivos, portanto, teleológicos, que são aflorados e designados em diferentes momentos e circunstâncias. Veblen deixa claro que estes diferentes instintos, apesar de serem direcionados a finalidades distintas e específicas, possuem a capacidade de interferência e alteração mútua, conforme suas combinações e afloramentos se sucedem. Neste ponto, Veblen ressalta que apesar de serem os proponentes de finalidades comportamentais, os meios pelos quais esses se desencadeiam se dão via inteligência. Quanto maior o nível de inteligência de determinada comunidade, maior será o conhecimento de como se direcionar as inclinações instintivas dos indivíduos e, conseqüentemente, mais elaborados e complexos serão os processos entre os impulsos e as realizações desses impulsos. Segundo Veblen, todo esse aparato deliberativo acerca da realização dos impulsos se dará através das tradições e dos legados dos hábitos de pensamento acumulados através das experiências das gerações passadas.

Under the discipline of habituation this logic and apparatus of ways and means falls into conventional lines, acquires the consistency of custom and prescription, and so takes on an institutional character and force. The accustomed ways of doing and thinking not only become an habitual matter of course, easy and obvious, but they come likewise to be sanctioned by social convention, and so become right and proper and give rise to principles of conduct. By use and wont they are incorporated into the current scheme of common sense (Veblen [1914] 2018, 7).

Veblen destaca que, apesar de atuarem diferentemente dos tropismos, os instintos possuem uma relação bastante semelhante com estes em sua hereditariedade e execução. Segundo o autor, assemelhar ambas as perspectivas – tropismo e instinto – ajuda e melhor compreender o processo pelo qual a hereditariedade garante a perpetuação de determinadas inclinações instintivas dos indivíduos. Na perspectiva de Veblen ([1914] 2018, 10), mesmo que sejam duas classes diferentes de fenômenos, ambos repousam sobre o mesmo “*psychological ground*” pautados na reflexão nervosa e impulsiva, mesmo que sob a tutela da deliberação consciente. Sendo assim, mais uma vez denota-se a característica quase-tropismática dos instintos veblenianos; não por representarem um mesmo mecanismo de execução, mas por partilharem uma característica impulsiva. Porém, conforme já destacado,

ressalta-se que mesmo apresentando característica impulsiva, os instintos na perspectiva de Veblen apresentam deliberação e raciocínio. Desse modo, os instintos representariam traços hereditários que, conforme visto, seriam características secundárias das espécies devido ao seu direcionamento através de compartilhamentos de hábitos e condutas.

Então, de modo bastante sumarizado, segundo Veblen, os traços instintivos dos indivíduos representariam aquilo que seriam as propensões mais nativas aos seres humanos, remanescentes e perpetuadas após passarem pelo processo de eliminação seletiva de características das espécies. Ou, em termos ainda mais simples, seriam aquilo que se propõe como “natureza espiritual”, ou então, “natureza humana”. Conforme esta natureza humana adentra diferentes cenários culturais e ambientais no curso da história humana, diferentes características “espirituais” e físicas permanecem como remanescentes em diferentes raças. Essa diversidade fez com que, no curso da história, as culturas ocidentais – devido a sua miscigenação – apresentassem elevado hibridismo de traços instintivos. Porém, Veblen salienta que mesmo frente ao grande hibridismo dessas populações, é observável um espírito humano de tipo genérico em todos os indivíduos, em forma de uma matriz animal comum.

Segundo Veblen, uma luta competitiva por sobrevivência sempre esteve a frente do processo de mistura racial nas diferentes nações ocidentais. Este processo de luta pela sobrevivência baseia-se nas mais diferentes demandas de mudanças sociais que favoreciam ou desfavoreciam características instintivas específicas. Segundo o autor, “*these cultural conditions of survival in the racial struggle for existence have varied in the course of centuries, and with grave consequences for the life-history of the race of its culture* (Veblen [1914] 2018, 16-17). Por óbvio, todas essas mudanças davam-se a nível institucional, portanto, nos hábitos de pensamento e comportamento, desencadeando influências diretas na conduta laboral e na organização social. Sendo assim, segundo Veblen, os processos de mudança cumulativa atuando sobre a fábrica institucional de elementos habituais, governa e condiciona o esquema de vida dos indivíduos em sociedade.

Tais alterações habituais e instintivas, selecionadas adaptativamente ao longo da história humana, são interpretadas por Veblen como “estoques” cumulativos de traços comportamentais e cognitivos dos indivíduos em determinada sociedade. Segundo Veblen, os elementos mais antigos que compõe esse estoque seriam aqueles menos propensos a mudanças frente a novas demandas do esquema cultural. Seria justamente essa baixa flexibilidade a responsável por tornar esses elementos instintivos na perspectiva vebleniana. Dentre estes instintos Veblen apresenta ao já comentado *workmanship* (trabalho eficiente) como o chefe entre as disposições que conduzem diretamente o bem-estar material da raça

humana. Sendo que o único outro instinto que poderia chegar perto deste em relevância seria o também já comentado *parental bent* (inclinação parental). Veblen justifica estas afirmativas com base na importância e relevância desses elementos na manutenção da sobrevivência humana nos mais diversos cenários, fazendo com que esses traços comportamentais mantivessem-se extremamente enraizados na raça humana.

Conforme visto anteriormente, na perspectiva de Veblen, a função e a relação entre ambos os instintos são extremamente fundamentais. Sendo que o instinto de trabalho eficiente resulta na aplicação de empenho direcionado na execução em maestria das atividades humanas dentro de seus objetivos habituais. Enquanto que a inclinação parental é fundamental não só na manutenção da vida das crianças de uma comunidade em específico, mas na manutenção da vida dessa comunidade como um todo, através do zelo e do provimento. Sendo assim, nota-se que, em ambas as propensões instintivas, é observável uma farta possibilidade de generalização e adaptação frente aos mais diversos cenários habituais. Ou seja, mesmo sendo instintos específicos voltados a finalidades específicas dos indivíduos, estes tem a capacidade adaptativa capaz de direcionamentos bastante genéricos nas mais diversas demandas culturais/ambientais e, conseqüentemente, habituais.

Retomando a primazia do instinto de trabalho eficiente e, tendo em mente o caráter generalista descrito acima, Veblen frisa o importante papel do *workmanship* no embrenhado de atividades teleológicas instintivas no comportamento humano. Afinal, dentre a execução eficiente promovida por este instinto está também a execução dos demais instintos associados aos indivíduos. Ou seja, enquanto as demais proclividades instintivas estão voltadas a uma finalidade em específico sem designação processual de como o resultado será obtido, o instinto de trabalho eficiente direciona-se à execução eficiente dos meios em detrimento do resultado em questão. Sendo assim, segundo Veblen ([1914] 2018, 31), “*this instinct may in some sense be said to be auxiliary to all the rest, to be concerned with the ways and means of life rather than with any one given ulterior end*”. Por óbvio, as características do trabalho eficiente o tornam, como já comentado anteriormente, o instinto vebleninano de maior relevância no entendimento do processo evolucionário concernente ao comportamento humano e da convivência em sociedade.

Exatamente devido a estas características do instinto de trabalho eficiente, este teria sido um dos principais viabilizadores dos avanços humanos em termos processuais, técnicos e sociais. Afinal, como Veblen ([1914] 2018, 33) bem salienta, “*the instinct of workmanship [...] occupies the interest with practical expedients, ways and means, devices and contrivances of efficiency and economy, proficiency, creative work and technological mastery*

*of facts*”. Sendo assim, o instinto de trabalho eficiente não atua em uma finalidade própria voltado a um fim determinado em si mesmo, mas sim tem a finalidade de primazia e maestria de execução; de processo. Desse modo, importante papel no desenvolvimento institucional e, portanto, habitual é concedido ao instinto de trabalho eficiente. Não só pelas determinações cerimoniais de rotinas, mas também por todo desenvolvimento que, desde cenários remotos, remontam o início da inclinação ao desenvolvimento de proficiência e habilidade tecnológica e industrial. Então Veblen conclui:

The instinct of workmanship brought the life of mankind from the brute to the human plane, and in all the later growth of culture it has never ceased to pervade the Works of man. But the extensive complication of circumstances and the altered outlook of succeeding generations, brought on by the growth of institutions and the accumulation of knowledge, have led to an extension of its scope and of its canons and logic to activities and conjunctures that have little traceable bearing on the means of subsistence.

Sendo assim, através da apresentação de sua noção de instintos, Veblen identifica no instinto de trabalho eficiente o grande pivô da formação comportamental humana em torno de elementos cerimoniais e processuais. Conforme se faz objetivo nesta obra de Veblen, entender este instinto nos leva a compreensão da organização humana em sua estrutura de convivência e produção. Desse modo, entender a relação do instinto de trabalho eficiente com a maturação e aplicação de conhecimentos voltados a tecnologia e maestria laboral mostra-se como fundamental na busca pelo entendimento da sociedade industrial moderna. Com esta inquietação em mente, e com os objetivos introdutórios aqui apresentados, Veblen delata a importante relação entre o instinto de trabalho eficiente e o estado da arte industrial.

#### **4.2.2. Contamination of instincts in primitive technology**

A faceta evolucionária que acompanha os instintos em sua ascensão e perpetuação é responsável também por adaptar esses traços do comportamento às diferentes realidades habituais em que os indivíduos encontram-se inseridos. Sendo assim, Veblen volta a destacar o papel habitual de determinação e condicionamentos dos instintos através dos hábitos. Esta constatação mostra-se de fundamental importância uma vez que o acervo de hábitos está diretamente relacionado à realidade material, cultural e produtiva de uma comunidade. Com esta inquietação em mente, Veblen dedica este capítulo a entender como se deu a contaminação dos instintos com o advento da tecnologia primitiva e seus reflexos no cotidiano e na estruturação social.

Iniciando através da explicação da cumulatividade habitual, Veblen destaca que trata-se de um processo entre gerações. Segundo o autor, através das tradições, treinamentos e educação, as novas gerações estariam condicionadas a perpetuarem hábitos desenvolvidos e também perpetuados por gerações anteriores. Sendo assim, esta característica cumulativa dos hábitos é diretamente responsável pela institucionalização de costumes, convenções e preconceções que são traços característicos de determinadas raças/comunidades. Logo, o esquema tecnológico e produtivo, pela sua característica convencional e habitual, também apresenta-se passível do processo cumulativo dos hábitos através do tempo e de diferentes gerações. Com diferentes realidades, diferentes rotinas emergem no modo em que as novas possibilidades produtivas mostram-se viáveis; assim como o papel do conhecimento também apresenta-se cada vez mais relevante e carregado de informações pregressas.

Desse modo, o esquema tecnológico e produtivo, assim como já mencionado anteriormente, está diretamente relacionado às capacidades dos indivíduos em adaptarem-se às realidades materiais. Conforme o conhecimento emerge através de gerações, assim como hábitos desempenham suas funções de condicionadores instintivos, novas possibilidades produtivas passam a ser vislumbradas e desenvolvidas. Porém, como Veblen bem salienta, os hábitos formados através de qualquer linha de experiência, terão seus efeitos na conduta e nos objetivos dos trabalhadores em todos os seus trabalhos. Isto implica dizer que todo o processo de progresso tecnológico não apresenta-se como um resultado do trabalho eficiente *per se*, mas também está fortemente carregado das malhas habituais (aprendidas e perpetuadas) de uma comunidade.

Conforme salientado por Veblen, essa característica humana representa a faceta de contaminação dos comportamentos dos indivíduos em uma mesma comunidade. Sendo assim, as organizações industriais/produtivas da comunidade estarão sempre voltadas à atender as diferentes demandas habituais de seus membros. Como os hábitos e, por tanto, instituições apresentam-se conservadores pela sua característica psicológica, as diferentes possibilidades produtivas e inovativas seriam condicionadas pela cumulatividade crescente de experiências e conhecimento. Desse modo, constantemente há uma formatação tecnológica e produtiva da sociedade como resultado reflexo das mutações e perpetuações desses diferentes elementos institucionais. Cabe salientar que estas diferentes inclinações habituais acerca da produtividade e progresso tecnológico apresentam-se fortemente atrelados ao instinto de trabalho eficiente (*workmanship*) e sua busca pela eficiência material.

Tecidas as supracitadas explicações a respeito do processo de formação e perpetuação institucional no que se refere ao progresso tecnológico e produtivo, Veblen segue sua

explicação a respeito das contaminações dos instintos nas tecnologias primitivas. Segundo o autor, em períodos mais arcaicos de organização social, as comunidades pareciam muito dependentes dos conhecimentos anteriores de seus membros. Mais do que isso, Veblen argumenta que esta teria sido uma característica fundamental dos estágios finais da selvageria pacífica e início da fase predatória. Logo, através desta característica, nota-se que o processo de criação e inovação dessas comunidades apresentava-se precário e comprometido, uma vez que o conhecimento anterior prevalecia a novas possibilidades do presente. Este comportamento conservador destas culturas, manteve-se existente enquanto compatível com as demandas e possibilidades da sociedade. Afinal, em períodos de selvageria pacífica e carência de propriedade privada, as demandas produtivas apresentavam-se muito menos complexas. No caso aqui descrito, nota-se uma forte dependência e reforço de outras proclividades instintivas, como por exemplo, o instinto parental (*parental bent*). Neste caso, o papel de manutenção da sociedade, através do direcionamento e ensinamento dos mais novos, é de responsabilidade das gerações que os antecederam.

Deve-se notar que a característica de mudança e inovação nos processos sociais, tanto produtivos, quanto cerimoniais, estão diretamente relacionados com o volume de informações e conhecimentos da sociedade. Exatamente devido a esta característica, nota-se que formas de organização mais complexas geram também mudanças mais abruptas e rotineiras. Neste ponto retoma-se a correlação existente entre o instinto de trabalho eficiente e a inclinação parental, uma vez que ambas determinam a execução das atividades produtivas das comunidades em contexto e possibilidades diferentes. Em ambos os casos, há o direcionamento dos indivíduos em suas inclinações instintivas à perpetuação de conhecimentos em prol de sua continuidade e realização. No caso do instinto parental, os indivíduos voltam-se a criar habituações relacionadas a os ensinamentos dos mais velhos e a perpetuação da cultura. No caso do instinto de trabalho eficiente, os indivíduos voltam-se a melhor adequação do cenário em que vivem, direcionados e condicionados aos hábitos que lhe compõem.

Segundo Veblen, no caso do instinto de trabalho eficiente nota-se um dos casos mais obstrutivos de contaminação. Na perspectiva do autor, em processos mais primitivos de organização social, em que o animismo e o antropomorfismo apresentam-se de maneira mais incisiva e recorrente, nota-se a auto contaminação do instinto de trabalho eficiente nos termos em que compromete-se com as características teleológicas de explicações e observações de fenômenos. Veblen destaca que a característica íntima e pessoal atrelada ao entendimento do mundo e, portanto, dos processos, faz com que os indivíduos busquem por equacionamentos habituais que lhe confirmem consonância com suas crenças. Sendo o instinto de trabalho

eficiente passível de interferência e condicionamento habitual, assim como todos os demais instintos, as características de vida das comunidades de origem antropomórfica apresentam-se decisivamente presentes neste traço do comportamento.

Veblen aponta ao animismo como uma forma arcaica de antropomorfismo, na medida que direciona consciência à todos os atributos e artigos existentes. Tal perspectiva, em consonância com a crença antropomórfica de entidades (deuses) faz com que a perspectiva teleológica seja predominante nos hábitos de pensamento dos indivíduos. Ou seja, apresente-se de grande relevância no condicionamento dos instintos e nas instituições. Sendo assim, Veblen delata como correlata as perspectivas teleológicas na composição do conhecimento humano com as perspectivas animistas e antropomórficas dos hábitos de pensamentos dos indivíduos de determinada comunidade. Logo, todos os hábitos de pensamento voltados ao entendimento de processos, apresentam-se contaminados pela perspectiva de finalidade e direcionamento moral devido a esta característica dos hábitos arcaicos de pensamento.

Cabe comentário de que na perspectiva teórica de Veblen, a eficiência tecnológica é resultado direto do conhecimento que de fato é desempenhado. Devido ao caráter teleológico imputado a finalidade tecnológica, todo corpo de conhecimento será direcionado a uma finalidade, ou então motivado por determinado fato/crença<sup>114</sup>. Logo, para que o conhecimento e a eficiência tecnológica tomassem forma e desenvolvimento em seus estágios iniciais em culturas mais primitivas, estes estavam diretamente relacionados a elementos empíricos de rotina prática. Portanto, no processo de adaptação seletiva, em seus estágios iniciais, o instinto de trabalho eficiente apresentava-se de maneira bastante arcaica e simples, voltado ao direcionamento da eficiência a realidade material, visando um fim e um processo específico para satisfação de hábitos.

Buscando identificar e delatar a dificuldade da emergência da relação mecânica do indivíduo com as proclividades instintivas, Veblen ([1914] 2018, 63) comenta:

This obstructive force of the anthropomorphic interpretation of phenomena is by no means the same in all lines of activity. The difficulty, at least in the earlier days, seems to be greatest along those lines of craft where the workman has to do with the mechanical, inanimate forces – the simplest in the point of brute concreteness and the least amenable to a consistent interpretation in animistic terms. While man is conventionally distinguished from brute creation as a “tool-using animal”, his early progress in its native sense, seems to have gone forward very slowly, both absolutely and as contrasted with those lines of workmanship in which he could carry his point by manual dexterity unaided by cunningly devised implements and

---

<sup>114</sup> Neste ponto Veblen comenta a emergência de perspectivas monoteísticas devido a busca pela facilitação nos desenvolvimentos antropomórficos e teleológicos demandados pelos conjunto habituais dos indivíduos.

mechanical contrivances; and still more striking is the contrast between the incredibly slow and blindfold advance of the savage culture shown in the sequence of those typical stone implements which serve conventionally as land-marks of the early technology, on the one hand, and the concomitant achievements of the same stone-age peoples in the domestication and use of plants and animal on the other hand.

Sendo que, segundo Veblen este estágio inicial caracteriza-se pelo já comentado período do neolítico, tempo geológico que o próprio autor reconhece como temporalmente vasto, sendo caracterizado por centenas de anos.

Veblen salienta que durante o período paleolítico (antecedente do neolítico) uma série de avanços, do ponto de vista mecânico foram feitos, dos quais nota-se o domínio das ferramentas de pedra. Este, segundo Veblen, teria sido o estado da arte da tecnologia da época. Ou seja, o desenvolvimento de ferramentais e demais utensílios a base do domínio mecânico de materiais como a pedra. A partir deste ponto em diante, a cumulatividade do conhecimento e do processo de progresso tecnológico se daria com base nestes elementos ferramentais, atribuídos aos hábitos das comunidades. No caso das ponderações de Veblen, parte considerável da cultura europeia que, de maneira direta ou indireta, usufruiu dessas características mecânicas no domínio das plantas e animais domésticos, transformando a vida em sociedade através da criação de excedente e abundância. Veblen destaca que o usufruto dessas características mecânicas de outro período fez com que a cultura da época do neolítico gozasse de relativa tranquilidade no que se refere à criação de novas tecnologias mecânicas, passando a centrar-se nas características processuais de criação inovativa. Essa característica não implica dizer que as novas tecnologias perderam seu caráter de utilidade, mas sim demonstra o direcionamento da curiosidade à execução de atividades tecnológicas não mecânicas, de domínio de outras habilidades (como a já citada domesticação de animais e plantas). Segundo Veblen, a difícil e delicada atividade de cultivo fora almejada e executada pelas habilidades das mulheres dessa comunidade que, em suas funções, tinham a responsabilidade e o domínio das técnicas necessárias para tal. Dentre essas atividades de cultivo também destacam-se o domínio e cruzamento de diferentes raças de animais e plantas visando a maior proficiência da domesticação. Exatamente neste ponto, Veblen destaca o início do papel das mulheres nas atividades industriais/produativas.

Seguido dessas considerações, Veblen apresenta alguns pontuais exemplos antropológicos da domesticação de animais e plantas em diferentes culturas humanas na Europa. Dentre estes exemplos, destacam-se o caso dinamarquês de cultivo e plantio, como o pioneiro e mais habilidoso. Também comenta o caso polinésio-americano como

instintivamente adaptado em especial grau para com as atividades de cultivo. Ao fim destes exemplos, Veblen comenta a característica em comum dessas diferentes organizações culturais em que dedicam-se grande apreço a elementos de fertilidade, crescimento, natureza e ciclos de vida. Sendo assim, Veblen delata a apreciação antropomórfica do cultivo de plantas e animais em relação ao estilo de vida dos indivíduos dominadores destas habilidades produtivas.

Logo, o animismo e antropomorfismo no entendimento dos indivíduos acerca dos processos e inquietações sobre a vida e sua realidade cerimonial e produtiva, apresenta papel fundamental no desenvolvimento do instinto de trabalho eficiente deste período e na perpetuação dos louros das eras geológicas seguintes. Sendo assim – conforme espera-se da perspectiva vebleniana do processos evolutivo – tais aspectos produtivos, apesar de representarem a evolução cega de novos métodos técnicos e produtivos, não desenvolve-se de forma aleatória, mas sim está diretamente relacionado com o seu processo de causação cumulativa. Esta afirmação parece verdade não só em seus resultados, mas também em seus anseios, como Veblen ([1914] 2018, 79) bem comenta:

This domestication and use of plants and animals was of course not a mere blindfold diversion. Here as ever the instinct of workmanship was present with its prompting to make the most of what comes to hand; and the technology of husbandry, like the technology of any other industrial enterprise, has been the outcome of men's abiding penchant for making things useful

Veblen ainda comenta que o instinto de trabalho eficiente, através de suas proclividades nas atividades laborais, fez com que os indivíduos constantemente aprimorassem suas qualidades nos desenvolvimentos e eficiência em suas atividades. Conforme já comentado, tal eficiência apresenta em sua motivação e desdobramento as finalidades teleológicas resultantes do animismo e antropomorfismo partilhados pelos indivíduos através de seus hábitos e instituições.

Preocupado em melhor descrever o processo pelo qual desdobra-se a inovação produtiva e tecnológica, Veblen apresenta o já citado instinto de *idle curiosity* (curiosidade vã) que, sob comando do instinto de trabalho eficiente e condicionado pelos hábitos dos indivíduos, desenvolve novas capacidades. Neste ponto, fica evidente duas características já citadas dos instintos: (i) a regência do instinto de trabalho eficiente sobre os demais instintos, e (ii) a sobreposição entre diferentes propensões instintivas. Na sequência de sua explanação, Veblen comenta o caráter não imediato dos resultados inovativos oriundos da curiosidade vã.

Afinal, assim como todas as outras características materiais humanas, a curiosidade contribui através do processo de causação cumulativa ao longo do tempo. Sendo assim, seus resultados apresentam-se de forma mais contundente através de períodos de tempo sobrepostos por diferentes realidades materiais e culturais.

Finalizando, Veblen salienta a característica fundamentalmente pacífica dos traços da sociedade até agora apresentados. Em consonância com aquilo apresentado em *The Theory of the Leisure Class*, Veblen identifica a fundamentação dos instintos na vida em comunidade durante o período da selvageria pacífica, adentrante à era bárbara. Nas palavras de Veblen ([1914] 2018, 101) “[i]t seems antecedently improbable that the domestication of the crop plants and animal could have been effected at all except among people leading a passably peaceable, and presently a sedentary life”. Sendo assim, entendido a contaminação dos instintos através da tecnologia primitiva e suas reverberações na realidade social, cabe ainda às inquietações de Veblen, entender como se constituiu e em que consistia o estado da arte da indústria durante o período selvagem.

#### 4.2.3. The savage state of the industrial arts

Technological knowledge is of the nature of a common stock, held and carried forward collectively by the community, which is in this relation to be conceived as a going concern. The state of the industrial arts is a fact of group life, not of individual or private initiative or innovation. It is an affair of the collectivity, not a creative achievement of individuals working self-sufficiently in severalty or in isolation. In the main, the state of the industrial arts is always a heritage out of the past; it is always in process of change, perhaps, but the substantial body of it is knowledge that has come down from earlier generation. New elements of insight and proficiency are continually being added and worked into this common stock by the experience and initiative of the current generation, but such novel elements are always and everywhere slight and inconsequential in comparison with the body of technology that has been carried over from de past (Veblen [1914] 2018, 103).

Esta longa passagem evidencia a perspectiva vebleniana de cumulatividade do conhecimento técnico; assim como também exemplifica a formação do estado da arte da indústria em seus diferentes períodos históricos; neste caso em específico, no período de selvageria. Neste ponto inicial Veblen comenta que, mesmo sendo o resultado de um processo de cumulatividade comum entre os membros de uma comunidade, os acrescentamentos inovativos seriam, em primeira instância, o resultado da experiência e iniciativa individual. Todos os empreendimentos, mesmo que sendo somados ao estoque do conhecimento comum da

comunidade, seriam de fundamentação individual dos desempenhadores das funções empreendidas. Porém, o estoque de conhecimento tecnológico atingido em determinado período e por determinada comunidade, seria o resultado da cumulatividade do grupo. Sendo assim, o estado da arte industrial é um reflexo da coletividade social.

Este desencadeamento coletivo ocorreria, segundo Veblen, devido a fato de que todo novo empreendimento tecnológico carece da ciência do estoque atual conhecimento. Sendo assim, toda inovação acresce em informação à cumulatividade do estoque já formado de conhecimento. Ou seja, nesta perspectiva, todas as inovações são um resultado de acréscimo marginal à um corpo de conhecimento já existente, não caracterizando-se necessariamente como revolucionárias no estado da arte industrial. Veblen ainda comenta que em estágios menos avançados da sociedade, portanto, detentores de menor estoque de conhecimento tecnológico, as inovações apresentariam o forte papel teleológico, sendo agregativos em termos cerimoniais. Já em comunidades de estágios mais avançados, com o advento da propriedade privada, a especialização da indústria começa a apresentar segregações do estoque de conhecimento, principalmente através de segredos industriais, patentes, direitos de cópia e etc.

Através do advento da segregação dos estoques de conhecimento, surgem também as segregações laborais. Veblen justifica esse fenômeno, pois nenhum indivíduo seria capaz de carregar em totalidade o estado da arte de todas as atividades em suas distinções e especializações. Afinal, conforme espera-se, através da segregação de estoques de conhecimento, mais elevados níveis de especialização são demandados. Ou então, nas palavras de Veblen ([1914] 2018, 106): *“no one is competent to acquire such mastery of all the lines of industry included in the general scheme as would enable him (or her) to transmit the state of the industrial arts to succeeding generations unimpaired at all points”*. Este reconhecimento implica vislumbrar que, embora o conhecimento seja fruto de um estoque comum, existirão formas de maestria que serão domadas somente por aqueles que dominarem a determinada especialização. Ou seja, em alguns níveis, o conhecimento não se fará de posse comum, devido aos incrementos de complexidade e quantidade de informação frutos da especialização de atividades industriais.

Veblen ainda argumenta que, conforme a especialização avança a caracterização do estado da arte industrial, o tamanho da população de determinada comunidade é diretamente influenciável no processo de avanço do conhecimento tecnológico. Afinal, conforme maior o número de pessoas participantes de determinada comunidade industrial, maior será a quantidade de conhecimento técnico carregado. Ainda segundo o autor, através da emergência

da cultura bárbara, pode-se notar que sociedades que passaram por grandes baixas populacionais devido a guerras e demais perdas de conhecimento humano, apresentaram também grande retrocesso em seus estoques de conhecimento tecnológico, assim como em suas habilidades de trabalho eficiente (*workmanship*). Adicionalmente Veblen comenta que o tamanho de determinada comunidade não excede, comumente, a quantidade necessária de conhecimento demandada no estado da arte industrial para tal, pois “[i]n the view of these considerations it is probably safe to say that under settled conditions any community is, commonly, no larger than is required to keep up and carry forward the state of the industrial arts as it runs” (Veblen [1914] 2018, 110).

Desse modo, debater as diferenciações entre raças e comunidades parece de fundamental importância para a perspectiva vebleniana de perpetuação do conhecimento e manutenção do estado da arte industrial. Sobre este ponto, Veblen destaca que devido às diferenciações entre as comunidades e, por tanto, entre diferentes estoques de conhecimento, também haverá diferentes estados da arte industrial em cada um destes cenários. Desse modo, mais uma vez, o autor argumenta o caráter de variação possível através das raças híbridas, principalmente da Europa e do Japão. Conforme maior o número de possibilidades entre as combinações de informações e fusões de estoques de conhecimento, maiores serão as possibilidades de inovações e avanços no estado da arte industrial.

Atentando especificamente ao caso europeu, Veblen é enfático ao dizer que todas as formas raciais de estoque de conhecimento surgiram a partir os níveis iniciais da selvageria pacífica. Sendo assim, uma das constatações do autor é a de que estes estoques de conhecimento, em suas formas nativas, não seriam adaptáveis as formas não pacíficas de vida<sup>115</sup>. Afinal, segundo Veblen ([1914] 2018, 118):

They came into the savage world after the race had lived through many thousand years of technological experience and (presumably) many successive mutational alterations of racial type and they were fitted to the exigencies of the savage world into which they came rather than those of any earlier phase of savagery.

Sendo que através deste argumento, Veblen visa salientar que as diferenciações entre raças não ocorrem em capacidade cognitiva e/ou inteligência, mas sim tratam-se de diferenciações físicas entre os indivíduos, ou então em diferenciações ambientais entre diferentes localizações tribais.

---

<sup>115</sup> Selvagem no sentido de desqualificação. Veblen faz esta distinção chamando de “wild”.

Das condições comuns presentes durante o período neolítico e definição do estado da arte industrial, mostra que o estágio selvagem da cultura humana parece convergir com aspectos de paz, manutenção da subsistência e ascensão das habilidades em negócios. Veblen justifica a identificação desses elementos com o ponto de que a paz seria requisito necessário para a viabilização do conhecimento e da concentração em elementos sociais voltados a produtividade e prosperidade material daqueles que passaram a viver em comunidade. Concomitantemente, a subsistência seria realizada de maneira muito mais facilitada, com possibilidade de venda de excedentes produtivos, habilitando a melhora nas habilidades de negociações. Ainda segundo Veblen, a quebra deste processo só se mostraria vantajosa em casos como, por exemplo, a guerra mostrar-se mais produtora de riqueza e bem estar do que o atual estado; caso contrário, a paz entre povos vizinhos permaneceria.

Veblen salienta também que essas mesmas características que permitiram a formatação do estado da arte industrial durante o período selvagem, foram às viabilizadoras das institucionalizações antropomórficas já comentadas anteriormente. Segundo o autor, as características pacíficas e sedentárias viabilizaram o direcionamento de esforços para atividades religiosas e mágicas; e, em mesmo sentido, também possibilitaram o direcionamento do instinto de trabalho eficiente à novas atividades para além das tradicionais e habituais. Ou seja, nota-se que através dessa nova possibilidade material de organização social, as atribuições da curiosidade vã (*idle curiosity*) e inclinação parental (*parental bent*), apresentam-se a floradas e viabilizadoras de novas realizações, principalmente sob a tutela do instinto de trabalho eficiente e a emancipação de novos hábitos de pensamento. Estas características possibilitaram que a sociedade pacificada voltasse suas atenções a diferentes hábitos de pensamento. Consequentemente diferentes possibilidades produtivas e interativas emergem nestas comunidades. Segundo Veblen, é possível identificar em casos específicos a distinção e o antagonismo de atenções voltadas à produção de armas e ferramentas, delatando o papel de importância da segunda em relação à primeira.

Veblen ainda aponta, especificamente, que sociedades do norte-europeu apresentavam uma quantidade de armas bastante reduzida se comparadas com as de ferramentas de finalidade produtiva. Em mesmo sentido, estas mesmas comunidades não apresentavam prevalência de superstições e/ou práticas antropomórficas baseadas no medo. Ainda sobre este segundo ponto, Veblen ([1914] 2018, 126) comenta:

And when, presently, something of symbolism and apparatus of superstitions comes into view, in the late Neolithic and bronze ages, the common run of it is by no means suggestive of superstitious fear and religious atrocities. The

most common and characteristic objects of this class are certain figurines and curtains symbolical elements suggestive of fecundity, such as might be looked for in a peaceable, sedentary, agricultural culture on a small scale.

Exatamente devido a estas características acima descritas e exemplificadas, Veblen enfatiza a característica não predatória da sociedade na emancipação destes importantes traços instintivos. De forma direta, a reunião, pacificação e sedentarismo da comunidade foram essenciais para a possibilidade de acumulação de estoque de conhecimento; principal direcionador do instinto de trabalho eficiente e emancipação tecnológica.

Conforme já visto no capítulo anterior desta mesma obra, Veblen destaca que justamente durante este período da organização social humana emergem as características agrícolas de produção. Através da maestria do cultivo de plantas e domesticação de animais, há considerável expansão da capacidade produtiva; assim como das habilidades do instinto de trabalho eficiente. Deste ponto em diante, ainda segundo Veblen, também surgem as novas possibilidades oriundas do comércio e das relações entre diferentes comunidades. Através desta interação novas informações passam a somar nos estoques de conhecimento, assim como novas possibilidades inovativas emergem. Conforme novas tecnológicas fazem-se possíveis através destes empréstimos culturais, novos elementos habituais também são passados entre comunidades. Sendo assim, não só as características instintivas, produtivas e tecnológicas são refinadas, mas também uma série de elementos habituais passam a caracterizarem-se como híbridos em diferentes comunidades. Neste ponto Veblen frisa a perpetuação e disseminação de simbolismos e superstições que são passadas conjuntamente com as novas tecnologias entre as diferentes comunidades.

Sendo assim, finalizando, pode-se observar que o estágio selvagem da arte industrial caracteriza-se pela melhor definição, expansão e compartilhamento dos estoques de conhecimento tecnológico. Através deste processo, há o refinamento dos instintos paternal, da curiosidade e do trabalho eficiente em prol das novas possibilidades de produção que, dentre outros destaques, apresenta a domesticação de animais e o cultivo de plantas como os principais feitos. Para tal, a necessidade de paz e a criação de excedente fora fundamental, pois somente assim as atenções e inclinações dos indivíduos poderiam resultar num ganho coletivo de conhecimento em prol do avanço desta comunidade em direção a novas possibilidades de produção. Diferenças raciais podem, segundo Veblen, ser observadas durante este processo. Porém, seriam resultantes de diferenciações somente em aspectos físicos e/ou ambientais, não refletindo diferenças cognitivas ou de inteligência. Afinal, o

estado da arte industrial seria o reflexo do processo de causação cumulativa das comunidades em suas maestrias produtivas, e não necessariamente de proclividades instintivas.

#### 4.2.4. The technology of the predatory culture

Neste ponto de sua obra, Veblen retoma a construção dos estoques de conhecimento como um fenômeno comum de uma comunidade, salientando que para haver a possibilidade de inovação por parte dos indivíduos, este estoque de conhecimento deve estar sob domínio dos mesmos, ao menos no que se refere a atividade a ser inovada. Veblen ainda argumenta a possibilidade de existir indivíduos com habilidades específicas que se distinguem dos demais por aptidão e maestria. Porém, estes só serão úteis e auxiliares no processo de causação cumulativa, no caso de fazerem-se cientes do atual estoque de conhecimento de sua comunidade; caso contrário seriam apenas boas aptidões sem direcionamento eficaz do instinto de trabalho eficiente.

Este ponto é frisado, pois delata um detalhe bastante importante da perspectiva vebleniana a respeito do processo de evolução institucional e, portanto, hereditariedade de pensamento e condutas. Atentando e comentando sobre o aspecto biológico da hereditariedade, Veblen ([1914] 2018, 139) pontua que, “[...] *the individual is a creature of heredity and circumstances. And heredity is always group heredity, perhaps peculiarly so in the human species*”. Mais do que isto, Veblen ainda comenta que a hereditariedade de qualquer raça humana é sempre suficientemente homogênea para permitir que todos os seus indivíduos possam ser classificados de acordo com suas características. No momento em que uma “anomalia” surge apresentando traços físicos nitidamente diferentes dos tradicionais, a inquietação imediata que emerge refere-se a como esta diferenciação se viabilizou. Através desta ponderação Veblen explica que assim como no caso das características físicas oriundas da biologia, estas inquietações também são verdade do caso de traços instintivos.

Entender estas considerações são fundamentais para se vislumbrar o processo evolucionário da teoria vebleniana, principalmente no que se refere a passagens de diferentes períodos históricos. Conforme se demonstra em inquietação deste capítulo, Veblen comenta a existência de fundamentais elementos culturais, especificamente de origem predatória, no desenvolvimento tecnológico e na organização social. Tendo em mente as considerações acima sobre o processo de hereditariedade de traços instintivos, assim como o processo de causação cumulativa em que se geram mutações habituais e institucionais, Veblen tece

comentários a respeito dos baixos estágios culturais. Nestes períodos, segundo o autor, nota-se que há baixa diversidade nas ocupações laborais destas comunidades, conseqüentemente as possibilidades de mutações instintivas e/ou habituais também demonstram-se baixas. Como consequência final desta baixa diversidade, Veblen comenta o pequeno estoque de conhecimento tecnológico por parte destas culturas.

Havendo baixa complexidade nos estoques de conhecimento, também nota-se uma relativa baixa na quantidade de especializações nas atividades desenvolvidas por estas comunidades. Segundo Veblen, esta baixa ocorrência de especializações, fez com que os indivíduos caracterizassem-se por elevada dependência uns dos outros. Sendo assim, o senso comunal de sociedade, bem comum e fraternidade trabalhavam em elevada utilização no modo de se pensar e organizar estas comunidades. Conseqüentemente, as perspectivas de ganhos sobre outros indivíduos era consideravelmente escassa, afinal sob esta perspectiva de organização social, tanto a propriedade privada quanto a lógica pecuniária de ganhos ainda não emergia do estado da arte industrial, nem das instituições sociais. Conforme já visto em *The Theory of the Leisure Class*, somente com o surgimento da cultura predatória as perspectivas pecuniárias teriam ascensão possibilitada. Afinal, sem a instituição da propriedade privada, todos os estímulos concernentes a esta lógica (pecuniária) também estariam ausentes.

Conforme visto anteriormente, a eficiência industrial – através de seu estoque de conhecimento tecnológico – não representa um elemento individual, mas sim da comunidade. Portanto a eficiência industrial, como um fator comum e resultante do estágio cultural, só poderia ser também alcançada com a superação da fase pacífica e comunal acima apresentada. Sobre tal, Veblen comenta o lento (e de difícil identificação) processo pelo qual a organização social e econômica apresentou suas primeiras mudanças em direção à uma lógica predatória. Segundo o autor, alguns elementos da matriz habitual passaram a representar, através do processo de causação cumulativa, inclinações libertárias, principalmente em torno do instinto de trabalho eficiente. Estas inclinações libertárias estariam fortemente relacionadas com as novas habilidades produtivas desta comunidade, dentre as quais, as já comentadas agricultura e domínio de outras espécies animais para domesticação, predominam. Através desta nova lógica produtiva, a subsistência e a ociosidade passam a fazerem-se possíveis com maior frequência, editando uma viabilidade ao sedentarismo e ao direcionamento de atenções a atividades distintas (principalmente predatórias).

Conforme se entende a teoria vebleniana, nota-se que estas diferenciações e alterações no modo de organização social não sucederam-se de maneira imediata e incisiva, mas sim

passaram por processos de adaptação e cumulatividade. Sobre tal, Veblen comenta a permanência de elementos transitórios entre o período da cultura de selvageria pacífica e da cultura predatória e pecuniária; principalmente apresentando análises sobre a liberdade do instinto de trabalho eficiente já nos períodos paleolítico até o fim do período neolítico. Em mesmo sentido também aborda e analisa a emergência de lógicas produtivas que tiveram o poder de viabilizar o direcionamento econômico destas comunidades em transição<sup>116</sup>.

Através da ocorrência das alterações habituais e institucionais, a culminação de alterações na lógica produtiva e organizacional da sociedade foram responsáveis pela emergência da propriedade privada. Neste ponto, Veblen frisa que, através desta nova instituição, percepções predatória passam a emergir a se apresentarem mais recorrentemente no dia-a-dia das comunidades, principalmente através de atividades de conquista, façanha e acumulação. Conforme visto anteriormente, estas atividades teriam suas emancipações, principalmente, pautadas no processo de emulação pecuniária e distinção entre classes sociais. Veblen ainda comenta o papel fundamental da mudança industrial durante a emergência da cultura predatória, principalmente no que se refere a criação de excedente visando ganhos (lucros) para além da subsistência.

Também conforme já visto anteriormente, Veblen delata a posse de pessoas como as primeiras instituições de propriedade privada, principalmente de mulheres e crianças. Conforme visto, estas propriedades garantiriam a noção de façanha e conquista atrelada a lógica pecuniária de vida na cultura predatória. Através dessa alteração na percepção social e organizacional, a sociedade passou a também apresentar alterações no que se refere a sua manutenção e perpetuação. Afinal, como Veblen bem aponta, com a ascensão da lógica da propriedade privada, os indivíduos pertencentes a essas comunidades passaram a apresentar características de auto preservação. Contrariamente ao período anterior, agora o bem-estar individual passa a se sobrepor ao bem comum; ao bem da comunidade. Em mesmo sentido, agora as vantagens (ganhos) passam a serem comparativos entre os indivíduos da mesma comunidade, contrariamente do caso anterior em que as vantagens eram comparativas entre diferentes comunidades. Segundo o autor, estas seriam características fundamentais da sociedade de cultura predatória.

Por óbvio, esta nova estruturação social faz com que hajam recorrentes e cumulativas mudanças na estrutura habitual das comunidades. Dentre estas novas habituações, estão as relações entre estruturas de poder e associações de dignidade. Sendo que o principal motor

---

<sup>116</sup> Aqui, novamente, entram a produção agrícola e a domesticação de animais.

motivador destas características, segundo Veblen, seriam justamente as atividades devocionais, teleológicas e antropomórficas. Sendo assim, as estruturas religiosas apresentam forte e representativo papel na emergência de uma sociedade de cunho predatório. Seria justamente através destas novas lógicas de organização e comportamento que importantes hábitos voltados a submissão e poder emergem em uma sociedade cada vez mais estratificada através de argumentos pecuniários.

Sendo assim, Veblen destaca alguns daqueles que seriam os traços gerais das comunidades predatórias, tanto em sua emergência quanto em sua perpetuação. Segundo o autor, tanto a superstição religiosa quanto o desfavorecimento (conservadorismo) a ganhos técnicos seriam os reflexos mais imediatos desta nova lógica organizacional. Afinal, a superstição religiosa apresentaria o zelo pela manutenção da já instituída estrutura, assim como também imputada conotações teleológicas as formas desiguais e hierárquicas da sociedade, enquanto que o conservadorismo oriundo desta percepção faria com que avanços evolucionários no modo de se organizar industrialmente também se fariam menos recorrentes. Desse modo, tendo estas características em mente, Veblen salienta que a cultura ocidental foi a que apresentou tais inclinações de modo mais acentuado ao longo de sua organização histórica. Segundo o autor, as redes habituais e institucionais que foram responsáveis pela organização social e industrial desta sociedade foram fortemente pautadas na lógica pecuniária, principalmente através da emancipação e defesa de interesses individuais em detrimento de interesses coletivos da comunidade.

Um dos fatores resultantes mais marcantes desta nova lógica pecuniária emergente durante a cultura predatória seriam, segundo Veblen, a inclinação a fraude visando ganhos. Segundo o autor, traços fraudulentos podem ser identificados durante a emergência de uma sociedade pecuniária, principalmente através do desenvolvimento precário de artigos e produtos, com a finalidade de ganhos para além dos tradicionais e possibilidade de acumulação acelerada de riqueza. Outro grande resultado marcante seria a reestruturação lógica do trabalho que, contrariamente ao cenário anterior que estaria voltado a servitude, agora justifica-se através da busca por ganhos pecuniários. Este último resultado, conforme já visto anteriormente, resultará num novo estímulo ao instinto de trabalho eficiente durante a era industrial-patriarcal.

Veblen ainda salienta que a nova lógica de organização social faz com que os indivíduos mudem consideravelmente seus comportamentos. Sendo que um dos desdobramentos mais consideráveis de se observar é o já comentado consumo conspícuo. Afinal, em uma sociedade de lógica pecuniária, um dos principais elementos de emulação e

promoção de *status* seria justamente a forma de se consumir o que é produzido nesta sociedade. Sobre este ponto Veblen comenta que, através da emergência do consumo conspícuo a sociedade é levada ao consumo de desperdício que, por sua vez, reestrutura a lógica industrial em prol deste novo modo de vida. Sendo o instinto de trabalho eficiente um resultado direto da observação dos fenômenos sociais e produtivos, este traço comportamental também sofre consideráveis alterações no que se refere a sua execução.

Conclusivamente, Veblen comenta que fora também durante o período de ascensão à uma lógica predatória e pecuniária de organização social que outra importante instituição toma forma no processo industrial. Segundo o autor, ao superar as formas nativas de uma sociedade predatória, as comunidades passam a desempenhar um papel comercial de sistema competitivo. Esta nova característica passa a reger as formas de organização produtiva, fazendo parte considerável do estado da arte industrial a partir deste período. Sendo que uma das principais características desta nova instituição seria justamente a de disciplinadora da organização produtiva. Nas palavras de Veblen ([1914] 2018, 186): “*so that the commercial phase of culture should be a favorable to advance in the industrial arts, at least as regards the immediate incidence of its discipline*”. Sobre este ponto, Veblen dedica o capítulo seguinte de sua obra.

#### **4.2.5. Ownership and the competitive system**

Visando a melhor organização de sua argumentação a respeito deste capítulo, Veblen o divide em dois subcapítulos que abaixo seguem. No primeiro, o objetivo do autor é melhor explorar as relações de propriedade privada em um sistema pacífico de organização social (antecedente e entrante à cultura predatória). Já no segundo, o objetivo é apresentar as relações de propriedade privada no sistema competitivo de organização pecuniária.

##### *4.2.5.1. Peaceable Ownership*

Conforme visto até aqui, Veblen delata as consequências da alteração na organização social e no bem-estar das sociedades durante a transição para o sistema pecuniário de produção e consumo. Dentre estas consequências, aquelas apresentadas pelo autor com maior recorrência e relevância são: a divergência de classes (ócio conspícuo), a diferenciação no

consumo (consumo conspícuo) e, por último, mas não menos importante, características emulativas de riqueza (emulação pecuniária). Em mesmo sentido, no que se refere ao conhecimento tecnológico Veblen também observa consideráveis alterações, principalmente na dinâmica nas relações de trabalho e na institucionalidade da propriedade privada. Sendo assim, o autor pontua que as condições, tanto de produção quanto de trabalho e consumo, foram consideravelmente alteradas durante este período de transição do sistema econômico. É exatamente esta inquietação que justifica este capítulo da obra de Veblen.

A ascensão da instituição da propriedade privada em seu início pacífico trouxe mudanças consideráveis também no gerenciamento de recursos que, por definição, agora passam as mãos de alguns. Segundo Veblen, os que a partir deste ponto passam a desempenhar o papel de proprietários, passaram também pelo processo de aprendizagem no que se refere a exploração e uso destes recursos. Um dos principais reflexos de processo de aprendizado estaria justamente na utilização e gerenciamento através do sistema pecuniário em termos de preço. Desse modo, segundo Veblen, inicia-se o processo de um crescente e considerável distanciamento entre as atividades de cunho pecuniário e de cunho produtivo, uma vez que a primeira estaria voltada aos ganhos em termos de retorno na perspectiva pecuniária, e a segunda estaria ligada diretamente a finalidade industrial e produtiva da comunidade. Ou seja, o processo de acumulação do conhecimento tecnológico passa a, cada vez mais, apresentar diferenciação entre os indivíduos que de fato participam da realidade produtiva e aqueles que aproveitam-se dos ganhos da realidade produtiva. Conforme se verá, esta separação e distinção trazem consigo ineficiência e ausência de maestria no gerenciamento industrial.

Sobre o ponto acima, Veblen comenta, por exemplo, a tomada de decisão voltada a comercialização e precificação dos bens produzidos. Sob a tutela dos “capitães da indústria” (desempenhadores de atividades pecuniárias de gerenciamento), os ganhos e os preços estariam sempre em busca do maior e melhor retorno em termos pecuniários, como já comentado, até mesmo através de mecanismos de fraude. Nesta mesma lógica, e através da ascensão teológica associada ao antropomorfismo crescente do período, estes também apresentariam não só uma desconexão com a realidade produtiva, como também a vislumbrariam de maneira equivocada nos termos teleológicos. Desse modo, a crescente desvinculação dos gerenciadores com o processo produtivo tornaria estes gerenciadores cada vez mais alheios as demandas e até mesmo resultados da realidade produtiva quando não expressos em termos pecuniários.

Sempre com a inquietação de demonstrar ou ao menos especular sobre o processo de mudança que viabilizaram as alterações institucionais, Veblen salienta que no caso da propriedade privada houve papel fundamental das percepções de façanha e proeza. Afinal, conforme visto anteriormente na obra de 1899, Veblen destaca que as primeiras propriedades privadas eram tidas como propriedades-troféus, principalmente delatando e destacando façanhas de guerra ou então maestria em negócios. Através desta lógica de domínio através da proeza emerge a instituição da propriedade privada em um contexto predatório. Em última instância a soma destas características desempenhou papel fundamental no estabelecimento de uma economia pecuniária. Ainda sobre este processo, Veblen salienta um aumento considerável nas atividades de manufatura, uma vez que através desta nova lógica de consumo as relações de comércio seriam alteradas drasticamente.

Estas características supracitadas fizeram, segundo Veblen, com que concomitantemente houvesse o direcionamento do instinto de trabalho eficiente às finalidades emulativas de característica pecuniária da sociedade. Este direcionamento instintivo altera, conforme já visto, não só a lógica de organização social em seu sentido político, como também em seu sentido produtivo e, portanto, econômico. Afinal, através da instituição da propriedade privada, novas lógicas de produção e consumo se viabilizariam, gerando alterações ou até mesmo novos hábitos de pensamento, condicionando o instinto de trabalho eficiente a uma nova perspectiva econômica.

#### 4.2.5.2. *The Competitive System*

Ao tratar a perspectiva da propriedade privada sob a ótica do sistema competitivo Veblen salienta que, assim como todos os outros fatores habituais, a organização industrial também apresenta-se como um reflexo da cumulatividade do passado. Sendo assim, desenhado o cenário anterior, Veblen destaca que com o advento da economia industrial as perspectivas de retornos passam a ser cada vez mais individualizadas e voltadas a ganhos pecuniários. E, em mesmo sentido, os negócios passam a representar características de grandes empreendimentos voltados a produção e resultados em escala, sob a tutela dos capitães da indústria e sua busca por ganhos próprios.

Segundo Veblen, é difícil identificar e determinar o momento exato da mudança da propriedade privada pacífica para sua configuração em um sistema competitivo. Porém, o autor salienta parecer haver forte conexão entre o início da manufatura e a ascensão industrial

em seu sentido mecânico. Afinal, através de ambas as características inicia-se a possibilidade da criação de diferenciações em produtos e em estrutura produtiva, desse modo, viabilizando a competição sistematizada nestes termos. Ainda mais especificamente sobre estas características e a culminação de um sistema competitivo, Veblen salienta que a manufatura em seus estágios iniciais teve o papel de regulação de um trabalho eficiente, critério fundamental para se fundamentar um sistema competitivo de produção.

Entre os resultados desta nova lógica de organização industrial estaria a já comentada diferenciação e distanciamento entre os mestres da indústria e a realidade produtiva. Contrariamente ao caso da manufatura em estágios anteriores, em que o dono da matéria prima e da força produtiva eram o mesmo indivíduo na aplicação de alguma atividade laboral, neste novo cenário de propriedade privada e acumulação de riqueza em uma ótica pecuniária, os donos das matérias primas e das condições de produção estão completamente deslocados da realidade produtiva, buscando somente os retornos pecuniários e o ócio conspícuo. Tal desconexão com a realidade produtiva faz com que, segundo Veblen, os próprios capitães da indústria percebam a ineficiência de seu gerenciamento. Visando a solução para esta questão, estes iniciam, então, o processo de “engenharia de eficiência”, em que são designadas funções de maestria contábil e de gerenciamento, buscando por reduções de desperdícios, aumento de preços e domínio de elementos comerciais; sendo que todos estes elementos são tidos em termos de preços e percentuais e não em termos processuais/tecnológicos.

Estas novas atribuições, mais uma vez, delatam a característica de divisão e especialização do trabalho. Segundo Veblen, e tendo em mente o processo evolucionário proposto pelo autor, estas alterações não seriam o resultado de um processo aleatório, mas sim teriam sido condicionadas pela cumulatividade de eventos na nova realidade industrial. Ainda sobre este tema, Veblen ([1914] 2018, 213) salienta:

Presently, as the technological situation gradually changed its character through extensions and specialization in appliances and processes – perhaps especially through changes in the means of communication and the density of population – the handicraft system with its petty trade outgrew itself and broke down in a new phase of the pecuniary culture. The increasingly wide differentiation between workmanship and salesmanship grew into a “division of labor” between industry and business, between industrial and pecuniary occupations – a disjunction of ownership and its peculiar cares, privileges and proficiency from workmanship. By this division of labor, or divergence of function, a fraction of the community came to specialize in ownership and pecuniary traffic, and so came to constitute a business community occupied with pecuniary affairs, running along beside the industrial community proper, with a development of practices and usages peculiar to its own needs and bearing only indirectly on the further development of the industrial system or on the state of the industrial arts.

Por óbvio, estas distinções laborais levaram a uma divisão cada vez mais intensa entre as atividades produtivas e as atividades gerenciais e comerciais. Sendo que as últimas tiveram o foco em especializarem-se na eficiência pecuniária. Este último ponto, segundo Veblen, seria a principal característica da era dos negócios: a suprema dominância dos princípios pecuniários, tanto em eficiência quanto em conduta.

Tecidas e ponderadas as considerações sobre o sistema competitivo, Veblen ainda o sumariza em características que o definem em um sistema pecuniário sob a tutela do instinto de trabalho eficiente e tendo em vista o processo de acumulação do conhecimento tecnológico. Segundo o autor, estas características podem ser resumidas em nove pontos, a saber: (i) trata-se de um sistema competitivo baseado na propriedade privada nos termos da paz e da ordem; (ii) é um sistema baseado em preços; (iii) tecnologicamente é um sistema dominado pela indústria mecânica; (iv) o consumo é padronizado e também apresenta traços competitivos, uma vez que trata-se de um sistema de preços dependente de dinheiro; (v) são indústrias baseadas na produção de larga escala; (vi) os equipamentos materiais desde planta industrial até recursos naturais, são de propriedade privada; (vii) o conhecimento tecnológico é conhecido amplamente pela comunidade, porém em alguns casos apresenta domínio somente por parte dos indivíduos treinados e especializados em funções específicas; (viii) os donos dos equipamentos e recursos têm o controle discricionário da proficiência tecnológica em ampla escala; e, (ix) os donos dos equipamentos e recursos também detêm a capacidade laboral da comunidade e usufruem do estado da arte industrial.

Finalizando, Veblen ainda comenta as características emulativas que emergem desta nova lógica produtiva baseada na competição e pecuniaridade. Segundo o autor, é possível notar a elevação nas tensões laborais, principalmente visando a eficiência e o mérito. E, em mesmo sentido, pode-se também observar o direcionamento das plantas industriais em direção ao estabelecimento de grandes empreendimentos “*business enterprises*”. Esta última consequência resulta em mudanças drásticas na manutenção do conhecimento tecnológico e no modo de se produzir. Ambas as perspectivas trazidas neste último parágrafo serão melhor trabalhadas nas próximas duas sessões, de acordo com o trato dado por Veblen ao tema.

#### **4.2.6. The era of handicraft**

Veblen argumenta que com a ascensão da lógica da propriedade privada em um sistema competitivo as relações industriais passam a se alterar, não só no que se refere a produção, mas também no que se refere ao consumo e ao comércio. Segundo o autor, as sociedades cristãs da Europa foram as que conseguiram fazer a passagem para a manufatura com maior facilidade. Esta facilidade teria sido possibilitada por características desta comunidade durante a era das trevas, como por exemplo, o abandono da lógica feudal, a manutenção de direitos e a característica quase pacífica. Em mesmo sentido, com a intensificação da lógica de precificação a estrutura de uma sociedade em termos monetários passa a ascender ainda mais rápido. Dentre outras características advindas junto com a lógica de precificação, a mais marcante, segundo Veblen, seria a emergência de uma noção de preço justo. E, conforme já comentado, em síncrono com o advento do sistema industrial, esta lógica de precificação seria o principal motor de promoção às relações pecuniárias.

Segundo Veblen, a mudança de um sistema baseado na produção artesanal para a produção de manufatura se deu pelo avanço tecnológico e pelos altos investimentos necessários. Esta nova situação do estado da arte industrial fez com que elevados níveis de investimentos fossem necessários para viabilização de plantas produtivas. Desse modo, segundo o autor, surge a situação de mestres-empregados e comércio. Por óbvio, esta nova situação reestabelece as habituações dos indivíduos que agora adaptam-se em instituições voltadas as rotinas laborais do dia-a-dia. Dentre estes novos hábitos, Veblen destaca a ascensão dos incentivos ao desenvolvimento de novas habilidades, iniciativa e aplicação de treinamentos individuais, melhoramento de relações humanas e etc. Veblen destaca também a ascensão e lapidação das formações habituais voltadas as perspectivas individualizadas de bem-estar e prosperidade.

Até este ponto do desenvolvimento tecnológico, o conhecimento necessário ainda era pouco desenvolvido e apresentava-se de forma bastante simples e óbvia. Segundo Veblen, este conhecimento estava diretamente baseado em uma rotina de trabalho e possível de obtenção através de desenvolvimento pessoal com treinamento breve. Porém com o advento da era da manufatura, as lógicas de trabalho passam a ser pautadas nas percepções processuais, mecânicas e baseadas na força física. Em um primeiro momento as pessoas ligadas a realidade produtiva seriam tocadas por esta nova lógica. Posteriormente, através do compartilhamento de hábitos, estes seriam passados para os demais membros da sociedade.

Sendo assim, dado determinado período de tempo, haveria uma reformulação dos hábitos de pensamento de toda a sociedade através do estabelecimento desta nova lógica produtiva<sup>117</sup>.

Todas estas novas habituações somam ao processo de causações cumulativas em prol do reestabelecimento da sociedade mediante suas novas demandas. Veblen argumenta que este processo de mutações habituais neste período da manufatura fora essencial ao processo de criação surgido durante o período posterior na era das máquinas industriais. Dentre alguns exemplos, o autor comenta, por exemplo, o surgimento da máquina a vapor. Este exemplo surge, pois segundo Veblen, apresenta a característica temporal necessária para o estabelecimento das inovações, uma vez que as máquinas a vapor já eram utilizadas em outros processos não industriais. Porém, com o advento das lógicas processuais, observou-se a possibilidade de atrelá-la a finalidade produtiva através do movimento mecânico, das massas, velocidade, forças e etc. Por óbvio, quanto mais constantes e significativos forem os avanços no campo tecnológico, maior serão os resultados no estoque de conhecimento. Conseqüentemente, maior conhecimento técnico estará disponível para o desenvolvimento de novas tecnologias e assim, tornando o processo de ganhos tecnológicos acentuado através de sua própria cumulatividade.

Concomitantemente ao crescimento da complexidade advindo da era da manufatura, as lógicas produtivas e, portanto, de custos, também apresentam demandas gerenciais mais complexas. Sobre este ponto, Veblen comenta a emergência da contabilidade através de uma faceta “engenheira” em busca da eficiência e como antecessora da estatística neste mesmo sentido. Ainda segundo o autor, o aumento das relações contábeis pode também ser vislumbrada como um reflexo da adesão ao sistema de precificação. Afinal, em síncrono aos incrementos de complexidade na indústria manufatureira, o estabelecimento de um sistema de preços passível de regulação, manutenção e mensuração é essencial para os objetivos pecuniários ali emergentes. Sendo assim, a emergência de um sistema de preço fez com que os avanços da indústria pudessem ser realizados, principalmente como mensuradores essenciais na lógica contábil. Outro ponto bastante relevante trazido por Veblen diz respeito ao desvencilhamento da lógica antropomórfica da produção através do sistema de precificação e contabilidade. Afinal, agora o processo produtivo passa a apresentar suas próprias regras de conduta com base em um sistema de custos e receitas mensuráveis e controláveis. Segundo o autor, esta redução dos fatos de observação para termos quantitativos e objetivos teriam sido

---

<sup>117</sup> Veblen comenta que a ascensão de uma classe produtiva durante a era da manufatura teria ascendido também uma consciência voltada ao reconhecimento de suas peculiaridades. Desse modo, Veblen argumenta que o próprio instinto de trabalho eficiente atua como potencializador deste sentimento de classe, fazendo distinções entre aqueles que fazem parte da realidade produtiva e aqueles que não fazem.

possíveis de se vislumbrar principalmente durante os últimos estágios da era da manufatura, já em processo de início da era das máquinas industriais.

Segundo Veblen, não por acaso a Inglaterra despontou no estado da arte industrial durante a era da manufatura. Na perspectiva do autor, a história Inglesa em seus anos de exploração naval e conquistas territoriais foram essenciais na incorporação e aprendizado de novas atividades e novos conhecimentos tecnológicos. E, em mesmo sentido, devido ao princípio da causação cumulativa, também foi a nação que apresentou de maneira mais propícia o advento da revolução industrial. Por apresentar-se como principal emancipadora da era da manufatura em sua realidade produtiva, a Inglaterra também apresentou grandes reflexos em seu meio científico sendo, por muito tempo, o lar de grandes intelectuais da época, não só no que se refere a rotina industrial, mas também no ramo das ciências humanas, como por exemplo, na filosofia. Uma das explicações de Veblen a este fenômeno refere-se a crescente ligação entre a ciência em seu desenvolvimento material e o estado da arte da indústria inglesa.

Este fenômeno científico/acadêmico pode ser observado, segundo Veblen, como um processo de generalização de conhecimentos entre áreas distintas. Segundo o autor, a ascensão e o sucesso da manufatura possibilitou que suas lógicas processuais e de ordem natural passassem a serem vislumbradas também em outros contextos de conhecimento, muitas vezes atuando como uma forma de paradigma no estado da arte da ciência como um todo. Sendo assim, Veblen argumenta que através do desenvolvimento da ciência moderna nesta lógica de causação, houve o reconhecimento e desenvolvimento científico não só em termos de trabalho eficiente, como também em uma eficiência artesanal. Segundo o autor, foi exatamente esta mescla de percepções que viabilizou o desenvolvimento de máquinas que viriam a ser os principais expoentes da era posterior do estado da arte industrial.

Tecendo comentários ainda mais genéricos sobre o período da era da manufatura, Veblen destaca que, politicamente, esta pode ser interpretada como a era da formação dos Estados. Segundo o autor, este comentário justifica-se principalmente através da fundamental posição e atuação dos Estados nos processos de desenvolvimento industrial, principalmente no que se refere ao estabelecimento e garantias voltadas ao tamanho da população, meios de comunicação, proteções territoriais e negociações internacionais. Teria sido somente após o período de dependência e emancipação dos negócios em seus termos privados que as iniciativas não Estatais passariam a ter suas atenções voltadas as finalidades pecuniárias de emulação e poder.

Esta lógica privada voltada a finalidade pecuniária atuou não só na acumulação da riqueza por parte dos mestres da manufatura, como também auxiliou no processo de especialização e eficiência da indústria. Afinal, através destes diferenciais tecnológicos buscar-se-iam retornos extraordinários que auxiliariam no processo emulativo de finalidade pecuniária. Em mesmo sentido, as elevações nos níveis de vida possibilitariam a estabilização dos níveis de subsistência, permitindo a emancipação de um instinto criativo e curioso associado ao trabalho eficiente no que se refere a promoção de novas tecnologias e novas possibilidades. Consequentemente, passa a ser possível notar diferentes percepções teológicas e filosóficas atuando nas comunidades, principalmente pautadas em conceitos de direitos naturais e liberdade natural. Sendo que estes últimos argumentos seriam aqueles que, segundo Veblen, viriam a viabilizar e fundamentar as teorias legais modernas.

#### **4.2.7. The machine industry**

Conforme visto no desenvolvimento e formatação da era da manufatura, grande parte das condições necessárias para a institucionalização de uma indústria cada vez mais presente na vivência dos indivíduos foi consolidada na sociedade inglesa. Segundo Veblen o processo revolucionário de alteração no estado da arte industrial – vulgo revolução industrial – pode ser observado como um reflexo do período tecnológico da Inglaterra durante o terceiro quarto do século XVIII. Sobre este ponto, Veblen comenta ainda que o capitalismo não emergiu como uma coincidência em concomitância com a revolução industrial, mas sim foi um reflexo direto de uma nova forma de produção. Sendo que esta nova forma de produção desempenhou papel fundamental no desenvolvimento e prosperidade da manufatura, na ascensão da econômica de crédito, no gerenciamento capitalista da indústria, e no conhecimento tecnológico voltado ao desenvolvimento de máquinas.

Sob esta nova perspectiva e lógica de estruturação social, Veblen argumenta que há um acentuado processo de fusão entre a tecnologia e a ciência, ao menos no que se refere ao desenvolvimento de novos conhecimentos com objetivos produtivos. Dentre as novas características resultantes desta fusão, Veblen destaca as novas percepções do processo produtivo, pautado na mecânica e apreciação processual, caracterizando-se por ser não teleológico e desapaixonado por parte de seus produtores/executores. Mesmo frente a persistente existência de esforços físicos e mecânicos, estes atributos produtivos passam a mesclarem-se ainda mais com as atribuições de crescimento, fermentação e sistemas

industriais. Segundo Veblen, todos estes aprimoramentos tecnológicos auxiliaram em tornar o processo produtivo ainda mais impessoal, mensurável e sem “mistérios”.

Conforme visto, em períodos de conhecimento tecnológico escasso e menos diversificado, os trabalhadores tinham papel chave no desenvolvimento das atividades produtivas. Porém, com o advento das tecnologias industriais tecno-mecânicas, o papel do trabalhador é cada vez mais o de tutor das máquinas que desempenham a função que antes era de sua responsabilidade. Sendo assim, Veblen pontua que, cada vez mais, a inteligência e a informação fazem parte do conhecimento tecnológico e das demandas da realidade produtiva. Desse modo, há a necessidade de que os trabalhadores dediquem-se cada vez mais a suas respectivas especializações e façam parte dos ganhos de conhecimentos concernentes ao estado da arte industrial. Afinal, através do aumento da complexidade produtiva, nota-se também um crescimento na necessidade de preparação para o desempenho de atividades industriais.

Outra consequência bastante considerável, segundo Veblen, seria as readequações de vida dos indivíduos em suas novas lógicas laborais. Afinal, com o advento da indústria mecânica em seu sentido mais amplo, emergem também as novas percepções produtivas, associadas a turnos fabris e ao gerenciamento de tempo. Sendo assim, Veblen pontua que a vida moderna passa a ser regida pelos relógios dos trabalhos e pela disciplina. Consequentemente, conforme já comentado em outros momentos, neste novo estágio da organização industrial também ocorrem uma série de alterações nos hábitos de pensamentos em direção à lógica industrial moderna.

No que se refere às inovações e ao aprimoramento do conhecimento tecnológico, Veblen é bastante incisivo no destaque de que não só a lógica produtiva apresentou-se alterada, mas também as formas de consumo foram consideravelmente modificadas. Através desta consideração, o autor tem em mente apresentar as novas características de consumo e “necessidade” que emergem juntas as novas formas produtivas em uma sociedade organizada através da emulação pecuniária. Sobre este ponto Veblen comenta que a invenção muitas vezes atua como a mãe da necessidade, principalmente no que se refere às facilidades do dia-a-dia e nos ferramentais de trabalho. Em mesmo sentido, Veblen também destaca o primordial papel desempenhado, desde então, das funções de publicidade e propaganda no estado da arte industrial. Afinal, agora não só as inovações surgem frente às suas demandas, mas também as inovações surgem como desejadas mesmo sem nunca antes terem sido imaginadas.

Sobre este ponto, deve-se salientar o importante papel das máquinas industriais e o estabelecimento da produção em série como os principais viabilizadores deste capitalismo de

consumo baseado na emulação pecuniária. Em termos gerais, as novas possibilidades produtivas, em síncrono com as novas demandas pecuniárias de exibição e emulação, fazem com que as novas lógicas de estruturação social redesenhem as perspectivas de consumo. Exatamente este seria o papel da publicidade como desenvolvedora e principal caracterizadora deste estado da arte industrial. Afinal, possibilitar a produção, a velocidade inovativa e as necessidades de consumo nos termos em que a partir deste ponto são desempenhados, somente seria possível frente a novas instituições viabilizadas por este novo estado da arte industrial.

Esta nova forma de vida institucionalizada pelos hábitos de pensamento de uma indústria mecânica e voltada ao consumismo, levaria os indivíduos a uma reestruturação de vivência. Esta reestruturação de vivência, concomitante ao conservadorismo dos hábitos de pensamento fariam, segundo Veblen, com que surgissem formas saudosistas de lembranças do passado. Segundo o autor, este saudosismo seria travestido, principalmente, pela busca da “vida simples” ou então pelo “retorno a natureza”. Porém, em última instância, estes sentimentos seriam uma resposta conservadoras às novas rotinas industriais, pela perspectiva de Veblen. Concomitantemente à estes sentimentos saudosistas de origem conservadora, os avanços tecnológicos permitiram com o passar do tempo, o advento das máquinas e a desconexão parcial dos indivíduos com a realidade produtiva. Esta reestruturação teria viabilizado a formatação de hábitos de pensamento intermediários referentes a esse sentimento de futilidade relacionado à indústria moderna. Afinal, sob os protestos da artificialidade de uma vida industrial voltada a finalidades produtivas, uma série de características surgem como viabilizadoras de uma qualidade de vida moderna e adequada as novas demandas industriais. Um dos principais exemplos de Veblen neste sentido seria o advento das férias e demais institucionalizações laborais voltadas ao bem-estar do trabalhador e ao afago de suas necessidades privadas.

De forma a concluir, Veblen volta a comentar as características de sobreposição entre a era da manufatura e a era das máquinas industriais. Esta sobreposição seria o resultado do processo de cumulatividade, tanto do conhecimento tecnológico quando dos hábitos de vida que viriam a viabilizar esta última lógica produtiva. Veblen apresenta estes períodos como fornecedores de mudanças rápidas e significativas nas perspectivas de vida e na ascensão de novas possibilidades produtivas. Esta velocidade e significância seria o resultado das novas características da sociedade, assim como pelo estoque de conhecimento cada vez maior em quantidade de informação e em complexidade de funções. Desse modo, novas e mais significativas mutações apresentam-se como possíveis no estado da arte industrial.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E DESENVOLVIMENTOS FUTUROS

O recorte delatado no título desta obra comprova-se como de grande ambição e elevada complexidade. Entender à Thorstein Veblen identificando e pontuando elementos de suas influências, críticas e contribuições, apresentou-se extenso e demasiadamente complexo. Porém, ao revisitar os objetivos almejados no capítulo 1 – voltado às considerações introdutórias – este esforço de compilação, análise, resumo e reflexão mostra-se bastante feliz na obtenção de resultados.

Ao voltar às atenções à contribuição de Veblen na ascensão evolucionária da teoria econômica, principalmente através de sua adaptação epistêmica, metodológica e teórica, pode-se observar gigantesca consistência ao longo de sua carreira. Tal consistência firma-se, principalmente, em uma estruturação científica fundamentada na interdisciplinaridade do conhecimento humano sobre seus assuntos de cunho social e econômico. Através deste atrelamento, Veblen foi capaz de desempenhar importante papel de convergência entre distintas correntes teóricas do conhecimento científico em seu estado da arte. Tanto nas obras da filosofia pragmática clássica – com seus escritos voltados à incipiência da psicologia – quanto no firmamento paradigmático originário do darwinismo, pautado no processo de causação cumulativa, Veblen apresentou satisfatório e devidamente estruturado caminho teórico em suas contribuições para a ciência econômica evolucionária.

Conforme já comentado nas considerações introdutórias, a estruturação deste trabalho, como procedimento de pesquisa, atua de forma casada aos objetivos e anseios aqui almejados. Com base nesta colocação, abaixo seguem algumas considerações finais com o designo de sumarizar as execuções deste trabalho. Na sequência, também serão apresentadas algumas considerações sobre potenciais desenvolvimentos futuros baseados neste trabalho.

### 5.1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capítulo 2, voltado ao entendimento biográfico, de contexto pessoal, científico e também de influências, fica evidente a trajetória ímpar de Veblen. Nota-se que sua vida pessoal conturbada apresenta papel de pivô na alocação profissional do autor (Jorgensen e Jorgensen 1999). Sendo assim, pode-se observar que a trajetória acadêmica de Veblen, em seu sentido formal, se apresentou repleta de contratempos e mudanças repentinas. Em certa medida, pode-se ter a impressão de que Veblen teve em sua vida pessoal e emocional, momentos de conturbação, tristeza e introspecção. Tal identificação parece verdadeira e já

mencionada anteriormente em análises biográficas acerca de Veblen, como quando Hodgson (2004) argumenta a produção do autor parece convergir com as conturbações de sua vida pessoal; atuantes como fuga para Veblen.

Também fica evidente a voracidade da curiosidade de Veblen através de seu consumo das mais variadas obras literárias de seu tempo, desde romances como o de Edward Bellamy, que colocou Veblen em contato com questões de cunho social e econômico, até as mais distintas áreas do conhecimento científico. Justamente esta sede de conhecimento do autor foi a responsável pelas fundamentais distinções feitas sobre o inquérito científico da ciência econômica. Esta assertiva prova-se como verdadeira quando observadas as tentativas de Veblen (1898) em convergir perspectivas teóricas de diferentes áreas do conhecimento, como a psicologia e a etnologia, em sua teorização econômica. Por este motivo, Veblen (1898) ateu-se ao cenário paradigmático que naquele período moldava-se através das perspectivas evolucionárias, em específico com associação a Charles Darwin.

Tanto a interdisciplinaridade teórica quanto a adaptação epistêmica em prol de uma perspectiva evolucionária, levaram Veblen à construção de uma obra voltada a entendimento e análise dos processos de causação cumulativa, sempre frisando a desconexão de perspectivas teleológicas e animistas. Em seu constructo, a teoria vebleniana apresenta elementos fundamentais como os hábitos, os instintos e as instituições que, por sua vez, representam o resultado das influências da incipiente psicologia em Veblen (1898; [1906] 1919). Nestas influências, nota-se importante o papel da filosofia pragmática clássica em seu anseio à busca de estabelecimento de um inquérito científico baseado nas vias de fato – conforme já delatado pelo nome da escola – através de respostas pragmáticas ao pensamento científico. Exatamente neste ponto que repousam as bases psicológicas da teoria de Veblen, principalmente no que tange a influência de John Dewey, e o estabelecimento de um método pragmático de inquérito científico através da causação cumulativa de William James. Conforme visto, esta associação filosófica em Veblen parece ter sido em grande parte instigada e fomentada em seus momentos iniciais pelas aulas ministradas por Charles Pierce na Universidade John Hopkins.

Ciente que interdisciplinaridade *per se* não estabelece traços de ligações teóricas, Veblen teve o papel fundamental de dialogar as diferentes prerrogativas do conhecimento científico, em suas diferentes consonâncias, em prol de uma análise econômica. Em tom e objetivos extremamente divergentes ao da ciência econômica de seu tempo, Veblen apresenta seu olhar evolucionário de faceta antropológica ligada a elementos psicológicos e de organização social, como uma sacudida às frágeis estruturas epistêmicas, metodológicas e

teóricas de seus contemporâneos colegas economistas (Veblen, 1899a; 1899b; 1900). Apresentando sua teoria majoritariamente através de casos aplicados, como por exemplo, *The Theory of the Leisure Class*, em que almeja o entendimento de uma sociedade estratificada por classes e regida por uma classe ociosa, Veblen municia em relevância os estudos de seus elementos de análise – os já citados hábitos, instintos e instituições. Afinal, tamanha amplitude da cobertura teórica vebleniana atua como acionadora das curiosidades daqueles que vislumbram a esta nova forma de se fazer a ciência econômica; uma ciência econômica evolucionária.

Sendo assim, a disseminação da perspectiva vebleniana acerca da ciência econômica, emerge em sua magnitude para além da reciclagem de velhos elementos taxonômicos da ciência econômica pré-darwiniana. Deste ponto em diante, através das contribuições do autor, a análise econômica pautar-se-ia no entendimento dos comportamentos dos indivíduos através do condicionamento dos instintos pelos hábitos. Por sua vez, através da socialização destes elementos habituais, surgiriam as instituições. Logo, nota-se o fundamental papel deste processo de causação cumulativa na explanação teórica de Veblen.

Veblen ([1906] 1919) define os hábitos como propensões socialmente adquiridas de pensamento e conduta que dividem-se, portanto, em duas categorias: os hábitos de pensamento e os hábitos de vida. Os hábitos de pensamento atuam a nível cognitivo, auxiliando os indivíduos em suas deliberações hodiernas de acordo com as matrizes socioculturais da comunidade em que estes estão inseridos. Já os hábitos de vida representariam as propensões comportamentais associadas à conduta e à ação. Os instintos, por sua vez, apresentam-se como propensões comportamentais muito mais arrigadas nos indivíduos, porém não devem ser confundidos com impulsos tropismáticos. Pois, em termos gerais, os instintos seriam hábitos antigos fortemente enraizados que representariam, portanto, traços arcaicos de comportamento aprendido. Deve-se frisar que os instintos desempenham uma característica teleológica do comportamento, uma vez que são direcionados a uma finalidade em específico. Porém, cabem aos hábitos – tanto de pensamento quanto de vida – o condicionamento destas propensões instintivas. As instituições, por sua vez, seriam a representação dos hábitos socialmente compartilhados. Sendo assim, a generalização de comportamento e de pensamentos atua no cotidiano dos indivíduos através do papel de instituir deliberações, condutas e ações.

Exatamente na prerrogativa acima esboçada é que se expressam os elementos de cunho evolucionário na teoria de Veblen. Afinal, a teoria vebleniana pauta-se na abordagem institucional-evolucionária – conforme frisa Monasterio (1998) – em que esses elementos

apresentam seletividade adaptativa. Conforme visto, esta seletividade ocorre em diferentes níveis, respeitando as características de cada um dos elementos teóricos. Os hábitos seriam aqueles que apresentariam a seletividade em uma frequência mais recorrente, devido a seus ciclos de provação sucederem-se na velocidade das alterações da vida material. Deve-se salientar que os hábitos apresentam enraizamento na cognição dos indivíduos, portanto, mesmo que estejam sujeitos a seletividade adaptativa, os indivíduos tentem a preservar suas inclinações habituais. Já os instintos, através de sua característica ainda mais enraizada, apresentariam seletividade em frequência menos recorrente devido aos longos ciclos de provação necessários para sua exclusão e/ou aderência.

Em termos gerais, portanto, a perspectiva institucional-evolucionária é capaz de apresentar explicações satisfatórias não só dos processos de mudança e de socialização habitual entre os indivíduos, mas também tem a capacidade de traçar argumentos de elevada importância na justificativa do conservadorismo, tanto de comportamento quanto de pensamento. Essa passagem fica melhor evidenciada quando contrastada com a associação biológica do processo evolucionário que pauta-se na luta pela existência (Hodgson 2004). Sendo assim, mesmo sujeitos à seletividade adaptativa, os elementos teóricos de Veblen apresentariam enraizamentos cognitivos que atuariam como desaceleradores das alterações instintivas, habituais e, institucionais. Desse modo, os indivíduos estariam imersos em mudanças de mundo material, demandadoras de alterações habituais e, portanto, institucionais, mas ao mesmo tempo estariam fortemente condicionados a manutenção de pensamentos e comportamentos já estabelecidos.

Conclusivamente, visando à compilação dos principais pontos presentes no capítulo 2 deste trabalho, notam-se as seguintes pontuações: (i) Veblen apresentou vida pessoal conturbada com impactos em sua vida profissional; (ii) Veblen apresentou forte influência de perspectivas evolucionárias na ciência, principalmente através de Darwin; (iii) Tal influência evolucionária atuou como motivadora de Veblen na busca por uma readequação epistêmica na ciência econômica, pautada no processo de causação cumulativa; (iv) O processo de causação cumulativa na teoria vebleniana apresentou influência fundamental da filosofia pragmática clássica, principalmente de Charles Peirce, John Dewey e William James; (v) A partir desta influência Veblen construiu e apresentou sua teoria através de um estudo histórico e antropológico pautado nos instintos, hábitos e instituições; e, por último, mas não menos importante, (iv) Veblen estabeleceu a teorização evolucionária através da noção de seletividade adaptativa dos instintos, hábitos e instituições, no curso da história.

No capítulo 3, quando Veblen é apresentado através de suas críticas aos economistas contemporâneos ao seu tempo, mais uma vez fica evidenciada as insatisfações do autor para com o jeito de se fazer a ciência econômica. Em todos os seus textos críticos, fica bastante claro que estas insatisfações não pautam-se somente em divergências teóricas e metodológicas a respeito dos objetos de estudo da ciência econômica, mas também representam uma faceta ainda mais fundamental da formalização científica da economia: a divergência epistêmica. Esta crucial divergência de Veblen em relação ao constructo científico da economia, conforme já vimos e possível de se inferir, encontra-se diretamente relacionado com o objetivo evolucionário do autor. Na percepção de Veblen (1899a; 1899b; 1900), entender a economia através de um processo de causação cumulativa que apresente elementos teóricos convergentes com a perspectiva da seleção adaptativa no curso da história e justificasse as formações sociais e econômicas, seria de fundamental importância. Afinal, Veblen via a recorrente e intensificadora desconexão entre a teorização da economia pré-evolucionária, e as demais correntes das ciências humanas e sociais.

Contemporaneamente a Veblen, três principais correntes do pensamento representavam a pluralidade econômica: a economia neoclássica, o historicismo alemão, e o socialismo científico de Karl Marx e seus seguidores, os marxistas. Visando a identificação das críticas e considerações de Veblen sobre estas correntes do pensamento econômico, foram selecionados textos voltados a importantes representantes destas escolas. No caso da economia neoclássica, importantes textos de crítica às concepções econômicas, principalmente de Alfred Marshall, foram utilizados como base e, em mesmo sentido, também é analisada a crítica de Veblen direcionada à utilidade marginal de John Bates Clark. No caso do historicismo alemão, um importante texto crítico de Veblen sobre Gustav Schmoller é utilizado como base. E, por último, no caso de Marx também são analisados dois textos sequenciais a respeito do autor e dos desdobramentos de sua teoria por terceiros.

Inicia-se as análises críticas de Veblen em relação à Marshall e Clark não de maneira aleatória, mas por representarem exemplificações do grande embate ocorrido entre neoclássicos e institucionalistas no fim do século XIX e início do século XX. Conforme visto, as críticas de Veblen pautam-se principalmente aos elementos teóricos de ordem pré-evolucionária, principalmente associados à teleologia e ao animismo. Segundo Veblen, esta utilização anacrônica de elementos paradigmáticos, faz com que as contribuições neoclássicas estivessem desassociadas da análise do processo de causação cumulativa e, ao mesmo tempo, mostrassem-se fortemente aderente às necessidades taxonômicas. Em última instância, através destas características epistêmicas, Veblen argumenta que a escola neoclássica estaria

associada a percepções equivocadas de equilíbrio e autodeterminação. Por óbvio, a teorização destes elementos faz com que haja uma brusca desconexão entre a realidade e as pressuposições axiomáticas necessárias.

Veblen (1900) argumenta também que, devido às características pré-evolucionárias de ordem teleológica e animista presentes na teorização neoclássica, importantes elementos relacionados à socialização humana ficam ausentes das contribuições dessa escola do pensamento econômico. Um dos principais pontos debatidos por Veblen (1908) sobre esta questão, foi a interpretação de Clark acerca do comportamento humano como racional e direcionado a maximizações de suas satisfações através do conceito bastante abstrato da utilidade marginal. Sendo assim, Veblen via no discurso neoclássico enorme debilitação ao inquérito científico evolucionário, conforme era de objetivo do autor. Ao contrário daquilo que Veblen buscava em seus anseios para a ciência econômica, no caso neoclássico vislumbrar-se-ia uma perpetuação de formas arcaicas de construção científica, principalmente, pautadas em seus antecessores da escola clássica.

No caso do historicismo alemão, em específico no que se refere às contribuições de Schmoller, Veblen (1901) parece tecer críticas mais brandas no sentido de reconhecer a parcialidade dos avanços da escola histórica. Segundo o autor, através da apreciação da história e de eventos de desencadeamento cumulativos, os historicistas foram aqueles que chegaram mais próximos de desenvolver uma ciência econômica evolucionária. Porém, ainda assim, Veblen delata a contaminação dos elementos teóricos com preconceções de ordem pré-evolucionária, principalmente através de generalizações de filiação arbitrária e normativa. Sobre este ponto, Veblen argumenta a forte presença de fundamentos romancistas oriundos da cultura alemã da época, assim como também observa uma forte convergência com elementos de perspectiva hegeliana. Tal combinação no corpo teórico de Schmoller fez com que o autor, segundo Veblen, estabelecesse julgamentos de ordem moral. Sendo assim, Veblen pontua que na perspectiva de Schmoller a análise histórica representava um viés de melhora; de juízo de valor.

Concomitantemente a estas críticas, Veblen também comenta dois períodos distintos de contribuição da escola histórica. O primeiro deles, pautado na descrição e na apresentação empírica de argumentos e dados históricos desconexos de teoria, e o segundo pautado em teorização a respeito da análise histórica, porém, segundo Veblen, ausente da apresentação de um processo de causação cumulativa. Com base nesta segunda crítica, Veblen apresenta sua discordância a respeito das contribuições de Schmoller em sua tentativa de estabelecimento teórico para a escola histórica alemã.

Sobre Karl Marx, as críticas de Veblen (1906; 1907) parecem apresentar considerações muito parecidas às tecidas para a escola histórica germânica. Sobre tal, o próprio Veblen argumenta uma aproximação sociocultural entre as contribuições, delatando, mais uma vez, a forte influência do romancismo alemão e da teorização de Hegel, principalmente no que se refere a sua dialética. Desse modo, Veblen pontua a teoria de Marx como teleológica no sentido de identificação de um resultado final, tida pelo socialista como a luta de classes. Veblen argumenta que esta percepção de Marx seria o resultado imediato da fusão entre a perspectiva do materialismo histórico e a influência da dialética hegeliana pautada na tese, antítese e síntese. Precisamente neste ponto Veblen argumenta a incapacidade de percepção evolucionária da teoria de Marx. Afinal, em seu âmago, os processos desencadeados através do materialismo histórico apresentariam contaminação teleológica de direcionamento melhorativo.

Sendo assim, em Marx a elaboração epistêmica e metodológica de suas contribuições está diretamente desassociada das intenções evolucionárias de Veblen. Seria este um dos principais pontos críticos à Marx em sua dificuldade na apresentação de um processo de causação cumulativa, segundo Veblen. Tal questão sobre o constructo teórico de Marx permaneceria em debate posteriormente através dos desenvolvimentos marxistas – de seguidores de Marx. Porém, como Veblen salienta, a busca pela adaptação epistêmica visando uma abordagem evolucionária é a responsável pela convulsão teórica dos pressupostos e inferências de Marx, pois nada converge para a percepção melhorativa ou preditiva do curso dos fenômenos socioeconômicos. Ao contrário, segundo Veblen, esta perspectiva mostra-se inconcebível através da perspectiva vebleniana de causação cumulativa institucional-evolucionária.

No capítulo 4, último capítulo de análise e discussão deste trabalho, dedica-se atenção considerável a duas obras autorais de Veblen: *The Theory of The Leisure Class* e *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts*. Conforme pudemos observar, as escolhas destas obras mostram-se bastante consistentes com os objetivos aqui almejados. Afinal, em ambos os livros Veblen apresenta sua teoria econômica evolucionária, pautada no processo de causação cumulativa de instintos, hábitos e instituições. Na primeira obra, de 1899, Veblen apresenta sua perspectiva teórica de modo aplicado, visando o entendimento da formação de uma sociedade estratificada por classes. Já na segunda obra, de 1914, Veblen tem o objetivo mais amplo de fazer uma descrição a nível histórico e antropológico da formação instintiva e habitual dos indivíduos em relação ao estado da arte industrial em cada um dos diferentes

períodos da história. Portanto, nota-se que a observação da mesma teorização em perspectivas contextuais diferentes auxilia no processo de entendimento do pensamento de Veblen.

Em *The Theory of the Leisure Class*, Veblen ([1899] 2009) apresenta de maneira bastante detalhada seu método de construção teórica, iniciando por uma leitura retrospectiva da história da sociedade até seu passado selvagem. Tal construção retrospectiva de eventos auxilia Veblen na explanação acerca da emergência de importantes elementos componentes de seu livro, como por exemplo, a emulação pecuniária, o ócio conspícuo e o consumo conspícuo. Através destes importantes conceitos, o autor inicia sua explicação histórica para a formação de uma sociedade estratificada por classes e regida por uma classe ociosa; a classe superior.

Veblen, portanto, volta suas atenções a aplicar sua teoria ao entendimento da formação de uma sociedade nos supracitados termos. Por óbvio, seus elementos teóricos de cumulatividade e seletividade evolucionária têm papel fundamental na descrição deste processo. Sendo assim, Veblen explora as diferentes características socioeconômicas em suas peculiaridades instrumentais e cerimoniais na formação de uma sociedade industrial-patriarcal de finalidade pecuniária e emulativa. Dentre estas diferentes características encontram-se a instituição da propriedade privada, a fé espiritual, a crença na sorte e a necessidade de se sentir pertencente a um grupo. Em sentido semelhante, Veblen também descreve de que modo o comportamento humano apresenta sua faceta conservadora em relação às mudanças do presente. Desse modo, esta obra mostra-se como fundamental no entendimento das contribuições de Thorstein Veblen ciência econômica evolucionária em seus termos teórico e aplicado.

Em *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts*, os anseios de Veblen voltam-se ao entendimento da formação instintiva e habitual dos indivíduos em consonância com o estado da arte industrial dos diferentes períodos históricos. Para Veblen ([1914] 2018), entender os desdobramentos industriais/produtivos, é fundamental na compreensão do atual estado tecnológico, tanto de produção quanto de conhecimento técnico. Afinal, assim como qualquer outro aspecto instituído, o processo industrial também se desenvolve através do processo de causação cumulativa de instintos, hábitos e intuições. Portanto, entender como cada um destes elementos se desenvolveu no curso da história é imprescindível. Em grande medida, portanto, Veblen parece ter dedicado esta obra à uma perspectiva mais genérica do desenvolvimento social, em específico do desenvolvimento das formas industriais em suas competências de conhecimento e tecnologia.

Para a construção desta sua obra, Veblen estabelece diferenciações entre períodos históricos e seus desencadeamentos no processo produtivo e nas proclividades instintivas e habituais dos indivíduos. Através deste método, Veblen aplica sua teoria a melhor compreender quais foram e de que maneira se desenvolveram as características de cada um dos principais períodos da organização humana como sociedade. Em um primeiro momento Veblen volta-se a observar a contaminação de instintos na tecnologia primitiva, seguido do entendimento do estado da arte industrial no período selvagem. Na sequência desenvolve comentários a respeito das tecnologias na cultura predatória e os impactos da propriedade e do sistema competitivo na produção industrial. Por fim, Veblen comenta a era da manufatura e a era da máquina industrial como as principais viabilizadoras de uma sociedade de características estratificadas e de emulação pecuniária.

Pode ser observado através destas considerações finais que importantes elementos aparecem em elevada recorrência ao longo de todo este trabalho. Epistemologia, método e teoria, mostram-se de fundamental importância, uma vez que para compreender as contribuições de Veblen à ciência econômica evolucionária estes são imprescindíveis – conforme pontuado pelo próprio Veblen. Afinal, não basta que uma teoria apresente-se como evolucionária, mas esta deve também apresentar os elementos metodológicos e teóricos que a justifiquem como evolucionária nos termos do processo não teleológico de causação cumulativa, ocorrente através da seletividade adaptativa.

Ciente da importância destes elementos e ciente da recorrência destes ao longo do trabalho, de maneira bastante sucinta esboça-se o quadro 8, objetivando uma maneira sumarizada de compilação e cruzamento entre estes elementos e os capítulos de desenvolvimento do trabalho. Através deste quadro pode-se observar de maneira bastante ilustrativa a capacidade de Veblen em manter-se centrado em seu objetivo evolucionário, sendo, por muitas vezes, recorrente em seus mais diversos pontos de influência, crítica e contribuição teórica. De maneira conclusiva, portanto, abaixo pontua-se a unidade da construção e das contribuições de Veblen à ciência econômica evolucionária.

Quadro 8 – Cruzamento de Capítulos e Elementos Epistêmicos, Metodológicos e Teóricos

	<b>Biografia, Contexto e Influências</b>	<b>Críticas, Comentários e Considerações</b>	<b>Contribuições Teóricas</b>
<b>ELEMENTOS EPISTÊMICOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação profunda com o evolucionismo darwiniano</li> <li>• Contrariedade à teleologia e ao animismo</li> <li>• Laços estreitados com noções biológicas e psicológicas</li> <li>• Formação em filosofia e economia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não identificação com preposições teleológicas</li> <li>• Não identificação com leituras cartesianas da ciência econômica</li> <li>• Adesão parcial de uma noção materialista da história</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação e aplicação da perspectiva evolucionária</li> <li>• Identificação do caráter multidisciplinar da ciência econômica</li> <li>• Aversão à teleologia</li> </ul>
<b>ELEMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O pensar e o saber são os meios para se chegar às respostas e não as respostas em si.</li> <li>• Psicologia pragmática como apresentadora de um método não teleológico de causação cumulativa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação das situações presentes através de acontecimentos progressos (o passado importa)</li> <li>• A teorização evolucionária deve ser seguida de método não teleológico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação e apresentação de processo de causação cumulativa</li> <li>• Leitura histórica através da epistemologia multidisciplinar</li> </ul>
<b>ELEMENTOS TEÓRICOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação de elementos psicológicos (instintos e hábitos)</li> <li>• Entendimento da socialização de elementos psicológicos como</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Importância de se manter a teoria como uma unidade</li> <li>• Importância de se identificar elementos interdisciplinares convergentes à sua teoria</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação de uma Classe Ociosa</li> <li>• Identificação da emulação pecuniária</li> <li>• Identificação de comportamentos conspícuos de ócio e de consumo</li> </ul>

	<p>institucionais.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O processo evolucionário ocorre através de seletividade adaptativa</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação de padrões de vidas voltados à emulação pecuniária</li> <li>• Identificação de elementos antropológicos formadores e fomentadores da Classe Ociosa</li> <li>• O estado da arte industrial é reflexo das causas cumulativas do conhecimento tecnológico</li> <li>• A propriedade privada e o sistema competitivo foram fundamentais para o estabelecimento da manufatura</li> <li>• A era das máquinas industriais converge em viabilidade com a ascensão pecuniária da sociedade</li> </ul>
--	---	--	--

Elaboração própria

A partir do quadro acima, pode-se observar que os elementos epistêmicos que são compreendidos no capítulo 2, estão voltados à identificação profunda de Veblen com o evolucionismo darwiniano, assim como com noções biológicas e psicológicas. Em mesmo sentido, pode-se observar também o importante papel da dupla formação de Veblen, em filosofia e em economia, que o municia em seus argumentos contrários à teleologia e ao animismo. No capítulo 3, os elementos epistêmicos compreendidos estão relacionados, mais

uma vez, a não identificação de Veblen com as preposições teleológicas e cartesianas da ciência econômica. Pode-se também observar uma concordância ao menos parcial do autor com as noções materialistas da história. Já no capítulo 4, os elementos epistêmicos compreendidos repousam sobre a apresentação e aplicação da perspectiva evolucionária em suas obras apresentadas, assim como através da apresentação da ciência econômica como multidisciplinar. Salienta-se também como elemento epistêmico referente a este último capítulo, a forte aversão de Veblen a interpretações teleológicas da teoria econômica.

Quanto aos elementos metodológicos, pode-se observar que no capítulo 2 estes são representados através das influências de Veblen pautada na filosofia pragmática clássica, em entender que o pensar e o saber são os meios para se chegar às respostas e não as respostas em si. Em mesmo sentido, também é retomada a influência darwiniana do processo de causação cumulativa em caracterizar-se como não teleológico. No capítulo 3, os elementos metodológicos apresentam-se como o reconhecimento por parte de Veblen de que as situações presentes resultam de acontecimentos do passado, delatando o entendimento de que a história importa. Também salienta-se neste capítulo, a interpretação crítica de Veblen em argumentar que a perspectiva evolucionária deve ser pautada em um método não teleológico de causação. Já no capítulo 4, na apresentação de suas obras, Veblen deixa claro os seus aspectos metodológicos não teleológicos de causação cumulativa, assim como o seu método de leitura histórica através da epistemologia multidisciplinar.

Sobre as contribuições e considerações teóricas, nota-se no capítulo 2 a apresentação de importantes conceitos psicológicos na teoria de Veblen, como por exemplo, os instintos, os hábitos e as instituições. Em mesmo sentido, Veblen também aborda a socialização destes elementos psicológicos como institucionais, salientando que estes estão sujeitos ao processo evolucionário de seletividade adaptativa. No capítulo 3, os elementos teóricos pautam-se na identificação da importância de se manter a teoria como uma unidade, assim como de se identificar elementos interdisciplinares convergentes a esta teoria. Já no capítulo 4, importantes conceitos teóricos podem ser observados em ambas as obras trabalhadas, como por exemplo, a emulação pecuniária, o ócio conspícuo, o consumo conspícuo, os hábitos, os instintos e etc.

## 5.2. DESENVOLVIMENTOS FUTUROS

Parece importante que os esforços desempenhados na construção desta obra sejam vislumbrados em uma continuidade. Pois, conforme evidenciado em várias passagens, os objetivos aqui almejados mostraram-se bastante ambiciosos. Descrever a trajetória deste importante pensador, em sua magnitude pessoal e profissional demanda o ajuste e a determinação de recortes para sua viabilização. Desse modo, um dos potenciais desenvolvimentos futuros parece se caracterizar através do estudo e análise de outras obras autorais de Thorstein Veblen. Afinal, sua rica trajetória acadêmica, e o seu fértil período histórico, possibilitou ponderações, comentários e desenvolvimentos teóricos em distintas temáticas na ciência econômica. Mesmo que aqui se tenha atentado àquilo que poderia ser considerado o cerne da teoria institucional-evolucionária de Thorstein Veblen, outras importantes obras do autor não puderam ser em mesma minúcia trabalhadas. Porém, salienta-se que o recorte aqui definido não compromete e nem negligencia os objetivos almejados nesse trabalho. Pelo contrário, o viabilizam uma vez que o melhor sintetiza e define.

Em sentido bastante semelhante, conforme se estuda Veblen, pode-se notar a uma grande pluralidade no seu discurso científico. Essa pluralidade parece delatar a existência de outras influências para além daquelas aqui trabalhadas. Conforme destacado no capítulo 2, a perspectiva evolucionária de Charles Darwin e as contribuições psicologistas da filosofia pragmática clássica não esgotam as influências de Veblen. Conforme identifica-se em citações e interpretações de Veblen, pode-se notar leituras antropológicas e etnológicas muitas vezes comentando o estado da arte destas correntes do conhecimento. Desse modo, complementar ao desenvolvimento desta obra parece importante que estas outras influências também sejam identificadas e trabalhadas em suas características e desdobramentos na teoria vebleniana.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, F. “Revisiting Veblen's "The Theory of The Leisure Class": Pragmatic Philosophy to Understand Conspicuous Consumers's Decision Making.” *XI Congresso Brasileiro de História Econômica e 12ª Conferência Internacional de História de Empresas (ABPHE)*, 2015b.
- Almeida, F. “The Psychology of Early Institutional Economics: The Instinctive Approach of Thorstein Veblen's Conspicuous Consumer Theory.” *Economia*, 2015a: 226-234.
- Blaug, M. *The Methodology of Economics Or How Economists Explain*. Cambridge: Cambridge University Press, [1992] 2006.
- Boyles, M. & Tilman, R. “Thorstein Veblen, Edward O. Wilson, and Sociobiology: An Interpretationn.” *Journal of Economic Issues*, 1993: 1195-1208.
- Branquinho, J. *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos*. Brasília: WMF Martins Fontes, 2006.
- Camic, C., e G. Hodgson. *Essential Writings of Thorstein Veblen*. New York: Routledge, 2011.
- Cavaliere, M. *O Surgimento do Institucionalismo Norte-Americano: Um Ensaio Sobre o Pensamento e o Tempo de Thorstein Veblen*. Belo Horizonte: Tese de Doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais (CEDEPLAR), 2009.
- Cerqueira, H. “O Discurso Econômico e suas Condições de Possibilidade.” *Síntese*, 2001: 391-405.
- Coats, A. “The Influence of Veblen's Methodology.” *Journal of Political Economy*, 1954: 529-537.
- Darwin, C. *A Origem das Espécies*. São Paulo: Martin Claret, [1859] 2014.
- Dawkins, R. *O Gene Egoísta*. São Paulo: Edusp, 1979.
- Degler, C. *In Search of Human Nature: Biology and Culture in American Social science, 1880 to Present*. New York: Oxford University Press, 1991.
- Dewey, J. “Culture and Human Nature.” In: *The philosophy of John Dewey*, por J. McDermott, 679-696. Chicago: The University of Chicago Press, [1939] 1981.
- Dewey, J. “Having an Experience.” In: *The Philosophy of John Dewey*, por J. McDermott, 554-575. Chicago: The University of Chicago Press, [1934] 1981.
- Dewey, J. “Psychology as Philosophic Method.” In: *The Philosophy of John Dewey*, por J. McDermott, 116-136. Chicago: The University of Chicago Press, [1886] 1981.

- Dewey, J. "The Reflex arc Concept in Psychology." *The Psychological Review*, 1896: 357-370.
- Diggins, J. *Thorstein Veblen: Theorist of the Leisure Class*. Princinton: Princeton University Press, 1999.
- Dorfman, J. *Thorstein Veblen and His America*. Clifton: Augustus M. Kelley Publishers, [1934] 1972.
- Dos Passos, J. *The Bitter Drink: A Biography of Thorstein Veblen*. San Francisco: S. & K Grover, 1939.
- Dugger, W. "The Origins of Thorstein Veblen's Thought." *Social Science Quarterly*, 1979: 424-431.
- Dyer, A. "Veblen on Scientific Creativity: The Influence of Charles S. Peirce." *Journal of Economic Issues*, 1986: 21-41.
- Edgell, S., e R. Tilman. "The Intellectual Antecedents of Thorstein Veblen: A Reappraisal." *Journal of Economic Issues*, 1989: 1003-1026.
- Garcia, E. "Pesquisa Bibliográfica versus Revisão Bibliográfica: Uma Discussão Necessária." *Revista Línguags & Letras*, 2016: 291-294.
- Gil, A. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas S.A., 2002.
- Griffin, R. "What veblen Owed to Peirce: The Social Theory of Logic." *Journal of Economic Issues*, 1998: 733-757.
- Guedes, S. "Lei e Ordem Econômica no Pensamento de John R. Commons." *Revista de Economia Política*, 2013: 281-197.
- Hamilton, D. *Evolutionary Economics: A Study of Change in Economic Thought*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1970.
- Hamilton, W. "The Institutional Approach to Economic Theory." *The American Economic Review*, 1919: 309-318.
- Hayek, F. *Individualism and Economic Order*. Chicago: University of Chicago Press, 1948.
- Hodgson, G. "Influence of Economics On Darwinism." In: *The Elgar Companion to Institutional and Evolutionary Economics*, por W Samuels e M. Tool, 129-132. Aldershot: Edward Elgar, 1994.
- . *The Evolution of Institutional Economics: Agency, Structure and Darwinism in American Institutionalism*. Londres: Routledge, 2004.
- James, W. *Pragmatism*. Los Angeles: Indo-European Publishing, [1922] 2009.
- . *The Principles of Psychology*. New York: Cosimo, [1890] 2007.

- Jorgensen, E., e H. Jorgensen. *Thorstein Veblen: Victorian Firebrand*. Armonk: Sharp, 1999.
- Koschmann, T. "The Physiológical an the Social in the Psychologies of Dewey and Thorndike: The Matter of Habit." In: *Fourth International Conference of the Learning Sciences*, por B & O'Connor-Divelbiss, S. Fishman, 314-319. Mahwah: Erlbaum, 2000.
- Landsman, R. "The Philosophy of Veblen's Economics." *Science & Society*, 1957: 333-345.
- Liebhafsky, E. "The Influence of Charles Sanders Peirce on Institutional Economics." *Journal of Economic Issues*, 1993: 741-754.
- Luz, M, e P Fracalanza. "Alfred Marshall e as "evoluções" vitorianas: situando Darwin e Spencer nos fundamentos teóricos do pensamento marshalliano." *Nova Economia*, 2012: 417-450.
- Monasterio, L. *Guia para Veblen: Um Estudo Acerca da Economia Evolucionária*. Pelotas: EDUFPEL, 1998.
- Neal, W. "Institutions." *Journal of Economic Issues*, 1987: 1177-1206.
- Peirce, C. "How To Make Our Ideas Clear." In: *Pragmatism, Old & New*, por S. & Lane, R. Haack, 127-150. New York: Prometheus Books, [1878] 2006.
- Peirce, C. "The Fixation of Belief." In: *Pragmatism, Old & New*, por S. & Lane, R. Haack, 107-126. New York: Prometheus Books, [1877] 2006.
- Reinert, E., e F. Viano. *Thorstein Veblen: Economics For An Age of Crises*. New York: Anthem Press, 2012.
- Rutherford, M. *The Institutional movement in American Economics, 1918-1947*. New York: Cambridge University Press, 2011.
- Rutherford, M. "Veblen's Evolutionary Programme: A Promise Unfulfilled." *Cambridge Journal of Economics*, 1998: 463-477.
- Samuels, W. "The Self Referentiability of Thorstein Veblen's Theory of The Preconceptions of Economic Science." *Journal of Economic Issues*, 1990: 695-718.
- Spencer, H. *Do Progresso: Suas Leis e Suas Causas*. Inquerito: Lisboa, 1857.
- . *First Principles*. London: Routledge, 1862.
- Tilman, R. "John Dewey As User and Critic of Thorstein Veblen's Ideas." *Journal of the History of Economic Thought*, 1998: 145-160.
- Twomey, P. "Reviving Veblenian Economic Psychology." *Cambridge Journal of Economics*, 1998: 433-448.
- Veblen, T. "Gustav Schmoller's Economics." *Quarterly Journal of Economics*, 1901: 69-93.

- Veblen, T. "Professor Clark's Economics." *Quarterly Journal of Economics*, 1908: 147-195.
- Veblen, T. "The Evolution of the Scientific Point of View." In: *The Place of Science in Modern Civilisation*, por T. Veblen, 32-55. New York: B.W. Huebsch, [1908] 1919.
- . *The Instinct of Workmanship and The State of the Industrial Arts*. Londres: Forgotten Books, [1914] 2018.
- Veblen, T. "The Limitation of Marginal Utility." *Journal of Political Economy* (B.W. Huebsch), 1909: 620-636.
- Veblen, T. "The Place of Science in Modern Civilisation." In: *The Place of Science in Modern Civilisation and Other Essays*, por T. Veblen, 1-31. New York: B.W. Huebsch, [1906] 1919.
- Veblen, T. "The Preconceptions of Economic Science I." *The Quarterly Journal of Economics*, 1899a: 121-150.
- Veblen, T. "The Preconceptions of Economic Science II." *The Quarterly Journal of Economics*, 1899b: 396-426.
- Veblen, T. "The Preconceptions of Economic Science III." *The Quarterly Journal of Economics*, 1900: 240-269.
- Veblen, T. "The Socialist Economics of Karl Marx and His Followers." *The Quarterly Journal of Economics*, 1906: 575-595.
- Veblen, T. "The Socialist Economics of Karl Marx and His Followers." *The Quarterly Journal of Economics*, 1907: 299-322.
- . *The Theory of The Leisure Class*. New York: Oxford. Coletânia Oxford World's Classics, [1899] 2009.
- Veblen, T. "Why Is Economics Not an Evolutionary Science?" *The Quarterly Journal of Economics* (Vol. 12. Nº 4. p.373-397), 1898: 373-397.
- Webb, J. "Pragmatisms (plural) Part I: Classical Pragmatism and Some Implications for Empirical Inquiry." *Journal of Economic Issues*, 2007: 1036-1086.
- Wisman, J. "Economic Knowledge, Evolutionary Epistemology, and Human Interests." *Journal of Economic Issues*, 1989: 647-656.

## ANEXOS

**Anexo A – Produção Bibliográfica de Thorstein Veblen**

Esta compilação da produção bibliográfica de Veblen é creditada à Dorfman ([1934] 1972) e apresenta-se cronologicamente da seguinte forma:

1882. “*J. S. Mill’s Theory of the Taxation of Land*”. John Hopkins University. University Circulars, Feb., P.176.
1884. “*Kant’s critique of Judgment*”. Journal of Speculative Philosophy, July. Pp. 260-274.
1891. “*Some Neglected Points in the Theory of Socialism*”. Annals of the American Academy of Political and Social Science, Nov. pp. 345-362.
1892. “*Böhm-Bawerk’s Definition of Capital and the source of Capital and the source of Wages*”. Quarterly Journal of Economics, Jan. pp. 247-252.
1892. “*The Overproduction Fallacy*”. Quarterly Journal of Economics. July. pp. 484-492.
1892. “*The Price of wheat Since 1867*”. Journal of Political Economy. Dec. pp. 68-103 and appendix pp. 156-161.
1893. “*Review of Thomas Kirkup’s A History of Socialism*”. Journal of political Economy. March. Pp. 300-302.
1893. “*Review of Otto Warschauer’s Geschichte des Socialismus und Communismus im 19*”. Journal of Political Economy. June. Pp. 365-379
1893. “*The Food Supply and the Price of Wheat*”. Journal of Political Economy. June. Pp. 365-379
1893. “*Review of B.H. Baden-Powell’s The Land-System of British Indis*”. Journal of Political Economy. Dec. pp. 112-115.
1894. “*Review of Karl Kautsky’s Der Parlamentarismus unde die voksgestzgebung und die socialdemokratie*”. Journal of Political Economy. March. Pp. 312-314.
1894. “*Review of William E. Bear’s A Study of Small Holdings*”. Journal of Political Economy. March. Pp. 325-326.
1894. “*Review of Joseph Stammhammer’s Bibliographic des socialismus und Communismus*”. Journal of Political Economy. June. Pp. 456-461.
1894. “*Review of Emile Levasseur’s ‘L’Agriculture aux Etats-Unis*”. Journal of Political Economy. Aug. pp. 592-596.
1894. “*The Economic Theory of Woman’s Dress*”. Popular Science Monthly. Nov. pp. 198-205.
1895. “*Review of Robert Flint’s Socialism*”. Journal of Political Economy. March. Pp. 247-252.
1895. “*The Science of Finance, Translation of Gustav Cohn’s System der Finanzwissenschaft*”.<sup>118</sup>
1896. “*Review of Karl Marx’s Misere de la Philosophie*”. Journal of Political Economy. Pp. 97-98.
1896. “*Review of Enrico Ferri’s Socialisme et Science Positive*”. Journal of Political Economy. Dec. pp. 98-103.

<sup>118</sup> Dorfman ([1934] 1972) não faz especificação sobre a editora/revista responsável pela publicação.

1897. "Review of Richard Calwer's *Einführung in den Socialismus*". Journal of Political Economy. Pp. 270-272,
1897. "Review of G. de Molinari's *La Viriculture – Relentissement de la Population – Degenerescence – Causes et Remedes*". Journal of Political Economy. March. Pp. 273-275.
1897. "Review of Antonio Labriola's *Essais sur la Conception Materialiste de Histore*". Journal of Political Economy. June. Pp. 390-391.
1897. "Review of Werner Sombart's *Sozialismus und Soziale Bewegung im 19. Jahrhundert*". Journal of Political Economy. June. Pp. 391-392.
1897. "Review of N. Ch. Bunge's *Esquisses de Literature Politico-Economique*". Journal of Political Economy. Dec. Pp. 126-128
1897. "Review of Max Lorenz's *Die Marxistische Socialdmokratie*". Journal of Political Economy. Dec. pp. 136-137
1898. "Review of Gustav Schmoller's *Uber einige Grundfragen der Socialpolitik und der Volkswirtschaftslehre*". Journal of Political Economy. June. Pp. 416-419.
1898. "Review of William H. Mallock's *Aristocracy and Evolution: a Study of the Rights, the Origin and the Social Functions of the Wealthier Classes*". Journal of Political Economy. June. Pp. 430-435.
1898. "Why is Economics Not an Evolutionary Science?". Quarterly Journal of Economics. July. pp. 373-397.
1898. "The Instinct of Workmanship and the Irksomeness of Labor". American Journal of Sociology. Sept. pp. 187-201.
1898. "Review of Turgot *Reflections on the Formation and the Distribution of Riches*". Journal of Political Economy. Sept. pp. 575-576.
1898. "The beginnings of ownership". American Journal of Sociology. Nov. pp. 352-365.
1898. "The Barbarian Status of Women". American Journal of Sociology. Jan. pp. 503-514.
1899. "The Theory of the Leisure Class: an Economic Study of the evolution of institutions". Title changed in 1912 to *The Theory of the Leisure Class: an Economic Study of Institutions*.
1899. "The Preconceptions of Economic Science". Quarterly Journal of Economics. Jan. pp. 121-150. July. pp. 396-426. Jan, 1900. Pp. 240-269.
1899. "Review of Simon Patten's *Development of English Thought*". Annals of American Academy of Political and Social Science. July. pp. 125-131.
1899. "Mr. Cumming's *Strictures on the Theory of the Leisure Class*". Journal of Political Economy. Dec. Pp. 106-117
1900. "Review of Sir. William Crooks' *The Wheat Problem, Revised, with an Answer to Various Citics*". Journal of Political Economy. March. Pp. 284-286.
1900. "Review of Arnold Fischer's *Die Entstehung des Socialen Problems*". Journal of Political Economy. March. Pp. 286-287.
1900. "Review of Paul Lafargue's *Pamphlets Socialistes: Le Droit a la Paresse La religion du capital*". Journal of Political Economy. March. Pp. 287-288.
1900. "Review of G. Trade's *Social Laws: an Outline of Sociology*". Journal of Political Economy. Sept. pp. 562-563.
1900. "Review of Basil A. Bauroff's *The Impending Crisis: Conditions Resulting from the Concentration of Wealth in the United States*". Journal of Political Economy. Spt. 159-160.
1900. "Industrial and Pecuniary Employments". Publications of the American Economic Association. Series 3. 1901 pp. 190-235.

1901. “*Science and the Workingmen*”, a translation of *Die Wissenschaft und die Arbeiter* by Ferdinand Lassalle, republished by German Publication Society in *The German Classics*, 1914, vol. 10.
1901. “*Gustav Schmoller’s Economics*”, *Quarterly Journal of Economics*, Nov. pp. 69-93.
1902. “*Arts and Crafts*”. *Journal of Political Economy*, Dec. pp. 108-111.
1902. “*Review of Jules Gernaert’s and Vte, de Herbais de Thun’s Associations industrielles et commerciales: Federations – Ententes Partielles – Syndicats – Cartels – Comptoirs – Affiliations – Trusts*” in *Journal of Political Economy*. Dec. Pp. 130-131.
1902. “*Review of G. Trade’s Psychologie Economique*”. *Journal of Political Economy*. Dec. Pp. 146-148.
1903. “*The Use of Loan Credit in Modern Business*”. Decennial Publication of University of Chicago. Series I. N. 4 pp. 31-50. Republished without substantial change in *The Theory of business Enterprise*.
1903. “*Review of Wener Sombart’s Der modern Kapitalismus*”, in *Journal of Political Economy*, March, pp. 300-305.
1903. “*Review of T.H. Aschehoug’s Verdi – Og. Peillarens Historie*”. In *Journal of Political Economy*, March. P. 306.
1903. “*Review of Maurice Lair’s L’Imperialisme allemand*” in *Journal of Political Economy*. March. P. 306.
1903. “*Review of J. A. Hobson’s Imperialism: a Study*” in *Journal of Political Economy*. March. Pp. 311-315.
1903. “*Review of Brooks Adams’s The New Empire*”. In *Journal of Political Economy*. March. Pp. 314-415.
1903. “*Review of Theodore E. Burton’s Financial Crises and Periods of Industrial and Commercial Depression*”. In *Journal of Political Economy*. March. Pp. 324-326.
1903. “*Review of Lester f. Ward’s Pure Sociology: a Treatise Concerning the origin and Spontaneous Development of Society*”. In *Journal of Political Economy*. Spt. Pp. 655-656.
1903. “*Review of Ludwing Pohle’s Bevolkerungsbewegung, kapitalbilgung und periodische Wirtschaftskrisen*”. In *Journal of Political Economy*. Sept. pp. 656-657.
1903. “*Review of S. Tschierschky’s Kartell und Trust: Vergleichende Untersuchungen uber dem wesen und bedeusing*”. In *Journal of Political Economy*. Sept. pp. 657-658.
1904. “*Na Early Experiment in Trusts*”. *Journal of Political Economy*. March. Pp. 270-279.
1904. “*The Theory of Business Enterprise*”.
1904. “*Review of Adam Smith’s An inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*”. *Journal of Political economy*. Dec. p. 136.
1904. “*Review of Francis W. Hirst’s Adams Smith*”. In *Journal of Political Economy*. Dec. pp. 136-137.
1904. “*Review of Jacob Streider’s Zur Genesis Des Modernen Kapitalismus*”. In *Journal of Political Economy*. De. Pp. 120-122.
1905. “*Review of Robert Francis Harper’s The Code of Hammurabi, King of Babylon about 2250 B.C.*”. *Journal of Political Economy*. March. Pp. 319-320
1905. “*Credit and Prices*”. *Journal of Political Economy*. June. Pp. 460-472.
1906. “*The Place of Science in Modern Civilisation*”. *American Journal of Sociology*. March. Pp. 585-609
1906. “*Professor Clark Economics*”. *Quarterly Journal of Economics*. Feb. Pp. 147-195.
1906. “*Socialist Economics of Karl Marx and His Followers*”. *Quarterly Journal of Economics*. Aug. Pp. 578-595; Feb. 1907, pp. 299-322.
1907. “*Review of Sidney A. Reeve’s The Cost of Competition: An effort at the Understanding of Familiar Facts*”. *Yale Review*. May. Pp. 92-95.

1907. "*Fisher Capital and Income*". Political Science Quarterly. March. Pp. 112-128.
1908. "*The Evolution of the Scientific Point of View*". University of California Chronicle. May. Pp. 396-416.
1908. "*On The Nature of Capital*". Quarterly Journal of Economics. Aug. Pp. 517-542; Nov. pp. 104-136.
1909. "*Fisher's Rate of Interest*", Political Science Quarterly, June, pp. 296-303.
1909. "*Review of albert Schatz's L'individualisme économique et sociale: ses origins – son evolution – ses forms contemporaries*", in Journal of Political Economy, June, pp. 378-379.
1909. "*The Limitations of Marginal Utility*", Journal of Political Economy. Nov. pp. 620-636.
1910. "*Christian Morals and the competitive System*", International Journal of Ethics, Jan, pp. 168-185.
1910. "*As to a proposed Inquiry into Baltic and Creatan Antiquities*". Memorandum submitted to Carnegie Institution of Washington, published in American Journal of Sociology, Sept. 1933, pp. 237-241.
1910. "*The Mutation Theory, the Blond race, and the Aryan Culture*", paper submitted to Carnegie Institution of Washington and later elaborated into the two papers following:
1913. "*The Mutation Theory and the Blond Race*", Journal of Race Development, April, pp. 491-507.
1913. "*The Blond race and the Aryan Culture*", University of Missouri Bulletin, Science Series, Vol. 2, No. 3, April, pp. 39-57.
1914. "*The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts*".
1915. "*The Opportunity of Japan*", Journal of Race Development, July, pp. 23-38
1915. "*Review of Wener Sombart's Der Bourgeois: zur Geistesgeschichte des Modern Wirtschaftsmenschen*" in Journal of Political Economy. Oct. pp. 846-848.
1915. "*Imperial Germany and the Industrial Revolution*".
1916. "*Review of Maurice Millioud's The Ruling Caste and Frenzied Trade in Germany*". In Journal of Political Economy. Dec. pp. 1019-1020.
1917. "*Another German Apologist*", review of England, Its Political Organisation and Development and the war against Germany, by Eduard Meyer in Dial, April 19, pp. 344-345.
1917. "*An Inquiry into the Nature of Peace and the Terms of its Perpetuation*".
1917. "*The Japanese Lose Hopes for Germany*", latter to new Republic, June 30, pp. 246-247.
1917. "*Suggestions Touching the Working Program of an Inquiry into the prospective Terms of Peace*". Memorandum submitted to the House Inquiry, Through Walter Lippmann, Dec. published in Political Science Quarterly, June 1932, pp. 186-189.
1917. "*An Outline of a Policy for the Control of the 'Economic Penetration' of Backward Countries and of Foreign Investments*". Memorandum for House Inquiry published in Political Science Quarterly, June 1932, pp. 189-203.
1918. "*On the General Principles of a Policy of Reconstruction*". Journal of the National Institute of Social sciences, April, pp. 37-46; republished in part as:
1918. "*A Policy of Reconstruction*", New republic, April 13, pp. 318-320. Report ad interim to Raymond Pearl on trip through Prairie states in behalf of statistical division of Food administration published in American Economic Review. Sept; 1933. Pp. 4778-479.
1918. "*Passing of National Frontiers*". Dial, April 25, pp. 387-390.
1918. "*Using the I.W.W. to Harvest Grain*", memorandum for Statistical Division of Food Administration, published in Journal of Political Economy, Dec. 1932, pp. 796-807.

1918. "*A Schedule of Prices for the Staple Foodstuffs*", memorandum for Statistical Division of Food Administration, published in *Southwestern Social Science Quarterly*, March, 1933, pp. 372-377.
1918. "*Menial Servants during the Period of the War*", *Public*, May 11, pp. 595-599.
1918. "*The War and Higher Learning*", *Dial*, July 18, pp. 45-49.
1918. "*The Higher Learning in America, A Memorandum on the conduct of Universities by Business Men*".
1918. "*Farm Labor and the Country Towns*", memorandum for the Statistical Division of the Food Administration and published in an elaborated form as:
1918. "*Farm Labor for the Period of the War*", *public*, July 13, pp. 882-885; July 20, pp. 918-922; July 27, pp. 947-952; Aug. 3; pp. 981-985.
1918. "*The Modern Point of view and the New Order*". *Dial*, Oct. 19, pp. 289-293; Nov. 2, pp. 349-354; Nov. 16, pp. 409-414; Nov. 30, pp. 482-488; Dec. 14, pp. 543-549; Dec. 28, pp. 605-611; Jan. 11, 1919, pp. 19-24; Jan. 25, pp. 75-82. Republished as:
1919. "*The Vested Interests and the State of the Industrial Arts*", title changed in 1920 to *The vested Interests and the Common Man*.
1919. "*Bolshevism Is a Menace – to Whom?*", *Dial*, Feb. 22, pp. 1774-179.
1919. "*The Intellectual Pre-eminence of Jew in Modern Europe*", *Political Science Quarterly*, March, pp. 33-42.
1919. "*On the Nature and Uses of Sabotage*", *Dial*, April 5, pp. 341-346.
1919. "*Bolshevism Is a Menace to the vested interests*", editorial, *Dial*, April 5, pp. 360-361.
1919. "*Sabotage*", editorial, *Dial*, April 5, pp. 363.
1919. "*Congressional Sabotage*". Editorial, *Dial*, April 5, pp.363.
1919. "*Immanuel Kant on Perpetual Peace*", editorial, *Dial*, May 3, p.469.
1919. "*Peace*", *Dial*, May 17, pp. 485-487.
1919. "*The Captains of Finance and the Engineers*", *Dial*, June 14, pp. 599-606.
1919. "*Panem et Circenses*", editorial, *Dial*, June 14, p. 609.
1919. "*The Industrial System and the Capitains of Industry*", *Dial*, May 31, pp. 552-557.
1919. "*'Open Covenants Openly Arrived At' and the Elder Statesmen*", Editorial, *Dial*, July 12, pp. 25-26.
1919. "*A World Safe for the Vested Interests*", editorial, *Dial*, July 12, p. 26.
1919. "*The red Terror – At Last It Has Come to America*", editorial, *Dial*, Sept. 6, p.205.
1919. "*The Red Terror and the Vested interests*", editorial, *Dial*, Spt. 6, p.206.
1919. "*Bolshevism and the Vested Interests*", editorial, *Dial*, Oct. 4, pp. 296-301; Oct. 18, 339-346; Nov. 1, 323-380.
1919. "*The Twilight Peace of the Armistice*", editorial, *Dial*, Nov. 15, p.443.
1919. "*The Place of Science in Modern Civilisation and Other Essays*".
1920. "*Review of Keynes's Economic Consequences of the Peace*", in *Political science Quarterly*, Sept. pp. 467-472.
1920. "*Wire Barrage*", memorandum printed in second edition of *Essays in Our changing Order*. 1964.
1921. "*The Engineers and the Price system*".
1921. "*Between bolshevism and War*". *Freeman*, May 25, pp. 248-251.
1922. "*Dementia Praecox*", *Freeman*, June 21, pp.344-347.
1923. "*The Captain of Industry*", *freeman*, April 18, pp. 127-132.
1923. "*The Timber Lands and Oil Fields*". *Freeman*, May 23, pp. 248-250; May 30, pp. 272-274.
1923. "*The Independent Framer*", *Freeman*, June 13, pp. 321-324.
1923. "*The Country Town*", *freeman*, July 11, pp. 417-420; July 18, pp. 440-443.
1923. "*Absentee ownership and Business Enterprise in recent Times: the Case of America*".

**1925.** “*The Laxdaela Saga*”, translated from the Icelandic with an Introduction.

**1927.** “*An Experiment in Eugenics*”, published for the first time in *Essays in Our Changing Order*.